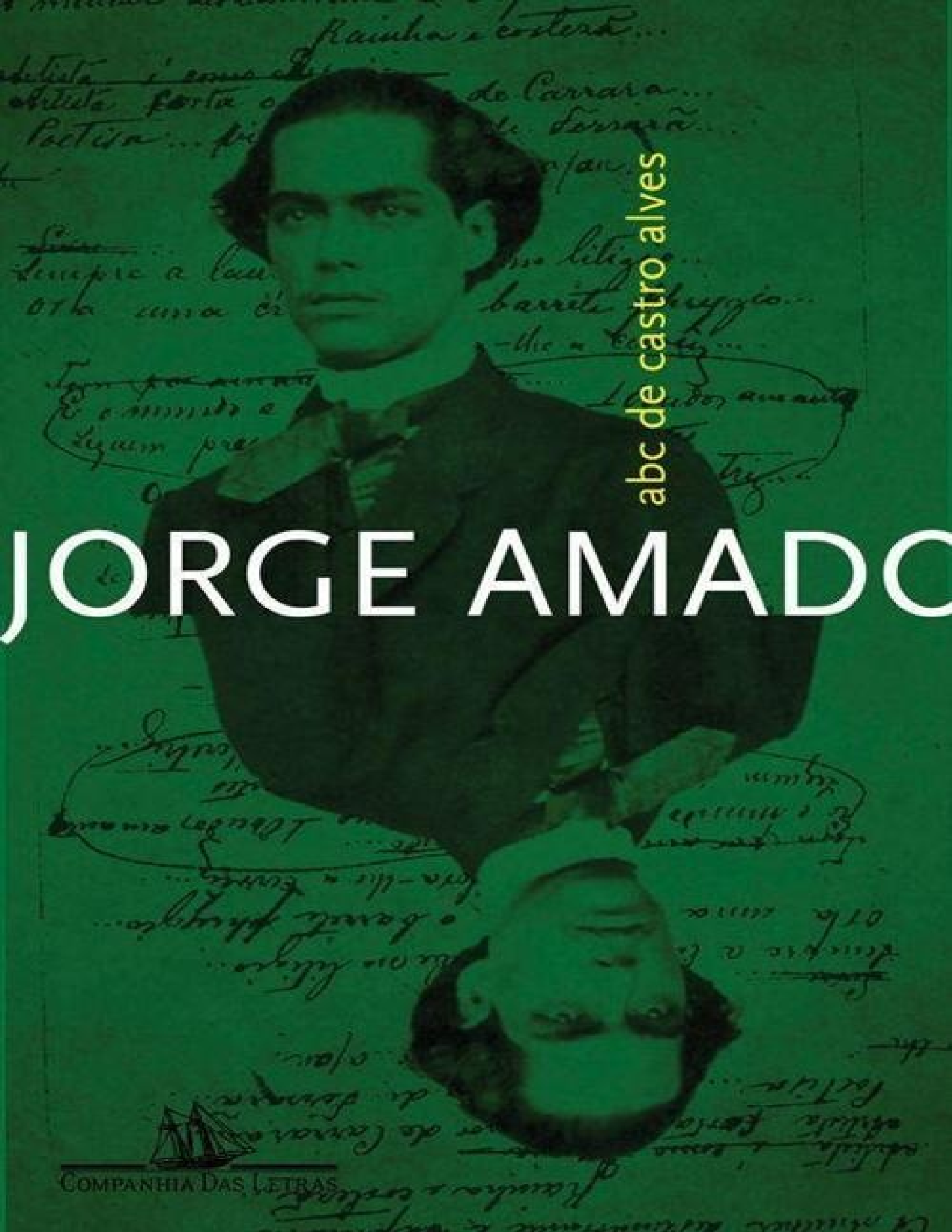

JORGE AMADO

abc de castro alves

COMPANHIA DAS LETRAS

COLEÇÃO JORGE AMADO

Conselho editorial
Alberto da Costa e Silva
Lilia Moritz Schwarcz

Coordenação editorial
Thyago Nogueira

O país do Carnaval, 1931
Cacau, 1933
Suor, 1934
Jubiabá, 1935
Mar morto, 1936
Capitães da Areia, 1937
abc de Castro Alves, 1941
O cavaleiro da esperança, 1942
Terras do sem-fim, 1943
São Jorge dos Ilhéus, 1944
Bahia de Todos-os-Santos, 1945
Seara vermelha, 1946
O amor do soldado, 1947
Os subterrâneos da liberdade
  Os ásperos tempos, 1954
  Agonia da noite, 1954
  A luz no túnel, 1954
Gabriela, cravo e canela, 1958
De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto, 1959
Os velhos marinheiros ou O capitão-de-longo-curso, 1961
A morte e a morte de Quincas Berro Dágua, 1961
Os pastores da noite, 1964
O compadre de Ogum, 1964
As mortes e o triunfo de Rosalinda, 1965
Dona Flor e seus dois maridos, 1966
Tenda dos Milagres, 1969
Tereza Batista cansada de guerra, 1972
O gato malhado e a andorinha Sinhá, 1976
Tieta do Agreste, 1977
Farda, fardão, camisola de dormir, 1979
O milagre dos pássaros, 1979
O menino grapiúna, 1981
A bola e o goleiro, 1984
Tocaia Grande, 1984
O sumiço da santa, 1988
Navegação de cabotagem, 1992
A descoberta da América pelos turcos, 1992
Hora da Guerra, 2008

abc de castro alves

JORGE AMADO



Posfácio de Domício Proença Filho

Companhia Das Letras

Para minha amiga escrevi este livro,
que é dedicado também
à memória de Pinheiro Viegas.

Para Bluma, Samuel e Malta
e para Dorival Caymmi



>

Não sendo ele, quem é que poderá
ser o grande poeta imortal do Brasil,
dito melhor, o gênio da humana
poesia universal do Novo Mundo?
(Pinheiro Viegas)

INTRODUÇÃO
COM UM ACALANTO
E DUAS NOTAS

Te embalarei com uma canção sentida.

senta-te aqui ao meu lado, amiga, e eu te contarei uma história. Faz tempo que não te conto uma história na beira deste cais. A noite está cheia de estrelas, são homens valentes que morreram. Senta-te aqui, dá-me a tua mão, vou te contar a história de um homem valente. Vês aquela estrela lá longe, mais além do navio fundeado, mais além do forte velho, da sombra das ilhas? Deve ser ele iluminando o céu da Bahia. Não sei se será bem uma história o que te vou contar. Talvez seja uma louvação, talvez seja um abc. Um abc, negra, como aquele de Lucas da Feira:

Fui preso para a Bahia
fizeram grande função.
Mas eu desci a cavalo
e os guardas de pés no chão.

Lampião teve o seu abc, num abc foi cantada Maria Bonita que cortou o sertão com o seu homem e por ele deu a cabeça bem próximo a Propriá. Essa história de tão trágico amor melhor que eu te contarão as águas do São Francisco que passavam perto. Já ouviste certa vez o abc de Rosa Palmeirão, a grande rosa na blusa, a navalha na saia, e lutava com seis homens e a seis homens vencia?

Eram mulheres bonitas, tanto uma como outra, a do sertão, a do cais, quase tão bonitas como tu, negra. Besouro também teve um abc que fala no vento e no seu saveiro pois ele era marítimo e nunca usou armas, lutava de peito aberto. Este de quem te falarei não tinha armas também. Ia de peito aberto e a todos vencia. Vencia os homens, os fortes do mundo que esmagavam negros escravos, vencia as mulheres, as mais belas da terra, as que esmagavam corações. Te direi das suas lutas, das primeiras e das últimas, e saberás então o motivo por que ninguém é indiferente perante ele, odiado dos tiranos, amado do povo. Te falarei dele como já te falei de Besouro, de Lucas da Feira, de Rosa Palmeirão e também do negro Antônio Balduíno.

Talvez invente menos, talvez não invente mesmo nada que nada é preciso acrescentar para que a sua vida seja um prodígio de beleza. É possível, no entanto, que te diga que ele fez coisas que apenas escreveu, que te conte de conversas que ninguém assistiu e talvez nem houvessem existido. Mas que, em verdade, deviam ter existido, estavam no que ele produziu, nos versos que deixou. Se o fizer, amiga, será para que tenhas uma mais nítida ideia de como ele era forte como o tufão quando se jogava contra as injustiças e de como era brando como a brisa quando a sua voz se dirigia a tímidos ouvidos de mulher. Só inventarei o que estiver de acordo com ele, o que couber na sua figura cuja sombra se projeta cada vez maior sobre todos os que escrevem e sentem no Brasil. Até sobre este teu amigo, contador de histórias de negros e marítimos.

Já viste da beira do cais o vento noroeste se despenhar sobre a cidade e o mar, levar embarcações, desatracar navios, mudar o rumo dos transatlânticos, transformar a cor das águas? É rápido, inquietante, belo, quase irreal. Dura um instante na medida do tempo. Mas, mesmo depois que o noroeste passa e volta a calmaria, fica a sua lembrança e é impossível esquecê-lo porque tudo mudou na face das coisas: é outra a fisionomia do cais e o ar que se respira é mais puro. Assim, negra, foi Castro Alves. Tinha a força do vento noroeste, o seu ímpeto, a sua violência. Tinha a sua beleza também. E deixou o ar mais puro, a sua lembrança imortal.

Tinha a precocidade desses moleques de rua a quem acaricias a cabeça e dos quais te contei a história. Começou muito moço e muito moço terminou. Foi o mais belo espetáculo de juventude e de gênio que os céus da América presenciaram.

No tempo que andou nestas e noutras ruas, disse tantas e tão belas coisas, amiga, que sua voz ficou soando para sempre e é cada vez mais alta e cada vez mais a voz de centenas, de milhares, de milhões de pessoas. É a tua voz, negra, é a voz do cais inteiro e da cidade lá atrás também. Falou por todos nós como nenhum de nós falaria. É ainda hoje o maior e o mais moço de nós todos.

No teatro grande lá de cima ouviste certa vez uma numerosa orquestra. Lembras-te da hora em que os músicos se juntaram todos num esforço supremo e produziram com os seus instrumentos e com a sua virtuosidade uma nota mais alta que todas, que todas mais bela, nota que ficou soando na sala mesmo após a saída dos espectadores? Pois assim foi Castro Alves. Há momentos no mundo em que todas as forças de uma nação se conjugam e, como uma nota mais alta que todas, aparece, tranquilo e terrível, demoniacamente belo, justo e verdadeiro, um gênio. Nasce dos desejos do povo, das necessidades do povo. Nunca mais morre, imortal como o povo.

Este, cuja história vou te contar, foi amado e amou muitas mulheres. Vieram brancas, judias e mestiças, tímidas e afoitas, para os seus braços e para o seu leito. Para uma, no entanto, guardou ele suas melhores palavras, as mais doces, as mais ternas, as mais belas. Essa noiva tem um nome lindo, negra: liberdade.

Vê no céu, ele brilha, é a mais poderosa das estrelas. Mas o encontrarás também nas ruas de qualquer cidade, no quarto de qualquer casa. Seja onde for que haja jovens corações pulsando pela humanidade, em qualquer desses corações encontrarás Castro Alves.

Dá-me agora tua mão direita, ouve o abc do poeta.

NOTA NÚMERO 1

Eis um livro de pobre bibliografia. É claro que li Afrânio Peixoto, Múcio Teixeira, Xavier Marques, Edison Carneiro, Pedro Calmon, esses em livro, tantos outros (alguns importantes como Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Gilberto Amado, Pinheiro Viegas, Agrippino Grieco) em artigos, conferências e folhetos. Uns muito fracos (pobres homens que se esforçaram para compreender um poeta que nada tinha para lhes dizer, muito tinha que dizer contra eles), outros melhores como o de Afrânio Peixoto, tão inteligente e tão apaixonado pelo poeta mas demasiadamente longe da sua poesia devido à sua vida amável, como o de Edison Carneiro, tão próximo ao poeta e tão capaz de compreendê-lo, já que talvez seja o mais poderoso dos ensaístas da sua geração, mas que sacrificou pela pressa de confecção o seu estudo, ainda assim a melhor coisa que possuímos na bibliografia de Castro Alves. Inúmeros outros livros me foram úteis para o estudo da época em que viveu o poeta e dos problemas que mais o preocuparam. A verdadeira bibliografia deste livro, porém, são as poesias de Castro Alves, mais uma vez lidas na edição reunida e comentada por Afrânio Peixoto. Aliás, bastaria esse serviço do ilustre acadêmico às letras nacionais para fazê-lo digno da admiração e da estima dos intelectuais brasileiros.

NOTA NÚMERO 2

É claro que me permiti liberdades nesta biografia. Além do que não segui nenhum processo propriamente biográfico. Saiu mais uma louvação. Ela é, faço questão de repetir, antes uma biografia do poeta que mesmo do homem. Fico feliz se ela for uma louvação digna do gênio de Castro Alves. Ainda assim acho que as palavras por mais elogiosas que sejam nunca dirão dele o quanto ele merece. Talvez também o rigor histórico sofra um bocado nas minhas toscas mãos de romancista. Que se danem os historiadores! O que eu pretendi foi fixar a passagem do maior poeta do Brasil por um país rico de versejadores e pobre de verdadeiros poetas. Esse fato prodigioso e importantíssimo que é o aparecimento de um gênio da altura de Castro Alves provocou no Brasil até agora uma literatura de homens que, talvez atemorizados pela grandeza do acontecimento, têm-se restringido à veracidade das datas e à descoberta dos nomes verdadeiros daquelas a quem eram dirigidas determinadas produções do poeta. Muito útil, sem dúvida, mas muito pouco. Faltou-lhes a coragem de encarar Castro Alves de frente e tentar modelar seu perfil nas suas verdadeiras proporções. De tomar dos seus versos e transformá-los em palavras suas, ditas em conversas nas passeatas boêmias da Bahia, do Recife ou de São Paulo. Castro Alves foi um artista que encarou a vida de frente, que não teve medo de se envolver nos problemas dos homens. Os que têm escrito sobre ele, na sua maioria, são escritores que fugiram da vida para a mentira de uma falsa arte. Eu tento uma biografia de Castro Alves na sua inteireza de poeta e de homem. Tento sem nenhum receio. Posso falhar por falta de capacidade literária, mas sei bem que não deturparei a verdadeira fisionomia de Castro Alves. Como escritor uma coisa me liga poderosamente a ele: tenho sempre encarado a vida de frente e, como ele, escrevo para o povo e em função do povo. E nada mais desejo nesta louvação do poeta que ides ler senão mostrá-lo ao povo na beleza da sua vida, a esse povo que o ama pela força e pela beleza dos seus versos. Este livro escrito a pedido de uma mulher a quem devo muita alegria, é destinado não aos literatos e aos ensaístas mas sim ao povo. Quero apenas, neste momento do mundo, lembrar-lhes a lição de Castro Alves.

Outra coisa que faço questão de notar é que não tenho a mais mínima intenção de realizar ensaio crítico. Não irei pesquisar se ele foi um “gênio

verdadeiro”, se na sua obra se encontram mesmo aqueles célebres “valores eternos” tão estribilhados por todos os castrados da literatura, se para os “tempos modernos” o seu interesse “do ponto de vista da poesia” (oh! os donos da poesia!) é, como já alguém escreveu, “bastante histórico”. Deixo esse explodir de rancorezinhos para a voz dos críticos e poetas modernistas (vozes tão débeis diante da de Castro Alves que só podem mesmo se preocupar com coisas desse porte). Quero é escrever sobre Castro Alves com amor, como um homem do povo sobre um poeta do povo, escrever com esse amor que dá a verdadeira compreensão, que nos faz sentir muito mais o que há de humano e de grande e de gênio num poeta que todos os tratados de teoria poética e que todos os arquivos, por mais volumosos, por mais bem fichados. Que, ao lado dos meticulosos historiadores, se danem os meticulosos críticos e analistas. Castro Alves era feito doutro barro.

A

Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.

no agreste sertão, amiga, aconteceu uma história de amor. Longe das grandes cidades, nas terras bravias do Nordeste, as paixões, os instintos e os preconceitos medravam e cresciam paralelamente. Era a caatinga em torno, as fazendas feudais, os homens vestidos de couro, uma lei primária dominando. Um código de honra nascera no sertão e ainda hoje, cem anos quase passados sobre essa história, ele existe no coração dos senhores das fazendas e no coração dos cangaceiros. O sertão cria homens fortes e mulheres belas e cria também devoradoras paixões no mais tímido peito da mais recatada donzela que vivera até então escondida no labirinto das casas-grandes. As mais tímidas mulheres do sertão quando chega o seu momento de amor são fortes como o mais corajoso cabra de Juazeiro. É a caatinga que as faz assim. Léguas e léguas de mato que não é vegetação, é puro espinho que rasga os pés, os braços e o peito. Quem nasceu na caatinga, viu o mugir triste dos bois nos mais tristes crepúsculos, cresceu ouvindo histórias de secas e de cangaceiros, assistindo a duelos de punhal e a amansamentos de touros bravios, aprendendo que a vida é feita para ser vivida valentemente, quem vive o anônimo heroísmo diário do sertão, é capaz até de se levantar e lutar contra o código de honra que o próprio sertão criou. A força do amor se junta à força que vem da braveza da terra. Aí nascem os cangaceiros célebres e as mulheres que pelo amor abandonam tudo, lar e família, conforto e honra. Aí nasceu Pórcia, a que se consumiu no amor de Leolino, heroína do mais dramático idílio do sertão. Aí nasceram os Castros, os

Canguçus, os Mouras e os Medrados, donos do sertão e zeladores do seu código de honra. Aí nasceu também Castro Alves, filho de Clélia Brasília, irmã de Pórcia. Aquele que havia de cantar uma a uma as belezas do sertão e os sentimentos dos sertanejos nasceu quando a tragédia de sua tia alcançava o seu fim.

Castro Alves nasceu sob o signo do amor mais livre, dos instintos lutando contra os preconceitos, do homem procurando a sua felicidade contra tudo e contra todos. No ano em que o sertão vivia a sua mais intensa história de amor e sangue, em que toda a terra da caatinga, desde o Paraguaçu ao São Francisco, estremecia aos gritos de vingança dos Canguçus e dos Castros, quando o tropel dos cavalos anunciava o começo dos tiroteios, quando, na quietude das noites mornas, o punhal descia sobre a garganta ou o peito de um Moura, quando Exupério, irmão de Leolino, se celebrizou como dono da mais certeira pontaria de todas aquelas terras, quando o sertão assistia às mais espantosas cenas de crueldade e de coragem, e, quando a caatinga ouviu dos lábios amantes de Pórcia e Leolino as mais doces palavras de amor, os queixumes, os risos e suspiros de amor que o vento levava em direção ao mar, no ano em que a força livre do amor se levantou contra a lei dos homens estabelecida no sertão, nesse ano nasceu Castro Alves.

Na casa-grande em que nasceu pouco se falava na história, ela estava, porém, gravada na face sombria do major Silva Castro, nas lágrimas que Clélia derramava sobre o berço do filho, nas rugas que cortavam a testa do dr. Alves, nos gritos de alucinada que Pórcia soltava no seu quarto de prisioneira da família. Tudo falava da tragédia, tudo lembrava ao infante a lei do sertão que devia ser obedecida e cumprida sob pena de morte ao que a desrespeitasse.

Muitos anos levaram os homens a construir aquele código. Antes eram livres na terra livre, o amor não tinha peias, nascia e crescia entre os homens e as mulheres da caatinga. A lei era na cidade para os civilizados que podiam ter requintes. Mas as fazendas foram crescendo, as riquezas se acumulando e os homens levaram a lei para o sertão. Lá tudo era bravio e cruel. A lei foi mais cruel também. Durante vários anos os missionários ensinaram a lei ao povo, acorrentaram os sertanejos ao código de honra. E ai daquele que o rompesse! Não tardava o castigo, não se mancha impunemente a honra de um senhor da caatinga.

Tudo lembrava ao infante que viera nascer nas terras dos seus, que viera ver, antes de qualquer outra, a luz violenta do sertão, tudo lhe lembrava que o código e a lei deviam ser obedecidos. Mas o infante no seu berço de rendas, as mucamas lastimosas em torno, o que aprendeu da tragédia foi o que lhe ensinaram Pórcia e Leolino amantes, rompendo com tudo para se entregarem no silêncio e na solidão, para se amarem livremente, para viverem um instante que fosse de liberdade e de amor. Ele só aprendeu que a lei era inimiga do amor, inimiga do homem e que mais belo que tudo era romper com a lei e partir livremente. O menino que nascera no ano em que os facões afiados cortavam em pedaços outra criança, criança que nascera de um amor que a lei não autorizara, havia de ser anos depois o cantor apaixonado da liberdade, havia ele também de se consumir de amor. Nada lhe ensinaram os Castros, os Mouras e os Medrados. Só a bela Pórcia e o valente Leolino tiveram uma lição para Castro Alves. Como eles o menino sertanejo foi romântico e sensual, quebrador de grilhões, inimigo de tudo que tornava os homens menos livres.

Amiga, ouve a história de Pórcia e de Leolino e ficarás sabendo o porquê de muitos versos do Poeta.[1]

Em 1822 um príncipe português orientado por um dos mais hábeis políticos da América, José Bonifácio, proclamou independentes as terras, até então portuguesas, do Brasil. As festas e as flores, os discursos e os hinos, foram muitos em todo o país. Mas na Bahia, a liberal Bahia, os ex-donos da terra resistiram. As lutas da independência se prolongaram por um ano em Cachoeira e Itaparica, em todo o Recôncavo. Homens se fizeram heróis, mulheres se fizeram heroínas. O amor à liberdade surgiu em cada peito, os homens saíram das suas casas para defenderem o direito de possuir uma pátria livre:

Não! Não eram dous povos, que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,
A Liberdade — em frente à Escravidão,

escreveu o poeta anos depois, quando cantou estas lutas num dos seus mais belos poemas. Era o povo do Brasil desejando ser livre. Da cidade surgiram heróis, outros heróis vieram do sertão. Um deles se chamava Silva Castro, era um

homem rude e corajoso, reto dentro da lei, insolente e altivo, e em torno dele, no seu batalhão, se reuniram os homens mais valentes dos que lutavam pela Independência.[2] E não só os homens, também uma mulher, que tinha a coragem de um soldado e que amava igualmente a liberdade, se juntou à sua tropa. Seu nome era Maria Quitéria e como os soldados ela estimava aquele comandante reto e cumpridor das suas obrigações, o primeiro a se lançar ao combate, o último a repousar. Silva Castro fez com seu batalhão todo o itinerário das lutas da Independência. Chegaram ao Dois de Julho cobertos de feitos, o batalhão adorando seu comandante. Fora uma epopeia escrita com sangue no Recôncavo Baiano e soldados e comandante esperavam continuar juntos para os acontecimentos que se seguissem. Porém Silva Castro, se agradava aos soldados pelas suas qualidades de chefe, sertanejo acostumado a labutar com vaqueiros e cabras decididos, não era perfeito para o governador das armas. O coronel Gomes Caldeira tinha suas queixas da rispidez e da altivez do comandante. Aquele homem tinha a franqueza brutal dos sertanejos e nem sempre amava se curvar às etiquetas e gastar suas palavras em ditirambos aos poderosos. Nada podia Gomes Caldeira fazer contra ele, já que o comandante era um herói da campanha, obediente às leis, corajoso e leal. Mas algo podia lhe fazer o coronel: separá-lo dos seus homens, tirar o comandante de entre os seus soldados. Transferiu-o de batalhão.

Os soldados souberam da transferência, ouviram dizer que aquele que os conduzira nas lutas ia agora chefiar outros homens. Um rumor de revolta começou a circular entre os soldados. Um chefe apareceu, eles formaram e saíram para a rua. Marcharam para a casa de Gomes Caldeira. Aquele era o homem que ia lhes tirar o comandante, que ia deixá-los como filhos sem pai. Bateram na porta do coronel, era a revolta. As casas se fechavam, os vizinhos mais corajosos espiavam por entre as gretas das janelas. Gomes Caldeira era também um herói da Independência, também ele não conhecia o significado da palavra medo. Ouviu os gritos dos soldados amotinados, as imprecações, os adjetivos que empregavam ao lado do seu nome. Ainda assim abriu a porta, disposto a dominar com a presença e a voz os homens insubordinados. Apareceu na soleira, não teve tempo de pronunciar uma única palavra: rompeu a fuzilaria, os soldados atiravam no coronel que caiu numa poça de sangue. Os soldados foram-se e a ladeira do Berquó, onde Gomes Caldeira residia, ficou no mais

completo silêncio durante algum tempo, os vizinhos trancados em casa. Só quando o tropel dos soldados se perdeu ao longe alguém abriu uma porta e marchou para onde o corpo do coronel estava estendido, pontilhado de balas.

Isso foi de certa maneira o fim da carreira do então major Silva Castro. Assistiu ao processo[3] ao qual responderam os soldados, seus soldados!, e, se não aprovou o crime (seu sentido de ordem e de hierarquia, chefe sertanejo acostumado a ser obedecido pelos homens da sua fazenda e depois comandante acostumado a ser obedecido pelos seus soldados, o impedia de aprovar o assassinato de um superior), não deixou de compreender que fora cometido por amor a ele, os soldados que o adoravam desesperados com a notícia de que iam perdê-lo. O major desgostou-se da carreira e voltou para o sertão. Aí a família continuou a crescer. Aos filhos que haviam nascido na Bahia juntaram-se outros nascidos nas fazendas. As meninas herdavam a beleza célebre da mãe. Dona Ana Viegas,[4] filha de espanhóis,[5] senhora que era apontada pela extraordinária beleza que se reproduziria nas filhas. Em Clélia Brasília, mais ainda em Pórcia, a mais moça. Silva Castro tornou-se um daqueles senhores feudais do sertão, com fazenda no alto sertão de São Francisco, próximo a Caetité, com fazenda mais junto ao mar, em Curralinho,[6] onde a família demorava e onde pelas festas apareciam os rapazes estudantes na capital para os namoros alcovitados pelas tias velhas.

Um desses namoros foi o de Clélia Brasília com Antônio José Alves, estudante de medicina que começara a gostar da moça desde quando ela, na Bahia, estudava no colégio de dona Perpétua, então um dos mais afamados internatos para meninas da capital, e ele praticava na farmácia de Jerônimo José Barata. O namoro continuou nas férias, o estudante formou-se, viajou, voltou para casar. Nasceu o primeiro filho, José Antônio. O casal mudou-se para a capital.

O major Silva Castro mandara nesse meio-tempo as filhas solteiras passearem nas fazendas do alto sertão de Caetité.[7] Iriam engordar nos ares de Cajueiros, fazenda das melhores da região, e voltariam depois para as festas de fim de ano, os namoros com os moços da cidade, os possíveis casamentos. Elas partiram e lá demoraram algum tempo. Mas veio a seca e as moças tiveram que tomar o caminho de volta, procurando a fazenda Cabeceiras que não fora atingida pelo flagelo e onde o major as esperava. A viagem foi difícil, as estradas

batidas pelo solo, as árvores murchas, o gado morrendo, os homens descendo em fuga. Conduzia as moças um irmão do major Silva Castro, Luís Antônio, conhecedor da região, vinham fazendo a viagem por etapas, as moças incapazes de resistirem a longas travessias sob o sol abrasador. Paravam em fazendas de amigos onde descansavam das fadigas da jornada enquanto Luís Antônio comentava com os fazendeiros os horrores da seca, os prejuízos que estava causando, as possibilidades de chuva. Para as moças a viagem não era totalmente falta de diversão. Em cada fazenda que chegavam era uma festa. As moças da casa, os rapazes, todos se alegravam com a inesperada chegada das visitas que era pretexto para festas improvisadas, quebrando a monotonia da vida igual da fazenda. Improvisavam-se bailes, folguedos e jogos, e durante eles as moças esqueciam a seca de que vinham fugindo, o espetáculo do gado morrendo, das árvores despidas de vegetação, dos homens vagando nas estradas, descendo para outras terras.

Assim chegaram à fazenda do capitão Inocêncio Pinheiro Canguçu, outro dos grandes senhores feudais do sertão, antigo companheiro de armas de Silva Castro, herói também ele das guerras da Independência, combatente dos combates de Cabrito. Maiores foram aí as festas às moças Castros. Eram filhas de um amigo querido do dono da casa e os Canguçus tudo fizeram, com a característica hospitalidade do sertanejo, para que elas, no burburinho das danças e dos jogos de salão, lavassem dos olhos e do coração a visão da terra gretada pela seca. Foram dias inesquecíveis para as moças. Luís Antônio e Inocêncio se demoravam na varanda da casa-grande em longas conversas sobre os horrores que a falta de chuva estava causando no alto sertão, sobre o preço do gado naquele ano, sobre a importância da safra. De quando em vez o capitão Inocêncio contava para as meninas das aventuras do major Silva Castro e do batalhão dos “Periquitos” nas guerras da Independência. Contara-lhes por que o major ficara, chefe que era daqueles bravos, apelidado de “Periquitão”. Narrara-lhes também da revolta dos soldados quando souberam que o seu comandante ia comandar outros homens e de como, na ladeira do Berquó, na capital, haviam arcabuzado o coronel Gomes Caldeira. As meninas Castro ouviam encantadas aquelas histórias de heroísmos e, mais encantadas ainda, ouviam os galanteios dos rapazes Canguçus. Para eles reservavam seus melhores sorrisos e seus gestos mais gentis.

Pórcia sentia um estranho frio no corpo e no coração toda vez que seus olhos negros de espanhola cruzavam com os olhos inquietos de Leolino Canguçu, jovem forte como um cavalo selvagem daqueles que ela vira correr nos campos de Caetité, árdego e insinuante, sabendo fazer rir aos presentes e ficando subitamente sério como se uma repentina dor cruzasse seu coração. Pórcia sentia seus olhos arrastados para ele e um tremor a percorria toda, cada vez que encontrava os olhos dominadores de Leolino. Não podia amá-lo, que uma moça donzela de boa família não pode levantar os olhos para um homem casado por mais belo e sedutor que ele seja. E Leolino há pouco se casara, juntando o nome e os bens dos Canguçus com o nome e os bens de outra das grandes famílias do sertão. Fora um casamento de família e a sua mulher não tinha nos olhos a doçura e as promessas de amor que tinha nos seus a menina dos Castros, jambo queimado pelo sol da seca. Pórcia bem sabia que há uma lei de honra no sertão e que um homem só pode possuir uma mulher desde que lhe dê no casamento o seu nome. Sabia também que, quando rompida, essa lei era barbaramente vingada. Mas que era tudo isso diante dos olhos de Leolino que a chamavam, diante dos seus lábios que pediam beijos? Que valem as leis diante do amor? Um frio invade o coração de Pórcia.

Uma vez, era na varanda. Deitada na rede de tucum, a moça olhava a grande lua cheia que rolava no céu límpido da fazenda. O luar se derramava oleoso sobre os campos e dava às criaturas uma lassidão, um frio nas mãos, um desejo indefinido pelo corpo. Vinha uma moleza da noite, uma vontade de se estender no campo, receber a carícia do luar. Era uma dessas noites mornas, quando o desejo se espalha sobre os homens, caindo da lua e das estrelas, subindo da terra, das folhas de cheiro forte, dos jasmineiros em flor. Os outros lá dentro brincavam de berlinda, Pórcia ouvia as suas vozes e os risos. Ouvia numa semitristeza, languidamente estendida na rede, banhada de luar. Cerrou os olhos para ver melhor. E viu a figura do bem-amado, o bem-amado que não a podia possuir, que já estava preso a outra pelos laços da lei, que nunca pudera lhe dizer sequer que a amava. Só que a olhava com uns olhos doidos de amor, com os lábios secos de desejo. Pórcia estremece na rede, se abre ao luar como uma flor para o orvalho da manhã. Nem sente os passos que se aproximam, nem ouve a respiração precipitada. Mas quando os lábios atingem os seus e os prendem num beijo demorado, ela adivinha que aquela só pode ser a boca de Leolino, áspera e

veludosa, brutal e cariciosa. Agora, como uma flor orvalhada, deixa cair a cabeça na rede e não encontra palavra para pronunciar. Ele está parado também, olha-a num encantamento, o luar cai sobre a rede.

Quando ele diz que a ama é que Pórcia se recorda da lei do sertão. Lembra-lhe a esposa, os pais, as famílias, tudo o que poderão falar e dizer. Mas ele a beija de novo, agora sente sobre o seu seio que arfa a mão do amado que o acaricia de leve, mais leve que o luar. E combinam a fuga. É a primeira vez que falam como amantes e já ela ouve com entusiasmo o plano que ele, com a imaginação ardente de todo sertanejo, traça para que possam ser para sempre um do outro.

E quando, lá dentro, vozes reclamam a presença dos dois, um último beijo é trocado sob o luar. Pórcia já não tem medo. Já não se recorda da lei de honra do sertão, já não pensa no sofrimento da mãe, das irmãs, da esposa de Leolino. Pensa somente que ele a beijou, que a sua boca é doce, que a sua mão sobre o seu seio é cariciosa como a água do rio. No luar as violas dos vaqueiros gemem tiranas de amor.

Dias depois, partem todos. Luís Antônio, com as moças e os cabras que acompanham a comitiva, ruma para Curralinho. Leolino partira na véspera, pretextando negócios em outros pontos. As despedidas são demoradas na varanda da fazenda. O capitão Inocêncio manda garrafa de bom vinho para o seu amigo major Silva Castro. Beija as meninas na testa, a comitiva parte. A estrada é larga na frente, é o caminho da casa. A família espera ansiosa as fugitivas da seca, o major espera o irmão que trará notícia da sua fazenda, dos prejuízos, da morte do gado. Nessa hora já a cozinha da casa dos Castros se movimenta toda nos preparativos para a recepção, as negras curvadas sobre os grandes tachos onde o milho se transforma em canjica, munguzá e manuê. Sobre isso tudo vão conversando na estrada. Luís Antônio fala também da família Canguçu, boa gente, o capitão Inocêncio um homem de honra, e os filhos uns bons rapazes, apenas Leolino um pouco louco, arrebatado em demasia.

Esta noite que cai rapidamente não tem luar. A comitiva não quis fazer alto em nenhuma fazenda das redondezas no desejo de chegar quanto antes, de amanhecer na casa dos Castros. Os cavalos vão suados, as narinas abertas como que pressentindo a tempestade. Os cabras olham a noite sem estrelas, tocam os cavalos. Só Pórcia vai distante daquilo tudo, os olhos perdidos no negror da

noite, o pensamento naquele arrebatado rapaz de quem Luís Antônio falava. Será que ele não viria? Viria, sim, tinha prometido, não era homem de faltar à sua palavra. A noite cai sobre a comitiva e com ela Leolino à frente de um grupo de cabras.

A princípio Luís Antônio pensa que um simples acaso fê-lo encontrar Leolino e o seu grupo. Vai se dirigir para os cumprimentos costumeiros quando os clavinotes apontados, o olhar feroz dos cabras o imobilizam. Leolino toma de Pórcia, coloca-a na garupa do seu cavalo e partem no horror da noite onde a tempestade estala. Voam os cavalos sob a chuva que cai, seu caminho é iluminado pelos raios que rasgam a treva, vão esconder o seu amor num canto longínquo do sertão. Pórcia vai alegre, as mãos na cintura do seu homem que galopa na pressa de tê-la quanto antes.

Chegam afinal. É um rancho pobre no fechado da mata. Os capangas se estendem pelo redor, as armas prontas para o tiroteio, cada um traz um punhal à altura do peito. Leolino a conduz nos braços para a tosca cama que será seu ninho de amor. E se enchem de carícias enquanto rola a tempestade sobre as florestas e casas de fazendas. Porém, são tão doces os queixumes de amor que partem desse rancho pobre que os pássaros pensam que a madrugada já raiou sobre a terra e que a tempestade já cessou. E cantam então para os solitários amantes, que romperam a lei do sertão, as mais melodiosas canções da primavera.

E aí passam a viver, longe de todos, guardados por um pequeno grupo de jagunços, delirantes de amor, Leolino deixando a casa raramente para simples idas à fazenda do pai, voltando em seguida, não só no temor de uma vingança dos Castros, como na pressa de estar junto de Pórcia, da quentura de seu corpo moreno, dos seus olhos tão negros. Demais, ela agora carrega no ventre o filho desse livre amor do sertão. E a vida no escondido do rancho é uma festa permanente, trinados de pássaros, murmúrios do rio próximo, palavras de amor sussurradas pelos lábios amantes. Cresceram os cabelos de Pórcia que são longos e negros e caem sobre os ombros. Seu corpo está perfeito, adolescente e já mulher e quase mãe, de seios túmidos e lábios doces. Os jagunços rondavam o ninho de amor, os olhos e os ouvidos abertos à aproximação de qualquer vingador.

Não houve festa na casa dos Castros quando a comitiva chegou sem Pórcia.

O major Silva Castro deixou que as filhas chorassem, que a esposa se desesperasse. Seus olhos não tiveram uma lágrima, sua boca uma palavra. Foi buscar na arca seu velho sabre de campanha, juntou o irmão, os parentes próximos, aceitou a aliança dos Mouras e dos Medrados,[8] famílias que odiavam os Canguçus.[9] E começou a guerra. Durante muito tempo procuraram se acercar da casa onde Leolino e Pórcia escondiam seu amor. Nascera já uma criança, linda criança rosada que era a vida dos pais e que viera completar aquela felicidade.

Leolino e seus cabras resistiam e faziam debandar ao fogo dos clavinotes quanto cabra dos Castros aparecia pelas redondezas. Exupério, um dos irmãos Canguçus, treinava pontaria nos inimigos do irmão que tentavam se aproximar do rancho de Leolino.

Um dia, porém, Leolino e Exupério, enganados com a calma que reinara nos últimos dias, certos de que os Castros e seus aliados tinham desistido da vingança como impossível, partem para um negócio de pouca demora. Pórcia fica com o filho, guardada pelos cabras, e brinca com a criança, ensina-lhe as primeiras palavras, querendo fazer uma surpresa a Leolino quando ele chegasse. Mas eis que rompe o tiroteio. Ela chega à porta, vê os capangas que resistem ao ataque mas vê também que os inimigos são muitos, seu pai na frente, chamuscado de pólvora, envolvido pelo combate. E Leolino e Exupério não estão, quando chegarem será tarde. Toma do filho, tenta partir pelos campos. É tarde, porém. Os cabras já não respondem ao tiroteio, deram suas vidas por aquele amor. Os homens dos Castros, Mouras e Medrados invadem a casa, destroem tudo que encontram. Pórcia vê rostos conhecidos, rostos que foram rostos amigos e que agora, após o combate e a vitória, estão endurecidos e a olham como a uma inimiga. Querem levá-la, ela resiste. Seu pai não pronuncia uma única palavra, não a olha sequer. Manda que a levem e ela então, se desprendendo dos braços que a seguram, parte para o quarto de onde volta com a criança. Apresenta ao major Silva Castro o seu neto, o filho daquele amor condenado. Seus olhos suplicam piedade, a criança ri. Os Mouras, os Medrados, os cabras se afastam, deixam que o pai, a filha e o neto decidam da questão. Mas é preciso cumprir a lei do sertão e aquele filho ilegítimo será sempre um insulto à honra dos Castros. O major Silva Castro faz um sinal aos cabras, eles tomam a criança (sorria a criança...), e à vista da mãe que enlouquece, retalham-na a

facão. A lei está vingada, o filho daquele amor foi cortado da terra.

Agora Pórcia não resiste mais. Perdeu a consciência, se deixa levar pelos homens. Vai na garupa do cavalo de seu pai, seus olhos sem brilho fitam a casa onde ficou o cadáver retalhado do filho. E de súbito a sua voz atroa na floresta, pedindo a Leolino vingança para o filho inocente, pedindo a morte dos seus assassinos. Seu grito assusta as aves que fogem medrosas para o recesso mais esconso da mata. E a caravana da vingança parte em busca da casa dos Castros.

No fim da tarde Leolino chega em companhia de Exupério. Vem a galope, saudoso da mulher e do filho. Mas quando se aproxima da casa, o silêncio absoluto o faz suspeitar de algo. Depois encontra o cadáver do primeiro capanga. E mais outro, mais outro, gente sua e gente inimiga que morreu. Voam ele e Exupério, as esporas rasgando a carne dos cavalos. Desmontam e encontram a casa saqueada, o sangue correndo pelo tabuado. Leolino não sabe ainda o que aconteceu ao filho, pensa que os Castros o levaram juntamente com a mãe. Mas um dos seus cabras que está apenas ferido se arrasta até ele e conta tudo o que viu. Correm Leolino e Exupério para onde se encontram os restos do menino retalhado a facão. E choram e juram vingança. Da floresta parece vir o eco da voz de Pórcia enlouquecida, clamando por sangue que pague o sangue do seu filho. E a guerra das famílias assume proporções jamais vistas por aquelas bandas. Leolino Canguçu desistiu dos seus negócios. Juntou a sua gente, passou apenas a ser um fantasma de vingança. Os seus feitos e os do seu irmão encheram o sertão. Dias depois entra em Bom Jesus, atira num Moura, Manuel Justiniano, o homem cai. Mas a vingança não está completa, Leolino tem sede de sangue. E desce seu punhal sobre a garganta do homem agonizante, um dos assassinos do seu filho.

Algum tempo depois, Exupério mata com seu clavinote um Medrado e três cabras. Não errava um tiro Exupério e também ele se entregou de corpo e alma à vingança do irmão. Por outro lado os Castros e seus aliados não se descuidavam. Batiam o sertão em bando, liquidando a gente dos Canguçus, procurando encontrar Leolino. E certa vez o encontraram e o prenderam. Mas Exupério vinha perto com seus homens e foi então que a sua pontaria se tornou a mais célebre de toda redondeza. Salvou o irmão, baixou não se sabe quantos homens. E fugiram os dois, mas Leolino iria morrer na luta, no interior de Minas Gerais, atirado pelas costas por um cabra que pertencia aos Mouras. E outros dos

Mouras, dos Medrados e dos Castros continuaram a cair sob o clavinote de Exupério e seus cabras, agora na vingança da morte do irmão. A luta se prolongou, o sertão se banhou em sangue.

Foi nesse ano trágico para a família dos Castros que Clélia Brasília voltou à fazenda do seu pai para ter o segundo filho. Essa criança que nasceu em 17 de março de 1847, se viu desde logo envolvida num ambiente de luta e de amor.[10] Nasceu no meio de uma tragédia que marcava a revolta de um homem e de uma mulher contra os preconceitos ambientes. Herdou da família da mãe[11] a beleza da avó,[12] o que havia de aventureiro no avô, mas herdou também o sensualismo da tia fugindo para o amor na floresta, a coragem dessa tia se lançando contra as leis ferozes do sertão. Muito deve ter o poeta amado estas figuras da sua infância, como haveria de amar aquele turbulento irmão de seu pai que se chamava João José Alves e era o mais conhecido agitador popular que andava naquele tempo solto nas ruas da Bahia. Castro Alves nasceu cercado de idílio e de luta, mas não de um idílio citadino e calmo e sim de um romance que foi como uma epopeia, um romance vivido por homens fortes e por uma mulher mais forte ainda. Sua poesia estava fadada a ser heroica e a cantar grandes cantos. Nascera numa terra onde tudo era grande e forte: o sol e os sentimentos.

As histórias que as mucamas lhe contavam nas horas de adormecer,[13] histórias de Pedro Malasarte e de princesas orientais, tinham menos poesia talvez que a dramática história dos amores de Pórcia. Todos esses fatos que cercaram sua primeira infância haviam de contribuir para que a poesia de Castro Alves tivesse certos tons muito altos ao falar do amor, para que na sua poesia não pudesse compreender o amor inteiramente casto, um amor totalmente romântico. O poeta só compreendia o amor completo, e, até na sua vida, nunca ligou a nenhum preconceito quando se tratava de ter uma mulher a quem amava. Certa violência no amor, vocação para se consumir de amor, Castro Alves deve ter herdado de Pórcia, espanhola do sertão da Bahia. A primeira lição de amor e de liberdade, amiga, que o menino sertanejo aprendeu foi-lhe ensinada por um casal de jovens que rompeu com todas as barreiras que impediam seu amor e que pelo seu amor morreram.

B

Tu deixarás na liça o férreo guante
Que há de colher a geração futura...

pequena e simpática, a primeira casa era na rua do Rosário em bom local e com excelente vizinhança. Mas havia nela alguma coisa oculta, algum mistério no segredo no qual Secéu ainda não penetrara, algo de terrível ali acontecera. Desde que tinham vindo do sertão a face de Clélia Brasília vivia envolta numa onda de melancolia, os olhos tristes, as mãos por vezes tremendo levemente. E a mulata Leopoldina, coitada!, esta vivia aterrorizada, rezando pelos cantos, o rosário negro rolando monotonamente pelos dedos numa enfiada de orações que se sucediam sem descanso. Desde que, para não se separar do seu filho de criação[14] mais estremecido e caro ao seu coração que mesmo os filhos do seu ventre, deixara a fazenda do major Silva Castro para acompanhar à capital a família do dr. Alves, desde então os olhos de Leopoldina tinham perdido aquela alegria infantil que a fazia uma criança entre as crianças da família, não mais ria a sua gargalhada despreocupada e cristalina, não mais cantava as modinhas sertanejas.

É verdade que ainda nas noites da cidade, como o fazia nas noites do sertão, Leopoldina vinha para o quarto das crianças, punha no seu colo a cabeça tão bela de Secéu, e lhe narrava as aventurosas histórias de Pedro Malasarte como antes cantara para o infante cantigas de ninar, tão doces e tão poderosas que espantavam para longe do berço do poeta todas as forças do mal, todas as iras do destino. Mas nas noites de agora, quando a mulata começava a contar das peripécias das princesas encantadas e dos grandes dragões, o menino queria

saber por que ela andava pela casa como uma condenada, e de olhos eternamente amedrontados, como quem esperava sempre o acontecer de uma desgraça, receosa de cada quarto, de cada vão escuro. A mulata Leopoldina tremia à pergunta do filho de criação e não encontrava palavras com que responder, voz com que evocar o drama que se havia passado na casa do Rosário. Tampouco Clélia Brasília quis responder à curiosidade excitada de Secéu.

Que haveria de misterioso naquela casa de fisionomia tão clara e serena? O menino pensou muito, talvez o pai, o pai que vivia entre grandes livros e pequenas gravuras holandesas, pudesse lhe responder. Consultou sobre o assunto os dois irmãos mas estes estavam pouco interessados no mistério e acharam que seria perigoso interromper os trabalhos do dr. Alves por tão fútil pergunta.

Fútil? Não o era para Antônio de Castro Alves, a quem chamavam de Secéu, para ele era um mistério a ser decifrado. Levou vários dias aflito a seguir com os olhos os menores gestos de Leopoldina, a ler no seu olhar o medo, o terror de alguma coisa desconhecida. De repente, porém, Antônio se recordou do alferes. Eis quem podia lhe contar tudo: seu tio, o alferes João José Alves. É certo que talvez tivesse de esperar muito, que talvez uma semana ou mais se passasse sem que João José aparecesse na casa do irmão. O alferes não tinha dia certo, sua vida não tinha mesmo lei.

Desde o sertão, desde a fazenda do avô materno que Castro Alves ouvia falar nesse tio desregrado, arruaceiro e brigão, sempre pronto para um motim, irmão de seu pai e o inverso de seu pai. O que tinha o dr. Antônio José Alves de calmo e dedicado aos estudos, de comedido nas frases e nas atitudes, tinha o alferes João José Alves de irrequieto, de conversador, cheio de soluções repentinas, de súbitas raivas, fazendo de imediato o que tinha de fazer, sem parar para refletir. Secéu se recordava da fazenda quando chegavam cartas da capital, cartas que cortavam de rugas a testa do dr. Alves. Via o pai se dirigir para Clélia Brasília, colocar-lhe a mão no ombro num gesto manso, e lhe dizer com a voz zangada mas já se resignando:

— João José fez mais uma das suas...

O pequeno Antônio ficava por perto. Imaginava de mil maneiras a figura desse tio meio lendário que preocupava seu pai e que merecia do major Silva Castro uma rude classificação.

— É um desordeiro...

Em verdade o major não podia compreender aquele militar sem lei e sem disciplina, que fazia das praças públicas o seu campo de batalha e que comandava vagabundos e capoeiras em vez de comandar regimentos regulares. A este nunca teria dado a mão da sua filha. E quando o dr. Alves procurava desculpar o irmão, alegando que “era o gênio dele”, o major sorria ironicamente e fazia um gesto de enfado com a mão:

— Não me venha com desculpas, senhor meu genro. Ele devia era seguir seu exemplo, ser homem de bem, um homem às direitas...

Antônio não chegava a perceber muito bem por que o tio não era um homem às direitas. Pois se era valente como doze, mais valente que aquele alfaiate das histórias de Leopoldina que virava príncipe e matava sete de uma vez. E nas noites do sertão, quando a voz de Leopoldina enchia o pequeno quarto com princesas, rainhas e dragões, era o tio alferes que Castro Alves via salvando a princesa inocente e matando o dragão de cinco cabeças vomitando fogo.

Não, não era o Pedro Malasarte, dono de toda a sabedoria e toda a coragem do mundo, quem realizava aquela aventurosa viagem aos céus e aos infernos. Era o alferes, o alferes virado em Pedro Malasarte, herói da imaginação do menino. Quando vieram para a capital, refeita a saúde do dr. Alves que era chegado a fraquezas, o menino trazia uma alegria estranha nos olhos: ia conhecer o tio, ia ver de perto aquele homem que tinha o dom de irritar o major Silva Castro.

O alferes apareceu, logo que a família chegou, numa visita rápida ao irmão e à cunhada, pôs os sobrinhos no colo, brincou com os cabelos ondeados de Secéu, colocou-o a cavalo sobre seus joelhos mas nada lhe contou, estava apressado, foi-se embora. Antônio ainda o espiou partir, rua abaixo, o passo rápido, a receber e a distribuir cumprimentos, a mão no bigode retorcido.

Agora com duplicado interesse espera que o tio venha visitá-los. Dele saberá o porquê da melancolia de Clélia Brasília, dos pedidos que ela faz ao dr. Alves para que mudem de casa, o porquê do horror que se estampa nos olhos de Leopoldina. João José sabe tudo, que ele é Pedro Malasarte, dono de toda a sabedoria do mundo. Ele lhe contará, Secéu ficará de posse do segredo.

Uma tarde o alferes chegou. Aceitou o café que a mucama lhe trouxe na bandeja de prata, o dr. Alves não estava, sobrinhos brincavam lá dentro, a cunhada ocupada nos quefazeres domésticos, só Antônio, o segundo sobrinho, se

encarapitou na sua perna. E, quando ele pensou em fazê-lo cavalgar sobre seu joelho, ouviu espantado a pergunta do pequeno querendo saber que mistério havia na casa que amedrontava as mulheres.

Castro Alves, amiga, nascera para a liberdade e para o amor. Tomaria da liberdade como se ela fosse uma mulher, de esgalgo corpo e de perfeito rosto e a ela dedicaria toda a sua vida, os seus mais belos versos, em função dela viveria. Além dela só o amor encheria suas outras horas, seus outros versos. Sua poesia e sua vida ele as dividiu entre o amor e a liberdade. Jamais as mulheres tiveram mais carinhoso amante, jamais a liberdade teve tão ardente noivo. Por isso, amiga, porque estava fadado a este destino, desde criança que as histórias de amor e as lutas pela liberdade o envolveram, encheram seus olhos e seus ouvidos infantis. O alferes João José Alves era um lutador anônimo da liberdade. E naquela hora crepuscular lhe contava com sua rude voz de soldado uma trágica história de amor. Te contarei também, amiga, essa história romântica que o poeta ouviu do tio agitador.

O que tu és para mim, estrela do céu, música encontrada na solidão do mar, filha, esposa e mãe, amante e noiva, alegria e calor, assim era para o professor João Estanislau da Silva Lisboa aquela que ele amara numa festa, com quem dançara, de quem recebera um olhar e um sorriso. Se chamava Júlia Feital, alva e linda, de seios rijos e alegre gargalhada. Mas, amiga, era traiçoeira como a correnteza, gostava de ver pousados no seu rosto os olhos dos homens e de ver presos ao seu sorriso os corações todos que encontrava. Ficou noiva de João Lisboa, é bem verdade. Conversou com ele na janela de sua casa, escreveu-lhe cartas de amor, disse que seria dele só, bem sei, amiga. Mas que queres se os olhos de Júlia Feital foram feitos para sorrir para todos os homens, se convidavam para o amor todos os passantes? A festa da sua beleza não era para um homem só. Seus beijos de fogo queimavam muitos lábios, crestavam muitos corações. Júlia Feital na solidão do seu leito de solteira, na agonia noturna dos desejos revolvendo seu corpo, pensava em João Lisboa, nas esperanças que ele tinha, no amor de alucinado que lhe dedicava, nas ameaças que lhe fazia, no estranho sabor dos seus beijos violentos, mas pensava também na elegante figura do estudante com quem dançara na última festa e que lhe dissera um galanteio tão atrevido.

O amor é todo o bem da terra, amiga. O amor pode ser igualmente toda a

desgraça da terra envolvendo um homem. Assim era para João Lisboa. Júlia Feital ria alegre na festa, dominava os homens, fazia inveja às mulheres, ria feliz Júlia Feital, ele resolveu matá-la. Tinha compreendido que ela nunca seria somente dele, jamais o seu amor seria todo o bem da terra. Ia matá-la, era certo. Ia matá-la porque muito a amava e com tanto e tamanho desespero que não podia concebê-la sorrindo para outro, de olhos presos a outros olhos que não fossem os seus. Mas para João Lisboa ela não se comparava com nenhuma mulher da terra, era diferente de todas, mais bela que todas, mais merecedora que todas. Mesmo matando-a tinha que homenageá-la, que colocá-la acima das demais. E nos seus dias desgraçados fundiu uma bala de ouro que qualquer outro metal era indigno de penetrar a alvura da carne de Júlia Feital e, com ela, parou o coração da amada. Júlia Feital caíra naquela sala, da ferida saíra um fio de sangue. Uma bala de ouro, último presente que ele lhe dava, joia que nenhum amante dera antes à sua noiva.

O menino Antônio abria os ouvidos para a história de amor que o tio contava. E naquela noite não encontrou beleza nos relatos de Leopoldina e foi ele quem desta vez narrou uma história, quem lhe falou de uma moça linda, como uma princesa. Leopoldina revelou-lhe então o grande mistério que a aterrorizava e amedrontava Clélia Brasília: Júlia Feital voltava noite adentro para a sala onde recebera o tiro e agora a bala de ouro não mais estava enterrada no seu coração. Ela a trazia sobre o peito como uma estranha joia.[15] Vinha sorrir aos moradores da casa seu traiçoeiro sorriso de amor. Vinha oferecer seus lábios sequiosos de beijos, seu corpo de virgem estuante de desejos. Vinha procurar seus namorados, ver se havia festa na sala para ela bailar. Tinha no colo de leite uma joia como nenhuma outra mulher possuíra jamais: uma bala de ouro.

Júlia Feital povoou os sonhos de Castro Alves menino, foi a primeira namorada da sua infância, exerceu sobre ele o prestígio da tragédia passional. Sua infância foi marcada por estas histórias. Nasceu envolvido pela tragédia de Pórcia e Leolino, na sua primeira casa da capital ocorrera o crime mais romântico da Bahia. Mas sua infância foi marcada também pela presença desse tio alferes, pelo ruído que envolvia todos os atos rebeldes de João José Alves.[16] Quando se mudaram em 1856 para o casarão da Boa Vista não era raro serem acordados no meio da noite pelo alferes que vinha em busca de asilo, de um esconderijo seguro, porque se envolvera num conflito qualquer na cidade,

porque deixara apanhados dois ou três adversários políticos. Ele era nessa época uma espécie de cabo eleitoral da oposição, liberal contra os conservadores então no poder, mais ligado com certeza às ideias liberais que aos chefes do partido. Fazia uma campanha que não ficava nas palavras contra os detentores do poder. Armava arruaças, *meetings*, motins, chefiando o povo descontente, açulando a massa que o seguia, que fez dele o mais popular caudilho da época. Ele se levantou contra Wanderley, contra Tibério Moncorvo, contra todos os chefes conservadores, mas não ficava apenas nos discursos, nos artigos de jornal, no palavreado, como os seus chefes João Barbosa e Barbosa de Almeida. Ele era da ação, da revolta, do levante popular, do povo marchando com as armas que encontrasse. E quando não tinha quem o seguisse ia sozinho, ele valia por muitos, não tinha mesmo medo de nada.

Quando os conservadores prepararam as eleições senatoriais de Wanderley, o alferes sabia que o grosso da votação seria na Sé e que o desaparecimento daquela urna causaria um mal espantoso ao inimigo político. Sozinho ele a furtou, se bem os soldados a guardassem e a guardassem também os capangas de Wanderley. O fato repercutiu na cidade e muito se falou então no alferes João José Alves como de um herói de romance, capaz dos atos mais audazes e das mais difíceis proezas.

Na sala dos Alves, João José mostrava a urna furtada. O dr. Alves não se exaltava mas ainda assim encontrava como discordar do irmão, enquanto Clélia Brasília, amedrontada, temia que a polícia invadisse a casa. Mas de olhos arregalados, brilhantes, cintilantes de alegria, uma criança fitava o alferes. Era Antônio que não obedecia aos mandos da mãe para que fosse dormir e que ouvia embevecido e febril o tio contar a façanha tremenda: como atravessara entre os capangas e os soldados, como tomara da urna diante do espanto de todos, como derrubara com um soco o atrevido que ousara embargar seu passo, como deixara sem sentidos o outro que tentara arrancar-lhe a urna. É maior que Pedro Malasarte, pensa Secéu.

Uma vez o dr. Alves levou os filhos ao teatro. Era o São João,[17] o mesmo onde anos depois Castro Alves seria aclamado como um ídolo, como um paladino da liberdade, como a voz mais alta do seu povo. E o teatro naquela noite estava num dos seus dias maiores. O presidente da província, no seu camarote, dominava a assistência. As demais autoridades estavam presentes, os

chefes da oposição, as mais ilustres famílias, as mulheres vestidas com pompa, elegância e luxo, os homens ostentando as casacas e as condecorações. Nas tribunas os estudantes e os populares olhavam a imponência das famílias que chegavam. Um rumor de conversas enchia o teatro e os olhos do menino Antônio não se cansavam de admirar aquela festa de cores, aquela gente se movimentando, aquele mundo tão diferente que um dia ele dominaria. Mas eis que se faz, de súbito, o silêncio. O espetáculo vai começar. Descerra-se lentamente o pano de boca, todos os olhares estão fitos no palco, o cenário vai aparecendo.

As lutas da Independência ainda estavam próximas. O Brasil deixara de ser colônia há bem pouco tempo. Os ânimos ainda estavam exaltados e tudo que lembrava Portugal como dominador tinha para os brasileiros um sabor de insulto. No cenário agora totalmente visível o primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, descia da caravela para a terra nova e era uma esbelta e rica figura, altiva e desdenhosa. Aos seus pés os índios da terra se curvavam em quase adoração. Os olhos todos do teatro estavam fitos no cenário. Houve mesmo nos camarotes um começo de palmas à beleza da realização do cenarista e aos atores que entravam em cena. Mas das torrinhas veio uma voz de estudante que gritou:

— Fora! O Brasil se inclinando ante Portugal. Fora!

Outra voz exclamou:

— Isso é um insulto...

E, de repente, do camarote da família Alves um homem pula no palco. É o alferes João José Alves, leva um punhal na mão. Seu punhal alcança o peito de Tomé de Sousa, o cenário se rasga, as punhaladas se sucedem. Agora os estudantes e o povo das torrinhas aplaudem entusiasticamente. É um novo ator que está no palco. O nacionalismo dos brasileiros, que enchem o teatro, explode. O cenário está reduzido a tiras, os artistas fugiram do palco. Wanderley, então presidente da província, se retira do seu camarote, considerando-se agravado com o sucedido. Mas o povo o vaia, diz que ele está vendido aos portugueses, que não é brasileiro, não sente a liberdade. Ele manda que a tropa faça fogo sobre o povo, o alferes João José atira longe seu punhal, grita para os soldados:

— Terão coragem de atirar sobre seus irmãos?

Atrás dele, de peitos descobertos para as balas dos soldados estão dezenas de

homens, populares e estudantes. Os soldados não atiram, deixam que a multidão se jogue para a rua e organize passeatas de protesto, comícios, um princípio de revolta.

O menino Antônio de Castro Alves volta para a casa na confusão do incidente, de olhos incendiados. Jamais vira coisa tão bela como seu tio de punhal na mão pulando sobre o palco para rasgar o cenário insultuoso ao seu povo. Encharcara os olhos no espetáculo da multidão delirante, rugindo de cólera, desafiando o próprio presidente da província, se levantando para defender a liberdade já conquistada e que por um momento julgara ameaçada. Seus sonhos passaram a se encher de novas visões. Naquela noite novamente foi ele quem contou uma história à preta Leopoldina. Uma história tão bonita quanto a de Júlia Feital. E dessa vez com um herói igual a Pedro Malasarte. Um homem que não tinha medo de nada, nem mesmo dos arcabuzes dos soldados, nem mesmo da tropa de armas prontas para romper fogo, o alferes João José Alves.

Este seu tio não se parecia nada com seu pai. Nem pareciam irmãos. Parecia mais irmão de Pórcia, cheio de coragem, capaz de desafiar o mundo. Fora assim desde pequeno. Diverso do irmão, amando mais a rua que a casa paterna, chefiando os moleques no apedrejamento aos pomares vizinhos. O pai era um português que enriquecera no comércio, casara com uma baiana, e tivera aqueles dois filhos de diverso temperamento. Antônio José era calmo e estudioso, amigo dos livros e de casa, aprendendo cedo a ler e a contar, incapaz de dar desgosto aos pais, João José arredio das aulas, pouco chegado aos livros, fugindo de casa para correr pelas praças, se misturar com os filhos dos escravos, fazer coisas que ficavam mal a um filho de boa família. E nos serões familiares, à luz do querosene, os pais decidiram que Antônio José seria doutor, de anel no dedo e muita ciência na cabeça, orgulho dos pais, honra dos amigos. E que para João José o destino era o Exército, o campo de luta, e ali talvez fizesse carreira, alcançasse postos.

Antônio estudou farmácia e medicina, foi aluno distinto, namorou a filha do major Silva Castro, noivou, viajou pelos países da Europa onde estudou com Malgaigne e mereceu elogios do mestre, se tornou um jovem médico elegante que depois seria grande operador, professor da faculdade, condecorado, colecionador de quadros, fundador da Sociedade de Belas-Artes.[18] João chegou a alferes, se envolveu na política, era liberal, mas não porque o partido a que

pertencia tinha esse nome e sim porque no seu peito batia um coração que amava acima de tudo a multidão se movimentando nas ruas e nas praças, defendendo seus direitos, conquistando seus direitos.

Fez-se o mais temido agitador popular da Bahia de então. Recrutava entre os homens do povo batalhões populares que levava a desfilar nas festas patrióticas. Nas comemorações oficiais, com hinos e discursos, o alferes João José Alves e o seu batalhão eram a encarnação do povo, daquele mesmo povo que dera seu sangue pela Independência nas lutas de Cabrito e Pirajá.

Num Dois de Julho, quando a cidade inteira comemorava a libertação da Bahia do jugo português, ele fez desfilar seu batalhão. Próximo ao palácio presidencial as notas soam mais altas, mais enérgicas, mais vibrantes. O presidente da província está na sacada com as demais autoridades. O batalhão se aproxima cada vez mais, cada vez a música é tocada com maior ardor. Mas no momento que defrontam a sacada, os músicos, a um sinal do alferes, param subitamente seus instrumentos e assim atravessam a frente do palácio, insultuosamente. E quem se atreveria a prender o alferes? Qual o homem na Bahia que teria coragem de tocar nele? Ai daquele que pretendesse lhe fazer mal, que tentasse contra sua liberdade. Dezenas de mãos levantariam punhais, centenas de braços se ergueriam vingativos. O alferes João José Alves não era um ídolo somente para seu sobrinho Antônio. Era o ídolo de muita gente, dos estudantes, da soldadesca, dos vagabundos todos da cidade, de todos os pobres. Se o dr. Alves era ilustre e admirado, ele também era grande a seu modo, também admirado e, mais que isso, era amado pela gente anônima da terra, pelos homens das ruas e das praças. E era também o ídolo de uma criança de olhos vivos e sensibilidade à flor da pele. Havia um coração de criança que pulsava por ele, que acompanhava todas as suas aventuras, que o queria como a um deus.

E em 1855 há a cólera-morbo. Então os dois irmãos Alves se encontraram juntos. O pai de Castro Alves deixou a clínica, a renda certa, o conforto garantido, para se entregar inteiramente ao combate à epidemia. Esta crescia de uma maneira devastadora, fazendo do Recôncavo Baiano um único cemitério onde os senhores caíam ao lado dos escravos, numa imprevista igualdade diante da moléstia impiedosa. Na capital a oposição aproveitava o momento para fazer política, para talvez derrubar Tibério, então presidente da província. Moveram-lhe uma campanha de ferocidade inaudita. Apontavam erros do governante na

maneira de combater o surto epidêmico. Faziam sugestões salvadoras. Mas poucos se preocupavam de seguir o exemplo do dr. Alves e ir tratar dos doentes. Crescia o número de contagiados assustadoramente. As mortes se sucediam, os cadáveres já não eram enterrados, as cidades se transformavam em cemitérios. Foi quando Tibério deu um hábil golpe político. Nomeia os médicos oposicionistas e os envia para o Recôncavo devastado. Entre eles o dr. João Barbosa, chefe dos liberais.

Partiram, com eles foi o alferes João José Alves. Os médicos oposicionistas chegaram, viram a força invencível da cólera-morbo, o medo foi maior que o desejo de aparecerem grandes diante dos eleitores, foi maior mesmo que o orgulho profissional e o sentimento de humanidade. Voltaram pelo mesmo navio que os levara, deixaram os doentes no mesmo abandono, preferiram de muito o sorriso sarcástico de Tibério e a desmoralização política que a vida naquele inferno, vida que seria apenas a espera de uma morte certa em poucos dias.

Um homem no entanto ficou. Desiludido dos chefes, o cabo eleitoral dos liberais ficou com o povo que morria nas ruas. Ficou sozinho o alferes João José Alves. Nem todos os liberais o eram apenas de nome. Nem todos amavam o povo apenas nos discursos nas vésperas de eleições. Alguns havia que tinham capacidade de sofrer com ele, de estar com ele nos seus momentos de desespero. O alferes não era homem que recuasse. No seu peito batia um coração valente que não tinha medo dos homens nem da morte. Os homens de ciência, os homens dos gabinetes voltaram. O homem da praça pública ficou. Não se precaveu, não se imunizou, não fugiu dos doentes. Foi para junto deles, virou enfermeiro, médico, farmacêutico, coveiro dos que morriam, sacerdote para os que sofriam, levando às viúvas palavras de alento, levando aos órfãos o alimento arranjado sabe Deus como. Foi de repente a providência de toda aquela gente, de toda aquela zona assolada pela epidemia. Estava em toda a parte, incansável, barbado e sujo, sem dormir que o tempo era pequeno, levantando os ânimos, capacitando gente para lutar contra a peste. Aquele homem que passara uma vida inteira procurando destruir governos se revelava um organizador, galvanizando com a sua coragem e o seu sangue-frio uma região inteira prestes a sucumbir sem reação. Foi a alma de todos os que se ergueram para combater a epidemia.

Animava os sãos, tratava dos enfermos, enterrava os mortos. O agitador virava santo para a gente da rua. O homem que rasgava cenários antinacionais

nos teatros da capital investia com o mesmo ardor e o mesmo sorriso contra a peste mais violenta. O ciclo de heroísmo da sua vida se completou, agora o seu irmão já encontrava palavras boas para louvar a sua coragem. E o sobrinho ainda mais o admira, seu ídolo se conserva de pé.

Castro Alves disse uma vez, amiga, com a sua voz incomparável:

A praça! A praça é do povo
como o céu é do condor[19]

A praça é do povo, amiga, é o seu campo de batalha, é onde ele protesta e luta. Não viste ainda a multidão se agitar na praça como um mar em tormenta que destrói navios e invade o cais?

Foi Castro Alves quem nos ensinou. Essa verdade ele a deve ter aprendido na sua meninice quando ainda o chamavam docemente de Secéu e quando os seus irmãos e os outros meninos da sua idade estavam apenas voltados para as histórias que as negras contavam, ingênuas histórias de princesas encantadas. Mas esse menino que anos depois seria o poeta da liberdade teve outros mestres na sua infância. Se Pórcia e Leolino lhe ensinaram a força e a coragem no amor, se Júlia Feital marcou-lhe de romantismo o coração, o alferes João José Alves ensinou-lhe que a liberdade é o bem supremo. E que ela é conquistada pelo povo e nas praças e ruas, nos comícios e nos motins, no interior dos teatros, nos desfiles públicos.

"A praça é do povo", amiga, "como o céu é do condor." De ninguém foi mais a praça que do alferes João José. Porque ele próprio era um do povo, misturado com a multidão, quase sempre na frente da multidão. Na infância de Castro Alves ele foi o espetáculo do povo se levantando, do povo rompendo barreiras, derrubando obstáculos, do povo em luta, nos comícios, nos motins, nas barricadas. Este espetáculo jamais se apagaria dos olhos dessa criança. E anos depois seria o menino de então quem se ergueria na frente do povo, quem o levantaria com a sua voz, quem o atiraria para a frente, para as maiores conquistas da época: a liberdade dos escravos e a República. E o sobrinho do alferes João José Alves, que retomava o caminho do tio, não trazia um punhal na mão. Sua arma era outra, mais terrível que o punhal, mais mortal que os

arcabuzes. Era como uma luz que rasgava os caminhos, levantava os homens e os elementos.

Porque, amiga, doce amiga do cais, outra verdade nos ensinou Castro Alves: igual ao rifle, à metralhadora e ao punhal, a poesia é também uma arma do povo.

C

Sabe que este menino — é o símbolo do futuro!

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.

foram as mulheres, amiga, as que tinham namorado e noivo, as velhas que já conheciam os doces mistérios do amor, e as moças que mal entravam na puberdade, que primeiro viram nos grandes olhos rasgados daquele menino, na larga testa de onde partia a negra cabeleira em ondas, foram elas que logo adivinharam que ele não era igual aos demais, que as palavras no soar da sua voz adquiriam outra significação, tinham um sentido novo que talvez elas não compreendessem mas que as deixava espantadas. Amaram-no desde cedo, pensavam que daquela criança sairia o homem sempre esperado, alguém que seria amado por todas as mulheres e respeitado por todos os homens. As mulheres têm às vezes, como os poetas, o instinto divinatório. Antônio passava sereno, os olhos abertos para o espetáculo da vida, seguindo o irmão mais velho que ia nervoso, as mãos tremendo, murmurando versos. O irmão vivia fora do mundo, José Antônio não pensava nas coisas quotidianas, sua vida era outra, seu mundo era cheio de fantasmas e de mal-assombrações. Ele não via os pretos e as mucamas, não via o dr. Alves, Clélia Brasília, nem via mesmo o alferes João José. As figuras que o perturbavam eram outras, no seu mundo ninguém penetrava. O dr. Alves ficava amargurado diante do filho mais velho, criança largada da realidade, vivendo num delírio de imaginação. José Antônio ia sombrio pela rua, um ligeiro tremor nos seus nervos. Antônio de Castro Alves ia mais atrás, para ele, para seus grandes olhos infantis, existia o espetáculo do

mundo, a vida se desdobrando a cada passo, os homens que passavam, as mulheres belas, os negros escravizados. Não tinha o ar sombrio do irmão. Sua infância vinha de histórias românticas e de figuras aventurosas. Mas se Pórcia e Leolino, Júlia Feital e o alferes, se o gemer dos negros nas noites sertanejas de capatazes e chicotes, se a desgraça se abatendo sobre os homens, se tudo isso levava José Antônio a fugir deste mundo e sonhar sonhos loucos, se o levavam a se afastar totalmente da realidade, a fechar o rosto, a não sorrir, a fugir de tudo e de todos e a viver um sonho seu povoado de figuras que ele criava sozinho, Antônio — a quem ele dera o nome de Secéu — vivia dentro do mundo, as figuras familiares da sua imaginação eram bem aquelas figuras que o tinham acompanhado na primeira infância. Se José Antônio não se interessava pelo tio alferes provocando barulho, rompendo panos de boca dos teatros, chefiando multidões arruaceiras, se fugia disso tudo, o irmão abria os grandes olhos, que as mulheres gostavam de beijar, para todos estes espetáculos, procurava compreendê-los, pensava que, se um dia fizesse versos — e os haveria de fazer — esses seriam os seus motivos, não se afastaria, como José Antônio, da vida diária dos homens, das alegrias, lutas e lágrimas dos homens, não fugiria para uma solidão egoísta. José Antônio vai na frente, fechado no seu sonho, os olhos semicerrados, não vê as pedras do caminho, vai sozinho, as mulheres adivinham que ele ama a morte, que para ela exclusivamente vai seu coração. Antônio, Secéu, um menino, um dia, elas o sentem, será alguém que terá outro nome, um nome que atravessará pelos céus, de um extremo a outro do país, e será ouvido com respeito, será ouvido com amor. Elas adivinham em Secéu o poeta Castro Alves que derrubará na sua sede de amor corpos e corpos de mulheres, que se abrirão para ele como as flores do campo se abrem para o sol da manhã, o homem que nas praças, nos teatros, nas academias criará palavras novas, ensinará novas ideias. Nas suas frágeis e elegantes mãos de criança elas veem as mãos que no futuro romperão cadeias, na sua voz doce e musical elas percebem a força de uma voz que será mais alta que todas e que dará às palavras significação diferente, uma voz que usará das palavras como se elas fossem armas terríveis. E veem nos seus olhos relâmpagos que um dia cortarão os céus das cidades e acenderão uma luz no coração dos homens. Amiga, bem mais que os homens, as mulheres adivinham, têm a percepção das grandes coisas a vir. Elas sentem antes que os mais o gênio que chega e para ele se fazem belas e

cariciosas. José Antônio passava, elas o deixavam, que ele ia para a morte, de rosto fechado, sombrio no começo da sua alucinação. Mas chamavam Antônio, prendiam-lhe o rosto entre os seus veludosos braços, beijavam-lhe os olhos cheios d'água, sentiam o calor da larga testa onde sempre houve uma temperatura de febre. Era um menino, mas elas adivinhavam que era alguém.[20]

Amiga, no sertão o menino vira a mão do capataz lançar o chicote nas costas do escravo, vira o sangue descer e fazer cascata nas pedras do campo, vira os sertanejos correrem a caatinga de repetição em punho, faca no cinto, em busca do inimigo, vira o amor buscar asilo na floresta escura e impenetrável, vira os preconceitos vararem a solidão da floresta e soubera de uma criança que fora sacrificada. Depois seus olhos que ainda guardavam a visão do agreste dos campos e do agreste dos sentimentos, viram, na cidade, seu tio chefiando homens que se levantavam na luta pela liberdade. Soubera que na sala da casa em que havia morado uma bala de ouro, fundida pelo mais romântico dos namorados, parara o coração de uma bela mulher de convidativo sorriso. Vira, qual um herói, o alferes pular num palco e romper a punhaladas uma figura insultuosa ao povo. Não quis, amiga, fugir destas cenas e destas realidades. José Antônio sentia o coração doer toda vez que o gemido do escravo atravessava a solidão dos campos e penetrava na casa-grande. Fechava então os olhos e os ouvidos como os fechava quando via, na cidade, os homens na praça pública, chefiados por seu tio, protestando contra os outros homens, reclamando liberdade. Já que a vida esmagava assim tantos homens e tantos sentimentos, já que ela era tão feia e tão errada, então ele não a queria, não se misturaria com ela, fugiria. A morte é também, amiga, bela como a mais bela das mulheres quando se tem medo da vida, de encará-la face a face, quando se pensa que o destino do homem é a desgraça. Para os que assim pensam, as estrelas do céu são um chamado, a lua é um convite, a morte é a suprema amante, só ela pode dar aos homens os bens que a vida não possui. E eles caminham para a morte de passo firme e decidido porque vão para uma festa, não têm nada que os prenda à vida, estão desligados dos demais homens. Assim era para José Antônio. Ele marchava para a morte, já que os homens sofriam na Terra, uns passavam sobre os outros, uns poucos escravizando os demais.

Mas Antônio, o irmão mais moço, não amava a morte como a mais bela amante. Ele descobriu com seus grandes olhos que bem mais bela que a morte é

a luta. Que o destino do homem não é a desgraça sobre a Terra. Que a felicidade foi feita para todos e que, se não é dada a todos, é preciso que a conquistem. Descobriu que o belo era ir para o meio dos homens, embelezar a vida, torná-la digna, vivê-la. Compreendeu que uma outra amante possuía muito mais encanto que a morte. Que com a liberdade a vida é doce, é um presente, uma festa, uma festa do povo. O irmão ia para os mistérios da morte, para a solidão da morte, ele preferiu se misturar com a multidão, ir com todos para a festa que é romper grilhetas.

O irmão era apenas um poeta. Castro Alves era um gênio.

Nestas ruas, amiga, que enxergas daqui da fímbria do mar, nestas ruas ele andou menino para o colégio ou para visitas. Nas ruas desta tua cidade da Bahia as mulheres o viram ainda menino e logo o adivinharam. Sentiram que aquela testa era de apóstolo, aqueles olhos de lutador. E que se seus lábios tinham sido feitos para os beijos do amor, a sua língua sabia palavras que queimavam, como fogo, os inimigos da liberdade.

Amiga, se esta tua cidade da Bahia não tivesse nas ruas, nos seus morros, nas suas casas de azulejos, nas suas igrejas bordadas de ouro, nas suas macumbas cheias de música, no seu cais de aventurosos saveiros, no seu céu sem igual, se ela não tivesse toda a beleza da Terra, ainda assim, amiga, a tua cidade seria a cidade mais bela do Brasil, porque foi nas suas ruas que Castro Alves aprendeu a amar a liberdade.

Nestas ruas andaram dois meninos. Eram ambos poetas, tinham dentro de si corações onde as coisas do mundo ressoavam mais fortemente que nos corações dos outros homens.[21] Cada sofrimento, cada lágrima, cada gemido, cada desgraça da Terra encontrava abrigo nestes corações. Esses dois meninos são como dois símbolos. Um, e com ele tantos artistas do mundo, tantos poetas, tantos romancistas, fugiu de todo esse sofrimento, fechou os olhos para a vida, se trancou consigo mesmo, fez da solidão um caminho para a morte. Fugiu do seu destino, traiu o seu gênio e a sua missão. Muitos assim como ele, amiga. Mas outros preferem o exemplo de Castro Alves. José Antônio pensava que a vida era uma negra noite e foi em busca da morte. Mas Castro Alves sabia que todas noites têm uma aurora.

D

Como a primeira flor que, na lagoa,
Sobre o cristal das águas se revê,
Em minha infância refletiu-se a tua...

muitos anos depois, de olhos mais febris e fronte mais pálida, ele haveria de voltar, amiga, para logo ela o reconhecer e correr para ele de mãos estendidas, lágrimas nos olhos. A febre vivia dentro dele, febre da paixão e febre da liberdade, envelhecera muitos anos naqueles meses que passara no Recife, em São Paulo, no Rio e na Bahia. Porque vivera por muitos homens e por muitas mulheres, porque sua voz fora a voz de milhares, sua palavra o alento e a coragem de todo um povo. Se consumira nas lutas que a sua palavra iniciava, liberdade para os escravos nas lutas que a sua palavra adivinhava, liberdade para todo o povo. Sonhara sonhos de um futuro longínquo, vivera centenas de anos naqueles meses em que ela não o vira. Quando ele se fora era um adolescente belo como um jovem deus. Levantara os homens, sua arma era a poesia e cortava mais fundo e penetrava mais mortal que o punhal. Espalhara nas cidades palavras novas e no coração dos homens deixara a esperança de uma noiva que era como a fada da alegria, aquela que traria o amor para todos os desgraçados, o riso para o lábio escravo, o pão para o lar mais pobre: a liberdade.

Foi como uma estrela, amiga, que rompesse, de súbito, a força destruidora da tempestade. Não já viste da beira do cais, da proa de um saveiro, do leme de uma canoa, a tempestade correr assassina sobre o mar, escondendo o azul do céu aos olhos dos homens, enchendo de medo o coração das mulheres? Os barcos lutam, mas o vento é forte, são altas as vagas, o tufão arrasta até os grandes navios. E

tudo parece perdido, jamais virá a manhã, não mais a madrugada sobre a terra. E então, amiga, uma estrela vem ninguém sabe de onde, se do céu, se do mar, se do coração do marinheiro morto, e corta as trevas da tempestade, é uma luz na noite, o medo foge do coração dos homens, é um anúncio de bonança.

Assim foi Castro Alves, amiga. Era densa a noite, sem estrelas no céu de tempestade. Os homens negros cantavam sua desgraça, suas lágrimas brotavam como canções nas macumbas que cavaram sob o solo da cidade.[22] Os homens brancos também gritavam sem esperanças no correr dos séculos, eram quase tão escravos quanto os outros. E então a luz de uma estrela anunciou que a liberdade é a madrugada que espantará a noite de tormenta, o azul do céu será visto por todos os olhos e então, amiga, aprenderemos todos os segredos do amor e da vida e sorriremos como crianças. Quando os homens pensavam que a noite de morte e tufão seria eterna, que jamais sob os céus raiaria a madrugada, ele como uma estrela em meio à tempestade ensinou que a “libertação não morre”.

No fundo do sertão chegava o eco da sua voz levantando as cidades. Ela fechava as mãos sobre os seios que ele cantara,[23] o rosto se abria num sorriso para as flores em torno. Longe, na cidade distante, o seu amor era carregado em triunfo, um líder para os homens, uma tentação para as mulheres. Ela sofria com a ausência, nas noites longas de silêncio deixava que as lágrimas rolassem sobre velhos papéis que ele enchera com a sua letra e com o seu gênio, papéis escritos para ela, nos quais eram recordados os dias de infância, o idílio dos primeiros anos. Sofria, que cada minuto de ausência do bem-amado era igual a anos de desgraça, mas seu amor era tão grande, tão poderoso, que ainda assim, longe, da sua presença, ele a enchia de felicidade porque as notícias, que de quando em quando chegavam, narravam de uma voz nova que pregava no silêncio das praças em versos que até nas senzalas se repetiam. Ele partira, seu destino era o mundo, era mudar a face do mundo. Os escravos, os pobres e os desgraçados esperavam por ele, pela arma do seu gênio, pelo fogo das suas palavras, havia muitas cadeias para romper, amiga, pulsos escravos que clamavam justiça. Tudo que ela tinha para ele, as tiranas sertanejas que sabia cantar, as lágrimas que sabia chorar, o cristalino riso que só para ele guardava, o tremor das mãos e o doce calor do colo, a noite dos cabelos e a festa do seu beijo, tudo era pouco para o prender ali quando do fundo das senzalas vinha o choro convulso dos negros no bater dos atabaques, quando chegava do longínquo das praças a inquietação

dos homens. Ele deixara o calor do seu colo, desprendera os lábios dos mornos lábios seus, arrancara os olhos da noite perfumada dos seus cabelos que o impediam de ver as tristezas da vida e partira. Ela bem sabia que quando ele voltasse seria para morrer, sua missão estaria cumprida, nem mesmo os seus beijos o salvariam. Mas ainda assim no seu sofrimento havia alegria porque o bem-amado vivia valentemente sua vida, vivia gloriosamente cada minuto que não passava com ela.

Um dia ele voltou, amiga, muitos anos eram passados. Nas praças, nas academias, nos teatros, em cada casa, em cada peito jovem, repercutia a sua voz. Mas ele vivera rapidamente, vivera vida e sonhos, realidades futuras, e a febre o consumia, sua voz era em surdina, agora sua voz era só para ela. Chegou como se viesse de uma longa batalha, gloriosa e mortalmente ferido. E o herói doente e a tímida sertaneja, Castro Alves e Leonídia Fraga, recomeçaram aquele idílio que enchera os primeiros anos da vida do poeta. Ela era para ele como o porto sempre seguro, aquele em que o navio ancora após a tempestade, trazendo no casco a marca de outros portos, algas de outros mares.[24]

Fora, amiga, muitos anos antes que esse amor nascera na primavera dos campos, sob o sol do sertão, por entre as flores silvestres. Para esse menino havia um encanto diferente em cada flor, uma beleza nova em cada raio de sol caindo sobre as águas do rio, um mistério a desvendar em cada sorriso da menina da vizinhança, de longas tranças e de olhos cheios de sombra. Na embriaguez do dia de sol cobrindo as flores, o rio, os montes, fazendo cantar nas árvores os pássaros, ela lembrava o mistério da noite, parecia fugida do luar, das serenatas, de qualquer estrela do céu que o menino namorava da janela do seu quarto. A palidez de Leonídia, os seus cílios, a sua fragilidade, os negros cabelos, tudo era contraste com o sol ardente. Vinha dela um mistério, alguma coisa que fazia pulsar de modo diferente o pequeno coração de Antônio. Antes de a ver ele só tivera olhos para as flores, o sol e o campo e para os escravos gemendo. Se preparara apenas para cantar a natureza e os escravos,[25] com ela aprenderia a amar as mulheres, a guardar para elas algumas das mais belas palavras que sabia. Antes, quando o menino se desprendia do espetáculo dos escravos dobrados sob o chicote do feitor, era para a festa do campo na primavera que seus olhos se voltavam. Sabia do sol, do murmúrio das águas da cascata, do trinado dos pássaros, da beleza gratuita das açucenas, mas nada

aprendera ainda do riso de uma menina, do mistério de uns olhos cheios de sombra, do encanto de uma negra cabeleira. Talvez se Leonídia não houvesse enchido seus dias infantis com o mistério da sua presença ele tivesse sido apenas o maior cantor da natureza do Brasil,[26] o maior cantor dos escravos e da liberdade e talvez não juntasse a esses títulos o do homem que melhor soube falar de amor e das mulheres em língua portuguesa.

Ele não sabia ainda que o coração de um homem pulsa de uma maneira diferente quando determinada mulher atravessa na sua frente. Sabia já este menino da natureza e da dor, nada sabia ainda do amor.

Tomou da mão da menina da vizinhança e partiram para o campo, por entre as flores, atingiram a margem do rio. Era um conto de fadas aquele passeio, ela saltava sobre as pedras, ria alto, ele a alcançava, ela levava flores na mão esquerda, que mistério havia nos seus olhos? Sabia o nome de cada flor, conhecia pelo canto cada pássaro. Levava agora flores nas tranças, era o gênio da noite[27] correndo ao sol. Os peixes de prata do rio vieram comer na sua mão. O menino ri, mas ela agora está séria, seu rosto infantil se reflete nas águas onde suas mãos mergulham.

E voltam correndo, ela é mais rápida que a corça, seu riso mais alegre que o rolar das águas sobre as pedras. Na sombra da árvore descansam e ele aproveita para contar a história que a preta Leopoldina lhe narrara na noite precedente. Existe uma princesa nessa história. E de súbito o menino imagina que ela é a princesa encantada, aquela a quem os pássaros e os peixes obedecem, a que viaja num raio de luar e distribui a primavera sobre a terra. Este menino gostava de dizer as coisas que sentia e disse a Leonídia que ela era uma princesa encantada, a fada daqueles campos, a deusa daquelas açucenas.

Ela corre então, solta sobre os campos a sua álacre gargalhada, uma alegria infinita invade o coração do menino. E quando na noite do sertão a serenata atravessa os céus da cidadezinha, o menino encontra outro significado na música, um planger mais doce nas cordas do violão.

No dia seguinte é a espera febril de que ela surja na porta de sua casa e lhe estenda as mãos. Já não parte sozinho para o campo, falta alguma coisa na beleza que o cerca. Por que ela não vem, por que não vem ajudar as flores do campo a abrir as corolas, por que não vem se contemplar no espelho do rio?

E os pássaros, amiga, aprenderam a conhecer as duas crianças que

diariamente passavam de mãos dadas em direção ao rio. As flores se abriam, vermelhas, azuis e amarelas, os pássaros cantavam, o rio era calmo. Eles riam e não tinham de quê. Riam do bom que era, dos segredos infantis que murmuravam. “Serás um dia minha mulherzinha...” Por vezes ele era autoritário e ela logo se curvava e obedecia. Nunca discutiu com ele, era como o caniço que se curva ao vento. Ela o amou, ela o compreendeu e sentiu e a ele entregou seu coração desde aqueles dias da infância. Cedo sentiu que ele não ficaria sempre ao seu lado, que, como o vento, um dia partiria e se voltasse tomaria mais uma vez a estrada de retorno, que ela jamais o teria somente para si. Certa vez, muitos anos depois, ele escreveu para ela o mais belo dos seus poemas de amor.[28] E como epígrafe citou os versos de outro,[29] versos que falavam nas “brisas que passam doudas, leves, e não tornam atrás a ver as flores”. Partiria ainda menino, outras meninas encheriam seus olhos infantis. Voltaria adolescente e adolescente a deixaria para consumir sua mocidade no leito de outras mulheres. Pela última vez voltaria no fim da vida, quase adolescente ainda, quase menino ainda, mas pronto para partir em busca da amada derradeira. Ela não se queixou jamais, jamais deixou de amá-lo. E quando ele morreu o mundo acabou para ela, a loucura foi seu refúgio. E na sua loucura só havia a realidade dos versos que ele escrevera, das palavras que ele lhe dissera.[30]

Foi nos campos de Curralinho que ele a conheceu. Ela o ligou em definitivo à terra e à natureza do sertão. Para a natureza e para ela ele voltou três vezes. Ela foi “fé, esperança e caridade”.

Amiga, de todas as amadas de Castro Alves nenhuma tão heroica e tão cheia de compreensão como Leonídia Fraga. Nada pediu ao menino que com ela corria os campos. Não pediu versos, não pediu casamento, fidelidade, não pediu sequer amor. Ficou diante dele num encantamento, deu-lhe seus risos na infância, seus lábios na adolescência, seus seios quando ele quis, no final, reclinar a cabeça febril. Viu que ele ia morrer e que partia para morrer longe. Talvez só então ela pedisse alguma coisa. Talvez pedisse então que ele não partisse, ela esperava que ali ele voltasse à saúde. Foi o único pedido que lhe fez a sua amiga de infância, a sua namorada da adolescência, a sua amada dos dias de moléstia:

Não partas, não! Aqui todos te querem!
Minhas aves amigas te conhecem.

Não era por egoísmo que lhe pedia isso. É que ele estava cansado, doente e de coração machucado por outras mulheres. Por isso, somente por isso, porque ele não ia procurar *o* "fantasma sequer de uma esperança", é que ela lhe pedia:

Onde vais, belo moço? Se partires
Quem será teu amigo, irmão e pajem?
E quando a negra insônia te devora,
Quem, na guitarra que suspira e chora,
Há de cantar-te seu amor selvagem?

Ele bem sabia, amiga, que em nenhuma outra parte iria encontrar "família melhor que meus desvelos". Ela mesma lhe disse:

Que tenda mais sutil que meus cabelos
Estrelados no pranto de teus olhos?...

Mas aquele era um "estranho moço", amiga, e partiu. Uma força o arrastava doente para o meio do povo, para o vibrar das multidões, para as lutas dos homens. Queria dar aos negros e aos pobres as suas últimas palavras, seus últimos versos. Não era outra mulher que o esperava na cidade. Outras mulheres, as de antes e as de depois, vinham como viera Leonídia, de súbito, e se postavam em sua frente encantadas. Mas o que o esperava na cidade, aquilo que para lá o arrastava era mais que uma mulher, era uma deusa. Liberdade se chama ela, amiga, ninguém sabe a cor dos seus cabelos, mas quem não sabe que ela é mais bela que todas, que por ela é doce a morte?

Eu queria te falar de Leonídia, amiga, te dizer de como foi alegre e feliz a sua infância nos anos em que ele ali morou. Como foi desgraçada depois quando ele partiu e as flores do campo já não tinham a mesma beleza e a primavera não mais voltou. Queria te dizer dessa menina que, ao lado de tantas figuras heroicas e trágicas, o alferes, Júlia Feital, Pórcia, Leolino, o major Silva Castro, foi uma romântica figura de balada, foi a presença do amor. Ela encheu de romantismo a infância de Castro Alves, ela fez com que ele jamais esquecesse as flores e os pássaros. Ela o ligou indissoluvelmente à natureza e ao amor. Mas como falar de uma mulher se dela já falou Castro Alves? E de Leonídia Fraga, amiga, ele disse:

Por ti em rosas mudam-se os martírios!
Há no teu seio a maciez dos lírios...

E

Ai! borboleta, na gentil crisálida,
As asas de ouro vais além abrir.

Mãe, minha voz já me assusta...

o sertão ficara para trás, com o doce sorriso de Leonídia, menina de olhos mortos que lhe ensinara o nome das flores. Ficara para trás também a casa da rua do Rosário, onde o fantasma de Júlia Feital vagava com sua estranha joia sobre o coração. Mas, da sombria sala de estudos do colégio, Secéu ainda podia ver, amiga, a cadeia onde João Estanislau da Silva Lisboa, o romântico matador, cumprira a sua sentença. Os olhos do menino Secéu eram puxados dos livros de estudos para a visão da fortaleza onde Lisboa chorara o seu crime, onde nas noites solitárias se recordara da amada de fácil sorriso, sorrindo para todos que passavam sob a sua janela. Secéu pensa em como ele deve ter sofrido com tê-la matado. Não pelo crime em si. Mas, porque, matando-a, não mais a pudera ter, não mais pudera ver seu rosto tão belo, não mais pudera se encantar no seu sorriso travesso. O menino Castro Alves largava os livros de estudos, deixava que os olhos se perdessem na visão das grossas paredes da fortaleza. E a sua imaginação trabalhava num impulso febril. Enquanto os demais se preocupavam com os jogos ou com os problemas de matemática, ele imaginava da janela a tristeza do amante que se privara pelas próprias mãos da presença da amada. Os outros não a teriam, jamais olhariam dentro dos seus olhos, jamais sentiriam o calor dos seus lábios, as pulsações do seu corpo doido de desejo. Mas tampouco ele teria mais uma vez a infinita alegria de sorrir com

ela, de machucar com beijos os seus lábios, de sentir na mão o palpitar do seu seio de virgem. É para o menino, que vem do romântico idílio infantil com Leonídia, uma fonte de emoções, um imaginar sem-fim de quanto o amor pode fazer sofrer. E enquanto nos jogos e nas aulas os demais se preocupavam com o quotidiano da vida do colégio, ele apontava para os mais íntimos a cadeia sombria:

— Sabes quem esteve preso ali?

— Quem foi?

— Lisboa, o que matou Júlia Feital...

— Júlia Feital! Que foi isso?

— Não sabes? — e seus olhos se iluminavam na alegria de contar. — Não sabes então? Ele gostava dela, ela não gostava de ninguém. Ele atirou nela com uma bala de ouro...

— Com uma bala de ouro? Por quê?

— Porque gostava muito dela. Era como um presente, sabe?

O outro não sabia, mas já o sabia Castro Alves que cedo compreendia que o amor se cerca de poesia até no momento da morte. Cedo tinha ele que se preparar para o amor, porque cedo haveria de amar: e com que violência, com que paixão!

Não fora apenas o relembrar do crime romântico que ele encontrara no Ginásio Baiano, que o dr. Abílio César Borges fundara há pouco na Bahia e com o qual revolucionava os meios educacionais da capital do estado.[31] Entretanto esse colégio não havia de ter nenhuma influência decisiva na sua vida. Abílio César Borges, misto de charlatão e de precursor,[32] não marcou quase a sua personalidade. E se soube perceber logo que tinha diante de si no menino Secéu alguma coisa de diferente, alguém fadado a altos destinos (como anos depois iria perceber em Raul Pompeia),[33] se teve mesmo a coragem de se levantar contra o dr. Alves, a quem preocupavam as tendências literárias do filho, se soube desde cedo se orgulhar do jovem poeta, não teve, no entanto influência alguma nos caminhos pelos quais o poeta entraria.

Abílio César Borges amava ensinar e amava que soubessem que ele ensinava bem. Era, amiga, um tipo de romance e como tipo de romance Raul Pompeia o imortalizaria, deixando-nos dele um retrato que só pode ser o verdadeiro pois a verdade há de estar fatalmente com a realidade do romance de Pompeia, e não

com os retratos embelezados dos biógrafos sem talento. Amava o barulho, os versos, os discursos. Dos seus colégios sairiam um Castro Alves, um Rui Barbosa, um Raul Pompeia. Não marcou sobre nenhum deles, mas teve sempre a capacidade de não se opor a nenhum deles. Essa, a sua grande virtude. Nascia talvez de que aqueles alunos de vocação literária traziam para o colégio um brilho que esmagava os concorrentes. De Coimbra, Abílio César Borges importara o hábito dos outeiros, espécie de jogos florais dos jovens estudantes, onde os versos e os discursos tinham quase sempre por tema ou os grandes dias da pátria ou a obra educacional do mestre ilustre. Brilhavam os alunos que se iniciavam nas lides poéticas ou oratórias mas ainda mais brilhava o colégio do dr. Abílio, para o qual os jornais rasgavam títulos que encabeçavam elogiosas notícias sobre as festas literárias.

Castro Alves foi desde logo um dos heróis destas festas. E começara com os seus primeiros versos[34] dedicados (aí a influência do dr. Abílio) ao natalício do seu mestre. Tinha treze anos e já soube ir buscar nos motivos de elogios ao aniversariante aquilo que o tornava mais simpático aos olhos do futuro poeta da liberdade: ter sido Abílio César Borges o homem que proibira o uso da palmatória nas escolas.[35] Realmente Abílio César Borges era contra os castigos corporais tão em voga na época. Também já denota nesses versos iniciais aquilo que marcaria toda a sua poesia: o jogar com os grandes elementos do universo: o sol, os ventos, a natureza inteira.[36] E logo depois num outeiro que teve lugar a 2 de julho de 1861 o menino já apresenta na sua poesia ainda infantil as marcas que serão definitivas em toda a sua obra poética. Esse poema — evidentemente dentro de uma forma de criança que apenas balbucia os primeiros versos — já traz os traços marcantes da personalidade de Castro Alves. É já a luta da liberdade contra a tirania, são mesmo certas palavras, certas características que já despontam no menino de treze anos. Já fala nos grandes vultos que depois encherão as suas poesias de meetingueiro popular de gênio. Já clama por eles, como já pelos elementos da natureza. É que este menino, amiga, menos de quatro anos depois, aos dezesseis de idade, já será o poeta maior da sua geração, espantando a Faculdade do Recife com as palavras de “O século”.[37] Não ia viver muito tempo, tinha que cedo começar. Por isso aos treze anos a sua voz que apenas balbuciava já procurava as grandes palavras e as grandes ideias.

Era por esta época um menino que não sabia matemática e que ignorava os

segredos da língua portuguesa,[38] com grande tristeza de Abílio César Borges, que amava tanto o vernáculo que tentou até importar de Coimbra um mestre que ensinasse pronúncia aos seus alunos. Mas, segundo o depoimento dos seus contemporâneos se "não pegava em livro bastava-lhe uma simples leitura para assenhorear-se das lições". O seu tempo era pequeno para preparar as poesias que iria declamar nos "outeiros", para redigir o jornal escolar da sua série, para sonhar com a Faculdade do Recife, onde a mocidade se agitava, para ler e traduzir Victor Hugo. A sua pequena roda colegial já começara a ler o poeta francês através das traduções que o menino Secéu fazia dos seus mais violentos poemas.

Sim, amiga, havia uma matéria que agradava ao menino, que ele aprendia com uma rapidez assombrosa, que logo dominou, e essa matéria foi o francês. Tentava-o aprender o francês para ler Hugo.

Esse foi o seu grande amigo dos tempos de colégio, amigo que o acompanharia pela vida afora. Em Hugo ele aprendeu o valor de certas palavras e de certos sentimentos. Nada foi mais importante para o poeta Castro Alves que esse encontro na sua infância com o gênio de Hugo. Isso lhe permitiu avançar sobre os demais poetas jovens do seu tempo e libertar-se de Byron.[39] Sem o encontro com Hugo talvez que sua poesia seguisse outros rumos, não tivesse alcançado o máximo da sua força. Porém, é necessário não atribuir exclusivamente a Victor Hugo o sentido libertário e heroico da poesia de Castro Alves. Foi uma influência nesse sentido, mas não a única, nem talvez mesmo a mais poderosa. De qualquer maneira, que espanto e que alegria para o menino Secéu o encontrar o calor daquelas palavras, a beleza com que eram cantados os sentimentos que já vinham dentro do seu peito! Nenhum poeta o comoveu tanto, a nenhum tanto ele admirou. Nos dias monótonos do colégio, quando não fitava romanticamente as janelas da cadeia onde penara Lisboa, ele se entregava de corpo e alma ao turbilhão que era Victor Hugo. Viajava com ele pelos mais belos e puros sentimentos. Aprendia grandeza, beleza e liberdade. Se comovia e se engrandecia.

E possivelmente o conhecimento com Hugo já lhe foi útil no primeiro grande transe doloroso por que passou. É que durante o tempo de internato morreu Clélia Brasília. A mãe frágil e bela, sempre um pouco amedrontada diante da vida desde a tragédia de Pórcia, sempre um pouco medrosa e tímida, fraca do

peito e muito agarrada aos filhos, terna e doce, deixou-os um dia sem os seus carinhos. José Antônio, já neste tempo enfermiço e nervoso, preferindo Byron a Hugo, pensando mais na morte que na vida, cheio das palavras de desespero, não quis resistir ao golpe e se atirou pela janela numa tentativa de se matar. Salvo, escreveu doloridos versos para a memória da mãe, chorou e amaldiçoou a vida. Secéu suportou o golpe com a mesma galhardia e coragem com que atravessaria todos os momentos maus da sua vida. Não fez versos para a mãe desaparecida, que só anos depois haveria de cantar, não desacreditou da existência, não quis morrer. Sofreu, sem dúvida, que o amor era uma constante na sua natureza e muito amara ele a pálida e bela figura de Clélia Brasília. Mas não se desesperou. Mais moço que o irmão, já era muito mais *homem* que o outro, vivendo com os livros mas também com a vida.

A cadeia onde João Estanislau cumprira pena, os versos de Victor Hugo, os outeiros... Porém além disso, amiga, havia uma outra coisa que influía poderosamente no menino, que marcava esses seus anos de colégio. É que por detrás dos Barris, onde estava o ginásio, havia qualquer coisa de misterioso e terrível.

Nessas noites oleosas da Bahia, quando do céu desce um infinito mistério, quando do mar chegam as canções mais doces de Iemanjá, quando da terra vem um cheiro poderoso de flores várias, nessas noites, amiga, vêm do mais escondido da cidade, de detrás dos morros, do mais profundo da noite, ninguém sabe mesmo de onde, esses sons que do cais nós ouvimos de coração saltando no peito. São os baticuns das macumbas, são os candomblés batendo em honra dos santos que tu amas. De Oxóssi, meu santo, de Omolu, o deus que tanto temes, de Xangô e de Ogum.

São os atabaques deixando que a música role sobre a cidade e a envolva e a transporte para uma atmosfera de sonho. Nós sabemos, amiga, que lá, onde tantas vezes estivemos, naqueles escondidos lugares onde nossos irmãos negros festejam seus pobres deuses, negras dançam vestidas com os mais lindos vestidos do mundo. Sabemos também que a qualquer momento a caravana policial pode invadir o terreiro da macumba e levar os sacerdotes, os assistentes e os santos. Sabemos que é sempre uma aventura um baticum de candomblé. Que dos negros nem os deuses são livres para dançar na Terra. Mas que nem por isso deixa de, sobre as ladeiras da Bahia, ressoar a trágica voz dos atabaques,

que nem por isso deixam de ser cantadas as canções de Iemanjá, nossa mãe, dona do mar e do nosso destino. Que importa que as costas de Procópio,[40] nosso amigo do Matatu, tenham marcas de chicote, lembranças de outras festas terminadas de repente? Nem assim Procópio deixa de festejar seu santo, que é Xangô. E mesmo tu não vais, quando é chegada a época, levar um presente de sabonetes para dona Janaína porque foi ela quem te conduziu até junto desse teu amigo? Ainda agora, quando te falo, ouve! Vem de muito longe, ninguém sabe de onde. São os sons dos atabaques. Os negros se curvarão, as negras dançarão, baixarão os santos, o mistério da Bahia perdurará.

Antes, negra, era ainda pior. No tempo do poeta Castro Alves, no tempo da sua infância e também depois, os negros eram escravos comprados em leilões, mercadoria que se vendia, trocava e explorava. E em troca de tudo que eles deram ao branco, sua força, seu suor, suas mulheres e filhas, a maciez da sua fala que adoçou a nossa fala, sua liberdade, o branco lhe quis dar apenas, além do chicote, os deuses que possuía. Mas deuses os negros traziam da África, os deuses da floresta e do deserto. E continuaram fiéis aos seus deuses por mais que rezassem aos deuses dos seus donos. E cavaram no subsolo das cidades templos que o homem branco não podia atingir.

Nas noites do colégio, quando já os demais alunos dormiam, o menino Secéu esperava de ouvido atento a música que ia começar. E monótona e poderosa, dorida como uma saudade, forte como um pedido de vingança, misteriosa como uma esperança longínqua, ela vinha vindo, rolando sobre os morros, saída das profundidades da terra. A voz dos atabaques atravessava toda a cidade para vir ressoar no coração de Castro Alves. Ele se semierguia na cama e ficava, os olhos cerrados, o coração latejando, sentindo bater dentro dele cada pancada dos atabaques. Era toda uma raça que sofria, se desesperava e reagia conservando alguma coisa de seu, de puramente seu. Aquela música bárbara e primitiva, alucinante, chamava o menino Secéu, era um convite.

Grito clamando na noite da cidade, a voz dos atabaques foi ouvida por Castro Alves. Nunca teve, como os demais colegas, medo daquele soar de ritmos africanos. Se sentia como um deles. Em Hugo já aprendera o significado de *liberdade*, soube pela voz dos atabaques que havia um povo a libertar.

O Ginásio Baiano na noite de mistério da Bahia dormia um sono de dezenas de crianças. Só uma estava ainda de olhos abertos, acesos de febre, puxados para

junto de uma raça pela música que vinha na noite. Os atabaques chamavam Castro Alves. Na noite do colégio, de pé, sozinho no dormitório cheio de sonhos infantis, ele se apresta para atender ao chamado. Sua voz será dentro em breve mais poderosa que mesmo a voz dos atabaques, amiga.

F

Pernambuco! Um dia eu vi-te
Dormido imenso ao luar,
Com os olhos quase cerrados,
Com os lábios — quase a falar...

quem sabe, amiga, se aquele navio iluminado de mil lâmpadas elétricas, luzes que cortam a noite do mar, não parte para o porto do Recife, no país de Pernambuco? Tu estendes a tua mão e lanças um amplo adeus ao navio que parte. Respondem, são inúmeras mãos que acenam adeuses na noite do cais quase deserto. Boa viagem, desejamos nós ao barco que parte para a aventura sempre renovada da conquista dos caminhos do mar. Um dia partiremos nós também, daremos adeus para um casal que se ama nas areias do cais, à luz amarela da lua. Iremos também, talvez para esta cidade do Recife, de pontes e de holandeses. Têm uma linda cor os telhados do Recife, amiga, são amáveis e belas as pontes sobre os rios. Seu povo valente, de faca à cintura, anda em ruas que foram pisadas pelos pés dos maiores do nosso passado. Nabuco e Castro Alves, Rui e Pompeia, tantos outros, sonhavam nessa cidade os maiores sonhos do Brasil.

Essa cidade viu Nassau, sua grandeza, sua fome de progresso. Abrigou judeus, essa cidade, que lhe rasgaram o comércio. Cresceu agitada e inconformista, heroica e com certo ar aventureiro e rebelde como não o possui nenhuma das nossas outras cidades. Recife tem uma legenda, seu clima é um clima de luta e de futuro. Antes que qualquer outra cidade do país ela recebe, pelo mar que ela penetra, as ideias novas, os sonhos que logo depois serão

realidade. E os acalenta no seu seio imenso de pedra. Dá-lhes o leite da inteligência dos seus poetas e sábios, dá-lhes o sangue dos seus heróis. Recife, a heroica, Recife, a das mil revoluções.

Em todos os tempos, amiga, quando o povo esmagado se levantava num desejo de partir cadeias, os tribunos do povo, oradores, poetas, romancistas, sociólogos, foram falar da tribuna que é a cidade sobre os arrecifes, tribuna de onde melhor que de qualquer outra a voz poderosa do povo se faz ouvir.[41] Essa cidade exerce uma estranha sedução sobre a inteligência livre do Brasil e para ela se dirigem todos, como que a buscar nas suas ruas a lição que outros deixaram soando por esses céus cheios de tão belas palavras, de tão cadentes versos. É uma cidade ilustre esta cidade do Recife. Daqui partiram as mais belas ideias para as capitais do Sul. No coração desta cidade, aconchegados ao seu seio, sonhos cresceram realidades. Um dia, amiga, virá um poeta, mas não conformado e comedor dos restos das casas ricas como os poetas do nosso tempo. Virá um poeta como aquele do qual te conto a história. E falará dessa cidade do Recife, do "Recife das revoluções libertárias", dum Recife sempre vivo, não do "Recife morto, Recife bom"... Falará dela como a cidade onde a voz do povo tem sido mais alta, onde têm nascido os mais destemidos tribunos do povo e onde aqueles outros, nascidos em outras cidades, têm vindo temperar o aço da sua espada que é a sua palavra. Virá um poeta, terá para esta cidade as mais doces palavras de amor. E a lenda do Recife surgirá então na sua mais ampla beleza.

Uma noite também Castro Alves, de quinze anos então, entrou num barco e rumou para Recife. Ia temperar o gume da sua espada, ia aprender nessa cidade o seu exemplo de heroísmo. E da cidade do Recife ia erguer a sua voz mais que todas potente. Do Recife estremeceria o coração do Brasil. Um dia, amiga, também nós tomaremos um barco e iremos fazer o roteiro sentimental e heroico do Recife. Em cada pedra da rua, em cada sobrado antigo, encontraremos a evocação de um feito, o ressoar de uma palavra.

Atrás dos muros da cidade, nos campos além, se estendem os canaviais, oceano de verde. Naqueles tempos não havia as usinas onde as máquinas fazem açúcar. As máquinas eram os negros, o açúcar trazia o gosto de sangue de gente misturado com o seu doce sabor. Nasceu da cana-de-açúcar o aristocrata do campo brasileiro. O senhor de engenho, dono dos negros, algumas vezes traído

pelos filhos que viraram amigos dos negros, seus irmãos.[42] Por vezes os negros batidos se levantaram contra os senhores e mostraram a sua força. Certa vez um mestiço se levantou na frente do povo negro e mulato e sua revolução tinha já uma espécie de consciência, ainda indecisa e fraca, mas já existente.[43] Isso foi pelo ano de 1823, ano que o mulato Pedroso se levantou. E logo depois se levantava Emiliano Mandacaru, à frente do seu batalhão de pardos. Padres e poetas se fizeram heróis do povo nesse Pernambuco de senhores de engenho e de escravos do engenho. No açúcar que saía das caldeiras iam de mistura o riso dos senhores e as lágrimas dos escravos. De mistura a alegre realidade da aristocracia e o terrível sonho de vingança dos negros. Sonho que na voz dos poetas e dos tribunos iria adquirir consistência.

Homens de inteligência cedo começaram a sentir a tragédia dos negros. É uma longa lista, aquela dos nomes de todos os que na cidade do Recife puseram sua pena a serviço do povo, amiga. A fundação da Academia de Direito em Olinda, posteriormente transportada para o Recife, criara uma efervescência intelectual que o ambiente de luta política e social, o clima revolucionário da cidade evitavam que descambasse para uma literatura “arte pela arte”. Recife deu às suas gerações de homens de letras, através dos movimentos revolucionários sucessivos de que foi teatro, a noção da utilidade da arte, de como o seu destino é ser útil à humanidade.[44] Essa, a diferença essencial, de determinado momento, entre a Faculdade do Recife e as demais do país.[45] A ideia da República, o magnífico movimento da abolição iriam encontrar em Recife o berço mais indicado para o seu alvorecer, o seio mais indicado para permitir o seu crescimento. Ainda São Paulo morria de tísica na mocidade dos seus poetas, ainda, sob a magia dos versos de Byron, se preocupava apenas com criar formas novas para velhas orgias estudantis, ainda esperava para começar a ser um centro de agitações políticas, ainda São Paulo marcava com uma marca de amor e morte os versos geniais de um Álvares de Azevedo e de um Fagundes Varela e já Recife marcava de liberdade Castro Alves e Nabuco.[46] Recife, com a sua Faculdade que era seu cérebro, se adiantara sobre as demais cidades. Deixara a inutilidade do desespero e do desprezo dos românticos byronianos pessimistas perante a vida. Recife se encharcava de Revolução Francesa. As palavras da vida que nascia em meio ao sangue derramado, tinham muito mais eco aos seus ouvidos que as tentadoras palavras dos trágicos poetas desiludidos. Hugo era o

seu poeta, os oradores da grande revolução pareciam falar da tribuna do Recife.

Para esta cidade, amiga, vem o adolescente Castro Alves, o coração cheio dos sentimentos e das emoções que a Bahia lhe ensinara. Três cidades marcam a sua vida, entre todas em que andou, como três mulheres a marcam, entre as muitas que amou e possuiu. Bahia, Recife e São Paulo. A Bahia que lhe dá o conhecimento da liberdade e do amor, Recife que faz dele o tribuno do povo, que burila seu gênio, que lhe oferece os motivos das primeiras grandes inspirações, São Paulo para onde ele leva as palavras da república e da abolição e onde há de escrever alguns dos seus maiores poemas libertários.

Na Bahia aprendera com seu tio o valor do povo. Estava apto para o Recife, para o ambiente da Faculdade, para as lutas e também para o amor. Recife há de lhe dar a sua amada, aquela que encherá de alegria e de desgraça a sua vida tão breve e tão intensa.[47]

Desta cidade a voz de Castro Alves levantará as bandeiras da abolição e da república. Ela permitirá ao gênio do baiano os sonhos mais ardentes, as previsões mais arrojadas. Será Recife quem fará do poeta um agitador e um líder. Aqui ele tomará contato com o povo, se misturará com ele, porá a arma da sua poesia ao seu serviço. Daqui sua voz partirá para o Brasil. Recife será sua melhor tribuna. Porque, amiga, toda esta cidade do Recife é uma praça pública, cenário para Castro Alves.

Quando ele chega, ela parece dormir. Mas ele logo compreende que o seu sono é cheio de um sonho grandioso:

No sonho daquele sono
Perpassa a Revolução!

Despertará com a sua voz, amiga.

G

[...] *Ó minha amante*
que nunca nos meus braços desmaiaste

passou por entre a gente de cabeça erguida e de sorriso nos lábios. A multidão em torno conversava num murmúrio que chegava à rua e se perdia na noite mal iluminada. Na confusão das conversas, risos de mulher, gargalhadas de estudante, galanteios de poeta, ele passou sem que ninguém o notasse, sem que ninguém o apontasse com o dedo, sem que nenhuma boca pronunciasse o seu nome. Outro nome enchia aquelas bocas, era o motivo daqueles risos e daqueles galanteios.

— Dizem que é linda... — e a jovem suspendeu os olhos onde havia uma ponta de medo para o elegante bacharelando.

— Ninguém o é mais que você — ela sorriu, agora confiante, ele continuou: — Dizem que ela é uma bela mulher e uma grande artista.

Como nos olhos da noiva visse novamente o medo, acrescentou com convicção:

— Principalmente uma grande artista...

O rapazola passava, alto e magro, a testa de mármore, a negra cabeleira. Sorria e ninguém o notava.

A matrona abriu o grande leque e contou para as amigas e para o grave senhor de sobrecasaca que “a sua prima escrevera de Lisboa algo sobre aquela cômica. Era alguma coisa de espantoso e imoral”. As amigas se chegaram para mais perto, o senhor grave curvou-se, a matrona escondeu a voz no leque, mas era tão fino o seu leque, e tão aguda a curiosidade do rapaz triste que passava

que também ele ouviu quando ela disse:

— Que um comendador, um nababo, por aquela cômica se arruinara nas terras de Portugal, após ter largado a família, num escândalo comentado nos quatro cantos de Lisboa.

Então a amiga mais próxima contou o caso das facadas, também passado em Lisboa (ou no Porto, quem sabe?) e também narrado numa carta recentemente chegada a Recife. Pois não sabiam? Um pé-rapado qualquer, destes que perdem a noite em cantorias e em bebedeiras, sem vintém, sem emprego, sem futuro, por causa da tal mulher, esfaqueara um moço de boa família, de uma das melhores famílias de lá... Fora um caso ruidoso, quem não ouvira falar naquilo?

— Este eu soube pelas folhas... — começou a contar o senhor de sobrecasaca.

O jovem estudante pediu licença e atravessou o grupo. Mas de tal maneira estavam as mulheres presas ao caso que o senhor de sobrecasaca contava (com tanta graça e tamanha precisão de detalhes!) que nenhuma reparou no jovem que passava. Uma, porém, afastada do grupo porque a sua idade, apenas vinte anos tinha ela, não lhe permitia ouvir ainda aquelas conversas, notou que o rapazola estudante possuía os mais belos olhos de quantos ela fitara e as mãos mais finas que ela já vira. Suspirou e pensou com tristeza que ele podia ter quando muito dezoito anos e ser apenas terceiranista. E ela se enganava ainda pois o estudante mal chegara aos dezesseis e não conseguira sequer se matricular na Faculdade por culpa da geometria.

Vai atento aos ruídos em torno, as conversas parecem ter um único motivo. Já antes tinham falado dessa cômica na república, nas ruas.[48] Que era de rara beleza, de uma graça irresistível, cantava como ninguém as dolentes canções da sua terra, era dona de um grande talento. Mas agora um rumor estranho vem de onde estão os estudantes, um rumor diferente, um nome que não é o dela. E, se esse rumor não chega a abafar as conversas do teatro e o seu constante motivo, muita gente já se volta para ver quem deu causa ao alvoroço dos estudantes. O rapazola se volta também e olha o mestiço troncudo e falador que entra cercado de um grupo que o ouve com respeito. De um canto qualquer, estudantes gritam pelo que chega, disputando a sua proximidade:

— Tobias Barreto! Tobias Barreto, aqui tem lugar.

Os gritos vêm das torrinhas e para lá marcha o mestiço que recebe sorridente o cumprimento do grave senhor de sobrecasaca. O jovem preparatoriano

continuou a andar para a sua cadeira e novamente, agora que o perturbador ruído da entrada do acadêmico cessara, seus ouvidos se prendem às conversas que vêm de todos os grupos sobre a primeira-dama da companhia.

— Para papéis ingênuos não há como ela...

— No entanto, na vida real, ela é bem diferente de uma ingênua... — comenta a senhora casada que exibe o mais vistoso vestido daquela noite.

O marido bate a luva na mão e sua voz é macia:

— Aí é que está o talento da artista.

— Quem lhe encomendou a defesa?

Há risos no grupo, o marido cerra romanticamente os olhos.

O jovem de cabeleira negra passa agora junto de dois rapazes que encostados a uma coluna falam sobre a beleza da ingênua:

— O nome é lindo...

O outro murmura como quem sonha:

— Eugênia Câmara...

E descerra-se o pano e ela enche o palco. Que disseram dela? Quanta coisa ele ouvia quando atravessava o teatro, e, antes, nos comentários dos colegas na república, nas conversas com os amigos na rua, quanta coisa de bom e de ruim falaram sobre ela... Que importava? Só importava saber que ela estava naquele palco e cantava e a sua voz era como a brisa sobre o mar, e o seu rosto...

Como seria mesmo o seu rosto?

Haveria no mundo alguma coisa, flor, estrela ou deusa, que pudesse ser comparada ao seu rosto? Talvez haja estudantes em torno, talvez esse teatro esteja cheio, talvez ela não cante só para o estudante que não é sequer acadêmico. Mas a verdade é que só ele a vê, só ele não pensa na cômica, na ingênua, na arruinadora de lares, na provocadora de facadas e rixas, nem mesmo na grande artista, nem mesmo na mulher tão bela. Para o rapazola de dezesseis anos que está na primeira fila do teatro ela é a amada, bem mais que a flor desabrochando na madrugada, bem mais que a pérola brilhando no fundo misterioso do mar, bem mais que a estrela iluminando a noite. Não, não há mais ninguém nesse teatro onde Eugênia Câmara canta tristezas do amor, doces tristezas do amor, não há mais ninguém além de Castro Alves.

Amiga, há alguma coisa no coração de cada um de nós que percebe imediatamente que a amada chegou, aquela que será a única e a definitiva, aquela que antes procuramos em todas as que a precederam e da qual as demais, as que porventura a sucederem, serão apenas a saudade. Quando ela chega é como se o dia amanhecesse, como se nascêssemos de novo. Assim foi quando eu te vi pela vez primeira e senti que vinhas de longe, de qualquer porto em qualquer barco, para a minha vida. Assim foi naquela noite de teatro quando um menino de dezesseis anos sentiu que a sua amada chegara e que seu coração estava irremediavelmente ligado a ela. Ele era um preparatoriano que a geometria perseguia, um estudante que começava a escrever versos, ela era uma grande atriz, de nome feito, gloriosa e bela, não era chegado ainda o momento de se ligarem.[49] Mas desde aquela noite, amiga, ele a teve guardada no seu coração e quando ela o amou, anos depois, e lhe fez presente do seu corpo e deu-lhe a sua beleza para que ele a imortalizasse com seu gênio, ele não a amou mais do que naquela noite em que nasceu novamente para a vida ao encontrá-la.

Era um menino que cedo descobria o seu amor como já começara a descobrir o seu caminho. Foi nesse mesmo ano de 63 que ele conheceu Eugênia Câmara e escreveu “A canção do africano”. Tudo na vida de Castro Alves aconteceu antes que na vida dos demais homens porque para o gênio não existe a medida do tempo, ele não vive uma experiência sua e sim a experiência de um povo. Tudo se sucede muito rápido porque muito o gênio tem que deixar, na sua passagem. Aquele que viveu apenas vinte e quatro anos e foi o maior momento do seu povo,[50] a mais bela e poderosa experiência do Brasil, cedo estava maduro para o amor e para a luta. Aos dezesseis anos encheu seu peito com a amada e com os escravos. Ela só viria para o seu leito algum tempo depois, quando sua força de homem tivesse se realizado totalmente. Também a República, os sonhos de vida futura, as sociedades abolicionistas, os comícios em praça pública, só algum tempo depois chegariam, quando o seu gênio tivesse atingido sua plenitude e ele fosse não apenas o poeta do seu povo mas também o profeta do seu povo. Porém naquele ano de 63, na cidade de Recife, ilustre de tanto sangue derramado pela liberdade, onde a inteligência se acostumara a se misturar com a multidão, ele ergueu pela primeira vez para o amor e para a liberdade a sua voz, com uma pujança que já trazia a marca do gênio.

Em maio a noiva de toda a sua vida, a liberdade, tem o primeiro canto do seu

poeta em “A canção do africano”, e em junho Eugênia Câmara, amante de toda a sua vida, é a inspiradora de “Meu segredo”. Esses oito anos que se vão seguir, amiga, são os oito anos mais importantes da nossa história de povo. Neles, Castro Alves construiu sua obra, escreveu coisas eternas, cantou para o Brasil a liberdade e o amor, ensinou aos homens do seu tempo e aos que viriam depois que esses são os bens da vida e que, sem eles, não vale a pena viver, não há dignidade nem beleza na existência. Nesses oito anos ele acumulou para nós séculos de experiência e de cultura, nos enriqueceu e nos dignificou.

O ano anterior tinha sido cinzento e triste, era um rapaz indeciso, de exames perdidos, numa procura atormentada. Castro Alves procura desesperado o seu caminho sem o encontrar. De São Paulo se projeta sobre o país o espetáculo de Álvares de Azevedo, Byron do Sul, demoníaco, trágico e suicida. Aquele era um caminho, a mocidade o quer seguir, o irmão de Castro Alves, que estava no Rio tentando um curso de engenharia, é um dos seus discípulos. A tuberculose e a morte, o amor impossível, a desgraça e a tristeza. A loucura faz esquecer a vida, a triste comédia da vida.

Mas Castro Alves não nascera para seguir os caminhos abertos por outros, mesmo quando esse outro fosse um Álvares de Azevedo. Sua estrada teria que ser aberta por ele mesmo e ela seria não a pregação da inutilidade da vida, da desgraça sobre a terra, mas um canto de esperança no futuro, o louvor da liberdade. Em São Paulo um poeta se encerrara na mais bela de todas as torres de marfim e cantara as tristezas da terra, a desgraça do amor e o seu irremediável. Era o poeta da morte, mocidade que se entregava sem luta. No Recife,[51] no Recife das revoluções, uma outra voz se altearia. E cantaria as belas coisas do mundo e pregaria o aniquilamento daquelas que impedem a felicidade do homem. Essa seria uma voz de esperança, um clarim clamando para a batalha, uma voz masculina. Havia no poeta de São Paulo alguma coisa de feminino, aquela castração que todo o excessivamente artista sofre na sua condição de homem. Castro Alves era mais que um grande artista, era um gênio, a sua virilidade não seria atingida pela poesia, se misturaria na sua obra, ele podia ser um condutor de massas, um líder. O outro seria apenas um cantor genial tão caro ao coração dos homens como uma bela mulher que vai morrer na plenitude de

sua beleza. Castro Alves não. Nele os homens veriam outro homem, um homem que sabia mais, que estava adiantado no tempo, que poderia ser seguido porque a sua estrada era a do futuro. Álvares de Azevedo abriu alamedas onde pés de namorados esmagavam as flores e descriam da vida. Castro Alves rasgou os caminhos do futuro; é pelas suas estradas que marchamos hoje. Largos caminhos para os amantes, largos caminhos para os lutadores.

Antes porém que encontrasse o seu caminho, que o começasse a construir, o poeta viveu a indecisão e o sofrimento das primeiras experiências. As desgraças da vida caíram sobre ele e, em vez de o tornarem um suicida, fortaleceram seu ânimo, fundiram o aço da sua espada. Luta contra os mestres rotineiros, o irmão enlouquece, o seu caminho é o caminho da morte, um dia se envenena. O dr. Alves morre também. Castro Alves escreve sobre as mulheres: “ela me diz que o seu coração é meu, mas eu penso que é do vento”. Assim está ele nesse momento em que a tormenta envolve sua vida e a cerca de tristeza. Se ele não fosse um gênio começaria então a percorrer os caminhos de Byron e de Álvares de Azevedo, transformaria sua amargura em versos de rara beleza, esqueceria que os escravos morriam nas senzalas à espera da liberdade, que a República era um sonho à espera do seu poeta.

Em 63 o rapazola de dezesseis anos desenha, faz versos, fuma na rede, sofre. Tudo é treva na sua frente, não sabe para onde se dirigir. Do fundo dos engenhos de Pernambuco vêm gemidos longos de escravos. Não são homens, são animais que se compram e se vendem, carne que se transfere de dono, alimária para negócio. Há crianças e jovens belas, há velhos de carapinha branca e velhas de flácidos seios que alimentaram gerações. Serão mesmo homens? Álvares de Azevedo acreditou que não, que eram alimárias, bestas de carga, não valiam um verso. Que eram eles diante da eternidade da morte, do mistério da morte, dos sutis sofrimentos do artista? Ah!, que vale a vida desgraçada de um negro, amiga, que valem as marcas de chicote no seu lombo, que valem as suas lágrimas, se o artista tem um problema que o faz sofrer e que lhe dará um soneto precioso? Fechemos os olhos para isso tudo, voltemo-nos para nós mesmos, para a nossa desgraçada condição de homens, isso quer nos ensinar a voz que vem de São Paulo desoladoramente bela. Castro Alves ouve essa voz, o rapazola de vida cinzenta e de dramas familiares tem também seus problemas de artista. Mas, amiga, a voz que vem das senzalas é mais forte, atravessa a cidade do Recife,

sobrevoa o mar, morre nos rochedos que o vento abraça. Essa voz pede justiça e liberdade. Essa voz pede vingança. Os homens passam indiferentes como passariam junto de um rebanho a mugir. É preciso que alguém dê a força convincente da beleza a esta voz verdadeira. É preciso que alguém transforme esses lamentos e esses rugidos em um clamor de tal maneira poderoso que os homens parem e vejam, e compreendam, que não são alimárias que sofrem, são homens como eles, mais desgraçados apenas.[52]

Entre os que estão vivos e cantam a morte e entre os que mais mortos que vivos desejam viver a liberdade, o rapaz de quinze anos procura o seu caminho. Irá ele ser mais um cantor melancólico e desesperado ou partirá para o meio do povo e o levantará?

Amiga, mais forte, mais poderosa e mais bela que a voz maviosa do poeta que canta em São Paulo é a voz que chora nas senzalas do Recife. Porque não há nada mais belo que a voz do povo. E o gênio é aquele que a interpreta, que lhe dá forma, o que vai na frente de todos os que clamam. No Sul cantavam, no Norte ele ia começar a clamar o seu clamor, gritos e apóstrofes de vingança, ameaça e profecia, seria o mais lindo canto do seu tempo.

Nesse ano de 63, tão importante, no meio da sua indecisão e da sua cinzenta tristeza, na tentação dos fáceis caminhos da arte pela arte, ele enxerga pela primeira vez aquela que lhe permitirá ser a maior voz lírica da poesia do Brasil, conhece o corpo de fêmea que nasceu para morrer mil vezes de amor ao contato do seu corpo de macho, e também pela primeira vez sai da sua indecisão para tentar dar forma aos gemidos dos escravos, para começar a historiar em versos a tragédia da escravidão. O amor e a liberdade surgem na sua frente nesse ano e ele então sente que o vêm buscar, que vêm pedir a sua vida. Suas mãos são ainda de criança, sua voz ainda é uma fraca voz juvenil. Mas de súbito, nesse milagre que só o gênio do povo realiza, ele se encontra, vê claramente com seus belos olhos que ali está o seu caminho. Um dia a liberdade acabará com o gemer dos homens e então, amiga, sobre a terra que os outros poetas não enxergaram, serão ouvidos apenas os gemidos do amor, os doces queixumes do amor.

Essa é a lição que nos ensina hoje Castro Alves, ó minha amiga do cais, que trazes a paixão da liberdade no peito e o fogo do amor nos olhos claros.

H

O Século é grande... No espaço
Há um drama de treva e luz.

era agosto lá fora, amiga, chuva sobre os canaviais e sobre as senzalas, sobre o casario do Recife, sobre as suas pontes e seu porto. Mas na alma do estudante ia um sol de primavera. A Faculdade o conhecerá nesse dia de agosto. Ainda não haviam tomado perfeito conhecimento desse estudante de dezessete anos, belo e cheio de vida, autor de versos de amor, e que certa vez declamara no teatro. Declamara de um camarote saudando Furtado Coelho, ator ilustre da época.[53] Tinham-no ouvido, por um momento haviam se preocupado com ele. Mas logo o esqueceram, apenas os íntimos e as mulheres às quais dedica sonetos sabem que ele é alguém.

A Faculdade está cheia de Tobias Barreto, do seu verbo, da sua boêmia, da sua cultura. O sergipano dedilha violão e sabe latim. Todos os extremos se tocam nesse filho do árido sertão de Campos, nascido do povo, marcado de complexos, para quem a vida é uma subida, uma dura subida. Ex-professor, ex-seminarista, já longe da adolescência, arrastando já na cauda do seu nome um monte de histórias e de lendas, improvisando maus versos e bons discursos, devorando livros e mastigando com fortes dentes a cultura mais nova da sua época, desconfiado e orgulhoso, homem da Faculdade e homem do botequim, trazia preso à sua complexa personalidade o entusiasmo dos estudantes em busca de um líder.

Os estudantes veem que nesse meio de século alguma coisa que existe e que até então era forte e poderosa, estremece nos seus alicerces. A palavra dos poetas

e dos tribunos é como o vento que sacode e balança até às raízes a árvore de tudo que é tirania. Atrás desse vento precursor virá o temporal do povo que lançará por terra todos os obstáculos que se lhe anteponham. O progresso é a palavra de ordem. É uma palavra que vem na literatura libertária de Hugo. Mas em torno dos estudantes é a escravidão dos homens negros, é o conservadorismo dos mestres da Faculdade, é o esmagamento das revoltas populares do Recife. Eles estão inquietos e querem um líder. E veem nesse mestiço que nasceu no meio do povo pobre do sertão sergipano, entre a poeira da terra ressequida e os espinhos da caatinga brava, que aprendeu à custa de muito esforço e de muita coragem, aquele que talvez saiba as grandes palavras que eles precisam ouvir. Há alguma coisa que deve ser dita e que só o povo é capaz de dizer através de seus intérpretes. Então não será esse homem do povo, nascido do povo, de sangue misturado e inteligência viva, o seu verdadeiro intérprete? Mas esse homem, amiga, se vinha do povo, caminhava para se colocar acima do povo. Saiu da sua classe e, se o seu orgulho o impedia de negá-la, seu desejo era ir além dela, ser um líder, porém da classe que, economicamente, lhe era superior.[54] Se aprendeu, lutou, venceu e se fez grande, foi sempre em função daqueles que não eram o povo, daqueles que não o queriam mas que eram sua inveja, que eram a visão que enchia seus olhos, o desejo que enchia seu coração. Ele não queria esmagá-los. Queria conquistá-los, fazer-se igual a eles, talvez maior que eles, se possível, talvez o seu líder.[55] Mas como não o queriam, não o amavam e desconfiavam da marca popular que ele carregava, ele então se punha contra eles, mas para que dele tomassem conhecimento, temessem o inimigo que ele poderia ser e o chamassem a si, lhe dessem o lugar que lhe competia. Era um falso líder do povo, mas os estudantes não o sabiam ainda. E estavam então de olhos inteiramente voltados para ele e não enxergavam que havia um outro estudante, adolescente de buço mal pronunciado, versejador de moças suburbanas, pequeno don juan quase infantil, que, se não viera do povo, para o povo marchava arrastado por uma força fatal. A sua voz era alta demais para cantar os motivos tantas vezes repetidos pelos que o antecederam. Ele precisava encontrar qualquer coisa tão grande como a grandeza do seu verbo. E só o povo tinha a altura do seu gênio, só o sofrimento do povo, os anseios do povo, os sonhos do povo. Tinham que se encontrar e se ligar da mesma maneira como numa noite de temporal a grande voz do vento se une à chuva pesada que desce dos céus e juntos

provocam as ondas do mar. Ele também iria deixar a sua classe, tinha tudo que ela lhe podia dar, achava tudo pequeno para a sua força. A ele tentavam as grandes empresas e os sonhos que fossem julgados irrealizáveis. Tobias partiu para a conquista de uma classe, ele partia para a conquista de todo um povo. Em realidade seu caminho foi mais árduo e sua coragem maior. Tobias lutava para subir, para conquistar um lugar. Castro Alves lutava para que os outros, milhares de desgraçados que nem tinham nome, subissem e conquistassem um lugar eles também. Vindo do povo, Tobias nunca quis voltar os olhos para o drama da escravidão, jamais quis sonhar loucos sonhos para o futuro. Fugia daquilo de onde vinha, para ele era como uma mancha, uma marca de ferro em brasa. Para Castro Alves, não. A serviço dos que serviam pôs a sua voz e o seu braço. Era bem mais áspera, bem mais dura sua subida.

Mas até aquele dia de agosto, amiga, a Faculdade e com ela a cidade e o país nada sabiam desse moço que ouvira o chamado do povo, poderoso como nenhum outro chamado, que aprendera no coração dos escravos e no coração dos homens da rua as palavras da abolição e da República. Vagamente falavam dos versos de amor que ele escrevia e que os amigos saudavam com entusiasmo. Talvez estivesse ali um outro Casimiro de Abreu, ou mesmo um Álvares de Azevedo, quem sabe? Mas não era isso que os estudantes da Faculdade e o povo nas praças e nas ruas desejavam e pediam. Queriam mais que isso, queriam alguém que soubesse do amor mas soubesse também da liberdade, que cantasse as mulheres mas cantasse também a multidão, que soubesse fazer a sua voz ciciar as mais doces palavras de amor mas que soubesse gritar também as palavras de ódio e de vingança.

Era em agosto, amiga, e o salão nobre da Faculdade reunia estudantes e mestres, famílias ilustres da aristocracia provinciana, comerciantes enriquecidos, poetas e jornalistas. Numa mistura estão todos os que representam um pensamento e uma ordem de coisas estabelecida e aqueles que ainda não sabem bem o que querem mas que desejam alguma coisa nova. Vai pelo mundo uma ânsia de renovação, novas ideias surgem, apóstolos divulgam doutrinas novas. Na Europa há uma fermentação intelectual que abala as tiranias. “Toda noite — tem auroras”, escreveu Castro Alves e no meado daquele século os homens

começavam a sonhar uma aurora para a noite em que o mundo vivia. Os estudantes estão inquietos, há alguma coisa que desejam aprender, mas essa coisa não lhes pode ser ensinada pelos velhos mestres de direito. Só um homem que venha do meio do povo, que tenha adivinhado as palavras que ele quer dizer, pode ensinar aquilo que os estudantes querem aprender.

Fazem discursos e declamam versos. Nesse dia, amiga, os calouros da Faculdade, atravessado meio ano escolar, passam a ser considerados verdadeiros acadêmicos, livres da perseguição dos mais antigos, das brincadeiras, dos trotes, das pequenas humilhações. Nesse dia vão lhes dar a sua carta de alforria.

Porém acontece alguma coisa maior nesse ano. É toda a Faculdade, é toda a gente do Recife, toda a gente do Brasil, que recebe a sua carta de alforria. Esse dia não marcará uma divisão no tempo apenas para os calouros. Toda a Faculdade vai viver de agora em diante dividindo o tempo entre antes do dia em que Castro Alves declamou “O século”, resumo da tirania sobre o mundo dominado, grito de esperança na liberdade que há de vir, e depois desse dia. Foi como se uma luz brilhasse de repente, foi como um milagre.

Fazem discursos, declamam versos. Há palmas, alegria, risos, aplausos de quando em quando. Mas eis que um jovem se levanta, a fronte pálida, a cabeleira negra, belo como o mais belo sonho de uma mulher. Sua voz é forte e vibrante, corta toda a sala, atinge cada canto, ressoa em cada inteligência e cada coração. Vem falar sobre o século, esse século de tantas vozes admiráveis e de tanta tirania sobre o mundo. De tanta luz e de tanta treva. E é o que diz a sua voz, a princípio ainda tímida:

O século é grande... No espaço
Há um drama de treva e luz.

Os estudantes esperam. Que virá desse moço, que tem ele a dizer? Que drama será esse, onde a treva, onde a luz? E eis que logo após ele lança a palavra que será sempre a sua palavra preferida: liberdade. Diz que “como o Cristo, a liberdade sangra no poste da cruz”. Os estudantes, os homens da rua que ali estão, ficam mais atentos. Esse moço tem alguma coisa a dizer e talvez mesmo a ensinar. Os mestres de direito, os aristocratas e os negociantes ricos ficam ligeiramente incomodados. Evidentemente é leviandade de um jovem trazer

Cristo, tão bem guardado nos altares, para uma imagem perigosa com certa coisa asquerosa como a liberdade.

Mas eis que a voz do estudante se alteia ainda mais, se eleva e atinge o mais profundo do coração dos homens. Já não fica no salão nobre da Faculdade. Atravessa as janelas e ressoa na rua para perguntar se o "ronco estrídulo, feroz" que "às vezes quebra o silêncio" do século

Será o rugir das matas,
Ou da plebe a imensa voz?...

Os estudantes se entreolham. Então existe uma voz da plebe, esses homens rotos, suados rebotalhos de gente têm uma voz? Alguma coisa já lhes ensinou o jovem estudante. Por isso talvez os mestres se olhem também mas com torvos olhares como quem descobre sob as vestes uma víbora pronta a morder. Os estudantes não esquecerão mais esse jovem de cabeleira negra e poderosa voz. Tampouco os mestres o esquecerão. Ele o saberá por ocasião dos exames do fim do ano.[56]

Mas que importa o ódio dos velhos mestres a quem fala do futuro? Ele pergunta agora ao seu auditório que é toda a Faculdade se a terra treme por assistir nesse século "às vascas da agonia da liberdade no chão" ou se porque "do povo o braço ousado que, sob montes calcado, abala-os como um Titão?". Sim, esse é um século onde é negra a noite mas esse estudante já sabe que "a liberdade não morre" e que ressurgirá da sua agonia. Já não é possível distinguir no tremor da terra o que o motiva: se a tirania, a opressão dominante, se o povo, a liberdade que se levanta. Agora os estudantes aplaudem porque ele disse que "toda noite tem auroras" e na sua palavra eles anteveem a aurora de uma manhã de liberdade, veem o caminho a seguir, veem que o futuro é belo.

Ele descreve agora a noite do século. Em toda a parte, na Europa e na América, a tirania assenta a sua bota sobre o povo. Fala na Polônia esmagada, em Roma sob o pesadelo dos reis e dos papas, na Grécia que espera Byron enquanto:

Napoleão amordaça
A boca da populaça.

Fala na Hungria, exposta como um cadáver, vendo Kossuth foragido e fala do México, que está sob um governo europeu, o México — “vasto filho independente da liberdade e do sol” — que ouve a voz de Juarez, o índio, que lhe diz: “Espera o arrebol”.

Sim, é uma negra noite essa noite do século. A opressão esmaga a liberdade na Europa e na América. Mas não é só isso que vem dizer o moço poeta que declama no salão da Faculdade ante o entusiasmo dos estudantes e o escândalo dos professores. Ele fala também de uma aurora que vem, no “sol das liberdades que espera por Josué”. Diz que os escravos podem se transformar em bravos e ensina, àqueles que no futuro tenham de fazer as leis, esta lição: “levantai um templo novo, porém não que esmague o povo, mas lhe seja o pedestal”. Ensina que o povo, e só ele, é eterno e é rei: “Não calqueis o povo-rei”. Essa é a grande frase do seu poema, é a grande verdade da sua lição desse dia. Porque, ele continua, toda lei que é feita contra o povo, feita para servir a poucos com o sangue de muitos, não durará. O povo “virá partir-vos a lei”, se essa lei estrangular a liberdade.

A Faculdade está suspensa das palavras desse jovem. A beleza dos seus versos, a verdade das suas afirmações. Antes havia alegria, palmas, risos, agora há entusiasmo, os estudantes vibram, os aplausos parecem não querer cessar. Os mestres e os aristocratas não aplaudem. Aquelas palavras de fogo enchem a sala, lançam um incêndio que se estenderá pelas ruas e pelas cidades, pelo país inteiro. Delas sairá um dia a abolição, sairá a República.

Os mestres se escandalizam ao máximo, os estudantes aplaudem como nunca aplaudiram porque agora Castro Alves grita:

Quebre-se o cetro do Papa,
Faça-se dele — uma cruz!
A púrpura sirva ao povo
P’ra cobrir os ombros nus.

E por último lhes ensina uma lição de heroísmo, lhes ensina a morrer com coragem porque “quem cai na luta com glória, tomba nos braços da história”.

O casarão treme ao vibrar dessa voz que se faz ouvir pela vez primeira. Nunca voz assim ressoara nessas paredes, jamais por estas janelas partira para as

ruas o eco de palavras como estas. Alguma coisa aconteceu nesse dia de agosto. O estudante desce da tribuna, os aplausos não cessam. Os estudantes bem sabem que ele não terminou. Que Castro Alves apenas começou, que esse dia é o início de uma jornada, é o começo de uma aurora.

Foi em agosto, amiga, que eles o encontraram, encontraram o seu líder. Seguiram-no, então, jamais o deixaram. Todos os jovens, todos os que tinham um sonho de liberdade no coração. Desde então, amiga, desde aquele distante dia de agosto que nós todos o seguimos, os jovens de então, os de hoje também. Enquanto houver luz e treva, tirania e liberdade, ele será o nosso líder, aquele que vai na frente e abre os caminhos pelos quais marchamos.

I

E a casa branca à beira do caminho
Era o asilo do amor e da poesia.

preparara “o século” e uma grande parte de *Os escravos*, seu livro para o irmão negro, poema de dor e de revolta, num subúrbio do Recife, Santo Amaro, numa casa branca, escondida entre flores na rua do Lima. Amiga, uma mulher, a primeira entre as que se entregaram por completo à sedução do seu amor, que lhe deu corpo e alma, enchia a casa com a sua presença. Idalina se chamava ela, era formosa, de olhos brandos e de suave voz. Amava cantar para o poeta, nas noites de luar, barcarolas sentimentais. Viviam num idílio permanente, ora no campo próximo, ora no leito onde ela se fazia ainda menor para o desejo dele. Era a sua primeira amante, antes houvera apenas o idílio infantil com Leonídia, namoro juvenil depois, na sua volta a Curralinho em 64, namoro onde apenas os seios da amada foram divisados naquelas noites pesadas do sertão. Leonídia passa em sua vida como a que talvez mais o tenha amado sem ter sido dele totalmente. Deu o quanto ele lhe pediu. Seu seio, seu calor, nunca ele quis tomar dela como de uma amante. Mesmo na última etapa desse amor, quando ele ia partir para a viagem derradeira, quis dela apenas essas furtivas carícias roubadas no escondido de um balcão de onde pendia uma escada. Talvez pensasse que, se tomasse a virgindade dela, sacrificaria a sua vida. Nem ele mesmo tinha completa consciência da sua força! Nem ele mesmo adivinhava que ela não resistiria ao golpe da sua morte. Que enlouqueceria e trancaria para sempre o seu corpo que ele não possuiu. Deste namoro vem ele para a realização sexual de Idalina. Esta, amiga, é compreensiva e doce, nada mais quer senão

cantar para o seu poeta, descansar no seu colo a cabeça febril do criador que vem de encher de versos as folhas de papel. É ela a primeira a se entusiasmar com as palavras que ele escreve. E depois, como negar a quem diz tão lindas coisas o presente do amor? O largo leito os recebe para a festa da posse.

De onde ela viera?[57] Ele a encontrara um dia, os olhos doridos, aqueles olhos mansos que ele cantaria. Era pura, quase uma menina, no meio do vício, era alegre no meio da tristeza. Rira com ele, bastou uma palavra sua para que o seguisse. Talvez ela a princípio tivesse pensado apenas que ele era um menino ingênuo, desses que se apaixonam liricamente pelas cortesãs. Mas logo viu que ele era um homem, apenas melhor que os outros homens. Um homem que vira nela aquilo que estava sob a capa de mulher fácil: a menina tímida e boa, ansiando por um lar, desejando amor.

Ela vivera antes na rua pobre do pobre bairro distante. Moça gentil e modesta, longos cabelos soltos, a beleza pulando dos vestidos miseráveis. Os homens fitavam-na com os olhos cobiçosos de desejo, ofereciam-lhe riquezas e venturas em troca do seu pequeno corpo gracioso, do seu sorriso entre tímido e sensual, do seu colo alvo de leite. Ela ia, porém, de amante em amante sem enxergar sequer os homens que a tinham, sem que eles realmente a possuíssem pois seu coração estava muito longe daqueles amores que o dinheiro pagava. Era quase uma menina, nem sabia como chegara àquela vida. Um dia um homem passara na sua porta, acenara-lhe com um mundo mais belo e mais feliz. Ela era triste na pobre casa materna, de pão difícil e de difícil alegria, onde a sua beleza era um milagre que se renovava cotidianamente. Na melancolia da miséria familiar o espetáculo da sua beleza era como a vida florescendo num charco, flores num cemitério. Além do seu bairro, da sua rua pobre e mal iluminada, estava a cidade do Recife barulhenta e convidativa, onde a vida parecia ser um presente bom, muito diversa do cortejo de desgraças da sua vida pobre. De raro em raro uma mulher da cidade aparecia por ali e era uma festa para Idalina que lhe devorava os vestidos com o olhar, que a invejava em silêncio, que sonhava em um dia ser assim, ter também ela daqueles vestidos e daquela alegria.

A rua triste adormecia no crepúsculo, dormia no cansaço da labuta do dia, mas na sua cama de solteira Idalina não dormia. Sonhava de olhos abertos, tantas vezes molhados de lágrimas incontidas. Sonhava a vida que estava tão próxima e tão distante na cidade mais além, nos homens bem-vestidos, nas mulheres de

ditoso sorriso. Seu destino era aquele, a cidade a chamava com os ruídos dos risos, do espocar das garrafas, com o tilintar das campainhas dos teatros, com os rumores todos que atravessavam as ruas ricas e vinham morrer no silêncio noturno da pobre rua de Idalina. Ela abria a janela e através da escuridão sabia distinguir as lâmpadas de iluminação da cidade, das estrelas do céu. Fitava as luzes distantes, ouvia o rumor da vida. Seu coração batia mais rapidamente no seu peito, as lágrimas rolavam sobre a sua miséria.

Um homem passou, não era moço mas parecia ainda assim um príncipe. Ao ver Idalina foi como se tivesse achado uma flor em meio a um charco. Soube falar-lhe da cidade que ela amava, da vida que lá se desdobrava. Ofereceu-lhe em troca da sua beleza o presente da cidade que cairia aos seus pés. E Idalina foi com ele, era o seu destino.

Mas, amiga, se ela encontrou flores e risos, luzes e vida, não encontrou alegria, seu coração se tornou cada vez mais triste. Os homens se sucediam na sua vida, ela lhes vendia a sua beleza para vestir seu corpo, mas Idalina não fora feita para se vender, ela desejava se dar por amor. E o amor não surgia na sua frente, o seu amante não vinha jamais. Que importava que fosse rica a casa, iluminada a rua, maravilhosas as mulheres, que houvesse teatro, que as festas fossem ruidosas? Idalina era mais desgraçada ainda que na rua pobre onde se dormia com o crepúsculo e se acordava com a madrugada. Lá pelo menos havia lugar para o sonho, para o imaginar de coisas belas, para a esperança de uma vida melhor. Agora nada mais lhe restava. A vida que sonhara era uma vida infeliz e sem alegria. Não sentia o perfume das flores, não achava sabor nas bebidas caras, perdera o seu sorriso entre tímido e sensual. Menina e moça, Idalina se sentia velha e cansada.

Um dia, porém, um jovem, uma criança quase, a conheceu. E tratou-a como se fosse ela uma jovem que nada soubesse da vida, casta e pura. Disse-lhe lindas palavras sobre os seus olhos sonhadores, fez versos sobre os seus cabelos. Era quase um menino mas tinha o ímpeto de um grande homem. Ninguém sabia ainda o nome de Castro Alves quando Idalina o conheceu e de súbito o amou. Ele tinha dezessete anos, ela dezoito. Mas ele já tinha a experiência da desgraça, seu coração havia se acostumado ao sofrimento. Era sonhador e bom, ardente e impetuoso, sua vida era sonhar a liberdade dos negros, era clamar contra os homens maus. Ela o acolheu como uma irmã mais velha acolhe um irmão órfão.

E não titubeou quando ele a convidou a abandonar tudo para fugirem em busca de um ninho de amor. Num subúrbio do Recife, entre flores e pássaros, ela sentiu então que havia felicidade no mundo, que os dias eram belos e as noites tinham todas elas a graça do luar se ele estava ao seu lado. Logo depois era ela quem era como uma órfã que ele houvesse acolhido. Porque aquela criança de olhos grandes e imensos sonhos dominava, como nenhum outro homem seria capaz de dominar, o coração de qualquer mulher.

Os olhos de Idalina, que já não tinham esperanças, renasceram e Castro Alves nos fala, negra, "daqueles olhos brandos" e daquele seio onde "era doce um pipilar d'anelos". Foram meses em que a pobre moça que duas vezes já desesperara da vida se refez e acreditou na beleza da existência. Aquela criança um pouco louca nos seus sonhos e tão gentil e ardorosa no seu amor fez com que Idalina acreditasse em todos os homens e em todas as alegrias. Na pequena casa suburbana o poeta começava a realizar a sua obra, a escrever os seus primeiros grandes versos.[58]

"Asilo do amor e poesia", foi assim, amiga, que ele chamou a casa da rua Lima. Duas crianças quase, que as mulheres vizinhas julgavam noivos ao vê-los passar de mãos dadas pela maciez das tardes. Amantes, cantavam os passarinhos ao vê-los derrubados no grande leito da alcova, rindo um para o outro.[59] Esses meses de amor foram também meses de trabalho. Ele começa a imaginar e a escrever *Os escravos*, livro que só depois em São Paulo e na Bahia haveria de completar e que só seria reunido em volume após a sua morte. Vindo do espetáculo do sofrimento dos escravos, se recolheu ao seu ninho de amor, para poder dar forma àqueles lamentos chegados das senzalas. Encontrara uma moça no seu caminho, se arrimara no seu braço, sob a carícia do seu olhar começou o seu poema. Eles chegaram, amiga, com a primavera e com os passarinhos:

Um dia Eles chegaram. Sobre a estrada
Abriram à tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das trêmulas lianas.

À noite ela vinha ao piano, os sons se perdiam no subúrbio pouco habitado. O poeta repousava a cabeça no seu colo, dizia-lhe os versos que havia escrito. E a

pequena casa se enchia de súbito com espantosas visões de homens negros, se enchia de palavras grandiosas, já não era uma pequena casa de subúrbio, um mundo nascia nela. Idalina se fazia mais pequena, a força que vinha do amado quase a esmagava. Que importava que ainda ninguém o conhecesse? Ela tem certeza de que o irão amar doidamente quando a sua voz começar a ser ouvida. Toca para ele, para descansá-lo do trabalho. Afoga as mãos na densa cabeleira negra do poeta, beija seus olhos, acalma a sua febre.

Em torno era o campo com pássaros trinando. Ali dentro o calor daquela presença feminina. Parece que ele esqueceu a Faculdade, o burburinho do Recife, os teatros, a glória que quer conquistar. Apenas trabalha:

E como o cáctus desabrocha a medo
Das noites tropicais na mansa calma,
A estrofe entreabre a pétala mimosa
Perfumada da essência de sua alma.

Dentro da noite de luar, que invade a janela, o poeta cria. Dá voz à dor dos seus irmãos, escreveu um poema imortal:

O Poeta trabalha!... A fronte pálida
Guarda talvez fatídica tristeza...
Que importa? A inspiração lhe acende o verso
Tendo por musa — o amor e a natureza!

Em versos que muito depois ele escreveu, quando se despedia da vida e recordava suas amadas, deixou-nos saber, amiga, o doce viver daquele tempo. Idalina e *Os escravos* enchiam as suas horas. Preparava as armas com que se lançaria em breve na luta da abolição. Mas teria conseguido prepará-las se não tivesse ao seu lado, nas noites de trabalho, a presença de Idalina? É ele mesmo quem nos fala dessas noites.

No entanto Ela desperta... num sorriso
Ensaia um beijo que perfuma a brisa...
...A Casta-diva apaga-se nos montes...

Luar de amor! acorda-te, Adalgisa!

E na madrugada que rompia, lidos os versos que ele escrevera, os dois se entregavam um ao outro, “eram mais dois clarões — na primavera”.

Na noite em que ele saiu, muito belo,[60] as mãos finas, nervosas e bem tratadas, a negra cabeleira, os olhos grandes, uma emoção a tornar-lhe mais sedutor o rosto, em caminho da Faculdade onde iria declamar “O século”, ela ficou de coração suspenso, a esperá-lo. Sabia que aquela noite era definitiva na vida do seu amante. Que, ou ele conquistaria de golpe a Faculdade inteira ou descreria da sua poesia, dos caminhos por que havia tomado. Foi uma noite de angústia para Idalina, amiga, igual às tuas noites tremendo por meu destino. Voltaria o seu poeta de coração magoado, suas palavras de fogo não seriam compreendidas? Ou voltaria glorioso, mais belo ainda do que partira?

Ela bem sabe, seu coração lho diz, que se ele vencer ela será sacrificada. Que o levarão para longe dela, o destino dele não mais a comportará. Mas que importa? Não é Idalina quem importa. Importa é Castro Alves, é a sua poesia. Ela bem o sabe mas nem por isto deixa de tremer do receio de ele não ser vitorioso. Como todas que o amaram, ela o colocou acima da sua própria vida.

E a noite de amor que depois, quando os que vieram com ele, trazendo o novo campeão da Faculdade, se foram, a noite de amor que depois ele lhe dá, compensa aquela certeza de que não tardará ele a partir. Mas restar-lhe-á a alegria de ter sido a primeira a dar seu corpo para nele Castro Alves repousar do seu trabalho.

Mas nessa noite de triunfo não vêm com ele apenas os conhecidos de sempre. Se falta Maciel Pinheiro, preso nas catacumbas da Faculdade por ordem dos mestres devido à sua esplêndida irreverência de linguagem, vem com Castro Alves um estranho rapaz, louro e de trajes desarrumados, magro e de um olhar profundo, um grande ar de sofrimento, as mãos um pouco trêmulas. Regueiro Costa e Augusto Alves Guimarães, os amigos mais íntimos de Castro Alves nesta época, tinham para o moço desconhecido atenções especiais. E o próprio

Castro Alves parece encantado de estar na sua companhia, de tê-lo em sua casa, da sua conversa.

Esse moço, que havia de voltar muitas vezes, pois a casa de Castro Alves foi a que mais frequentou durante a sua estada no Recife, era Fagundes Varela, o grande poeta da Faculdade de São Paulo. Castro Alves achava-o o maior do Brasil e naquela noite triunfal do Recife se encontram os dois e era o encontro de duas tendências poéticas, de dois ambientes. Nem por isso foram menos amigos, andaram menos juntos na cidade onde o outro era um quase desconhecido. Para o jovem que começava a sua carreira de poeta do povo, de cantor dos escravos, de precursor da abolição e da República, o poeta de São Paulo, já de nome feito e com certa lenda a coroar-lhe a fronte, era a personificação de tudo aquilo que lhe contavam sobre a boêmia de São Paulo, os loucos desvarios sensuais dos estudantes, as semanas passadas trancados em casa de rameiras, as fúnebres procissões realizadas à luz dos archotes em direção ao cemitério. Varela era um dos líderes desses poetas e desses estudantes, um dos maiores entre eles, e dele se contava que nem o casamento o regenerara, que seu lar era a taverna, seu melhor amigo era o álcool. Mesmo essa sua viagem para o Recife tinha qualquer coisa de espantoso. Viajara a pedido do pai, mas, após um naufrágio, se deixa ficar na Bahia, dedicando-se a um esporte dos mais pitorescos: comprar papagaios, faladores ou não, que amarrava ao cinto com uma corda. E quando caía nos passeios, as pernas não mais o aguentando de tão bêbado, os papagaios ficavam a voar sobre ele, num espetáculo inédito para a cidade pacata, tão diferente do seu São Paulo das boêmias. Vem depois a pé para o Recife e aí não se adapta bem. Do Recife sua recordação melhor é a casa da rua Lima, onde Castro Alves escrevia *Os escravos*. Porque, também para Fagundes Varela, Castro Alves tem uma sedução poderosa. É o homem de uma nova era, o que vai iniciar uma escola poética. É o homem que começa a cantar os negros, a dar o melhor da sua poesia aos escravos. E a lira de Fagundes Varela não era tampouco indiferente ao sofrimento dos pretos.[61] Demais, num Recife sem escândalos, Castro Alves era o escândalo, vivendo publicamente com uma mulher sem nome e sem honra. Por tudo isso se estimaram os dois e mais que por tudo isso, talvez, porque, capazes ambos de admiração, estimava cada um a obra que o outro estava realizando. E juntos iam visitar Maciel Pinheiro e no seu cárcere planejavam sonhos, poemas, levantes, *meetings*, revoltas estudantis. Era

o passeio dos dois poetas diariamente: aquela visita ao amigo condenado pelos mestres reacionários. Declamam um para o outro os últimos versos escritos e, quando Fagundes Varela parte para continuar seu curso em São Paulo, o amigo que deixa no Recife é Castro Alves, o lar que fica para trás é a casa da rua Lima, com os pássaros e Idalina. E foi talvez se lembrando de tudo isso que Castro Alves, anos depois, ao escrever um poema recordando a figura da moça pernambucana, dá-lhe como epígrafe uns versos de Fagundes Varela, que a conhecera, que convivera com os amantes naquele tempo:

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pálidos compus,
Cercavam-me planícies sem beleza,
Pesava-me na fronte um céu sem luz.

Ergue este ramo solto no caminho.
Sei que em teu seio asilo encontrará.
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está.[62]

Sim, esses versos sem dúvida que encontrariam asilo no seio de Idalina. Porque ela não terá nenhuma palavra dura, nem gesto de ódio, quando ele quer partir. Ela bem sabia que ele seria arrastado pelo seu destino e a sua vida não a comportaria. Ele encheu seus primeiros dias na caminhada em busca da glória. Mas esta seria alta demais para ela, também a glória trazia de "outro clima os cheiros provocantes". Entre o amor puro de Leonídia Fraga e o desvario de paixão de Eugênia Câmara, ela surge como a sua primeira grande experiência amorosa. A ele deu a força da sua juventude cheia de desejos. Era preciso que os amigos viessem arrancá-lo do leito em que a amava para as obrigações dos exames. E dela se lembrará sempre, no fim da vida escreverá versos para ela e sabe que ela os entenderá.[63]

A casa da rua Lima cerrou as venezianas, os passarinhos deixaram de ouvir os gemidos de amor:

Hoje a casinha já não abre à tarde

Sobre a estrada as alegres persianas.
Os ninhos desabaram... no abandono
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver daqueles tempos?
Onde estão da casinha os habitantes?
...A Primavera, que arrebata as asas...
Levou-lhe os passarinhos e os amantes!...

Porque um dia, amiga, ele sentiu a tentação de outros climas. E partiu, abandonou a casa branca dos subúrbios pelos teatros onde Eugênia Câmara era como uma deusa. Idalina não viveu mais. Inutilmente procurou em outros homens o calor da voz do seu poeta, o ardor da sua paixão. Nenhum homem pôde encher o lugar de Castro Alves no seu coração. E se sua vida não foi mais desgraçada, se não abandonou a vida que sem ele era sofrimento, foi porque de tão poderoso que ele era, bastava a sua lembrança, a certeza de já ter sido dele, de já tê-lo possuído, para que seu coração se enchesse de paz e de ternura. Jamais o pôde esquecer, ele esteve sempre no seu coração.

Também na rua Lima, amiga, nunca mais houve alegria. Até os pássaros fugiram, que se foram os dois amantes. Era o destino dele, amiga, que o chamava:

Viajar! viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes.
A primavera desafia as asas,
Voam os passarinhos e os amantes!...

J

Que és tu, poeta? A lâmpada da orgia,
Ou a estrela de luz, que os povos guia
À nova redenção?

Eu fito o abismo que a meus pés fermenta,
E onde, como santelmos da tormenta,
Fulgem revoluções!...

amiga, recosta a cabeça no meu ombro, vou te falar da grandeza do poeta, daquilo que faz sua dignidade, a imortalidade da sua obra. Muitos, amiga, fogem para uma torre de cristal que por vezes é bela, tristemente bela. Esses fogem da vida e realizam sua obra fora do mundo e longe dos homens. Não têm olhos para olhar a dor e a miséria cotidianas. Fogem, que seus corações são covardes, ou vão servir, na degradação da sua inteligência, aos poderosos do dia. Esses, que tomam partido contra o povo e vão ajudar seus carrascos, perdem a sua condição de artistas porque é condição essencial da arte servir ao escravo contra o senhor. E aqueles que fogem e preferem fechar os olhos para o espetáculo da luta do mundo são igualmente repugnantes por mais belos que possam parecer. Acharás belo por acaso, negra, a um homem por mais lindo que ele seja, por mais formosura que tenha em cada um dos seus detalhes, se vires que ele se castrou a si próprio com medo de enfrentar o mistério do amor? Sua beleza será fatalmente falsa, foi roubada aos seios e às nádegas das mulheres. Assim são esses artistas que fogem do mundo, negra, e se trancam numa arte e num sofrimento mesquinhos. É uma pobre beleza, uma falsa beleza.

Suas vozes não têm vigor, são homens que se castraram com as próprias mãos. Não querem saber que há miséria e tristeza no mundo, só querem é solidão. São "a lâmpada da orgia".[64]

Mas há outros, amiga, esses são fortes como as mais fortes árvores da floresta. Estes enxergam o povo das ruas, seus dramas, seus sofrimentos. E dão forma e beleza a esses dramas e a esses sofrimentos. E clamam por vingança, e vão na frente do povo, e ao povo levantarão. Esses são totalmente artistas, que ser artista não é castrar a sua força, é possuí-la em toda a sua plenitude. Esses são "a estrela de luz que os povos guia".

Desses o maior no Brasil foi Castro Alves. Te direi, amiga, dos versos que escreveu nesse ano de 1865, na casa de Santo Amaro, no regaço de Idalina. O adolescente de dezoito anos começa a ser o maior homem da sua terra, a enxergar o drama que os outros não tinham ainda querido ver. Ele foi o poeta da abolição, da República e da liberdade. Além de ter sido o mais enternecido poeta do amor. Ao cantar seus cantos libertários teve, há quase um século atrás, palavras tão adiantadas no tempo que ele mais parece um contemporâneo nosso falando dos nossos problemas de hoje.[65] Nesse ano de 65 começa a escrever os poemas de *Os escravos*. Um dos poemas é de 63, que o problema lhe surgira ele ainda menino e o há de acompanhar toda a vida. Mais que o escravo só o preocupa a liberdade. Amiga, vou te falar desses versos, reclina a cabeça no meu ombro, deixa que se desatem teus cabelos.

É toda a epopeia, todo o drama, toda a tragédia de um povo. Em todos os sentidos ele a examina, a pesquisa e em todos os tons ele a canta. Porém quase sempre seu tom de voz é de revolta, é um clamor de vingança, a certeza de um futuro. Diante da mais negra das desgraças de então, ele não tem em nenhum momento uma palavra de pessimismo e de desânimo. É otimista e crê no futuro. Seu canto de dor é um canto de esperança. Ele não queria apenas lamentar a sorte dos homens negros, queria libertá-los. Seu canto não é um lamento, é um hino.[66]

Nesses versos de *Os escravos* está, em todos os detalhes, a tragédia cotidiana do negro no Brasil. Estão todos os personagens do sombrio drama. O senhor, o escravo, a mãe negra, o filho a ser vendido... Ele soubera ver a tragédia em todos os seus momentos. E após conhecê-la declara:

Oh! ver não posso este labéu maldito!

mas não foge, não cerra os olhos perante o espetáculo imundo e doloroso. Já que não pode ver, então é preciso terminar com ela:

Quando dos livres ouvirei o grito?
Sim... talvez amanhã.

Essa a marca de todos os versos abolicionistas que escreveu: a libertação, a procura deste amanhã, o clamar por ele. E, como, ao começar a campanha da abolição, ele era sozinho,[67] não tinha companheiros, então, amiga, clamou pelos grandes mortos do passado, aqueles que fizeram do país uma pátria, aqueles todos que tiveram um sonho de liberdade. Esses são os seus primeiros companheiros na campanha libertadora:

Do sul, do norte... do oriente irrompem
Dórias, Siqueiras e Machado então.
Vem Pedro Ivo no cavalo negro
Da lua pálida ao fatal clarão.

O Tiradentes sobre o poste erguido
Lá se destaca das cerúleas telas,
Pelos cabelos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrelas.

E o grande Andrada, esse arquiteto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão:
O vento agita do tribuno a toga
Da lua pálida ao fatal clarão.

E todos eles, trazidos dos seus sonhos heroicos para a realidade da escravidão, perguntam pela voz do poeta:

Aonde a terra que talhamos livre,

Aonde o povo que fizemos forte?
Nossas mortalhas o presente inunda
No sangue escravo, que nodoa o chão.

Ei-los como Castro Alves os apresenta ao país: de mortalhas enodoadas pela mancha da escravidão. E para ele e para os vivos também o poeta canta a tragédia. Negra, nesse tempo era moda se fazer literatura sobre o índio. Aqueles que não queriam ver o problema dos escravos iam buscar no índio a imagem da raça, cantavam-no, faziam dele o herói das suas páginas.[68] Castro Alves não quis fugir à realidade do seu tempo. Seu canto não seria para o índio perdido no recesso da floresta. Não fugiria com ele, estaria cara a cara com a vida. Seu herói é o negro. Canta-o desde a África:

Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende,
Como aqui, só por dinheiro.

e o acompanha passo a passo na sua nova terra, mais bela talvez, mais desgraçada com certeza. Canta-o em todos os momentos: na tragédia de nascer escravo e ser arrancado aos braços da mãe, na antítese da sua vida com a vida do senhor, na sua impossibilidade de amar e de ser amado, na sua velhice insultada e sem lar, na morte e também fugido na selva, bandido negro, pronto para a vingança. E não o canta apenas. Maldiz aquele que o escraviza, o vende e o compra, que o desonra e avilta. Maldiz o poeta que foge ao seu destino de cantor do povo. Maldiz o sacerdote que é um sustentáculo do senhor. Seu canto é completo, profundo e poderoso, estremeceu a escravidão nas suas raízes, levantou o povo.

Primeiro disse do sofrimento da mãe, escrava negra, a quem o senhor arranca o filho pequenino. Para ver esse sofrimento, essa angústia sem fim, drama de todos os dias, ele convidou a todos:

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,

Trocar tapetes e salas,
Por um alcouce cruel,
Vem comigo, mas... cuidado...
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.

Fez, porém, exceções, amiga. Que não viessem aqueles que estavam naturalmente incapacitados de sentir a desgraça do negro e de com ela se solidarizar: “tu que achas triste às vezes a própria festa, tu, grande, que nunca ouviste senão gemidos da orquestra”, esses não precisam vir que não poderão compreender jamais “como rasgam-se as entranhas de uma raça de novos Prometeus”.

Vamos nós também, amiga, que nossos pés estão acostumados a estas caminhadas e nossos olhos a estas visões. Eis a cena: uma mãe negra igual a uma branca, por mais incrível que pareça!, adormece o filho e canta para ele. É suave a sua canção, cantiga de ninar. Na estrada um rumor de cavalhada. São homens que chegam para ver o senhor. Outros senhores que querem comprar escravos. O poeta os descreve:

Figuras pelo sol tisnadas, lúbricas,
Sorrisos sensuais, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O rebenque prateado
Do pulso dependurado,
Largas chinelas luzidas,
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.

Junto ao miserável leito do filho a escrava treme. Os senhores vieram para o negócio mais rendoso da época: a venda da carne humana. Amiga, para a escrava “ser mãe é um crime, ter um filho — roubo”. O filho do seu ventre, filho

do seu amor, amamentado no seu seio, tem um dono. Castro Alves chama a esta mãe de Cristo, imagem perigosa, amiga, porque o senhor tinha Cristo trancado num altar, iluminado de velas, vestido de ouro. O senhor mostra a mercadoria aos compradores. A um canto a mãe, “imóvel, pasma, doida, sem razão!”. E o diálogo entre o senhor e a escrava tem todas as escalas do amor materno. Ela pede, suplica, implora. Não a ouve o senhor, que ela é apenas uma negra. Mas quando vão tomar da criança ela é mãe, a escrava já acabou. E fá-los recuar, é uma leoa que defende seu filho. Castro Alves amava fazer nos seus versos o escravo se levantar, se revoltar a cada momento, porque ele bem sabia que a resignação não é um caminho. E talvez, amiga, seja essa mesma criança que ele nos apresenta noutro poema, triste a vagar. Por que está a chorar? O poeta pergunta:

Tu choras porque um ramo de baunilha
Não pudeste colher,
Ou pela flor gentil da granadilha?
Dou-te um ninho, uma flor, dou-te uma palma,
Para em teus lábios ver
O riso — a estrela no horizonte da alma.

Mas essa, amiga, é uma criança negra e nunca é dado às crianças negras chorar por um ramo ou por uma flor:

Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite
Dos seus algozes vis.
E vagas tonto a tatear à noite.
Choras antes de rir... pobre criança!...

O poeta pergunta-lhe o que quer, o que poderá querer, amiga, uma criança que perdeu a mãe: consolo, uma voz amiga, um outro lar?

Que queres, infeliz?...
— Amigo, eu quero o ferro da vingança.

Essa a atitude que mais constantemente Castro Alves dá aos escravos personagens dos seus poemas. O desejo de vingança, nunca uma conciliação. Por isso pôde cantar o bandido negro, aquele que faz tremer a terra e os senhores. Para ele inventou o mais belo dos estribilhos, o mais terrível:

Cai, orvalho do sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Esse poema é um dos mais vibrantes cantos de vingança e liberdade que já se escreveram. A lira do poeta atinge em “Bandido negro” um dos seus mais altos momentos revolucionários. Se a maior revolução na época seria o escravo se levantar contra o senhor e vir-lhe pedir contas, esta revolução Castro Alves cantou e desejou. Sim, ele a viu, amiga, com olhos maravilhados. Viu-a na plenitude da sua beleza, o negro atravessando os campos no seu corcel para ajustar contas com o senhor. São versos inesquecíveis:

Dorme o raio na negra tormenta...
Somos negros... o raio fermenta
Nesses peitos cobertos de horror.
Lança o grito da livre coorte,
Lança, ó vento, pampeiro da morte,
Este guante de ferro ao senhor.

[...]

Somos nós, meu senhor, mas não tremas.
Nós quebramos as nossas algemas
P’ra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este — irmão da mulher que manchaste...
Oh! não tremas, senhor, são teus cães.

[...]

Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.

Assim ele via o negro, magnífico, forte e belo, rompendo as cadeias, livre na sua força colossal, a desafiar o senhor, a falar-lhe com amarga ironia. Cada verso seu é um convite ao negro para romper a escravidão e partir para a vingança.

Canto do futuro é o seu canto. Não chora o negro, ele o levanta. Rasga com a sua visão genial os panoramas do futuro para quem é apenas escravo:

Eu vejo a terra livre... como outra Madalena,

[...]

E, enquanto, sob as vinhas, a ingênua camponesa
Enlaça às negras tranças a rosa da deveza;
Dos saaras africanos, dos gelos da Sibéria,

Do Cáucaso, dos campos dessa infeliz Ibéria,
Dos mármores lascados da terra santa homérica,
Dos pampas, das savanas desta soberba América
Prorrompe o hino livre, o hino do trabalho!
E, ao canto dos obreiros, na orquestra audaz do malho,
O ruído se mistura da imprensa, das ideias,
Todos da liberdade forjando as epopeias,

[...]

Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira [...]

E na sua visão de um futuro que ainda hoje sonhamos, amiga, ele enxerga que então a poesia poderá ser ainda maior, poderá criar ainda maiores momentos de beleza. Dentro da terra livre, a poesia é o mais glorioso bem que o homem conquistou. Então ela pode ser imensa como a natureza:

Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos,
Às harpas das estrelas, ao mar, aos elementos!

Mas já é tão poderosa a voz do homem que clama pela liberdade quase tanto quanto a daquele que é livre.[69] Assim a voz de Castro Alves, amiga. Voz rebelde, à frente dos homens negros, da sua revolta, da sua vingança. Um dia ele nos falou da sua poesia, do seu canto. Ele via que os homens iam se levantar, a sua poesia estaria com eles. Esse poema, "Adeus, meu canto", definidor das suas ideias sobre poesia, seu valor, sua condição, sua missão, é dos mais significativos na sua obra. Gostaria de dizer-te ele todo, amiga, são versos que todos nós que temos a profissão de escrever devíamos trazer gravados no coração. É das mais belas lições que ele nos deixou. Seu canto que será:

[...] *estrela para o povo,*
— Para os tiranos — lúgubre cometa.

irá se postar no meio do povo, na praça pública, no meio dos escravos nas senzalas. Não fugirá ao seu destino. É como uma bandeira. Irá dar esperanças à virgem arrastada para o prostíbulo, irá ajudar ao velho escravo, irá ser "irmão do pobre": "Irmão do pobre — viverás, meu canto". Porque ele sabe que "ao longe, na praça, ferve a onda popular" e que o lugar do poeta é junto ao povo.[70] Sabe também que os senhores amam e alimentam os poetas, flores de luxo dos seus jardins de alegria, para que lhes cantem, à sobremesa, o amor e a criação. Ele também já cantou tudo que é belo na natureza: o campo, as selvas, as tardes, a sombra, a luz, as flores, as mulheres e o arrebol. Mas

Um dia passa em minha alma

Das cidades o rumor.
Soa a ideia, soa o malho,
O ciclope do trabalho
Prepara o raio do sol.
Tem o povo — mar violento —
Por armas o pensamento,
A verdade por farol.

Já não é possível cantar apenas a beleza dos campos, como querem os senhores. O poeta para se realizar tem que se voltar para o povo em redor, cantar para ele, cantar um hino que o conduza:

E o homem, vaga que nasce
No oceano popular,
Tem que impelir os espíritos,
Tem uma plaga a buscar.

Essa a missão do poeta, seu destino. Fugir dele é trair a poesia, e maldito é o que a trai:

Oh! maldição ao poeta
Que foge — falso profeta —
Nos dias de provação!
Que mistura o tosco iambo
E o tírio ditirambo.
Nos poemas d'aflição!...

Ele foi o artista menos "arte pela arte" de quantos já surgiram no Brasil. É conscientemente um poeta popular, a aspiração da sua poesia é servir o povo. O povo escravo das senzalas, o povo semiescravo das praças públicas. O poeta que não temos hoje, amiga. O poeta cujo destino "é ser irmão do escravo que trabalha"; "é bramir do senhor na bacanália...". Amante da liberdade, irmão do negro, tribuno do povo, sua voz continua a soar, amiga. Sua poesia vem até hoje, serve-nos ainda hoje, é ainda a sua voz que ouvimos.

Em 1865 ele começa, negra, a sua pregação. Gênio da revolução, é a nossa própria voz:

Voz de ferro! desperta as almas grandes
Do sul ao norte... do oceano aos Andes!!...

K

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor

ele aprendera, amiga, nos dias de infância na Bahia, essa verdade: que a praça é do povo, é o seu campo de batalha. Que nos *meetings*, nas manifestações, protestos e comícios, o povo se une e se levanta. Que aí começa a sua caminhada. Nada mais belo que a praça onde formiga a multidão, agitada e inconformada. Da praça partem as ideias e partem os homens também.

Castro Alves juntou à sua personalidade de artista revolucionário a sua condição de homem rebelde. Se os versos eram uma arma do povo, deviam ser ditos ao povo.[71] E mais que isso, deviam muitas vezes nascer no meio do povo, da imediata agitação da massa. O poeta, amiga, não cantou apenas os sentimentos populares, não ficou lançando o seu brado de longe. Veio para a praça muitas vezes, muitas vezes veio se colocar no meio e na frente da multidão. Falava, no seu sangue, o sangue dos seus ascendentes: o major Silva Castro na frente dos batalhões da Independência, Pórcia fugindo com seu amante num magnífico exemplo de coragem, o alferes João José Alves, meetingueiro popular, de punhal na mão, a chefiar a turba.

Por isso no Recife de quando em vez encontramos Castro Alves, nas lides da liberdade ou nas lides do amor, chefiando partidos, cantando de improviso rebeldes cantos para a massa que se levantava. Improvisou muitas vezes, fosse em defesa da sua dama, ou fosse em defesa do seu povo. E tão fundo calavam esses versos no coração dos homens que o ouviam, que a maior parte deles chegou até nós guardada pelos que o assistiram dizer.[72]

Nessa mesma época em que escrevia os primeiros poemas de *Os escravos*, quando passava a maior parte dos seus dias na casa da rua Lima, entregue ao seu trabalho, ainda assim lhe restava tempo para acompanhar os movimentos da massa na rua, para tomar parte neles, para se pôr nos momentos mais dramáticos à sua frente. Assim aconteceu, amiga, em 1864, no *meeting* republicano que na mais larga praça do Recife fez Antônio Borges da Fonseca.[73]

Desde cedo a praça começara a se encher. De todos os lados da cidade chegava gente, homens pobres, estudantes, jornalistas e os poetas. A praça ia se enchendo, um rumor como o ruído do vento partia dela para o resto da cidade. Homens tinham vindo de longe, vindo de longe alguém lhes ia falar sobre a República, forma de governo onde o povo era chamado a governar. Por isso estão inquietos na praça, esperam ouvir uma palavra de esperança, o apontar de um caminho. A ideia da República apenas despontava então, a Monarquia aparecia forte e poderosa, perfeitamente consolidada no poder. Apenas alguns homens sonhavam com formas novas de governo, mais democráticas e mais populares, e delas vinham falar nas praças para a multidão. Começava a pregação da República e para ouvi-la, para amá-la e entendê-la, os homens vinham dos quatro cantos da cidade e se reuniam na praça que era o seu teatro. Velhos, moços, estudantes ainda imberbes, pretos que chegam a medo e se misturam na multidão. Uma sede de ideias novas em todos esses corações, o amor à liberdade em todas essas frontes. A praça se enche, agora é um mar que se agita, o ruído cresce.

E quando o tribuno surge, a cabeça erguida, os olhos fitando o mar do povo, as aclamações estrugem e abalam os prédios que se erguem em torno da praça. Antônio Borges da Fonseca falava bem, era um apaixonado das ideias republicanas e à sua vitória dera o seu verbo inflamado. Tinha algo de profeta, suas palavras começaram suavemente, ditas quase em surdina mas para logo se elevarem e começarem a clamar contra os crimes da Monarquia. Suas palavras desfilaram o rosário de horrores que pesava sobre o povo. Disse do contraste entre as classes ricas e o povo das ruas, os que governavam e os que eram governados. Chegara o momento do povo também governar, de chegar ao poder e torná-lo um instrumento da sua felicidade, quando ele era apenas, ainda, um instrumento para a sua tortura.

Os aplausos irrompem na praça, o mar do povo se agita em ondas cada vez

mais altas. Tremem de emoção ao ouvir esse homem que fala de dias futuros, de grandes conquistas a realizar. Que forma de governo é essa, tão bela e tão sedutora, em que todos governarão, desde o mais rico ao mais miserável, onde as oportunidades serão para todos iguais? Antônio Borges da Fonseca responde: é a República. E diz das belezas que ela tem. A aristocracia, nascida nos engenhos sobre o lombo dos negros, cederá lugar à democracia do povo. A pressão sobre as ideias novas, exercida nas faculdades e na imprensa, pelos mestres e pelos senhores, cederá lugar à liberdade de pensamento, ao progresso sob todas as suas formas. A mancha da escravidão desaparecerá e sob a República não haverá distinção entre os homens, porque os títulos de nobreza ruirão, o sr. conde não é mais que o sr. comerciante ou o sr. artesão. No Recife da aristocracia rural do açúcar, o tribuno ameaça as coroas e os brasões. E a multidão o aclama com entusiasmo, arrastada pelo vigor das suas palavras para a beleza das suas ideias.

E querem partir, querem iniciar a cruzada pelo poder ao povo. Quebrar as prerrogativas daquela aristocracia que empunha um chicote comprado com o suor dos negros nos engenhos. Antônio Borges da Fonseca de pé sobre a tribuna improvisada concita o povo a marchar contra a Monarquia.

Mais atento que todos, amiga, um jovem o escuta. Tem dezessete anos, um formoso adolescente a quem apaixonam todas as ideias novas. Ele já aprendera que a escravidão é contra a natureza do homem, que a liberdade é o bem supremo. E ali está alguém que lhe fala da liberdade e do povo, duas palavras gratas ao seu coração. No meio da multidão o adolescente Castro Alves é dos que aplaudem mais violentamente, dos que mais alto gritam.

E eis, amiga, que chega a polícia. Não se ameaçam impunemente os donos do poder. Os senhores de engenho e de escravos descansam sobre uma máquina bem montada, suas coroas e brasões são bem defendidos. Outras armas não tem o povo senão a palavra dos seus tribunos e dos seus poetas. A polícia penetra no meio do povo, começam o tiroteio e as correrias, o orador quer continuar mas trazem-no preso. Antes porém que a multidão fuja amedrontada, que a polícia consiga dissolver o comício, o jovem estudante se encontra à frente do povo, agora é ele quem se levanta sobre a tribuna e uma voz, a mais poderosa que o povo já ouvira, a mais bela também, se alevanta na praça e impede que a polícia vença o povo, o amedronte e o ponha em fuga. Ele sabe que é necessário ensinar o povo a reagir, a lutar em defesa do seu direito, a enfrentar a reação.

Ao som da sua voz, cortada com o silvo das balas, a multidão se congrega novamente, resiste aos que perturbam sua reunião e ouve. De sua tribuna o jovem deixa cair sobre o povo espantosos versos:

Quando nas praças s'eleva
Do povo a sublime voz...
Um raio ilumina a treva.

O povo começa a tomar consciência da sua força, aquele poeta tem uma lição a lhe ensinar. Que importa que as balas assoviem em torno, quem pode fugir quando ele, na tribuna, mais exposto que os demais, está calmo e sorridente? Está terrível também, terrível no seu ódio aos que esmagam o povo. "Grande, moço, belo, irreal",[74] sereno como se em torno dele não se processasse a luta. E os homens contagiados pelo seu exemplo ficam e ouvem as suas palavras. E guardarão memória delas, de tal modo gravadas nos seus corações, que nós as podemos ler hoje, amiga. Fala da praça, da praça do povo:

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor
É o antro onde a liberdade
Cria águias em seu calor.

A praça é do povo e o povo já não foge da praça. As balas silvam, homens caem feridos, mas ninguém pensa em fugir, em se afastar dali. Da sua tribuna, a longa cabeleira negra, o poeta clama:

A palavra! vós roubais-la
Aos lábios da multidão.
Dizeis, senhores, à lava
Que não rompa do vulcão.
[...]
Ai, mundos de cem heróis,
Dizei, cidades de pedra,
Onde a liberdade medra

Do porvir aos arrebóis.

Está na frente do povo, é seu poeta, seu líder. Não quis cantar apenas, amiga, sobre o povo e seus problemas. Quis cantar ao seu lado, tomar a sua frente quando o povo precisava de um condutor. Agitador, cumpre seu destino de gênio.

A cavalaria aparece em cena. Já que a multidão não se quer dispersar nem com a ameaça das balas, já que outro tribuno tomou o lugar de Antônio Borges da Fonseca, então que seja o povo pisado a patas de cavalo e que aprenda esta lição: que é perigoso ameaçar os donos do poder. Mas o povo prefere a lição do poeta que clama na tribuna:

Mas embalde... Que o direito
Não é pasto de punhal.
Nem a patas de cavalos
Se faz um crime legal...

Essa é a lição que ele ensina ao povo, essa a lição que o povo aprende naquele dia. E na confusão de cavalos que marcham sobre a multidão, de balas que passam sobre a cabeça do tribuno, ao seu lado, que derrubam homens, ele convida o povo para ir libertar o líder preso, para protestar. E em passeata saem da praça, em gritos de protestos, gritos que irão dar a Antônio Borges da Fonseca a liberdade.

A voz do poeta sobre os homens é aquela “voz de ferro” de que ele mesmo nos falou:

Ai! soberba populaça,
Rebentos da velha raça
Dos nossos velhos Catões,
Lançai um protesto, ó povo,
Protesto que o mundo novo
Manda aos tronos e às nações.

O poeta parte na frente do povo. Assim o vemos, amiga, magnífico de

coragem, enobrecido pelo ódio aos tiranos e o amor ao povo, partindo na frente da multidão.

L

Ó pálida madona dos meus sonhos,
Doce filha dos cerros de Engadi!...

um moço violinista, baiano de talento, que vem a Recife numa excursão artística, lhe traz notícias sobre o inquietante estado de saúde de seu pai. Outra notícia triste já tivera antes Castro Alves: seu irmão mais velho, o poeta de versos à Byron, abandonara a Faculdade de Engenharia, que cursava no Rio, e viera louco para os campos de Curralinho, onde não encontrara melhoras. Um dia mata-se, deixando a família desesperada. Ele não acreditava na vida, seu destino era a morte. Ele a enxergava como a mais desejada das amadas, a mais doce e mais capaz de lhe trazer felicidade. Era uma das últimas vítimas do romantismo byroniano que dominara os jovens de então. Castro Alves o amava ternamente e muito lhe doeu a sua perda. Mas a vida estava diante dele, na gente que passava, nas mulheres que sorriam, nos poetas que cantavam, nos estudantes em eterna ebulição, e a dor da morte do irmão ficou para trás.

Antes de partir para a Bahia, nessas férias de 65, ano de Idalina, da declamação de "O século", da amizade de Varela, ano de *Os escravos*, ele comparece a uma festa em homenagem desse mesmo violinista Francisco Muniz Barreto, no Teatro Santa Isabel. Lá estão todos os grandes nomes da Faculdade do Recife: Tobias Barreto, Maciel Pinheiro, Varela (ainda no Recife nesse tempo), Vitoriano Palhares, Regueiro Costa, Guimarães Júnior. Vão saudar o artista do violino, vão levar, com seus aplausos ao irmão na arte, estímulo e compreensão. Ainda não se dera o rompimento entre Castro Alves e Tobias Barreto. São ainda amigos, Tobias lhe dedicara mesmo um dos poemas dos *Dias*

e noites. Ambos já célebres, admirados e cortejados pela mocidade estudantil do Recife, ainda não tinham tomado campos opostos. E nessa festa, simples e alegre, bonita festa de artistas, amiga, Castro Alves tinha mais que nenhum outro obrigação de festejar o homenageado. Era seu coestaduano, conhecera-o desde a Bahia.

Terminou o violinista de tocar. Cessaram os aplausos que foram demorados, Castro Alves, pálido e formoso, surge num camarote. No meio da plateia divisa Tobias que tendo deixado de bater palmas se prepara para sentar. Fala para ele:

— Dá-me um mote, Tobias, para eu glosar em homenagem a Muniz Barreto Filho...

Os estudantes param e esperam. Tobias alteia a cabeça, pensa um segundo, solta um verso, já de si uma homenagem ao violinista:

No teu arco prendeste a eternidade.

E Castro Alves, de imediato, mal terminara Tobias de pronunciar a última palavra, começa o seu improviso. O silêncio no teatro é total. Os homens, as mulheres se enlevam naquela voz musical que sai dos lábios sensuais do pálido adolescente. Seu perfil de jovem deus, o brilho intenso dos seus olhos, a negrura dos cabelos, a larga fronte, tudo os leva a amá-lo, a ouvi-lo com infinito respeito. A voz do poeta atravessa o teatro, não vacila um minuto sequer para construir cada verso. Dir-se-ia que ele os trazia prontos e decorados. Há um sorriso, amiga, de encantamento nos lábios das mulheres presentes. E a voz de Castro Alves:

Era no céu, à luz da lua errante,
Moema triste, abandonando os lares,
Cindia as vagas dos cerúleos mares
Te erguendo ao longe, ó peregrino infante!

Lá dos jardins sob o vergel fragrante,
À sombra dos maestros, sobre os ares,
Ouvias das estrelas os cantares
— Aves d’ouro no espaço cintilante.

Mas quando o gênio teu se alteia aflito,
Da alabastrina luz à claridade,
Lançando flores, lá do céu proscrito,

Pasma Bellini; e em meio à imensidade
Diz a lua suspensa no infinito:
“*No teu arco prendeste a eternidade!*”

E desaparece no camarote enquanto os amigos correm em sua busca, no desejo de abraçá-lo, de lhe dizer do seu entusiasmo. Muniz Barreto vem lhe agradecer, também Tobias Barreto vem lhe dar parabéns pela maneira como glosou o mote. Mas ele só se comove, treme seu corpo inteiro, quando Eugênia Câmara vem cumprimentá-lo.

— Tive inveja de Muniz Barreto...

— Por quê, senhora?

— Mereceu tão lindos versos...

E partiu. Ele ficou parado, o coração suspenso, a respiração ofegante. Era seu sonho doido de amor.

Aprovado simplesmente nos exames, a doença do pai chama-o à Bahia. Terão um começo triste essas férias, já que seu pai falece em janeiro, vítima de beribéri.[75] Não deixa a família em boa situação financeira. Nesse tempo já moravam na casa da rua do Sodré e é lá que o poeta se encerra numa crise de nostalgia. Muito mais duro, amiga, lhe fora este golpe. Não tinha ele na Bahia para consolá-lo nem o ambiente do Recife, a movimentação dos estudantes, os jogos poéticos, nem o calor de um seio de mulher. Idalina ficara para trás, Eugênia Câmara era apenas uma esperança, uma paixão irrealizada. E ele não sabia trabalhar, não sabia criar, sem o estímulo do amor, sem que tivesse certeza que, após cantar, um corpo se entregaria a ele como um agradecimento.

Seu renome de poeta, os triunfos alcançados no Recife, já tinham chegado à Bahia. Porém ainda não o procuram, não fazem grupo em torno dele. Muniz Barreto, da mesma família do violinista que ele festejara, velho e glorioso, organiza o boicote em torno do jovem poeta de quem falam maravilhas. E

isolado e triste, sozinho na casa enorme onde os parentes choram a morte do pai, ele se tranca melancólico. Pensa no irmão que morreu louco, teme a mesma sorte. A família se amedronta com esta tristeza e alguém, no desejo de alegrá-lo, chama a sua atenção para as vizinhas, três judias, Simy, Ester e Mary.

Certa tarde, amiga, ele chega à janela e as vê. E se Mary é esquiva e não deixa que seus olhos se prendam nos olhos do poeta, as duas outras ficam a admirá-lo, já ouviram falar dele e agora constatam que é verdade tudo que disseram do moço poeta. Realmente, tem uns olhos grandes, a boca sensual e lindos cabelos. E é másculo, não há traços feminis na sua beleza. Também ele se encanta na visão das duas irmãs. Foge a tarde, amiga, e com ela a melancolia do poeta.[76]

Agora suas tardes são na janela do casarão a namorá-las, a desejá-las, a lhes pedir encontros, a lhes jogar beijos. E elas sorriem, travessas, sem saber qual das duas é preferida, qual das duas é correspondida. Mas nem mesmo ele o sabe. E se para Simy, que ia se casar em breve, ele escreve "A Hebreia",[77] para Ester faz os versos do "Pensamento de amor". Para Ester escreverá também um dos sonetos dos "Anjos da meia-noite", ronda das amadas no leito da morte. A que primeiro lhe enche os pensamentos e inspira a sua musa é Simy. Não vai ela partir? Não vai casar breve? Mas como ele é incapaz de uma paixão romântica,[78] tenta-a em versos dos mais formosos. Faz-lhe os mais desesperados convites:

Vem pois!... Contigo no deserto inculto,
Fugindo às iras de Saul embora,
Davi eu fora, — se Micol tu foras,
Vibrando na harpa do profeta o canto...

Mas Simy recolhe os versos e ri do poeta. Gosta dele, sim, mas como um amigo, admira o que ele escreve mas seu coração já é de outro. Por isso não se deixa enlevar no encantamento da música daqueles versos:

Sim, fora belo na relvosa alfombra,
Junto da fonte onde Raquel gemera,
Viver contigo qual Jacó vivera
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Chama-a de nomes lindos, diz para ela desde a janela as palavras mais maviosas que sabe:

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, sedutora Hebreia...
Pálida rosa da infeliz Judeia
Sem ter o orvalho, que do céu deriva!

Orvalho, estrela vésper, flor do babilônio rio, lírio do vale oriental, ramo de murta, de tudo a chama sem que ela o atenda.[79] E ele desesperado confessa:

Não vês?... Do seio me goteja o pranto
Qual da torrente do Cédron deserto!...
Como lutara o patriarca incerto
Lutei, meu anjo, mas caí vencido.[80]

E se desinteressava de Simy, agora totalmente apaixonado por Ester. E essa que não tem um amor que a prenda, acredita na paixão dos seus versos. Ele, que amava se chamar de hebreu, que sempre sentiu uma estranha sedução por esta raça nômade e desgraçada, ultrajada e perseguida, se consumiu de amor por esta judia baiana, branca, mais que branca, pálida, de tranças soltas, de lábios de mel. Ficava noite adentro, no escuro da janela, a ouvi-la ao piano cantar melodiosas canções:

Inda ontem, à noite, no piano
Os dedos teus corriam no teclado;
Que, às carícias destas mãos formosas,
Gemia e suspirava apaixonado.

Depois cantaste... e a ária suspirosa
Veio nalma acender-me mais desejos;
Dir-se-ia que estas notas eram doces
Como sussurro de amorosos beijos.

No auge do desejo pedia-lhe que o matasse de amor:

Oh! mata-me de amor, mulher divina!

Ester[81] enche-lhe as férias que começaram tão melancólicas. Faz com que esqueça a morte do pai, o boicote de que era vítima nos meios literários da cidade, a inveja dos poetas conterrâneos, a tristeza de viver sozinho, sem um amor:

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se [...].

Agora trabalha. Sob a magia do amor, tendo uma figura de mulher que o inspira, ele retorna à vida. Agora é todo entusiasmo, prepara-se para mais um ano no Recife, sonha novamente, faz planos e pede a Ester os seus lábios:

Oh! diz'me, diz-me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;

Da janela ele vê a pálida judia Ester, flor da sua raça, misteriosa e sensual, com alguma coisa de muito terno e alguma coisa de trágico, judia que suspira pelo moço cristão e que estremece quando ele lhe pede os seus lábios. Na janela do casarão sobre a baía ela traz nos olhos o mistério do passado de uma raça velha e sofredora, ele traz nos olhos o mistério do futuro. E os lábios se procuram na tarde que cai.

M

No mesmo leito adormecer cantando...
Num longo beijo despertar sonhando...
Num abraço morrer.

a noite encobriu o mundo, era uma noite sem lua, sem estrelas, nuvens negras no céu. A chuva caía, amiga, era um convite para os ais de amor. Através da janela eles viam os pingos d'água que rolavam do telhado e faziam regato na calçada. Vinha dos jasmineiros que cercavam a casa um perfume que incitava para as mais loucas carícias, que era como um convite. No grande leito os corpos nus, jovens e perfeitos, se confundiam num abraço interminável. Pareciam ter morrido um nos braços do outro. E a noite os cobria, a lua e as estrelas não vieram para o céu, para não perturbarem com sua claridade a primeira noite de amor de Eugênia e Castro Alves. Ele abre os grandes olhos, também ela quer abrir os seus. Mas ele os cerra com beijos, se estreita mais o abraço, agora são um único soluço que corta a noite do Recife e arranca a madrugada do seu sono.

Recosta a cabeça sobre os seios de Eugênia, cerra os olhos, dorme. A mulher fica ainda acordada. Ali, encolhido na curva do seu corpo o poeta dorme, belo como uma criança, frágil como uma criança. Como que toda a imensa força que vem desse adolescente que ela sabe gênio, como que todo o domínio que vem dele, como que tudo isso desapareceu agora quando ele dorme, de lábios sorrindo ainda, defendido pelo seu ventre alvo, pelos seus seios duros, pelas colunas das suas coxas. Eugênia o vê nesse momento como a uma criança frágil e bela, sente por ele uma imensa ternura, tranca-o em seus braços como se ele

fora um filho. E cobrindo-o como uma concha, ela também adormece, os longos cabelos soltos no leito de amor.

A madrugada vem ao longe e com ela os passarinhos. A madrugada entra pela janela para espiar os amantes que dormem nus. E os passarinhos nos jasmineiros cantam para eles cantigas da mata para embalar aquele doce sonhar sonhos de amor. A madrugada os acorda, sua luz brinca sobre o corpo de Eugênia, ilumina detalhes da sua carne alva, dá-lhes tons róseos, sombras e nuanças de cor. E o poeta alegre e falando muito pede que ela não se mexa. Agora a madrugada caiu sobre o sexo dela, iluminou-o, sombreou as coxas sem um defeito. Também sobre o seio esquerdo há um tom róseo, caído como uma pétala de flor. Castro Alves toma de um lápis, de uma folha de papel onde iniciara um poema e desenha o corpo da amada.[82] Ela é a madrugada que desponta. Do seu sorriso é que vem a alegria, dos seus olhos mal despertos é que vem a luz desta aurora. E dela, do seu corpo, é que vem a beleza, toda a beleza do mundo.

A madrugada brinca sobre ela, todo o desenho é impossível, porque a luz e a sombra caminham, ora sobre as coxas, ora tentando descobrir as nádegas que se afundam no colchão macio, ora subindo pelos seios, quantas vezes sobre os cabelos... Ela sorria, amiga, também sobre o seu poeta cai a luz matinal e ela pensa que o canto que ele cria é mais poderoso ainda que o canto dos pássaros que fizeram ninho na trepadeira da janela ou nos jasmineiros em torno. De quanto nome bonito ele não a tem chamado! Curvado sobre o desenho inacabado, os grandes olhos sorrindo, tremendo a mão tão bela, revolta a cabeleira romântica, a madrugada sobre a sua testa pálida e larga, madrugada ele também rompendo sobre a noite do seu século. Já não é a criança frágil que se fechava dentro do seu corpo como a ostra na sua concha. Agora é o homem que ela ama, o que a tirou dos braços do seu amante para aquela casinha distante, para o delírio da mais louca das noites de amor.

Curvado sobre o desenho ele sorri. Balança a cabeça negativamente, não lhe é possível fixar em seu esboço de amador essas cambiantes de sombra e luz que a madrugada derrama sobre Eugênia. E que importa fixá-la se ele a pode possuir, se pode tomar do seu corpo, beijá-la com ardentes beijos, fazê-la percorrer toda a gama do delírio? Nos seus olhos negros há o vermelho clarão do desejo; Eugênia o sente desde a cama e se encolhe numa fuga que é também um convite. E ficam sorrindo um para o outro, se desejando e fazendo esse desejo demorar, crescer.

Um langor nos olhos dela, estranho brilho nos olhos do poeta. Uma boca que se cerra, lábios que se apertam. Morre o trinado dos pássaros, foge a madrugada. E ele inventou uns versos, versos que dizem tudo que ela é, a beleza que tem, o encanto que o seduz. Aí, sim, amiga, ele a reproduz e a imortaliza. Toma do papel, corre a mão nervosa, mais rápida que a mão é a inspiração. E lê para ela. Agora está deitado sobre a cama, sente o contato deste corpo desejado num desejo que se renova a cada minuto, o perfume dos seus cabelos o inebria, as suas palavras se misturam com a respiração que vem dela. Os versos enchem o quarto, já não cantam os passarinhos que canta uma voz mais bela.

Ah! fora belo unidos em segredo,
Juntos, bem juntos... trêmulos de medo,
De quem entra no céu;
Desmanchar teus cabelos delirante,
Beijar teu colo!... Oh! vamos minha amante,
Abre-me o seio teu.[83]

Langor que aumenta nos olhos de Eugênia. Seu corpo amolece ao som dessa voz tão sensual e doce, tão poderosa no seu chamado para o amor, tão ardente. É como uma carícia, língua que descesse sobre seu ventre, voz que tem tremuras de mãos que procuram o mistério do sexo da bem-amada. É como se ele a fosse tomando devagarinho, se fosse penetrando dela. A voz desperta o mais íntimo do seu ser, sente correr dentro de si um amolecimento de todo o corpo.

Eu quero teu olhar de áureos fulgores,
Ver desmaiar na febre dos amores,
Fitos... fitos em mim.

Ela cerra os olhos, sente aquela voz dentro do seu sexo. A cabeça do poeta descansa no seu ombro, mas a voz a penetra, a invade, se derrama no seu sexo nu que é como uma boca com fome. A madrugada partiu, a manhã desperta, e Eugênia pensa que se a manhã não foi feita para o amor então basta cerrar as janelas para que seja noite. Bem que ela gostaria de levantar, de correr até essa janela por onde entra a claridade e de fazer a noite no quarto, a noite que é

própria aos amantes. Mas onde estão as suas forças que não a ajudam? Essa voz que declama a amolece, transforma todo o seu corpo num só desejo. Fome que tem seu sexo, fome do poeta, desejo de apertá-lo, de feri-lo, de magoá-lo. Voz terrível.

Eu quero ver teu peito intumescido,
Ao sopro da volúpia arfar erguido...
O oceano de cetim...

Sente seus peitos rijos, ele os encheu de desejo. Sob a cabeça do poeta eles arfam ao som da sua voz. São seios quase de virgem, latem de desejo. Assim late também o seu sexo, desde que cerrou os olhos se fez a noite e ela apenas ouve essa voz que a convida, que quer tomar dela.

Vem! Serei teu poeta, teu amante...
Vamos sonhar no leito delirante
No templo da paixão.

E é ela quem diz: vem... A voz calou-se, quem teria fechado essa janela? Também ele arde de desejo, os lábios se estrangulam num beijo. E ela abre o seu corpo, corpo fendido pela voz do seu poeta, seu corpo que estremece de desejo.

Ela tem fome. Fome nos olhos, fome na boca, fome no sexo. Ele também tem fome nos olhos negros, na boca adolescente, também no sexo tem fome. E se dão um ao outro de comer, pode ser manhã lá fora, aqui dentro, amiga, é a noite, a noite da paixão. Se dão um ao outro de comer e nunca se saciarão um do outro, jamais, amiga.

N

— A amante sobre o peito sedento de ternura,
A mente no infinito sedenta só de luz.

tinha vindo, amiga, do terno idílio com as hebreias para essas delirantes noites de amor com Eugênia Câmara. Sua aparição em Recife em 66 não é mais a de um tímido preparatoriano em busca do seu caminho e do seu amor. Acadêmico, líder da Academia, homem aos dezoito anos, em plena posse do seu gênio, chega de súbito para se colocar na frente de todos os homens de Recife, na campanha da abolição e para conquistar o grande amor da sua vida. Esse ano que vai de abril de 66, quando sai da Bahia para o Recife, até março de 67, quando, com Eugê-nia e os originais do *Gonzaga*, volta à Bahia, é dos mais importantes da sua vida. Desse ano são uma grande parte dos seus poemas líricos e uma grande parte dos seus poemas condoreiros. É a Guerra do Paraguai, é a militância abolicionista, é o incidente Ambrósio Portugal, o teatro, Eugênia, o jornalismo, a luta com Tobias. E é principalmente o sonho da libertação dos escravos que em 66, através de seus versos como fogo, parte do Recife para incendiar cabeças. Esse é também o grande ano romântico da sua vida. Eugênia é sua, conquistou-a, roubou-a do amante e do mundo, tomou-a para si só, esse ano é um delírio sexual, o leito da casinha suburbana vai tomar um lugar importante na sua lírica. Nesse ano ele se faz totalmente homem, se integra no amor e na luta. Marcante como nenhum outro, 66 vai torná-lo o nome mais discutido do seu país. Vai ser chefe de partido, não apenas um partido de estudantes, amiga. Porque desses estudantes saem as ideias mais novas e mais nobres. Esses partidos acadêmicos não são neste momento apenas grupos

estudantis que fazem baderna nas tavernas. São muito mais que isso. São o próprio pensamento do país, são a cultura nova que se forma, o desejo de renovação e de progresso. Esses estudantes são Castro Alves, Rui Barbosa, Tobias Barreto, Maciel Pinheiro, Vitoriano Palhares, Luís Guimarães, esses estudantes vão dar à nossa literatura a escola condoreira,[84] vão dar à nossa política a República, vão dar à nossa evolução social a abolição. É a renovação da cultura com Tobias, democracia com Rui, a poesia com Maciel Pinheiro, Palhares e Luís Guimarães. E com Castro Alves é tudo isso e mais a abolição, a República, a poesia negra do Brasil, e o sonho de muito mais.[85] Castro Alves e Tobias, líderes de grupos estudantis, são realmente líderes do país inteiro e as sutis diferenças que marcam a *revolução* de cada um deles marcam também as duas tendências revolucionárias da burguesia progressista de então. O gênio de Castro Alves procurava apoio no povo para levantar o povo e subir com ele: havia uma visão de futuro[86] na sua poesia, ela ia adiante do seu século.[87] Tobias era o homem que se apoiava no povo para subir dentro da classe dominante. Para ele o povo era uma escada. Castro Alves, amiga, era uma escada para o povo. Esse momento teatral do Recife, essa briga em torno a amantes, romântica e vibrante de versos improvisados, não é senão o choque num outro plano de duas tendências culturais e políticas da época. Nesse ano de 66, na cidade do Recife, o Brasil intelectual se mistura com o Brasil político. Marca tendências, se subdivide mesmo dentro da ala progressista. Castro Alves é a ala extrema, nenhum interesse subalterno é capaz de desviá-lo da linha política que marcou para sua poesia e para a sua vida, sua honra eram as suas ideias.[88] Jamais sacrificou uma palavra quanto mais uma ideia ou uma causa à glória imediata, ao sucesso, à vitória na vida. Não tinha, como Tobias, um programa traçado de subida na existência. Não queria posições senão aquelas que o povo podia lhe dar então: a de um líder e de um agitador. Uma das coisas mais belas da vida do poeta, amiga, é que ele jamais agiu levado por qualquer interesse mesquinho, jamais colocou os acontecimentos da sua vida sobre as ideias que tinha, os sentimentos que defendia. Nenhum interesse imediato maculou a sua pregação, a sua poesia, as suas ideias. Poeta, agitador e caudilho, ele honra no Brasil a palavra *política* não só por ter sido conscientemente um intelectual político, a serviço das causas populares, como por ter sido o mais puro dos políticos. Ainda aí, amiga, ele nos aparece como a melhor imagem do povo dentre quantas

possuímos: nobre, corajoso, ardente e desinteressado.

Nesse ano de 66 a Academia descobrira e vivia a Revolução Francesa. Vinha através de Victor Hugo, através dos discursos da convenção, através dos enciclopedistas. Toda a cultura francesa, misturada de política, atravessara o oceano e do bojo dos navios viera no porto do Recife agitar a mocidade das escolas.[89] Viviam os rapazes de olhos puxados para os acontecimentos que se haviam desenrolado na França heroica que experimentava a democracia.

Pouco antes fora o início da Guerra do Paraguai. A pátria estremecera em vibrações heroicas, os soldados partiam cobertos de flores e entre cantos e discursos. Iam para o Sul, para o descampado dos pampas onde a glória e a morte os esperavam. Castro Alves foi dos primeiros a alistar-se num batalhão acadêmico que se formara sob a chefia de um curiosíssimo mestre, meio ranzinza e meio literato, português de nascimento mas que dera o melhor da sua vida e do seu saber à mocidade do Recife: Trigo Loureiro. A formação deste batalhão foi motivo para discursos e improvisos, o velho mestre transformado em herói aos 68 anos. Através das ruas da cidade eles desfilaram, Trigo Loureiro à frente, e concitavam os cidadãos a partirem igualmente para a defesa da pátria. A lira de Castro Alves se põe nessa hora a serviço do Brasil.

Do batalhão partem apenas alguns. A velhice de Trigo Loureiro é um empecilho, o curso a terminar é outro. Vão apenas dois ou três, entre eles aquele estupendo Maciel Pinheiro, estudante, poeta, galanteador e aventureiro. Grande amigo de Castro Alves, a este cabe saudá-lo em nome da mocidade acadêmica quando da sua despedida. É outro dos seus muitos triunfos desde um camarote do Teatro Santa Isabel, repleto nesta noite não só de estudantes como de toda a gente do Recife que ia assistir à partida do jovem bardo que oferecia seu sangue à sua terra.

Todos já disseram para Maciel Pinheiro suas palavras de despedida. Declamaram versos, fizeram discursos, levantaram vivas. Um fremir de aplausos corre pela plateia repleta cada vez que um dos estudantes fala ou declama. Maciel Pinheiro é o herói de toda uma juventude que aprende heroísmo e liberdade antes de aprender os textos da lei. É o momento de Castro Alves. Ficou como último já que muita amizade o liga ao poeta que parte para o campo de batalha. Assoma a um camarote, veste de preto, o que ressalta a palidez marmórea da sua fronte. Joga num gesto de leão a cabeleira para trás, o silêncio

é profundo no teatro. E aquela voz, que comoveu, encantou e fez marchar todos os que a ouviram,[90] inicia a declamação da sua despedida. O amigo que parte não é apenas o soldado que vai dar o seu sangue pela sua terra. É mais que isso para Castro Alves. É também o homem que vai levar para os campos do Sul, onde a luta se desenrola, as palavras mais cálidas da liberdade. Lá ele irá cantar a "Marselhesa", o hino revolucionário de então:

Vai nas planícies dos infindos pampas
Erguer a tenda do soldado vate...
Livre... bem livre a Marselhesa aos ecos
Soltar bramindo no feroz combate...

Maciel Pinheiro tem nesse poema a melhor recompensa do seu heroísmo. Primeiro descreve-lhe a viagem desde o Recife, através da Bahia e Rio, até os pampas distantes:

Pálido moço — como o bardo errante —
Teu barco voa na amplidão fugaz.

E, se esta guerra é uma guerra de uma nova Grécia que surge na América, um novo Byron deve ser seu soldado e seu poeta:

A nova Grécia quer um Byron novo...

O teatro aclama não mais num fremir de entusiasmo. É qualquer coisa maior, é o explodir de todos os sentimentos patrióticos, é o desejo de partir para merecer tão grandes versos. E ninguém sabe mais quem é o verdadeiro herói desta festa. Se o poeta que parte, se aquele que lhe disse as palavras boas de despedidas. São igualmente aclamados, se um se levanta, outro sabe levantar as gentes e fazê-las partir. E as aclamações são tanto para Maciel Pinheiro quanto para Castro Alves. São ambos jovens e belos, corajosos e ardentes. Há moças que choram, homens que vibram, velhos que gritam vivas. Assim, amiga, foi naquela noite no Teatro Santa Isabel.

Mas, amiga, ele não sabia levantar apenas as gentes. Sabia se levantar

também e partir ele próprio. Não foi apenas um poeta, foi também um militante. Nesse ano de 66, mal chega ao Recife, não se contenta com ser o poeta da abolição quando ainda ninguém pronunciava esta palavra. Juntamente com Rui Barbosa,[91] calouro então, e alguns outros funda uma sociedade abolicionista, sociedade para ter ação direta, para agitar o problema de todas as maneiras, nos jornais, nas tribunas, nos *meetings.* E para fazer mais que isso: para dar guarida e destino aos negros fugidos, já muitos por aquela época, para talvez preparar um novo Palmares.[92] O Recife do começo de 1866 vê a primeira das importantes sociedades abolicionistas, que iriam surgir daí em diante, aparecer na rua do Hospício, Castro Alves à frente, junto com ele Rui, Augusto Guimarães, Regueiro Costa, alguns outros. Não basta a poesia, é preciso a ação. E o poeta vem para a rua lutar pela sua causa. Aquela casa da rua do Hospício passa a ser um refúgio de negros fugidos, um centro de ação social, onde se forjam palavras que são armas contundentes, planos que darão a imediata liberdade a vários escravos. E Castro Alves se agita, promove reuniões, fala na Academia, reúne simpatizantes da causa abolicionista, é ele, neste momento, o campeão da raça negra. Neste ano faz realmente mais agitação abolicionista que mesmo poemas pela causa. Não sabia ele, negra, se entregar a uma ideia sem o fazer totalmente. Não separou a sua vida da sua obra. Não deu à liberdade apenas uma parte de si mesmo. Deu-se todo, viveu em função das causas que defendeu.

Já então era amante de Eugênia. De há muito a tinha no coração e escrevia versos para ela. Era quase um menino ainda quando a vira pela vez primeira nos palcos do Recife. Ela vinha de uma excursão triunfal pelo país, trazia num livro de versos que imprimira em Fortaleza, junto às suas medíocres produções, as páginas que lhe haviam dedicado grandes poetas do Sul e do Norte.[93] Há oito anos que ela está no Brasil. Portuguesa, começara na sua terra a carreira teatral estreando em 52 no Ginásio, com sucesso. Vem ao Brasil, faz-se amante de Furtado Coelho, o mais eminente talvez dos atores da época, dele tem uma filha. Viaja o país, torna-se musa dos poetas, delírio das assistências. Mas até então ninguém tomara do seu coração, ninguém se apoderara dele. O interesse movera sempre as suas ligações. Ora um ator que podia ser-lhe útil na carreira, ora um guarda-livros endinheirado que lhe podia dar luxo, como esse Veríssimo Chaves de quem Castro Alves a vai arrancar.

Ele a amava, negra, desde quando, certa noite de que te falei, a viu

representar. Não a podia sequer desejar então, obscuro preparatoriano, sem nome, sem dinheiro, desconhecido de todos, jovem demais. Mas a amou. Fosse nos braços de Idalina, fosse nos namoros com Ester e Simy, fosse no encontro casual com qualquer mulher, quem ele via era Eugênia, radiante de beleza e de glória, a companheira indicada para a sua vida. Em 65 começa a construir o seu nome e ela não lhe sai da cabeça. Já escreve versos para ela, mal a conhece pessoalmente sequer. Se aproxima dos meios teatrais, louva a Furtado Coelho e Adelaide Amaral. Mas ela continua inacessível até esse ano de 66, quando toma conhecimento do poeta que aos dezoito anos era um dos mais formosos homens do seu tempo. Costumava ele então, amiga, quando saía, dizer diante do espelho que lhe reproduzia as feições pálidas: “Pais de família, tremei, don juan vai sair...”.

As moças não lhe sabiam resistir. Como resistir ao encanto que vinha dele, à força romântica e sexual que se desprendia dessa figura de poeta do povo e de poeta de noites de amor? Vinham para ele com as mãos estendidas, tudo que desejavam era que ele tomasse delas e as levasse consigo e que dessa hora de amor restassem aqueles versos que costumava escrever. De algumas ele tomou, negra, muitas deixou passar, seus olhos presos ao espetáculo de Eugênia, desejo de Eugênia, necessidade de Eugênia.

E tampouco ela resistiu. De um lado Veríssimo Chaves, o dinheiro e o conforto, o luxo e a elegância, de outro lado Castro Alves, o amor e a poesia. Mas havia uma magia nos olhos dele, tal poder nos versos que lhe dedicava, que ela o seguiu. Já te disse, amiga, que as mulheres têm a previsão do gênio, sentem-no e abandonam tudo para segui-lo. Ele era um moço de dezoito anos, com certa glória acadêmica a rodear-lhe a fronte, mas ela soube ver que ele nesses poucos anos que lhe restavam de vida iria se projetar sobre a América como o primeiro dos seus poetas, como o mais nobre dos revolucionários do seu tempo. Quando ele aparece no seu camarim, flores na mão, sorriso no lábio, um galanteio e um verso, um convite para fugirem para longe de todos, ela não pode resistir. Há uma vida no mundo que é sempre igual, bela às vezes, quase sempre monótona. Mas junto a ele, negra, não há monotonia possível. Todos os dias são uma aventura, cada momento é um sonho, uma criação, uma libertação. Ele é como um sol que ilumina tudo que está ao seu redor. Todo o cotidiano se transforma se ele se aproxima: há qualquer coisa de novo, de belo, de

aventuresco na vida, se ele está próximo. Com ele a vida é digna de ser vivida. É uma aventura.

Como resistir a esse moço poeta? Eugênia não o sabe. Terá que deixar tudo para segui-lo e é muito o que ela tem que deixar. Resistiu a outros poetas, a grande voz de Fagundes Varela, em São Paulo, não a conquistou,[94] resistiu porque ama o luxo, o dinheiro, sua carreira, a liberdade de ser cortejada e ouvir galanteios. Mas ele a chama, ele a quer, ele a deseja, que pode fazer? Certa noite, quando a voz dele fora mais suave, mais ternos ainda os seus versos, quando ele a convidara uma vez para fugirem:

Vamos, meu anjo, fugindo,
A todos sempre sorrindo,
Bem longe nos ocultar...
Como boêmios errantes,
Alegres e delirantes
Por toda a parte a vagar.

quando lhe disse na concha do ouvido, vibrando só para ela aquela voz acostumada a levantar multidões:

Seremos dois passarinhos,
Faremos os nossos ninhos
Lá onde ninguém mais for.

ela não resistiu e lhe disse que iria, que deixaria o outro e tudo que o outro representava e que seria dele, que pela primeira vez seria realmente de alguém, se dando por puro amor.

Veríssimo Chaves estarrece com a notícia. Tem paixão por Eugênia, para acompanhá-la nas suas excursões largara negócios e interesses, ela é tudo quanto ele cobiça. E luta pela sua posse. Mas como poderia, amiga, ele lutar, se tem apenas o dinheiro, o luxo, o conforto? O seu rival tinha muito mais que isso, tinha a poesia. Veríssimo Chaves não se conforma, a disputa por Eugênia toma uma feição de duelo. Como terminará aquilo? Ela parte para os braços de Castro Alves, o guarda-livros se põe feito louco. Ameaça céus e terra, quer vingança,

fala pelos quatro cantos da cidade. Um ar de escândalo cerca Eugênia e Castro Alves, a Academia e a cidade tomam conhecimento do fato, há discussões e brigas. Eles fugiram para longe do centro, foram ocultar seu amor numa casinha distante, no caminho de Tigipió e Jaboatão. Mas toda a cidade comenta o fato, Veríssimo Chaves, que é português, encontra campeões para a sua causa. Um seu patrício, após um espetáculo em que Eugênia representa, ao vê-la sair de braço com o poeta, rindo muito os dois, partindo alegres para a casinha distante, diz em voz alta o seu julgamento sobre ela. Mas um estudante, colega e admirador de Castro Alves, que mais tarde seria o deputado Manuel Pedro Cardoso Vieira, revida ao insulto, toma a defesa daquela que é enlameada porque seguiu o seu amor, e se estabelece um conflito de proporções que chega até o sacar das armas.

Assim, sob este céu de escândalo, conflitos e murmurações, eles iniciam a mais linda história de amor, a mais sensual também, das páginas da literatura brasileira. A que ia produzir uma obra de criação genial.[95] Mas não ficaria nisso o escândalo. A luta que já se iniciava entre Castro Alves e Tobias Barreto, as duas tendências da escola condoreira, a conciliadora de Tobias, a extremista de Castro Alves, ia se transportar para um plano sentimental. Em torno de duas musas, Eugênia Câmara e Adelaide Amaral, dois mundos de ideias vão lutar. É, amiga, todo um desfilar de episódios românticos que se passam nos teatros. Como que daí por diante as peças, dramas e tragédias, não findam ao cair do pano. Continua a representação na plateia, através dos dois partidos e dos dois chefes. Insultos, aplausos e vaias, versos e descomposturas são o complemento dos espetáculos teatrais de então. Recife se agita, uma aura romântica cerca o movimento abolicionista que surge com Castro Alves, cerca a sede de cultura de Tobias. Todo esse ano de 66 é marcado pelo rompimento e luta dos dois maiores nomes da Academia. Tinham sido amigos antes, muitas coisas os separam agora. Para Castro Alves é bastante estranho que esse mulato orgulhoso e cheio de talento não sinta o clamor de desgraça que chega das senzalas na voz dorida dos negros. Há qualquer coisa de Tobias que não lhe agrada. Certa ambição muito imediata que faz com que ele cerre os olhos para não ver e assim não falar de determinados espetáculos que saltam à vista. A sensibilidade do sergipano não se deixa afetar por aqueles lamentos que Castro Alves considera a sua melhor fonte de inspiração. Tobias não ia além dos quadros da burguesia progressista, nada mais queria senão chegar até lá, ser um dos seus condutores. Mas já pressentia

onde devia parar. Castro Alves não vê limites para o evoluir do ser humano em busca da sua felicidade. Pressentia não o momento de parar, mas que outras causas de outros negros haveriam de vir e se preparava para elas. Um estava preso ao tempo e construiu dentro do seu tempo. O outro era gênio, estava solto das contingências do tempo, construiu sobre ele e sobre o futuro. Isso era o que realmente os separava, antes de Eugênia e Adelaide, máscaras teatrais e românticas de uma luta muito mais profunda.

Os estudantes se dividiram, ou estavam com Castro Alves, com sua poesia e sua dama (e eram maioria), ou estavam com Tobias. Este se faz campeão de Adelaide Amaral, atriz do mesmo elenco de Eugênia, a companhia de Furtado Coelho. As representações teatrais, em geral de dramalhões assustadores, arrebanham para o Santa Isabel toda a cidade, famílias e estudantes. E vão não só para ouvir o declamar das atrizes como a representação que fatalmente se sucederá, a troca de sonetos como bofetadas, as vaias com que cada grupo mimoseava a dama adversária. Castro Alves nos versos que de público oferece a Eugênia não deixa de se referir aos adversários, em imagens violentas. Assim no poema que lhe dedica e para ela declama no dia de seu benefício, fala nos “silvos das serpentes que tentam morder-te os pés”. Isso depois de chamar a atriz de gênio, num arrebatamento amoroso que lhe turvava a visão crítica. E noutro poema, também para ela, saudando-a em nome do povo do Recife, relembra as lutas e os triunfos:

Ainda uma vez tu brilhas sobre o palco,
Ainda uma vez eu venho te saudar...
Também o povo vem rolando aplausos
Às tuas plantas mil troféus lançar...

E nessa polêmica poética, amiga, é sempre para o povo que ele apela como juiz. Quer que seja o povo quem julgue das duas cômicas, no fundo é o povo que julgará das duas poesias:

Errante estrela, se lutaste um dia,
Vê como o povo o teu sofrer pagou...

[...]
A tempestade se não rompe a estátua
Lava-lhe os pés e a triunfal cerviz.

Ouves o aplauso deste povo imenso,
Lava, que irrompe do pop'lar vulcão?
É o bronze rubro, que ao fundir dos bustos
Refere ardente do porvir na mão.

O povo... o povo... é um juiz severo,
Maldiz as trevas, abençoa a luz...
Sentiu teu gênio e rebramiu soberbo:
— P'ra ti altares, não do poste a cruz.

Juízes mais severos que o povo, amiga, eram Tobias e seus partidários. E certa noite, após aplaudirem delirantemente Adelaide Amaral, vaiam Eugênia, numa demonstração de desagrado que causa escândalo. A paixão de Tobias por Adelaide Amaral, paixão que a atriz explora em seu benefício sem no entanto lhe corresponder, sendo talvez sua casual amante, mas nunca o amando, leva-o aos atos mais violentos como a preparação dessa vaia, dada no último momento, quando já não havia possibilidade de um revide por parte de Castro Alves e dos seus partidários. Eugênia sai do teatro pelo braço do poeta, a cabeça curvada, lágrimas nos olhos, humilhada, ferida no seu orgulho. A outra recebera nessa noite flores e aplausos e o povo, contagiado pelo entusiasmo de Tobias e dos seus amigos, só vira Adelaide, somente com ela gastara suas palmas. E depois tinha sido aquela vaia, imensa e estrondosa, no final da peça, quando Eugênia surgira no palco. Tinha a cabeça a arder, parecia-lhe que ainda agora ressoavam-lhe aos ouvidos os gritos de "fora, fora", os assovios, as gargalhadas, e mais que tudo isso o risinho sarcástico de Adelaide que ainda há pouco saíra, com vários estudantes, pelo braço vencedor de Tobias Barreto. Nessa noite Eugênia tem vontade de chorar e, no peito do seu poeta, recostada a formosa cabeça, soluça suas mágoas. Castro Alves promete-lhe que, se esse dia foi de martírio, o dia seguinte será de glória, glória como jamais a teve nenhuma outra atriz nos palcos do Recife.

E, na noite seguinte, ao terminar o espetáculo, os partidários de Eugênia Câmara, um número incontável de estudantes, homenageiam Eugênia. Levam-lhe flores, não cessam os aplausos. Ela volta à cena uma, duas, três, quatro vezes, é sempre chamada novamente. Tobias, que não esperava esse revide, que pensava Eugênia em casa com enxaqueca, não se preparara tampouco para essa noite. E muito menos para ver Castro Alves surgir num camarote, mandar que os espectadores esperem e improvisar:

Hoje estamos unidos a adorar-te
Tu és a nossa glória, a nossa fé,
Gravitar para ti é levantar-se,
Cair-te às plantas é ficar de pé!...

E após fazer-lhe esse elogio, volta-se para Tobias, que se encontra cercado do seu grupo, e apontando-o com o dedo acusa:

Ontem a infâmia te cobria de lama
Mas p'ra insultar-te se cobriu de pó!...
[...]

Tu és tão grande como é grande o gênio
És tão brilhante como a própria luz,
Dentre os infames do calvário d'arte,
Tu foste o Cristo, foi o palco a cruz!...

E a ovação se sucede. Essa noite é a noite de Adelaide Amaral chorar de raiva, de Tobias jurar uma feroz vingança. E assim, amiga, vai por todo esse ano se processando a luta teatral, cheia de improvisos mais ou menos brilhantes. Fracos uns, belos outros, os dois poetas conquistam talvez mais público com essa poesia sem resistência que mesmo com a grande poesia construída no silêncio dos gabinetes. E se tenho te falado desses versos, tantas vezes sem expressão poética verdadeira, é para te mostrar como a vida dos dois poetas decorreu em grande parte no meio da multidão, misturada com o povo, criando de um jato ao calor da luta.

Por vezes, no entanto, esses improvisos tinham belezas faiscantes, rasgos de gênio. Assim aqueles que certa noite, no teatro, foram trocados entre Castro Alves e Tobias. Era noite de gala, estreia de uma peça ruidosa. Tanto Adelaide Amaral como Eugênia Câmara tinham importantes papéis a representar. Faziam as duas figuras femininas de destaque e os grupos estudantis que as apoiavam se preparavam para nesta noite deixar patenteada sua preferência por uma ou por outra. Toda a gente do Recife correra para o teatro, era a grande diversão da cidade, ainda mais agora quando os dois mais poderosos talentos da Faculdade faziam das salas de espetáculos seu campo de luta.

A representação correu normalmente durante os dois primeiros atos. Os artistas estavam bem nos papéis, tanto Eugênia como Adelaide brilhavam nessa noite. Os aplausos eram divididos, o povo que não era amante de nenhuma das duas aplaudia-lhes o talento de representação. Mas para Castro e Tobias, amantes eles, os aplausos deviam ser apenas para uma. Tobias então não podia perdoar que a amada do poeta rival fosse tão aplaudida quanto a sua deusa. E ao descer o pano sobre o segundo ato, o sergipano trepa numa cadeira, bate palmas com a mão chamando a atenção dos espectadores, e quando estes fazem silêncio olhando-o num misto de curiosidade e de interesse, alguns nervosos já com a possibilidade de grandes descomposturas em versos, ele começa o seu improviso, atingindo diretamente Castro Alves e Eugênia. Sua voz ressoa no teatro e é pesada como um punho que se abatesse sobre uma cabeça nua:

Sou grego, pequeno e forte
Da força do coração,
Vi de Sócrates a morte
E conversei com Platão;
Sou grego; gosto das flores,
Dos perfumes, dos rumores;
Mas minh’alma inda tem fé,
Não sonho, não me embriago
Nos banquetes de Friné...

O rumor dos aplausos vem não só dos que o seguem, vem de toda a plateia emocionada com aqueles versos, certa mesmo de ter naquele mulato uma figura

da Grécia, grande e sem mácula. Porém, os partidários de Castro Alves pedem silêncio aos *scius*. É que num camarote surgiu a pálida figura do poeta, que estende a mão, e, referindo-se aos adultérios de Adelaide Amaral, clama:

Sou hebreu, não beijo as plantas
Da mulher de Potifar...

E assim, amiga, pela mão de Castro Alves e de Tobias Barreto essas duas mulheres entram, através de improvisos e descomposturas, para as páginas da literatura brasileira. Tobias havia de logo depois se separar de Adelaide, nenhum profundo amor os ligava. Castro Alves seguiria com a sua paixão, que, se paixão não tivesse por Eugênia, não a defenderia, não lutaria por ela. Nunca defendeu uma causa pela qual não estivesse sinceramente apaixonado. Jamais uma ideia ou uma mulher lhe serviram de pretexto para brilhar.

A polêmica continua pela imprensa. Na noite desse duelo de versos entre o grego de Sergipe e o hebreu da Bahia, Castro Alves, inteiramente vitorioso, saíra do teatro carregado em triunfo para uma ceia que a mocidade acadêmica lhe oferecia. De outra mesa, cercado apenas de uns quantos fiéis, trancado no seu orgulho, Tobias assistiu a todo o desenrolar da festa. E, se na poesia ele era mais fraco, tinha na prosa uma arma cujo manejo era quase desconhecido a Castro Alves. Havia surgido um jornalzinho no Recife, *A Luz*, sob a orientação de Castro Alves, para se opor às ideias defendidas pela *Revista Ilustrada*, onde Tobias era aquele que mandava. Tobias que esperava ansioso o aparecimento de *A Luz* para se desforrar do rival, levando a luta para um terreno onde era mestre, não perdeu a oportunidade.[96] Atacou violentamente a orientação do jornal, atacou o mais que pôde e como ele sabia atacar! Porém não assinou o artigo tão venenoso.

E Castro Alves não quis responder sem saber de fonte segura que ele era de autoria de Tobias. Escreveu-lhe uma carta delicada, Tobias respondeu grosseiramente.[97] Então Castro Alves revidou pela *A Luz*.[98] E a polêmica morreu, já sem os fulgores que os improvisos lhe davam à luz dos teatros. Deu, porém, amiga, toda esta luta um brilho romântico a esse ano de 1866 na cidade do Recife. Defendendo as suas damas em verdade eram princípios diversos que eles defendiam. A cultura e o talento de Tobias Barreto limitados pelo tempo e

pela ambição de subir. Solto o gênio de Castro Alves, ambicioso apenas de ser útil com sua beleza à humanidade. Não são apenas dois momentos, amiga. São dois mundos diversos.

O

Ei-lo, o gigante da praça,
O Cristo da multidão!
É Tiradentes quem passa...
Deixem passar o Titão.

os exames desse ano são uma consagração. Treinara o ponto, amiga, com Regueiro Costa e quando no dia seguinte se apresenta perante a banca examinadora é para um triunfo, discutindo com os examinadores, defendendo seus pontos de vista. Aprígio Guimarães, mestre moço que fazia discursos e poemas, violento e brigão, a quem acusavam de usar e abusar dos “palavrões” é um dos lentes que arguem.[99] Admira Castro Alves, sabe de cor os seus versos. O ponto é uma maravilha para a eloquência e o revolucionarismo dos dois, discípulo e mestre: “O poder temporal do papa”. Castro Alves discute este poder, fala em liberdade, em consciências livres e em pensamento liberto. Aprígio Guimarães cita os versos de “O século”, aqueles que dizem: “quebre-se o cetro do papa, faça-se dele — uma cruz! A púrpura sirva ao povo p’ra cobrir os ombros nus”. São versos do discípulo, valem como um ponto de direito. A eloquente conversa que é esse exame, todas as mais avançadas ideias do século a serem debatidas e estudadas, fica nos anais da Academia. É um deslumbramento para os outros estudantes. Esse jovem Castro Alves que tem o seu tempo tomado por tantas coisas diversas: seus versos, a sociedade abolicionista, a amante, as polêmicas com Tobias, o teatro, ainda encontra tempo para vir fazer um exame de direito que impressiona. Possivelmente esse será, amiga, de todo o programa, o único ponto que ele conhece. Mas conhece-o bem, não tem dúvidas ao declarar

que o poder do papa é um insulto ao progresso no mundo.

Talvez, amiga, que o elã que o levou a esse exame triunfal tivesse sido uma outra conquista, um mês antes realizada. É que em outubro Eugênia deve partir com a companhia. Furtado Coelho vai excursionar pelo Sul do país, Eugênia deve ir com ele, está obrigada por um contrato. O seu destino é o palco, será mesmo que o seu destino é o palco? Ou o seu destino será esse moço poeta que está preso ao Recife por um ano acadêmico a terminar? Ela tem que partir, a sua carreira a chama, outras plateias a esperam, versos de outros poetas. Mas haverá carreira que valha mais que a companhia dele, plateias tão compreensivas como a plateia que ele é, poeta mais genial que ele? No entanto, em determinado momento ela está disposta a partir. E ele desesperado escreve-lhe uma despedida que talvez seja o mais dramático dos seus poemas. Um poema escrito realmente com dor, que pode dar uma medida exata, amiga, de quanto ele a amava. É toda a história daquele ano no Recife, toda a beleza, toda a alegria que ela lhe deu, o quanto marcou no seu destino a sua presença de musa. É também o narrar do sofrimento que está tendo à ideia de ela partir e do que terá quando ela se for e ele, sozinho, vagar pela cidade para ele agora deserta e sem vida. Diz-lhe nomes lindos, toda a força da sua lírica, que foi poderosa como nenhuma outra em terras da América, estua nesse poema de desespero, de angústia, de medo de perdê-la. Talvez tenha sido, mais que todos os seus pedidos, essa trágica despedida que tenha feito com que ela ficasse, com que ela também procurasse provar o seu amor.[100]

Assim ele lhe falou, amiga:

Adeus! Adeus! ó meu extremo abrigo!
Adeus eu digo-te a chorar de dor!
É o derradeiro suspirar das crenças,
Que se despedem das visões de amor...

Pálido e triste atravessei a vida
Sempre orgulhoso, concentrado e só...
É que eu sentia que um fadário estranho
Meus sonhos todos reduzia a pó...

Mas tu vieste... E acreditei na vida...
Abri os braços... caminhei p’ra luz...
E a borboleta da fatal crisálida
Soltou as asas pelos céus azuis.

O tronco morto — refloriu de novo
Ergueu-se vivo, perfumado, em flor,
Abençoando a primeira amiga...
Ai! primavera de meu santo amor!

Amiga, quão doces foram as palavras que então lhe disse. “Meu extremo abrigo”, “primavera”, “flor virente”, “rosa”, “estrela”. Não sorrias, amiga, que foi mesmo nestes versos dele que aprendi as palavras que tenho te dito. E se um dia o brilho de outras luzes te tentar e quiseres partir, não me jogarei como um escravo a teus pés, não suplicarei, nem terei lágrimas de dor. Te direi apenas, amiga, esses versos tão cheios de alegria de ter a amada e tão cheios da desgraça de vê-la partir. E sei que ficarás, como Eugênia ficou, que não saberás resistir ao poder destas palavras, ao sangue que sangra delas, como Eugênia não soube resistir e ficou. Não precisas dizer que não partirás jamais e que outras luzes, além das do nosso cais, jamais te tentarão. Eu bem o sei, amiga. Nasceste marítima, sou o teu barco, não irás pelos caminhos da terra. Bem sei, amiga. E mesmo por isto te conto a história do poeta na noite do nosso cais. Te agradecendo tanto amor.

Falara-lhe ele da sua ressurreição quando ela chegara. Tronco morto que se abrira em flores, crisálida que se transformou em borboleta. E se, ao ler esses versos, ela sentiu todo o passado desse ano, se seu coração se encheu dessa infinita doçura de recordar as horas boas passadas em companhia da criatura amada, seu coração se confrangeu ao ler nos versos que se seguiam o destino melancólico do seu amado:

Vai! pois, ó rosa, que em meu seio, outr’ora,
Acalentava a suspirar e a rir...
Deixas minha alma como um chão deserto,
Vai! flor virente! mais além florir...

Vai! flor virente! no rumor das festas,
Entre esplendores, como o sol, viver
Enquanto eu subo tropeçando incerto
Pelo patíb'lo — que se diz sofrer!...

.....

Que resta ao triste, sem amor, sem crenças?
— Seguir a sina... se ocultar no chão...
...Mas, quando, estrela!... pelo céu voares,
Banha-me a lousa de feral clarão!...

E resolveu ficar. Quem seria também ela, longe do seu poeta? Como seria o seu destino quando não mais o tivesse para as horas de triunfo, para as horas de decepções e para as horas de amor, daquele amor que se renova todos os dias sobre um leito que é como o lar dos dois, delírio quotidiano? Ela era dez anos mais velha que ele, era ambiciosa e desejava alcançar o máximo na sua carreira. Conhecia a vida, estava acostumada a passar por cima de sentimentos e de escrúpulos para vencer. Não tinha aquele augusto desprendimento de Castro Alves para quem esses detalhes exteriores não existiam. Entregue a uma causa social que era ainda de poucos: a abolição, entregue a uma causa política que era ainda um sonho: a República, ele estava inteiramente liberto das ambições e de desejos imediatos. Ela não, ela teve o que sacrificar e era a segunda vez que sacrificava algo de importante na sua vida por amor a ele. Quando deixara Veríssimo Chaves tinha pelo menos o contrato com a companhia de Furtado Coelho, mas agora nada lhe restara senão a glória de ser dele, de deixar tudo para ficar com Castro Alves. Dinheiro ele não tem que numa noite de líricas serenatas consome a mesada de três meses, da mesma maneira louca como o fazemos, negra, com o pouco dinheiro que de quando em vez cai nas nossas mãos. Para ele a tentativa de uma vida sem estabilidade econômica era uma aventura divertida. Era um poeta, poeta do povo, pobre como ele. Ela, porém, gostava dos vestidos caros, das joias, das carruagens. E, no entanto, mais que tudo isso era ele na sua pobreza de estudante. E ela ficou.

E agradecido, feliz, enternecido com aquela prova de amor, ele resolve não ir à Bahia nessas férias, se entrega à composição do drama que sonha ela representar. Em troca do seu corpo e da sua companhia ele a vai ainda mais ligar à sua obra. Criará para ela, para ela viver a mais romântica das figuras que atravessam a vida de um poeta do Brasil. Vai arrancar do túmulo a figura sobre todas suave de Marília, flor das montanhas de Minas, para torná-la centro de uma peça de teatro que descrevesse a Inconfidência Mineira. Era como que revelar Eugênia a si própria. Também ela se colocava, ficando ao lado de Castro Alves, no centro dos movimentos que partiam dele e ainda se processam até hoje. Ficando com ele, ela se liga à abolição e à República. Se liga mais aos sonhos e às previsões do gênio dele. É uma nova Marília e um Gonzaga com maior força lírica e imensamente mais leal e consciente da sua revolução. É nesse drama, amiga, que as duas faces do artista Castro Alves mais se misturam. Esse homem que viveu integralmente a sua arte, que não a separou da sua vida, nasceu para cantar a liberdade e o amor. Lírico e revolucionário, é em *Gonzaga* que ele junta essas duas faces e mistura todo o lirismo do mais ardente amor com a paixão da liberdade mais completa. Um drama de amor e de política. Abolição e idílio, República e gorjeios de namorados. Sonhos de redenção e sonhos de amor.[101]

Um dia, amiga, vai longe, nas montanhas de Minas os homens planejaram se levantar para libertar o povo de um jugo por demais pesado. Era um sonho de poetas que teve num homem do povo o seu herói entusiasta. Sonharam Gonzaga e Alvarenga. Tiradentes quis realizá-lo. Era um tipo saído das massas, improvisado dentista de negros e mulatos, alferes por fim. Foi uma aventura de poetas, mas foi também um movimento popular. Não chegou a explodir como revolução mas chegou a dar mártires que regaram o solo para o nascimento de outros sonhos. Castro Alves amou a Inconfidência como talvez a nenhum outro fato do passado político do Brasil. E a figura de Tiradentes mais de uma vez reponta na sua poesia, sempre a representar a bravura e o idealismo.[102] Aproveita dela e dos seus companheiros de conspiração para fazer a sua obra teatral. E como tinha que ser, vai além do sonho dos inconfidentes. São os seus sonhos que pulam para esta obra, seus pensamentos que são ditos por Gonzaga, Alvarenga ou Tiradentes. E também, negra, nessa mescla de romantismo e revolução, é o seu amor que ele retrata no amor de Marília e Dirceu. Marília e

Gonzaga são Eugênia e Castro Alves, da mesma maneira como a abolição e a República, o mundo futuro que ele antevê, estão colocadas como ideais da Conjuração Mineira.

Junto a Eugênia, no escondido da casinha do caminho do Jaboatão, trabalha febrilmente na construção dessa obra que o tenta como nenhuma outra. Poderá ver a mulher amada dizer palavras suas, mas grandes palavras redentoras. Só larga o manuscrito para cair nos braços dela, para os delírios sensuais que são uma constante posse nesse amor onde o coração e o sexo são um órgão só. Vivem então o tempo mais feliz do seu amor. São um do outro como nunca o foram e como jamais voltarão a ser. Nada perturba essa felicidade, os amigos só vêm de raro em raro ouvir as páginas já escritas do drama. Também eles só de raro em raro vão à cidade, em fugidas rápidas, e logo voltam para a tranquilidade daquele lar improvisado, onde os passarinhos e as flores são os vizinhos mais próximos. São realmente felizes, o poeta criando para a sua amada, ela lhe dando o alimento do seu amor.

É quando mais trabalha nesse primeiro ano de Eugênia. Não fora antes um ano muito fértil na sua poética. Além dos poemas que escreveu para ela, uma dezena de poesias líricas, quase não fez outros versos em 66.[103] Foi mais um ano de agitação nas ruas, a abolição saindo dos versos para a militância de uma sociedade abolicionista, os poemas de amor deixando de ser escritos na paz da presença da amada após o amor para serem transformados em improvisos nos teatros nos momentos de luta. Nesse ano ele viveu mais que escreveu. Nem por isso menos fecundo lhe foi ele, amiga. Mais pôde o poeta se aproximar do povo, ter contato com ele, viver para ele. E por fim vem a realização do *Gonzaga* que lhe rouba o fim do ano e o começo de 67.

Terminado o drama, Castro Alves pensa em montá-lo na Bahia, sua terra. Partiria com Eugênia, organizariam uma companhia, iriam dar ao estado natal do poeta as primeiras emoções que a sua peça despertasse. Esse projeto, nascido na quietude de uma tarde quando ele lê para Eugênia as últimas páginas do manuscrito, logo se concretiza. Castro Alves resolve partir e em março se despede do Recife.

E se despede de uma maneira espetacular. É a questão Ambrósio Portugal que lhe dá margem mais uma vez a estar ao lado do povo da cidade que tanto amou. O povo se agitou, levantou uma bandeira, como sempre ele se encontrou à frente

do povo. Começou o caso com uma vaia que os estudantes e a plebe deram, na Câmara Provincial, a um deputado antipatizado. Era ele Maximiliano Lopes Machado, deputado e subdelegado da freguesia de São José. Ambrósio Portugal, um estudante, chefiava os que vaiavam. O político juntou-se com dois irmãos seus e esperou numa das pontes do Recife o estudante, para agredi-lo. Mas o povo que acompanhava aquele jovem cearense que o chefiara nessa manhã, arranca-o das mãos dos seus inimigos e prende os agressores. Foram eles arrastados à Chefatura de Polícia, onde ficam mais resguardados que presos. A multidão, estudantes, homens do povo, não cessa de se agitar em frente à polícia. Desde o momento da agressão até a hora da noite, em que sabem que os Machados haviam sido postos em liberdade, tendo saído por outra porta. Sem outras armas o povo apelou para as pedras da rua. E pôs abaixo quanto vidro havia nas janelas do prédio. Não tarda a reação armada, a tropa a pisar o povo e a fazê-lo debandar a poder das armas. O incidente cresce, agita a Faculdade e a cidade. Clama-se pela República, organizam-se passeatas, xinga-se o Império. O vento dos motins e das revoluções, que sopra permanentemente sobre o libertário Recife, sobe das ruas e varre a cidade. O povo reagindo é sempre Castro Alves reagindo.

E mais uma vez, amiga, é a ele que vamos encontrar trepado sobre uma tribuna qualquer, de repente improvisada, a falar para o povo, a levantar o povo, ao lado do povo, seguindo com ele. Sua voz na tribuna do Recife pela última vez:

Protesto santo se levanta agora,
De mim, de vós, da multidão, do povo;
Somos da classe da justiça e brio,
Não há mais classe ante esse crime novo!

Sim, mesmo em face da nação, da pátria,
Nós nos erguemos com soberba fé!
A lei sustenta o popular direito,
Nós sustentamos o direito em pé!

Sobre uma tribuna, concitando o povo, levantando-o, marchando na sua

frente, eis a última visão que o Recife tem do poeta que amamentou nos seus seios de pedra, dando-lhe a beber o amor e a paixão da liberdade. Cidade do Recife que enrijou o aço da sua espada que era sua poesia. Que fez dele um homem do povo, um gênio do povo. De pé, na frente de um motim, nobre e belo, eis como o Recife o vê partir para ir pregar nas cidades do Sul as palavras que lhe ensinou. Foi assim, amiga, que o Recife o viu na vez derradeira.

P

Uma virgem chorando... — É vossa amante?...
— Tu disseste-o, Condessa! É a liberdade!!!...

a bahia era então, amiga, uma cidade bem menos ruidosa que o Recife político ou a São Paulo boêmia. Sua faculdade não era de direito, nela não se reuniam moços que a proximidade dos estudos arrastasse para a contemplação do ruir das leis antiquadas ou para os movimentos intelectuais. Era uma faculdade de medicina, por muito tempo considerada a melhor do país. E, se bem fossem palavrosos e oratórios os seus mestres, retóricos quase todos eles, querendo misturar nas aulas aos complicados nomes científicos certos burilamentos literários,[104] os alunos se apegavam mais ao estudo, menos andavam nas praças, menos misturados com o povo. Esse é que se agitava muitas vezes e um dos seus condutores foi aquele tio de Castro Alves de quem te falei. Vinha a Bahia das lutas da Independência, da Sabinada e da Revolta dos Malês. Essa revolução de negros, que tinha ligação com motins que se processavam na África, talvez a mais marcante revolução racial e religiosa dos negros do Brasil, fizera com que a cidade tomasse conhecimento da sua enorme população de cor, visse que também os pretos eram homens capazes de se levantar e lutar. Havia na Bahia também um clima revolucionário mas aí ele vinha quase que totalmente das camadas mais pobres da população, distantes os acadêmicos, distantes, muito distantes os intelectuais.

Quando, escandalizando a cidade de famílias tímidas, Castro Alves desembarca na Bahia em 67, trazendo consigo Eugênia Câmara e indo residir com ela publicamente num hotel, Muniz Barreto, velho e glorioso, domina a

literatura estadual. Poeta medíocre, brilhando quase que somente nos improvisos,[105] mordazes e vibrantes, que lhe valeram o cognome de “Bocage brasileiro”, temia ele a concorrência de qualquer outro de maior força que pudesse com uma luz mais forte esbater ainda mais o fosco brilho da sua estrela. Já não está na Bahia Junqueira Freire, morrera há mais de dez anos e só ele soubera renovar o ambiente literário dessa cidade. Os poetas da Bahia de então não são sequer ainda românticos, não chegaram ao clima de Byron e de Álvares de Azevedo, muito mais afastados estão por consequência da poesia que Castro Alves representa, adiante ela própria sobre o romantismo byroniano.[106] Muitos nomes de intelectuais na Bahia de 67. Muito pouco o que restou deles para o futuro. Dessa geração que ficou na Bahia — é preciso lembrar, amiga, que grandes nomes houve mas que, como Castro Alves e Rui Barbosa, emigraram — que nomes nos restam além do de Junqueira Freire? Te recordarás, amiga, de alguma coisa escrita por Itaparica, Landulfo Medrado ou Guedes Cabral? Que poesias sabes de Muniz Barreto, Augusto de Mendonça ou de Gualberto dos Passos?[107] Esses poetas viviam fora da realidade da vida, hoje, amiga, nós os chamaríamos de “acadêmicos”. Nenhuma força vem deles, nenhuma capacidade de renovar nem num plano intelectual nem num plano social. Modorra a Bahia intelectual, a poesia é uma flor de estufa mal aclimatada. Os nomes são medalhões de um falso brilho. Não sentem nem o clamor do povo da cidade, os gemidos dos negros na terra onde eles são em maior número em todo o Brasil, não sentem esse mistério tão profundo e poderoso que escorre da nossa cidade da Bahia, pelas ladeiras, que vem do remoto das macumbas, do cheiro das comidas, da cor morena da gente, do casario colorido. E não sentem tampouco o sertão lá atrás, natureza pujante e bravia, tentadora para um poeta, cheia de lendas, de histórias e superstições. Nenhuma marca, nem do homem, nem da terra, fica nesses poetas. São eles sem cor e sem verticalidade, flácidos na sua poesia sem nenhuma originalidade. Essa cor da terra do sertão, esse perfume que vem das caatingas do Norte, essas noites violeiras do interior, cortadas de lua e de serenatas, tudo isso que tanto marcou na poesia de Castro Alves,[108] não chegam eles a sentir, pobres seres que apenas queriam saber se era rica a rima, bem medidos os versos. Jamais tampouco, amiga, chegou aos seus ouvidos o rumor que vinha das lutas da independência e das revoluções de Sabino ou do alufá Licutã.[109] Viviam na admiração do seu ídolo Muniz Barreto, no rir dos

seus improvisos, encantados na leitura dos seus versos pornográficos. O vento renovador que soprava sobre São Paulo e era tufão no Recife, que dava, amiga, um Alencar e um Machado de Assis, no romance, ainda não chegara à Bahia de médicos retóricos e de poetas sem força criadora. A cidade precisava de que alguém, vindo de outra parte, a despertasse, levasse sua poesia até o povo, renovasse o vocabulário da sua literatura, trouxesse os intelectuais para as barricadas. E Castro Alves veio, negra, e ninguém mais capaz que ele para dar sangue novo à sua cidade. Partira dali um dia, nos seus ouvidos de adolescente os gritos do povo tinham ressoado. Já sonhava alguma coisa diversa do que a Bahia fazia. No Recife se fez homem, levou a poesia até onde ela não havia chegado no Brasil. Levou-a até a multidão das praças, aos comícios, às senzalas, às prisões. Criou uma escola, foi mais adiante de tudo que já um Álvares de Azevedo ou um Fagundes Varela haviam realizado. Chegava do Recife para levar às cidades do Sul, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, a boa-nova de que poesia devia estar a serviço do povo, uma arma terrível. Nessa viagem de pregação que dura o resto da sua vida, a Bahia é a primeira escala, a primeira praça a ser conquistada. E, como uma mulher, a mais lânguida das mulheres, a cidade da Bahia estende os braços para ele, tem para seu filho ternuras de amante, sabe, desta vez, tapetar de flores o seu caminho.

Inicia a sua pregação com o escândalo. Desembarcando com Eugênia, numa cidade onde a sua família é tradicional e importante, não esconde a amante, se vangloria dela. Tomam, como casados, aposentos num hotel. A cidade murmura pelas esquinas na voz das comadres e também na voz despeitada dos discípulos de Muniz Barreto, ameaçado na sua supremacia literária. E, maior escândalo dará ainda ao levá-la para a casa da Boa Vista onde residira sua família e que agora estava desabitada. Para junto de todos os fantasmas familiares leva a graça irrequieta da amante, leva os gemidos de amor. Os jovens da cidade começam logo a cercá-lo, se bem muito mais que os literatos o povo vá se apaixonar por ele.[110] Melo Morais Filho, que estuda medicina na Faculdade célebre, fica seu amigo de todos os dias. Eugênia não enche-lhe apenas a vida de amor. Quer que ele à noite traga os amigos para a casa enorme para ajudar a espantar os fantasmas. Vêm muitos moços, declamam, discutem, falam sobre arte, política e teatro. Eugênia anima com a sua presença as reuniões, toma parte nos debates, muito lhe ensinou, amiga, o seu poeta. Começam a organização de uma

companhia que represente o *Gonzaga* e tenha Eugênia como primeira atriz. Elisário Lapa Pinto, poeta e funcionário público, será o galã. Fará ele depois o Gonzaga da peça e não fará de todo mal, se bem o físico não o ajudasse.

Entra o poeta como sócio do Conservatório Dramático, sujeita a sua peça a julgamento. É uma leitura que desperta o interesse de todos. O teatro onde a peça é lida se encontra repleto. A comissão[111] julgadora elogia-lhe o trabalho com entusiasmo. Um dos juízes porém faz restrições e isso dói a Castro Alves. Sente que a velha e modorrenta literatura da cidade o sabota, quer impedir que ele exerça influência sobre a mocidade e a roube dos decrépitos cânones poéticos e políticos. Mas como o poderão impedir se, dono de um insuperável entusiasmo, com o coração repleto de amor, feliz de Eugênia, amiga, ele, no Dois de Julho, dia da maior festa baiana, se levanta no camarote do teatro para declamar? É o seu primeiro triunfo público na Bahia, arrasta desde este dia o povo atrás de si, ensina com poesia o heroísmo da luta e da revolta. Nunca o Teatro São João, acostumado com os recitativos melosos de Muniz Barreto, ouvira uma voz como essa. Voz que tem palavras até então desconhecidas para o povo da Bahia, que vai buscar no infinito as suas imagens, que não canta apenas, prega também:

É a hora das epopeias,
Das Ilíadas reais.
Ruge o vento — do passado
Pelos mares sepulcrais.
É a hora, em que a Eternidade
Dialoga a Imortalidade...

O povo o segue. Segue-o para outros momentos em outros teatros, declamações que são comícios. Acostuma-se a gente baiana a ver aquele pálido moço vestido de preto, olhos negros e grandes, mãos nervosas, aparecer nos camarotes e lançar palavras de fogo. Mas em 3 de agosto, no mesmo teatro, não é mais ele que declama. Divide desta vez o seu triunfo com a amada, é Eugênia que diz “O livro e a América”. Esse poema dá-lhe de súbito uma categoria de gênio para toda a gente da cidade. Os estudantes aclamam-no como nunca aclamaram ninguém. É que esse poema cheio de inesperadas imagens, falando no progresso, nas ideias mais recentes do século, elogio do livro e da cultura,

antiobscurantista, os deixa encantados, descobriram um mundo novo. Aí o poeta vem indicar, amiga, os destinos da América. Esse mundo que é o novo continente terá que ter um destino mais alto que todos os outros. Castro Alves lhe indica o seu caminho, o caminho da cultura que é um caminho da liberdade. Mas não o caminho da arte pela arte de uma Grécia de decadência:

Marchar!... Mas como?... Da Grécia
Nos dóricos Partenons
A mil deuses levantando
Mil marmóreos Panteons?...

mas não como a Roma imperialista de ontem e de hoje:

Marchar co'a espada de Roma
— Leoa de ruiva coma
De presa enorme no chão,
Saciando o ódio profundo...
— Com as garras nas mãos do mundo,
— Com os dentes no coração?...

mas não como a Alemanha feudal de ontem e de hoje:

Marchar!... Mas como a Alemanha
Na tirania feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma catedral?...

Não, diz o poeta. Marchar para o porvir, marchar para a liberdade. Marchar com um livro como arma, "o livro — esse audaz guerreiro". E, em alguns destes versos em que conclama a mocidade da sua terra, ao falar desses moços parece estar falando de si mesmo e da sua missão:

Vós, que o templo das ideias
Largo — abris às multidões,

P’ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções.

Que é ele, se não isso, abrindo caminho para as multidões? E nesse abrir de caminhos, nesse rasgar de estradas ele continua todo esse ano. Conquista a Bahia, agora os jovens são muitos em torno dele. Em 31 de outubro declama novamente para o povo. Dessa vez é aquele poema cintilante de gênio, grandiloquente, feito dessa eloquência que não é retórica, dessa força de estilo que não é demagogia, que se chama “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”. É no Gabinete Português de Leitura, no dia da festa em benefício das famílias dos soldados mortos na guerra. Castro Alves primeiro fala de si e da sua poesia com aquela consciência que tem do seu valor, consciência que não foi vaidade em nenhum momento:

Eu, que a pobreza de meus pobres cantos
Dei aos heróis — aos miseráveis grandes —,
Eu, que sou cego, — mas só peço luzes...
Que sou pequeno, — mas só fito os Andes...,

Assim era ele, em verdade, amiga. Trazia para a sua poesia a grandeza da natureza e dos sentimentos. Fitava longe, Andes, montanhas altíssimas, sonhos longínquos. Fitava o futuro, negra.

Nunca se pediu, amiga, em tão belos versos. Esmola que é justiça para os filhos dos que foram morrer “do vasto pampa no funéreo chão”. Suas palavras não serão mais esquecidas. É outra a Bahia depois que ele passou pelas suas ruas. Nesse ano ele renovou a poética da sua terra natal, trouxe a sua cidade para próximo do seu século. Em 67 ele é, amiga, a civilização e o progresso, a poesia e a revolução, andando nas ruas de pedras negras da cidade da Bahia de Todos-os-Santos e do poeta Castro Alves.

Em junho estreara a companhia, com sucesso. Apesar de ser em parte formada de amadores, a vivacidade e o talento de atriz de Eugênia Câmara bastavam para garantir-lhe o êxito. E em Sete de Setembro, data magna da

pátria, é levado o *Gonzaga.* Estão presentes, além do presidente da província, da gente de importância, dos literatos e estudantes, os homens que formam a massa do povo. Eugênia no palco é uma Marília encantadora, dizendo ternuras de amor com a mais absoluta naturalidade. E que era aquele drama senão, na sua parte lírica, a história sua e de Castro Alves? Aquelas palavras que repetia agora no palco quantas vezes não haviam sido trocadas ou no leito da casinha do Jaboatão no Recife ou no da Boa Vista na Bahia? As palavras da abolição atravessavam esse ilustre Teatro São João. E também as palavras da República, os gorjeios de amor. O público reclama no fim do primeiro ato a presença do poeta. Quer aplaudi-lo, dizer quanto sentiu e compreendeu o que ele lhe ensinou. E assim, ao fim de cada ato, ele é obrigado a vir à boca da cena receber as palmas.[112] Por fim, acabada a representação, os moços poetas da terra, aqueles que já estão ligados a ele, fazem-lhe uma festa. Castro Alves é coroado com uma coroa de louros, onde está gravado: “ao gênio”. Poesias são declamadas, todas contam do herói dessa noite. E a sua consagração é a consagração não só de Eugênia como das suas ideias, da abolição, da República, da liberdade. E lá fora a multidão o espera. Os poetas e os homens ilustres já o saudaram. Resta o povo. E o povo o carrega sobre os ombros, atravessa com ele pelas ruas da Bahia, vai levá-lo até a casa. O povo começa a lhe pagar a sua solidariedade, amiga.

Esse triunfo repete-se na festa do *Gonzaga* em seu benefício. Depois Eugênia deixa a companhia para ir trabalhar num teatro que foi construído às pressas para ela: o Ginásio Bonfim. São os últimos dias da Bahia. Castro Alves sente que não deve mais sacrificar a carreira da amante, que compete levá-la para o Sul, onde as companhias são boas e podem dar à mulher querida outras oportunidades. Por outro lado também ele tem que continuar a sua pregação. O Rio e São Paulo o esperam, a Bahia já está conquistada. Mudou nesse ano a face da cidade, amiga, deu voz ao povo da sua terra.

Q

Voz de ferro! desperta as almas grandes
Do sul ao norte... do oceano aos Andes!!...

seu destino, amiga, despertar as almas. No bojo daquele navio parte com seu amor para a conquista do Sul. Espera que seu drama e seus versos tenham no Rio e em São Paulo a mesma influência que tiveram no Recife e na Bahia. Eugênia também vai confiante, no Sul o teatro tem um desenvolvimento e uma aceitação ainda maiores. E para ela aquelas plateias não são desconhecidas. Várias vezes representou diante delas, colheu aplausos, críticas elogiosas, poemas cantando-lhe o físico e o talento. E muito mais espera agora dessas plateias quando vai com Castro Alves, cujo nome e fama precederam a vinda em pessoa. Realmente, os jornais do Rio haviam divulgado poemas de Castro Alves, a fama dos seus versos e da nova escola poética não era mais uma novidade para os intelectuais do Rio. E em São Paulo, Fagundes Varela se encarregara de divulgar as produções abolicionistas de 65, declamando para os amigos os espantosos versos daquele poeta baiano que arrastava atrás de si a cidade do Recife. Fagundes foi quem trouxe para a capital paulistana a notícia de que uma voz diferente se levantava dentro do romantismo, dando-lhe uma forma nova e colocando-o a serviço de ideias novas. E São Paulo o aguarda para com ele sair do seu clima simplesmente literário para um clima de lutas e conquistas sociais e políticas. No Rio, amiga, dois são os grandes da literatura. Um é José de Alencar, sobre todos glorioso, romancista e poeta, chefe ele de uma escola, escrevendo poemas de rara sonoridade nas narrações de histórias indígenas. Se a sua importância é imensa para o romance brasileiro, para a literatura e a língua

brasileiras, não é menor a sua importância pessoal naquele momento. Vitorioso sob todos os aspectos, aparecendo aos olhos do público como a maior figura intelectual do Brasil, romancista admirado pela elite e amado pelo povo, teatrólogo, jornalista, é também um político prestigiado. Sua palavra, amiga, basta para consagrar. E esse homem vitorioso que depois ocupará um lugar ímpar na história da nossa literatura, marcando o início da nossa libertação intelectual, sabe admirar e compreender. Do alto da sua vitória gosta de aplaudir os que surgem e de vê-los se elevar. É poderoso demais para temer concorrentes.

Machado de Assis, amiga, viera de muito baixo. Por mais diversos que sejam na sua maneira de olhar o mundo, ele tem muitos pontos de contato na sua vida com Tobias Barreto. Um paralelo feito no Recife entre Castro Alves e Tobias Barreto poderia ser reproduzido no Rio em relação a Alencar e Machado. Como Tobias, o romancista de *Dom Casmurro* era um mestiço que vindo do mais baixo se projetava para cima, seu ideal era atingir a classe que lhe estava imediatamente superior. No fundo essa classe da qual iria depois sorrir, como Tobias iria xingá-la, era para o mestiço sergipano e para o mestiço carioca a única coisa bela e desejada. Consideravam a vitória na vida alcançar essa classe e chefiá-la. Procuravam ambos ignorar de onde tinham vindo, fechando Tobias os olhos para o espetáculo da escravidão, esquecendo Machado, num propósito pequenino, a pobre mulher que o criara. O que os distingue é ser Tobias um homem de grandes rompantes, jogando luz sobre grandes problemas, esquecendo de propósito imensos problemas, conquistando um lugar na classe que invejava à força de golpes violentos. Enquanto que Machado é de uma natureza pequenina, onde os sentimentos eram em surdina. Não agitou nunca os grandes problemas, não esqueceu apenas problemas imensos. Esqueceu também, amiga, e isso era a sua própria natureza, pequenas coisas sentimentais que marcam ainda mais que o sergipano essa idolatria por uma classe que o deslumbrava. Ele não subiu a golpes de atrevimento, não subiu se pondo como um igual a esta classe, merecendo figurar nela pelo talento como o fazia Tobias, reclamando o seu lugar. Ele pediu o seu lugar, um pedido cheio de tristes bajulações, de mesquinhezas, de silêncios e de reticências. Esse homem de tão notável talento tinha um pequeno coração no qual apenas havia lugar para o amor a si próprio. Queria atingir um lugar de relevo na classe dominante. Mas isso sem magoar ninguém, não sentia nos pulsos aquela força de *boxeur* peso-

pesado que tinha Tobias Barreto. E, conquistado o seu lugar, cercado da admiração e do respeito, indiscutido, ainda assim ele não se sentia seguro. Sua voz não se elevou em nenhum momento, ficou sempre em surdina e se é uma bela voz é também, amiga, em muitos pontos uma voz estéril. Nenhum homem dos grandes da nossa pátria em qualquer terreno nos dá tamanha impressão de medrosa neutralidade como o romancista carioca. Chamam-no de tímido, amiga, e é um adjetivo mal-empregado. Medroso, mais que medroso, covarde é o que ele foi. Por isso, negra, nunca conseguiu do seu povo senão uma distante admiração. Nenhum escritor tem sido menos amado que esse homem que poderia ter sido o maior da sua terra. Ninguém se sente nele, que atravessou o clima político do Brasil sem tomar conhecimento dele. Como que só os pequenos acontecimentos encontravam eco no seu coração. Até a sua felicidade foi feita de pequenas coisas, triste homem, amiga, que nunca se sentiu seguro da sua importância. Sua voz só encontrava prazer com palavras de elogios para aqueles que não lhe podiam fazer concorrência. Temeu sempre o aparecimento de um nome que pudesse ofuscar o seu. Vaidoso de ser chamado o primeiro romancista da língua portuguesa do seu tempo,[113] guardava um prudente silêncio sobre as figuras que pudessem ofuscar a sua luz.[114] E, amiga, nada mais triste no cenário das nossas letras que o melancólico espetáculo desse homem de talento que não acreditava na força do talento, que se guardava das grandes causas, que tinha medo da vida, que jamais quis encará-la frente a frente. Triste penumbra que o sol não aquece.

São essas duas figuras que cercam Castro Alves ao saltar o poeta no Rio de Janeiro, em caminho de São Paulo. Ele pensa, amiga, em fazer representar no Rio o *Gonzaga*, em conquistar também, para a nova poesia que traz do Recife e da Bahia, o povo carioca. Na Tijuca se avista com José de Alencar. O romancista cearense recebe-o cheio de compreensão.[115] A sua casa se abre como um lar para o poeta condoreiro. O que havia de poesia, da mais alta poesia, em Alencar, o amor das frases saborosas, havia de se encantar com esses versos e com esse drama que estava para a poesia assim como os romances indianistas do cearense. É um encontro de duas das mais importantes escolas da literatura brasileira. São a poesia do negro e a poesia do indígena. Alencar fora fazer a reabilitação sentimental e literária do indígena, buscando-o como um elemento de base para a sua revolução literária e linguística que marca a sua obra de tão forte sabor

nacionalista. Castro Alves estava fazendo mais que a reabilitação, estava fazendo a libertação do negro, trazia-o nos seus versos para o cenário nacional. Heróis de duas raças, amiga, os dois homens de letras tinham que se compreender e se amar.

Castro Alves lê para Alencar o drama e alguns poemas.[116] Alencar estava no alto da Tijuca, num grandioso cenário para sentir aqueles versos em que vibravam a natureza do Norte, o sofrimento dos homens, a esperança de um dia melhor. Se comove com a leitura, sente que tem alguém diante de si. E, de acordo com a sua natureza, pensa imediatamente em lançar o poeta,[117] em fazê-lo conhecido. E, acompanhado de uma carta que dias depois será publicada na imprensa e chamará a atenção de todo o Rio para o vate baiano, Alencar o envia a Machado de Assis, cuja coluna de crítica é também capaz de marcar o destino de um escritor.

Num domingo de Carnaval, quando o povo nas ruas cantava e dançava, Machado o procura no hotel onde Castro Alves e Eugênia escondiam o seu amor. Machado ouve o drama, ouve os versos. E até mesmo esse homem feito de reservas, desconfiado e difícil, se deixa seduzir pela nova poesia que desce do Norte. Sem a mesma exuberância de Alencar, sem aqueles rompantes do cearense, o romancista carioca estuda numa carta repleta de louvores a obra de Castro Alves. Não deixa, é verdade, de tomar em determinados momentos aquele ar de conselheiro, de mestre que fala para uma roda boquiaberta, mas ainda assim o ter conquistado a admiração de um homem tão distante da sua poesia e dos motivos que a determinavam é um dos maiores triunfos de Castro Alves.[118] A carta de Machado de Assis, em resposta a Alencar, é publicada também. Então as portas da imprensa do Rio se abrem para o poeta. Os meios literários o recebem, ele vem consagrado pelos dois mais acatados vultos da literatura da corte. Saúdam-lhe o gênio, declamam seus versos, publicam-nos nos jornais. Imitam-no,[119] sua poesia domina. Emílio Zaluar, aquele poeta que já dedicara versos a Eugênia Câmara, oferece agora um banquete a Castro Alves. Estão presentes as figuras mais em voga da literatura de então.

Hospeda-o Luís Cornélio dos Santos, seu amigo do Recife, colega de curso. Porém, o seu lar verdadeiro no Rio é o hotel onde pousa Eugênia. Lá passa as suas noites que continuam a ser as mesmas noites delirantes de amor. E os dias quase que os passa na redação do *Diário do Rio de Janeiro*, onde lê para vultosa

assistência de literatos e atores o *Gonzaga*. Grande êxito entre os literatos, mas também a recusa de Furtado Coelho de representar o drama. Talvez, amiga, que o ator eminente nunca tenha perdoado ao poeta o ter-lhe tomado a primeira atriz que era igualmente mãe de uma filha sua. Aproveita agora para vingar-se. Castro Alves resolve partir para São Paulo, continuar o curso. O Rio já o conhece, já sabe da missão da sua poesia, já se encontrou com as causas que ele defende.

Porém, ainda lhe resta tomar contato com a coisa que mais preza: o povo. Seu êxito foi entre os intelectuais, a imprensa, os artistas. Resta levar a sua mensagem até o povo da cidade.

E antes de partir, amiga, no dia em que a cidade comemora entre festas e passeatas a vitória de Humaitá, ele surge na sacada do *Diário do Rio de Janeiro*, muito pálido e muito belo, e declama para a multidão que percorre as ruas. E o povo do Rio tem para ele os mesmos entusiásticos aplausos que o do Recife e o da Bahia. Estava esse povo acostumado com a poesia de Casimiro de Abreu, chorando em lindas estrofes amores de namorado, e não podia senão se comover, se emocionar, se levantar, com essa voz que vem do Norte e soa como clarins, como um rufar de tambores, esplêndida voz viril:

Dizei, condores, que voais do Norte!
Dizei, ó ventos, que o céu rompeis!
Por que é que a brisa em seu broquel soluça
E o vil tirano se me agarra aos pés?

[...]

Eis já no fumo os batalhões s'entestam,
Solto o estandarte no combate novo...
Trincheiras, fortes, baluartes quebram-se,
Ao férreo embate de um potente povo
É um raio — a esquadra... As legiões retumbam,
Ruge a refrega com seus mil tropéis ...
...Bravo!... Vitória!... Viva o povo imenso,
O vil tirano há de beijar-lhe os pés!

Condor que voa do Norte, amiga, ele parte nos braços do povo. É seu destino, aqui, ali, mais além, no Norte ou no Sul, ontem, hoje e amanhã.

R

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo,
— Rosa de Espanha no hibernal Friul —

são paulo se veste do seu sol brando, ilumina as suas ruas para receber o poeta, negra. Essas ruas de São Paulo são também ruas ilustres pelos passos que as pisaram. E sob a abóbada da sua Faculdade de Direito ressoaram as vozes mais marcantes do Brasil. Aí, amiga, alternaram-se as mais altas glórias do país. Três nomes podes ler nas lápides comemorativas que os estudantes de depois colocaram nas paredes desta casa do saber: Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves. Em torno desses nomes muitos outros se reuniram e de São Paulo a poesia cantou para todo o Brasil cantos de amor e de liberdade, os mais doces e os mais fortes.

Tinha sido com Álvares de Azevedo o grande momento romântico, a época das alucinações, das bacanais, do “amor e medo”. O gênio do paulista criara um clima especial para essa cidade. Ressumava literatura e romantismo. Fagundes Varela que veio depois reforçou, com a sua poesia e o desregramento da sua vida, essa legenda da cidade, estudantes nas tavernas, estudantes conduzindo mulheres pelas ruas para o amor nos cemitérios. Suicídio aos vinte anos, após criar um mundo de beleza. Essa parece ser a fórmula de vida que os poetas criaram para São Paulo. O frio inverno da cidade convida ao calor do álcool nas tavernas. Byron convida ao desvario, às mais absolutas loucuras. O mundo em redor deixa de existir. Num plano que não é o da realidade vivem esses estudantes e esses poetas que os conduzem. A Faculdade tem um ar fantasmagórico, é o templo de uma nova religião: o byronismo. Nas noites

mortas a serenata rompe o silêncio. Vão cantar versos românticos, chorosos de amor, às damas que se escondem atrás das rótulas. Mas não termina à noite esse lamentar da ingratidão da amada. A taverna os espera, os prostíbulos são terríveis como as estrofes demoníacas de Byron. E nas tavernas ou nos prostíbulos procuram a morte que é a derradeira e a mais desejada das amadas. Se uma cidade de São Paulo, burguesa e pacata, dorme com o sino que badala às nove horas, outra[120] satânica e moça, envelhecida porém de literárias desilusões, se movimenta pelas ruas de suja fama, às gargalhadas e aos empurrões. Mas, de súbito, há silêncio, amiga, e sobre toda a sujeira e sobre todo o vício uma voz se eleva e declama:

Quando, a primeira vez, de minha terra
Deixei as noites de amoroso encanto,
A minha doce amante suspirando
volveu-me os olhos úmidos de pranto.

e essa voz do gênio paulista lava a sujeira dessas ruas, veste de pureza essas almas que mergulharam no lodo.

Ou a voz é outra, amiga, uma voz irmã daquela porém, e desta vez, na rua desgraçada, canta para a pobre que o destino levou a vender seu corpo de quase menina:

Por que te afogas, ó irmã dos anjos
Nas ondas negras de um viver impuro,
E as santas formas do cinzel de Deus
Manchas do vício no recinto escuro?

Assim são eles, negra, esses Álvares de Azevedo, esses Fagundes Varela, assim são esses estudantes todos, corações cheios de uma tristeza que leram em Byron, a cabeça cheia de talento ao qual as gotas de álcool dão um sugestivo encanto. Essa geração romântica que quase não tomou contato com as realidades da sua terra, que viveu num mundo de sonho, fez, em determinado momento, da Faculdade de São Paulo a mais ilustre das torres de cristal do país. Bela, de esplendente beleza, mas longe do mundo, do alto dela os poetas não viam o

quotidiano muitas vezes trágico. E, embevecida na contemplação dos seus poetas magníficos, adormecida pelas suas vozes suicidas, São Paulo quase não ouviu aquela outra voz, talvez menor, porém que já apontava outros caminhos: Pedro Luís.[121]

Esse queria que a sua lira tangesse outros motivos que não aqueles, estéreis e inúteis para a felicidade dos homens, que os grandes da poesia da época tanto amavam. Mas não era a sua voz bastante poderosa para cortar a orquestra de sons maviosos que era a voz romântica de Álvares e Fagundes. E São Paulo não acordou, continuou ao embalo dos desesperados versos, que eram uma trágica cantiga de ninar, o seu sono de gigante. No seu enorme coração há lugar para os mais altos sentimentos, seus pulsos tão potentes têm forças para romper qualquer cadeia de escravidão. Mas é preciso que uma voz a desperte, lhe diga que há sofrimento no mundo e que a missão de São Paulo é trazer a alegria das boas-novas para os homens.

Castro Alves canta em São Paulo a sua canção de despertar. Seu hino, cheio de auroras, madrugadas que despontam, sol da liberdade, esperança de futuro, transforma São Paulo. A sua chegada e a sua atuação marcam na grande cidade do Sul o interesse mais imediato dos seus homens de pensamento e letras pelos problemas sociais e políticos. Após a passagem de Castro Alves já nada distinguirá a Academia do Recife da Academia de São Paulo. Em ambas respirar-se-á o mesmo ar de ideias em ebulição, estudantes misturados na multidão, emprestando o vigor das suas imagens para os mais nobres movimentos sociais de então. É em Castro Alves que São Paulo vai encontrar a política, o vibrar por causas mais próximas, se afastar dos devaneios que conduziam ao reino da imaginação delirante. E em São Paulo, ao calor da simpatia com que a cidade o cerca, Castro Alves escreverá o melhor da sua obra abolicionista e republicana. Se duas coisas se compreenderam no mundo foram Castro Alves e São Paulo.

Esta cidade, amiga, ele não teve que conquistar. Não atravessou as suas ruas desconhecido, ignorado de todos como acontecera no Recife dos dois primeiros anos. Tampouco encontrou, como na Bahia, a má vontade de um grupo intelectual instalado. Em São Paulo só foi encontrar carinho e admiração, gente ávida da sua palavra, sequiosa de ouvi-lo e aplaudi-lo, esperando por ele para segui-lo, para aprender nas suas palavras as palavras que jamais lhe sairiam do

coração, de amor ao povo e à liberdade.

Em São Paulo ele chegava glorioso, jovem de vinte anos mas já chamado de gênio. Precediam-no os gritos da multidão no Recife libertando tribunos e prendendo poderosos ao mando da sua voz, os aplausos do povo da Bahia, o sucesso literário no Rio. Sabia-se já que aquele jovem cantava, em palavras ardentes, problemas que os homens de então sequer imaginavam tratar. Fagundes Varela declamara nas suas últimas noites de orgia em São Paulo os versos do poeta que conhecera em Pernambuco, três anos antes, quase menino ainda mas já homem nos seus sentimentos libertários e nos seus sentimentos de amor. As cartas de Alencar e Machado de Assis sobre a sua obra de poeta e teatrólogo tinham igualmente repercutido entre os acadêmicos. Aguardam-no sabendo quem ele é, o seu valor, a sua importância. Apenas, amiga, por mais elevado que fosse o conceito que dele fazia São Paulo, ainda assim ele havia de surpreender a cidade, tal a força que seus poemas já haviam alcançado. E mais que isso, em São Paulo ele iria crescer, se fazer ainda maior, nessa nova tribuna sua voz encontrará ressonâncias ainda desconhecidas na sua poética. Na libertária e na lírica. Porque é em São Paulo, amiga, que ele vai ter os seus maiores dias de alegria e de desgraça. São Paulo lhe reserva os seus maiores triunfos públicos, mas lhe reserva também o abandono de Eugênia, amor da sua vida, e o começo da agonia final. Em São Paulo ele se apossa da vida na sua totalidade, na grandeza da alegria, na grandeza da desgraça. O adolescente que chegara ao Recife e de lá partira homem aos vinte anos, viverá num ano em São Paulo uma vida inteira, repleta dos mais dramáticos momentos. Don juan desgraçado, em São Paulo ele verá a seus pés jovens rostos formosos que se lhe oferecem. Mas verá também o corpo que era o seu desejo quotidiano de amor fugir dele e ir para outros caminhos. Caudilho de um povo, em São Paulo verá atrás de si a multidão, vibrante, apoteótica, triunfal. Mas verá também, amiga, que sua vida está terminando, “o peito gasto ao referver de amores”, a voz que tão alto soara obrigada a calar-se de repente. São Paulo é seu triunfo maior, sua agonia também.

E São Paulo, que o soube amar, que soube compreendê-lo e festejá-lo, que foi o momento maior da sua glória, São Paulo se fez o mais delicado dos amigos quando o gigante rolou ferido. São Paulo foi doce, carinhoso e bom. E quando partiu para outras terras, sem amor e sem saúde, levava no coração a saudade:

Das várzeas longas, das manhãs brumosas,
Noites de névoa, ao rugitar do sul,
Quando eu sonhava nos morenos seios
Das belas filhas do país do sul.

Esse momento de São Paulo, tão emocionante, amiga, é o maior momento do poeta. Porque em São Paulo, negra, ele escreve para todos nós as “Vozes d’África” e “O navio negreiro”. E a cidade de São Paulo, bela adormecida no bosque à voz romântica dos seus poetas, despertou cavalheiro da liberdade ao clarim da voz de Castro Alves.

S

[...] *Se a estrela se cala,*
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima, audaz!

as mulheres, amiga, movimentaram os cabeleireiros franceses que tinham tenda em São Paulo, puseram as costureiras em tortura, queriam vestidos lindos, penteados nunca vistos. Naquela noite o *Arquivo Jurídico*, revista da Academia, recebia no salão da Concórdia o poeta Castro Alves, num sarau de arte. E constava pelas casas elegantes que esse moço baiano era de uma estranha beleza, romântico e esportivo, poeta e caçador, amando as mulheres com o ímpeto de um don juan, amando galopar nos mais árdegos cavalos. Não vivia perdida de amores por ele Eugênia Câmara, a maior cômica da época? Não viviam os dois numa vida que era escândalo e delírio, não estavam os seus versos cheios de sensualismo devorador? Mulheres do Recife e da Bahia tinham corrido para os seus braços e para os seus lábios mal o viam, mal ele lhes dizia as primeiras palavras. Tinha apenas vinte anos mas em coisas de amor se era violento como um adolescente tinha também os requintes de um homem vivido. Ele mesmo dissera que os pais de família deviam tremer quando ele saía para a rua pois a sua figura romântica, boêmia e revolucionária atraía as mulheres e as prendia a ele. Fosse dizendo versos de libertação, lançando pela boca palavras que eram incêndio, fosse compondo versos suaves de amor para músicas de

então,[122] versos que eram cantados ao piano, nas festas familiares. De qualquer maneira arrastava atrás de si um cortejo de mulheres que o amavam e o queriam. Diziam que era como um jovem deus,[123] impossível de resistir a ele. E corriam as costureiras e corriam os cabeleireiros sob o nervosismo das damas de São Paulo. Até a mulher do cônsul inglês, que era dada aos esportes e à poesia, requintou sua toalete nessa noite para conhecer e ouvir o poeta.

Também os homens estavam ansiosos. Recém o poeta chegara a São Paulo, mas todos já sabiam sobre ele. Sabiam que compunha versos diferentes, que em vez de cantar a morte e a desgraça de ter nascido, ele cantava a vida, o rolar dos corpos sobre o leito de amor, a escravidão dos homens negros, a escravidão dos homens brancos, a libertação de uns e de outros. Aquele que chegava para o lugar que Álvares de Azevedo e Fagundes Varela tinham enchido com as suas vozes magoadas e por vezes satânicas, trazia uma mensagem até então desconhecida. Será verdade tudo que contam dele? Que no Recife era um caudilho que falava das sacadas ou do meio das praças, que fazia motins nos teatros defendendo a sua dama, que fazia revoltas na rua defendendo a liberdade? Que fundara uma sociedade para libertar os negros e para lhes dar fuga? Que criara uma escola poética, romântica, porém libertária, que era como um condor voando mais alto que nenhum outro já voara e que por isso os estudantes do Recife tinham chamado à sua escola de *condoreira*? Que levantara a Bahia, a arrancara da retórica inútil e da sonolência medíocre dos seus intelectuais para trazê-la para a campanha da abolição? Que quando declamava se transfigurava numa figura olímpica e aparecia como um condutor de povos? Muita coisa diziam desse baiano de fronte larga e negros olhos. Mas ele tem apenas vinte anos, é quase um menino. Não haverá exagero em tudo que disseram? São Paulo é rica e poderosa. São Paulo sofre de quando em vez a decepção de um gênio falso que vem até a sua porta oferecer como de ouro uma moeda de cobre. Por isso São Paulo ficou desconfiada e arisca. Mas quando a moeda é de ouro e o gênio verdadeiro, São Paulo se cobre de alegria e de entusiasmo para acolhê-lo. Hoje São Paulo, amiga, julgará do ouro ou do cobre do gênio de Castro Alves.

Que terá ele para dizer a essa cidade? Essa cidade e esse estado são milionários, abastados e felizes na sua abastança, suas fazendas cheias de escravos, seus políticos que dominam e sustentam o Império. Que dirá ele a São

Paulo? Fará cantos de amor para a cidade e para a sua vida, para a riqueza regada com o suor e o sangue dos negros?

Os estudantes esperam. Ainda parecem ouvir no eco das abóbadas da Academia aquelas vozes sentidas dos seus poetas. Que dirá esse poeta de hoje, será falso o seu gênio?

No salão da Concórdia não cabe mais de gente. As senhoras sentaram nas primeiras filas mas ainda assim há mulheres que não conseguiram lugar e quase todos os estudantes estão de pé pois a assistência foi muito maior que a calculada. Sobra gente pelos corredores e é com dificuldade que o poeta os atravessa. No meio da assistência, tremendo por ele, nervosa e faceira, Eugênia Câmara é apontada a dedo.

E ele aparece. As mulheres se acotovelam umas às outras: “é ele”. Pelo menos a elas não enganaram. É realmente belo, de uma beleza cheia de virilidade e de sedução. E elas logo ficam presas e cativas dele, não duvidam mais que ele vai dizer coisas formosas. E, amiga, no desdém com que olham de revés para Eugênia vai um pouco de irritação porque é ela quem o possui, dela é o coração do moço poeta.

Entre os lentes e estudantes estão nomes como os de Saldanha Marinho, José Bonifácio, Nabuco, Brasílio Machado, Rui, Ferreira de Menezes e próximo a eles está o ator Joaquim Augusto, o primeiro do tempo, que não deu espetáculo nessa noite para ouvir Castro Alves. Está também o padre Chico, uma das grandes figuras do São Paulo de então, que depois seria enfermeiro carinhoso do poeta.

Antes dele outros poetas deram início ao sarau. Foram ouvidos em silêncio, foram aplaudidos. Mas a impaciência de ouvir o vate do Norte era demasiadamente grande para que pudessem os ouvidos ficar totalmente presos àqueles versos. Mesmo porque os olhos de todos não se desfitavam da figura pálida do recém-chegado. E, quando ele caminha para a tribuna, um arrepio de medo percorre o corpo das mulheres que já desejam o seu triunfo. E um interesse maior lança o corpo dos homens para a frente no desejo de não perder uma única palavra. Mas isso não será necessário pois aquela voz atinge cada canto do salão e arrebenta dele para a rua, voz acostumada a clamar para multidões nas praças públicas. No entanto começa quase em surdina:

Nas horas tristes que em neblinas densas
A terra envolta num sudário dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
— Cúpula imensa dum sepulcro enorme, —
Um grito passa despertando os ares.

E a voz do poeta, grito que desperta consciências, vai se elevando, domina toda a sala por onde faz caminhar os fantasmas dos heróis do passado cujas mortalhas gloriosas estão salpicadas com a lama da escravidão, cujo sono é interrompido pelo gemer dos escravos. Os primeiros versos que ele disse em São Paulo, amiga, são aquelas terríveis apóstrofes que os grandes mortos do Brasil lançam à face dos vivos que fecham os olhos ao crime da escravidão. Sua primeira missão: revoltar e libertar os negros. Na sala agora passeiam, terríveis e belos, os mortos levantados da sua tumba pela voz do poeta dos escravos. Vem Pedro Ivo, o herói de Pernambuco, e no seu cavalo negro passa a correr, fantasma rebelde que foge daquela visão de senzalas onde velhos são chicoteados e jovens são prostituídas. Tiradentes, pendente da forca, seu rosto de Cristo, seus lábios tão roxos. Rola sangue dos seus cabelos, estrelas sobre seu rosto. Seus olhos, que viram sempre a liberdade, fitam agora, desde a forca, a escravidão de uma raça. E Andrada, o que construiu a independência de um país, aquele que fez um povo, "que amassa um povo na robusta mão", fita ele também os corvos brancos que se cevam da carne negra.

"Da lua pálida ao fatal clarão" eles atravessam a sala, amiga, arrepios nas mulheres que tremem, a revolta subindo no rosto dos homens. José Bonifácio vê o Andrada que passa. Seus punhos se fecham, sua cabeça se alteia. Amiga, há um povo que libertar, uma raça que arrancar do cativeiro. Todo São Paulo o fica sabendo, São Paulo que se enriquecera com esse sangue escravo. Mas mais alta que a riqueza fala a São Paulo a voz do poeta. E, ao terminar o desfile augusto dos mortos, não há naquela sala, como não haverá logo depois em toda a cidade, coração que não pulse pelos escravos, braços que não se alteiem num desejo de romper cadeias. "Pelo infinito a galopar lá vão...", fantasmas que desapareceram da sala. Mas que importa se ficou o poeta, se Castro Alves está entre eles para os conduzir?

Estão em pé e aplaudem. Mas, amiga, principalmente estão de pé.[124] Ouro do

gênio do poeta, alegria de São Paulo de tê-lo encontrado.

Desde esse dia é o líder dos estudantes. Os mestres, José Bonifácio à frente, fazem-se seus amigos. José Bonifácio de braço com o poeta atravessa as ruas de São Paulo e falam os dois dos problemas do tempo, do progresso, das causas a defender, dos ideais da mocidade. Amigos do Recife, como Rui, não o deixam. Nabuco faz-se seu camarada desde o dia da leitura do *Gonzaga*. Brasílio Machado, que seria depois o ilustre jurista, é seu amigo de todas as horas. O padre Chico devota-lhe paternal afeição. E os estudantes o seguem, largam as aulas para ouvi-lo, bem mais há que aprender nas palavras de Castro Alves.[125] Lê, presentes todos eles, e mais toda a gente de teatro e de importância social, o *Gonzaga* e o sucesso o acompanha. Joaquim Augusto resolve montar o drama na sua companhia onde já Eugênia estava trabalhando. Na noite dessa leitura do *Gonzaga*, a assistência exige a repetição dos versos que encerram o drama e é Joaquim Nabuco quem os declama tomado de entusiasmo, ele que começara a ouvir com certa frieza o início da leitura. Na rua seguem-no, apontam-no a dedo, é um ídolo. O clima intelectual de São Paulo se renova, se agita. O poeta Castro Alves trouxe para as discussões dos estudantes e para as conversas dos homens e mulheres a abolição e a República.

No Dois de Julho, dia em que a Bahia venceu os últimos portugueses na luta da Independência, ele declama num teatro. Antes, fala num introito de poucas palavras onde revela o seu pensamento de unidade do Brasil, de como esse país tão grande e de raças tão misturadas era em verdade um único povo com aspirações e sentimentos idênticos.[126] Nunca ele dividiu o país sequer em regionalismos fáceis. Para ele o Brasil era um só e as glórias do Norte eram glórias do Sul, os feitos dos homens de São Paulo pertenciam igualmente aos gaúchos ou aos nordestinos. E nessa noite ele obtém outro dos seus grandes triunfos públicos em São Paulo. A alma do povo paulista vibra ao calor desses versos que descrevem com uma força brutal a Batalha de Cabrito. Dois outros nortistas, um de Pernambuco e outro da Bahia, que foram também das mais altas inteligências do país, haviam dito versos sobre a data: Joaquim Nabuco e Rui Barbosa.[127] Entusiasticamente aplaudidos, porém nem de longe foi aquele interromper de cada estrofe com palmas e gritos que pareciam querer pôr abaixo o teatro. A declamação dessa “Ode ao Dous de Julho”, amiga, se estendeu por muito tempo pois a massa de povo reunida no teatro aplaudia cada imagem

audaciosa, cada um daqueles másculos versos que nos dão ideia de conter todos os sons de uma batalha. Vibrantes clarinadas, o soar das cornetas tocando o avançar, o tropel dos cavalos, o assovio fino das balas, o ronco dos canhões. Eis, amiga, um tema que ele amava tratar: dois povos um em frente ao outro no campo de batalha. Mas não apenas dois povos: dois pensamentos. De um lado o pensamento do senhor, do dono, daquele que queria continuar a dominar.
De outro lado um povo que se batia pela sua libertação política, pela sua independência. Um povo que rompia cadeias, um povo, do outro lado, que queria continuar a possuir, como um escravo gigante, o Brasil. E em Pirajá, nos morros de Cabrito, a liberdade e a escravidão, o passado e o futuro, se encontravam numa luta de morte:

Era no Dous de Julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
“Neste lençol tão largo, tão extenso,
“Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
“Qual dos gigantes morto rolará?!...”

Para acompanhar a sorte da batalha, que era a sorte de um povo, o poeta foi, negra, buscar a noite e os astros. E eles puderam ver que nos campos da Bahia, no rugir da batalha:

Não! Não eram dous povos, que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,
A Liberdade — em frente à Escravidão,

que era luta de vida e de morte, último esforço desesperado dos senhores da pátria colonial para conservá-la para si como uma fazenda, desesperado esforço também dos filhos livres da terra que a queriam independente. E para o povo de São Paulo ele disse, em versos que ficaram como dos mais formosos da língua

portuguesa, o que foi essa batalha:

No entanto a luta recrescia indômita...
As bandeiras — como águias eriçadas —
Se abismavam com as asas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha,
O arcanjo do triunfo vacilava...
E a glória desgrenhada acalentava
O cadáver sangrento dos heróis!...

Mas, amiga, a vitória seria do povo que lutava pela sua terra, pela independência e pela liberdade. Ah!, a liberdade, amiga! Sonho de Castro Alves, sua bem-amada, sua noiva, irmã e amante. É a palavra que tem mais gasto na sua poesia, a que vem cercada de adjetivos mais lindos, a que merece mais belos versos. Nenhuma mulher, nem Leonídia nem Ester, nem Eulália, nem Agnese, nem mesmo Eugênia Infante da Câmara, merecem dele tão prodigiosas imagens, frases de tanto amor.

Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — Liberdade peregrina!
Esposa do porvir — noiva do sol!...

E como Castro Alves foi no Brasil a imagem do sol e do porvir, dele a liberdade foi noiva e esposa. Ele foi o seu bem-amado.

E se sucedem nesse São Paulo acadêmico e entusiasta os triunfos do poeta. Numa festa em homenagem aos heróis do Paraguai ele diz aqueles versos que haviam eletrizado a multidão no Rio de Janeiro: “Pesadelo de Humaitá”. Colaborava nos jornais,[128] tratava da representação do *Gonzaga*, escrevia

poemas de amor e poemas de rebeldia. Diante da beleza dos seus versos e do sucesso que alcançavam perante o povo nas declamações públicas, os demais poetas não tinham “coragem de exibir as próprias composições, por temor do confronto”.[129] Imaginava dotar São Paulo de um teatro dos acadêmicos e de fundar uma sociedade literária. Esse ano de São Paulo, amiga, foi um ano de intenso trabalho e intensas realizações. O *Gonzaga*, na apresentação de Eugênia e de Joaquim Augusto, é outro elo da sua cadeia de sucessos.[130]

Porém, o seu melhor instante em São Paulo é durante a campanha contra o Partido Conservador. Castro Alves, militante do abolicionismo, precursor da República, não estava ligado a nenhum dos dois partidos da Monarquia. Mas quando cai o gabinete liberal de Zacarias e Itaboraí assume o poder com o Partido Conservador, ele se serve do momento para fazer agitação em favor da sua causa abolicionista. Une-se, num golpe político, aos liberais, onde se encontrava José Bonifácio, e faz a sua defesa pelo jornal dos republicanos...[131] A queda de Zacarias comove São Paulo, faz com que um sopro de revolta percorra a cidade cujo clima Castro Alves transformara. O Ateneu Paulistano reúne os políticos e a mocidade num motim para protestar contra o golpe do imperador.

Dois líderes dos estudantes, Ferreira de Menezes, respeitado e temido, Joaquim Nabuco, que começava a projetar sua enorme sombra sobre o país, falam antes dele. Atacam, censuram, clamam contra o ato que alijara os liberais. Mas nem uma palavra contra a Monarquia. É que o Partido Liberal é um dos sustentáculos dessa mesma Monarquia que o afastara do poder. E a palavra agora é de Castro Alves. E ele, amiga, não tem compromissos com os liberais. Seus compromissos são com a liberdade. E o seu verbo não vem apenas censurar. Vem propor a substituição da monarquia pela república. É o republicano que se levanta em meio aos monarquistas. É a palavra nova, a ideia nova. E traz para a sala Pedro Ivo, herói republicano do Nordeste. Pela sua boca ele chama, destrói um princípio e constrói outro. Antes dissera, após os aplausos com que o receberam na tribuna:

> Senhores! Álvares de Azevedo outrora atirou as suas estrofes no tapete de um rei, pedindo a vida de um herói; eu jogo as minhas no coração da mocidade, pedindo-lhe o óbolo da imortalidade para o filho espúrio da realeza.

E quando as palmas lhe permitiram dizer os versos, mais uma vez a majestosa figura de Pedro Ivo fala para o povo de São Paulo:

Responde o espectro: "A desgraça!
Que a realeza, que passa,
Com o sangue da vossa raça,
Cospe lodo sobre vós!..."

E vêm, em ondas de versos musicais, o elogio da república, a propaganda da república. Se é má a monarquia, se apeia do poder os homens dignos, que se faça então a república:

[...] *Voo ousado*
Do homem feito condor!
Raio de aurora ainda oculta
Que beija a fronte ao Tabor!

E mais uma vez, amiga, ele fala da liberdade, que é como a hidra a quem não importa rolar no chão porque com mais força do chão se erguerá. Assim falou dela nessa tarde de São Paulo. E São Paulo o ouviu e do comício dos liberais monarquistas saiu republicano.

Quando os liberais se reúnem num banquete político na continuação da campanha e após falarem Rui Barbosa, José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Martim Cabral, Américo Brasiliense, Barros Pimentel, Salvador Mendonça, coube a Américo de Campos saudar os políticos em volta, os intelectuais que lutavam com eles. E se aos demais pôde elogiar como leais e corajosos membros do Partido Liberal, teve que buscar outra frase para Castro Alves: "representante do pensamento democrático"... Um democrata na mais pura acepção da palavra. No que ela representava como avanço sobre o seu tempo, sobre conservadores e liberais. Desta questão Zacarias resulta uma efervescência republicana. Porque mais que os políticos é Castro Alves, amiga, neste momento, o líder do povo de São Paulo.

E em Sete de Setembro, ainda a cidade movimentada pela luta entre os dois partidos, ele declama na sessão comemorativa da data da Independência, que o

Ginásio Literário faz realizar, o seu máximo poema abolicionista: “O navio negreiro”.[132]

Nesse poema, negra, que vai da mais doce emoção ao falar do mar e dos marinheiros aos mais terríveis gritos de dor ao contar do sinistro bailado dos escravos, que vai do mais puro lirismo ao dizer da virgem negra na cabana à mais terrível apóstrofe ao pedir a Colombo e ao Andrada que apaguem a sua obra manchada pelos escravocratas, nesse poema ele sobrepujou a si mesmo. É quase inconcebível o reunir de tanta beleza e tanta emoção. A língua portuguesa se enriquece com ele e a humanidade também. É um canto de dor e de revolta como poucos se hão escrito.[133] Igual a ele na sua obra só mesmo aquele painel gigantesco que são “As vozes d’África”. Gritos, um e outro, que condensam todos os gritos de dor, todos os gemidos, todas as maldições que gemeram os escravos durante séculos no Brasil. Precursor dos Guillens e dos Pedrosos, dos Bopps e dos Langston Hughes, é ele o pai da poesia negra da América, a primeira e maior dentre todas as vozes que se fizeram à voz desgraçada do negro. Canto de dor e de revolta, de desespero mas também de esperança, de morte mas também de vida e de futuro. Nunca nenhum poeta nem do seu tempo nem dos tempos de hoje descreveu com tamanha realidade e tamanha arte a tragédia do negro escravo na América. Com a força de um tufão, com a força do mar-oceano esses versos de “O navio negreiro” atravessam a sala paulista:

’Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — doirada borboleta —
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

Fala do mar, negra, com aquela amizade que só os que nasceram nessa terra da Bahia, onde o cais é misterioso e profundo, onde as mulheres marítimas são belas como tu, onde os saveiros são heroísmos diários, podem ter, fala do mar sabendo-lhe todos os segredos. Com que encanto enternecido diz desses marinheiros que cortam os oceanos:

Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!

Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Com que força lírica traça esse quadro do mar, música soando ao longe, a poesia livre, no infinito azul do céu e do oceano! E que música têm as suas palavras ao falar dos marinheiros, o espanhol que se recorda das “moças morenas”, “as andaluzas em flor”, o italiano que “canta Veneza dormente”, o inglês “marinheiro frio, que ao nascer no mar se achou”, o francês “predestinado”, os gregos “belos piratas morenos do mar que Ulisses cortou”, os “nautas de todas as plagas”. Mas, ah!, negra, nesse brigue que corta tão suave mar e leva tão valorosa equipagem, o quadro que o poeta vê é dantesco:

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoas vãs!

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

.....

Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,

Cantando, geme e ri![134]

É que este é um navio negreiro, amiga, traz um carregamento de humana carne negra para os mercados de escravos do Brasil. Com essa mercadoria homens vão enriquecer. E, como o dinheiro compra também a inteligência, todos silenciam sobre a viagem do brigue veloz. Menos o poeta Castro Alves que voa sobre o navio com as asas do albatroz.

E clama para o mar, para os astros, as noites, as tempestades, o tufão, já que os homens não querem ver e não querem ouvir, para que caiam sobre esse navio e apaguem a mancha que ele é. O seu gênio se alia às forças da natureza, porque o crime é grande demais. Eram homens e mulheres ontem livres na floresta e no deserto. Depois a caravana passou e eles seguiram de cadeias nos pés para muitas gerações. “Ontem plena liberdade, a vontade por poder... Hoje... cum’lo de maldade, nem são livres p’ra... morrer.”

A bandeira auriverde do Brasil, bandeira sobre todas gloriosa e amada, conspurcaram-na desde que a colocaram à quilha deste barco. A sua sombra o crime imenso é praticado. E nos mares que Colombo rasgou viaja esse navio torpe. “É infâmia demais.” E o poeta clama com sua voz de profeta antigo, vingador dos que sofrem:

[...] *Da etérea plaga*
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta de teus mares!

Amiga, os aplausos não eram tudo, eram muitos, nunca tinham sido tantos, mas nada eram se pensarmos que os homens que saíam de ouvi-lo levavam para não mais esquecerem, levavam gravada a fogo nos seus corações a visão desse quadro de inferno: os negros cativos que bailavam no tombadilho do navio em meio à beleza sem comparação do mar e do céu, em meio à alegria dos nautas, na noite amarela de luar. E que eram os aplausos, por maiores que fossem, comparados a esse descobrir de uma causa, a esse tremer de indignação, a essa vontade de libertar os negros? Vão com o poeta rebentar cadeias.

Sua lira se enriquece em São Paulo, nesse ano, de vários poemas sobre os

escravos. Completa o seu livro começado em 65, no Recife, à sombra de Idalina. Além de “O navio negreiro” traça esse outro quadro monumental das “Vozes d’África”. É um continente, o mais infeliz dos continentes, quem fala pela sua voz. Um continente que desespera de Deus. Maravilha de canto, sonoridades ainda não conhecidas. É a África miserável e escrava a clamar para o céu que não a ouve:

Quando eu passo no Saara amortalhada...
Ai! dizem: “Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz...”

É o espanto de uma terra e de uma raça que veem a desgraça se abater sobre o seu peito e não compreendem que crime cometeram. Versos que sacodem a sensibilidade do mais frio e mais indiferente dos homens. A voz do poeta que já fora a voz da multidão nas praças, dos acadêmicos em luta com o governo, dos negros escravos e dos rebeldes fugitivos, é agora a voz imensa de um continente.[135]

Desse ano de São Paulo são ainda, amiga, “A mãe do cativo”, “Manuela”, poema de extraordinária doçura contando da paixão de um tropeiro por uma escrava, lindo na suavidade das suas palavras de amor:

Vamos pois... A noite cresce
Desce
A lua a beijar a flor...
À sombra dos arvoredos
Ledos
Os ventos choram de amor...

avançadíssimo quando prega o amor livre:

Vamos pois... ó moreninha
Minha...
Minha esposa ali serás...
Ao vale a relva tapiza

Pisa...
Serão teus Paços-reais!

Por padre uma árvore vasta
Basta!
Por igreja — o azul do céu...
Serão as brancas estrelas
— Velas
Acesas p'ra o himeneu.

doloroso no seu final quando o amor do tropeiro e da escrava é impossibilitado porque:

Manuela, Manuela,
Bela,
Fez-se amante do senhor!...

Desse tempo são também a "Fábula" e as "Estrofes de um solitário" onde nos fala mais uma vez da missão da sua poesia e mais uma vez apostrofa a arte pela arte. Esse poema é, na sua obra de vate político, dos mais importantes. Nele fala do que desejava realizar e hoje constatamos, amiga, que realizou o quanto desejava. Nesse ano escreveu ainda para os escravos: "Lúcia"[136] e "Prometeu", aquele um poema em versos brancos que é dos mais meigos de quantos lhe mereceram as graças feminis das mestiças, este um rugir de desespero da sua poesia junto ao povo martirizado como a figura da lenda.

Amiga, quando um de nós, homens do Norte, vai a São Paulo e atravessa as suas ruas ilustres e se entusiasma com a beleza e a grandeza desse pedaço do Brasil, os paulistas amam nos falar de Castro Alves. E falam como de um deles com o mesmo comovido orgulho com que falam de Álvares de Azevedo. Como de um paulista. Porque nessa cidade de São Paulo ele escreveu o melhor da sua obra. E porque se moveu em São Paulo como um dos seus filhos, ajudou esse povo a se tornar ainda mais ilustre. Essa cidade assistiu, amiga, à maturidade do seu gênio. E guarda a sua lembrança no coração.[137]

T

Debalde... Seu lugar era vazio...
E meu lábio queimado e o peito frio,
Foi ela que o queimou...

o frio da noite, amiga, de uma triste noite de inverno, caiu sobre a cidade e sobre o poeta. O vento sul passava cortante, doendo nas faces dos raros transeuntes que atravessavam a cidade deserta. Uma noite sem lua, sem o brilho das estrelas, noite sem beleza. Uma névoa vaga, que não chegava a ser chuvisco, que era melancolia, cerrava a cidade num véu de tristeza. Alguém canta ao longe, muito ao longe, a mais nostálgica das músicas:

Ela esqueceu o que jurar lhe vistes.

Sinhá Lopes dos Anjos trauteia também a música entre romântica e cínica. Levanta-se, apanha da saia, tenta dançar. Mas Castro Alves não segue sequer o seu gesto. Está perdido ao longe, ouve de olhos parados a música,[138] escutando a letra que escrevera. Quando fizera aqueles versos, onde um riso de deboche esconde a máscara do sofrimento, já sentia que entre ele e Eugênia alguma coisa se partia, se rompia quase imperceptivelmente. Mas ainda não esperava que ela se fosse. “Morrer de frio quando o peito é brasa”, soluça a canção distante. O frio aperta seu coração, a noite o envolve em tristeza. Através da névoa pensa vê-la, elegante e soberba, no seu passo de rainha, o sorriso que trazia a claridade da manhã, o quente olhar caricioso. A música fala dela, para ela foi escrita aquela letra. E então ela chorara, magoada e mentirosa. E ele a pusera no colo,

escrevera-lhe outros versos, cheios do fogo daquela paixão. Da sala, através da névoa da rua, ele a vê. Sente a febre no rosto, agora delira a cada momento, por que ela não vem?

Sinhá Lopes dos Anjos para subitamente seu gesto gracioso de dançarina, está de pé em frente ao poeta. E então ele repara nela, no movimento da dança que ela continua para que ele o veja. Novamente parou, ele sorriu num aplauso, mas era tão triste o seu sorriso, tão tristes seus grandes olhos negros que ela falou:

— Mesmo quando você ri, Castro Alves, são tristes os seus olhos...

E ele mergulhou mais uma vez na sua melancolia. Sinhá Lopes dos Anjos era uma sombra na sua frente. Quem ele realmente via, e perdida para sempre!, era Eugênia Câmara. Sinhá senta-se aos seus pés, pede-lhe que diga versos.

— São versos tristes... Tão tristes que te fariam chorar...

— Não eram tristes os de “O laço de fita”... — sorri alegre lembrando os versos que ele lhe compusera após aquela festa em que seu pai, o dr. Luís Lopes dos Anjos, médico baiano que clinicava em São Paulo, a apresentara ao poeta, o “jovem e ilustre conterrâneo”. Valsaram juntos, depois ele lhe dissera aquelas estrofes que compusera sobre o laço de fita que lhe prendia os cabelos nessa noite. Eram palavras de amor, lembrança que ele deixava do rápido e fugidio namoro que tivera a duração da festa. Amores rápidos de um olhar ou de uma noite como o de Sinhá e o daquela outra paulista que foi Maria Carolina. Mas para Sinhá, mais uma que se queimava na chama de Castro Alves, eram as palavras definitivas que esperava ouvir.

Agora pede-lhe outros versos... E ele lhe responde que são tristes os seus versos, tão tristes que a fariam chorar. Mas por que essa melancolia na face do poeta se ela está a seu lado? Sim, ouviu falar muito desta cômica que o abandonou. Mas do alto do seu desprezo de moça da sociedade ela pensa que uma atriz de teatro pouco vale. E, com certeza, não valerá um minuto de tristeza de Castro Alves. Não tem ele a seus pés o coração das mais lindas moças, não tem o próprio coração de Sinhá Lopes dos Anjos? Uma cômica é quase uma mulher de vida fácil. Quase nada no mundo. E ele é o grande poeta e o mais formoso dos homens. Isso tudo Sinhá Lopes tem vontade de lhe dizer para afastar dele essa tristeza, essa marca de desgraça que lhe encova as faces. Por que não repete ele, nesse momento, nessa noite tão bela (assim ela a vê), versos

como os de “O laço de fita”?

Há pouco voavas na célere valsa,
Na valsa que anseia, que estua e palpita.
Por que é que tremeste? Não eram meus lábios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Aquele beijo, roçar de lábios nos seus cabelos, medroso na sala cheia de gente e luzes, foi a coisa melhor que a vida lhe deu até então. Todos esses dias foram dele, da sua lembrança. E esperava esse momento de maior intimidade, quando o poeta pudesse dizer novamente do seu amor, repetir, mas na boca e ardente, o beijo roubado na festa. E ali ele está, terminado o jantar, os dois a sós na sala onde o piano aberto compõe o interior. Sentou-se aos seus pés, é bela lá fora a noite invernal de névoa e frio. Espera. Mas ele está triste, de uma tristeza de morte, seus olhos veem negra a noite, névoa no seu coração, frio no corpo, por que viver se ela partiu?

Sorri para Sinhá Lopes dos Anjos. Ela levanta-se:

— Seu sorriso assusta de tão triste, Castro Alves...

E os olhos dele, tão negros e profundos, estão diferentes nesta noite. Não têm aquela luminosidade, aquela frescura de água que os ilumina sempre. Estão secos, olhos tão tristes que não sabem chorar. Levanta-se, o dr. Luís está chegando, Sinhá tem os olhos úmidos. Castro Alves beija-lhe a mão pequenina, despede-se do médico, e parte para a noite lá fora.

Sinhá Lopes tenta reproduzir no piano a melodia da música. Impossível, que um soluço rebenta do seu peito. O dr. Luís aproxima-se da filha, alisa-lhe a cabeça meiga:

— Estás triste porque ele não te falou de amor?

Sinhá Lopes dos Anjos olha o pai com os olhos onde as lágrimas correm igual à névoa da rua caindo sobre o vidro da janela:

— Choro porque ele está triste. Ninguém tem o direito de entristecê-lo... Principalmente quem mereceu seu amor...

E fita em direção à rua onde ele se perdeu. Bem sabe que Castro Alves não virá para junto de si mas ainda assim não chora pelo seu desgosto e sim pelo

desgosto dele, pelo amor que ele perdeu, pobre dele também!

Amiga, deixa que eu te fale da desgraça do amor. Quando as lágrimas secam nos olhos, a vida seca no coração. Um dia ela chega, a bem-amada, a definitiva, a única, a de hoje e de sempre, a que buscamos doidamente no corpo e no coração das outras mulheres. Chega e se apossa da nossa vida. Vivemos então para ela, sonhamos seus sonhos, sofremos suas pequenas melancolias, rimos pelo seu riso, nos alegramos com a sua alegria. E crescemos, nossa voz tem sonoridades cristalinas de gargalhadas felizes, nossa subida é doce e entusiasta, são belas as noites, a primavera dura todo o ano. Ela é música e poesia, realidade e sonho, aventura e viagem. A ela entregamos tudo que nos resta: amor. E um dia, amiga, ela parte, outro a espera. Talvez nos tenha deixado após dizer no mais suave e amigo dos sorrisos que vai nos esperar na casa que é o ninho onde viceja esse amor. Mas, seu sorriso suave é igual à punhalada do traidor que nos fere pelas costas, seu beijo de despedida foi Judas quem o ensinou. Outro espera.

E um dia o descobrimos e esse é o mais desgraçado dos dias. Estamos cheios dela, de tudo de bom e grande que ela é. Ainda nos é impossível colocá-la no lugar onde ela se pôs. Achamos que ela não cabe ali, nos braços de tantos homens, que ela é grande demais para isso. Bem sabemos que é a realidade. Mas é, amiga, a pobre realidade da bem-amada. E o que, em verdade, possuímos dela era o sonho que havíamos criado e que é impossível arrancar do coração. Secam as lágrimas nos olhos, seca a vida no coração, hoje ela é uma presença terrível, será amanhã a mais trágica das sombras. Mas nesse coração do amado que murchou jamais a alegria vicejará, no rosto que a tristeza cobriu jamais serão alegres os sorrisos. E haverá na eternidade de cada dia a espera desgraçada de que ela volte, mas não a realidade que partiu e sim o sonho que se quebrou. É frágil como o mais fino cristal o mais forte amor, amiga. Porque sua cobertura é de sonho e o menor detalhe brutal da realidade o parte e é impossível recompô-lo na sua beleza total. Por isso são desgraçados os dias dos que amaram e perderam seu amor. Pela certeza de que jamais o reencontrarão. Não se encontra a bem-amada duas vezes. Ela chega, a reconhecemos e nos damos a ela. Ela parte, com ela vai nossa vida. E mesmo a sua recordação é uma trágica alegria. Assim será, amiga, se partires um dia. Assim foi com Castro Alves quando Eugênia partiu.

Já antes ele sentia que algo entre os dois se rompera, que se findara aquela intimidade de amor, que ela lhe ocultava algo sob a alegria que se fizera mais ruidosa, sob o delirar das carícias que se fizeram mais violentas. Havia uma distância nela, uma angústia, às vezes, na sua face, uma qualquer coisa quando olhava nos seus olhos, certa expressão que não era mais amor, era algo como piedade ou remorso. Achava-o grande e bom, belo e viril, por que o traía? A vida nas ruas, nos teatros, no luxo, no conforto, era uma tentação por demasiado grande. Quando estava junto a ele, quando ouvia sua voz, quando sentia o pulsar do seu coração, um infinito desprezo por si mesma a invadia. Por que o traía se ele lhe bastava tão completamente, se nenhum era como ele? Mas quando estava longe não resistia à sensação que causava, aos galanteios, às frases de elogio, ao ouro, à barulhenta alegria. A luz cegava seus olhos, o rumor das gargalhadas apagava nos seus ouvidos o som da voz do poeta.

Olhava-o e seus olhos se enchiam de agonia, como conseguia enganá-lo, a ele que jamais lhe mentia? Castro Alves sentia que qualquer coisa se rompia entre os dois. E a interrogava, suas suspeitas eram por vezes cruéis mas eram sempre verdadeiras. E ela, vendo a miserável verdade tão próxima de ser descoberta, a escondia sob um manto de indignação, de acusações a ele, de invenções, de brigas pequeninas. Esses conflitos se tornavam diários, eram a defesa de Eugênia para o espanto e o medo que via crescer nos olhos dele. Sentia-o como um cego que buscava um objeto que lhe ia queimar o coração e que cada vez se aproximava mais dele. E então punha, entre ele e esse objeto que era a verdade brutal, os empecilhos das brigas e das discussões. E se perdiam nelas em dias infinitamente melancólicos, que impossibilitavam o poeta de criar, que o mergulhavam num nervosismo e num abatimento que causavam lágrimas a Eugênia quando ela conversava consigo própria.

Mas bastava ela sorrir, amiga, chegar mais alegre (talvez ainda restos de alegria das carícias do outro) e ele se entusiasmava, reencontrava o clima do seu amor, escrevia-lhe versos. Numa noite em que ela esteve como nos primeiros tempos do Recife, ele compôs-lhe versos dos mais ternos da sua lírica. Descreveu essa noite como uma sucessão de noites, madrugadas que ela apagava com os seus cabelos, corpos que jamais se saciavam:

Boa noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

[...]

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago dos meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas do teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo atento!

"Mulher do meu amor", chamava-a ele. Julgava que ainda além do corpo sensual vibravam a alma e o coração da amada ao toque do seu amor. Nessas horas em que esquecia a angústia da face dela, via-a assim, totalmente sua, amante e esposa. Não sabia que apenas aquele corpo que fora feito para vibrar nas sensações da posse estava com ele na cama. Aquele corpo que "ri, suspira, soluça, anseia e chora" quando sobre ele se debruça o corpo do poeta, vibra sozinho, o coração de Eugênia não toma parte naquela festa.

Certa vez também, ele a encontrou dormida na rede, num abandono que a transfigurava. Viu-a, então virgem e criança a brincar nos seus sonhos com as flores da campina. No momento em que ela o traía e o desgraçava, ele, no engano da sua paixão, enxergava-a como a uma flor de pureza:

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...

Assim ainda a sentia nos intervalos daquela luta que foram os últimos meses desse doido amor. Ela, na sua inconsciência e talvez na sua piedade, tentou fazer pequenino esse amor que era a vida dele. As pequenas mentiras de todos os dias, o embuste constante, as brigas fizeram que morresse melancolicamente essa paixão. Porém, como ele sempre a amou com grandeza e com verdade, nem o que havia de menor nela conseguiu embaciar a beleza dessa paixão que desvairou e matou o maior poeta das Américas. Foi um espetáculo de magnífico lirismo. A esse amor Castro Alves deu sua vida.

Um dia soube do outro. Disse-lhe e ela, incapaz apesar de tudo de poder assistir ao sofrimento dele, mandou que ele partisse de sua casa. E ele partiu para a morte.[139]

Que lhe restava desde que ela se fora? Suas noites são de insônia, o rolar da cabeça que escalda de febre, os olhos que não se cerram e veem o vulto da bem-amada em cada detalhe do aposento, que encontra a sua presença em cada minuto dessa noite interminável. E pede ao sono que feche seus olhos para tamanho sofrimento. Foram seus dias mais dolorosos, amiga, esses últimos tempos de São Paulo. Não importa que tenham todos sido bons e gentis para com ele. Que tenham lhe facilitado o realizar dos exames comprometidos com a falta de frequência às aulas.[140] Que lhe importa se Eugênia partiu? Se pelo menos conseguisse dormir:

Ó sono! Unge-me as pálpebras...
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento,
Que abrasa o crânio meu.
[...]

[...]
Também fecha-me as pálpebras...
Sem Ela o que é a vida?
Eu sou a flor pendida
Que espera a luz do sol.

[...]

Com teu divino bálsamo
Cala-me a ansiedade!
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dor!

Noites de insônia, dias de pesadelo. Foge então para as caçadas, o ermo das matas, longe de todos, só ele e a natureza que também fora sua musa e que nunca o traíra.

E um dia, amiga, no fim desse ano tão glorioso e tão cheio de sofrimento, ao pular um ribeiro a espingarda dispara e fere-o no pé.

A ferida é grave, levam-no para a casa do dr. Luís Lopes dos Anjos onde Sinhá se faz enfermeira dedicada. E, quando ele é transportado para a república onde mora, ela o segue, não abandona seu doente. E os amigos, Rui, Nabuco, Brasílio Machado, Carlos Ferreira, Paula Rodrigues, o padre Chico que não o deixa, tantos mais, não saem da sua cabeceira. Perde sangue, a notícia de que ele está grave corre a cidade. Todos acodem para vê-lo, para visitá-lo, só Eugênia não vem. Sabe que ele sofre por ela e não tem coragem de vê-lo sofrer. São seis meses de vida que não é vida. Seis meses em que a ferida do pé só faz piorar e durante os quais o sangue e as forças perdidas enfraquecem os pulmões do poeta. Tem uma hemoptise, o carinho dos amigos, o carinho de São Paulo o salva naquela noite. Apenas Eugênia não vem:

Ali ninguém se firma a um braço amigo...[141]

Esse braço amigo que seria o dela. Em volta do leito os homens mais ilustres da Academia que serão em breve os mais ilustres do Brasil. Mas só ela teria o poder de fazê-lo levantar-se, de lhe dar novamente a saúde. Porque ele está se consumindo de amor, amiga.

A doença progride. Os pulmões não resistem, gangrena o pé. Talvez, dizem os médicos, haja recursos no Rio de Janeiro para salvá-lo. Transportam-no então para Santos e de lá ele parte para o Rio. Mas, amiga, se os colegas e os médicos ainda têm esperanças, ele já não as tem. Leva a morte no coração. O amor custa a vida, negra.

U

Mulheres, que eu amei!
Anjos louros do céu! virgens serenas!
Madonas, Querubins ou Madalenas!
Surgi! aparecei!

reunidos em torno ao seu leito estão, em casa desse devotado Luís Cornélio dos Santos, Melo Morais, Ferreira de Menezes, Joaquim Serra, vários outros amigos. Os médicos[142] tentam salvar-lhe o pé que a gangrena ameaça. Os pulmões melhoram, é menor a sua palidez. O bisturi seguro de Mateus de Andrade vai rasgar a frente do pé, defesa contra gangrena. O poeta está pálido, amiga, é-lhe impossível, dado o estado físico em que se encontra, tomar clorofórmio. A um canto, como um grupo estatuário, Maria Cândida, Dendém, que também se chama Cândida, e Eulália Filgueiras, cunhada de Cornélio dos Santos, suas enfermeiras, tremem ante a cena que está para se desenrolar. Dendém é a primeira a sair. Seu nome é Cândida Campos, nos seus olhos de virgem há um fogo intenso de desejo. Estava a fitar o poeta, seu coração é dele desde que o viu. Seu coração e tudo mais que ele lhe pedir, tão belo é ele assim pálido, de lábios cerrados para não gritar. Mas ela não pode ver o bisturi rasgar aquele corpo desejado. E sai, seus seios altos arfam, úmidos seus olhos cheios de malícia e de tão oleoso olhar.

Maria Cândida Garcez sai também. Chora lágrimas sobre seu rosto sereno. O poeta vai sofrer, é tão nobre a sua face, tão belo é ele, lhe daria seu coração se ele pedisse. Chora, Castro Alves vai sofrer. Na outra sala cruzam-se os olhares de Cândida e Maria Cândida. Sente cada uma o amor nos olhos da outra. E

choram abraçadas, lágrimas no sereno rosto de Maria, lágrimas no rosto inquieto de Cândida.

Eulália Filgueiras não sai. Também ela, amiga, amou-o desde que o viu. Chegara tão doente, as faces encovadas, o peito gasto, aleijado e triste! Era tão belo na sua desgraça. Com um esforço desesperado Eulália senta-se à cabeceira de Castro Alves, toma da mão do poeta, aperta-a entre as suas. E ele sorri quando o bisturi rasga-lhe as carnes.

Os caroços de chumbo pulam de dentro. Vêm pedaços de ossos, o pé está irremediavelmente perdido. E agora já não é um simples abrir da face do pé, é a amputação.

Os olhos nos olhos de Eulália, o mesmo sorriso nos lábios, uma frase de troça,[143] ele suporta a dor da amputação. O pé é cortado, seu corpo que era uma das suas vaidades já não é o mesmo corpo perfeito, agora é um aleijado. É denso de tristeza o olhar fito em Eulália. E as lágrimas começam a correr no rosto dela, e molham a face pálida de Castro Alves. Depois vem o sono, amiga, e cobre a cena, onde agora na penumbra do quarto Eulália deixa que os soluços rebentem em surdina enquanto o poeta dorme, uma criança doente. Tão belo.

Dendém é uma alegria saltitante. No leito, onde convalesce vagarosamente, Castro Alves a retém pela mão. Ela, porém, amiga, faz que quer fugir, não vai, se aproxima, se afasta, ri e fica séria, seus olhos falecem de desejo. Terrível desejo de virgem, terrível desejo de quem sabe que seu destino é o amor, o doido amor da carne. É em junho, é linda a cidade do Rio no seu inverno alegre e claro. Recostado na cama, ele a tenta trazer para junto de si, fala-lhe de amor, ela responde-lhe com Eugênia. Ele sorri melancólico, pede-lhe papel e tinta. Escreve para ela, escreve rapidamente, são seus primeiros versos após a operação. Agora convalesce e sente profundamente a alegria da manhã de sol brando, a alegria travessa de Cândida Campos.[144] Pede que ela se sente, vai ler o que escreveu para ela. Dendém diz que sim, contanto que ele se comporte. Castro Alves promete, ela senta ao seu lado. É quente do seu corpo doente esse leito, dele vem esse cheiro convidativo do macho, entontece Cândida. E ele lê, a voz ainda fraca se elevando a cada estrofe:

Ai! não maldigas minha fronte pálida,
E o peito gasto ao referver de amores.
Vegetam louros — na caveira esquálida
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia.
Serei... que importa? o D. Juan da morte
Dá-me o teu seio — e tu serás Haideia!

Pousa esta mão — nos meus cabelos úmidos!...
Ensina à brisa ondulações suaves!
Dá-me um abrigo nos teus seios túmidos!
Fala!... que eu ouço o pipilar das aves!

Os olhos de Cândida Campos se embaciam. Uma nuvem tolda-lhe a vista, sente como um desmaio. Por que obedece a esta voz doente, por que pousa a mão nos cabelos dele, por que deixa que ele recoste a cabeça nos seus seios? Que sabe ela, amiga! Vem dele, do seu cheiro, dos seus olhos negros, da sua voz cariciosa, um chamado que acende seus desejos, que a arrasta numa febre. Por que ele lhe pergunta se “quando em fogo o teu olhar transborda, não vês minh’alma reviver ovante”? Por que aperta assim a cabeça contra seus seios? E por que ela baixa os lábios sobre os cabelos dele? Porque, amiga, ele está lhe dizendo:

É que teu riso tanta dor acalma...
Tanta descrença!... Tanta angústia!... Tanta!

Porque está lhe dizendo isso ela se comove, ela que já o deseja há muito, e se curva sobre ele. Morre a voz nos derradeiros versos:

Deus fez a neve — para o negro monte!
Deus fez a virgem — para o bardo triste!

E agora a boca, a grande boca sensual se fecha sobre sua boca ávida de beijos. Sua cabeça afunda nos seus seios, Cândida Campos fecha os olhos, é macio o leito, amiga.

Morria o sol no crepúsculo, eles iam pela mata. Ela ajudava o poeta, que se levantara já, um pé de borracha, um par de muletas, ia ao seu lado, dava-lhe o braço. Maria Cândida Garcez, de altivo porte e doce olhar, vai ouvindo os versos que ele compôs naquela tarde. Ela o ama desde que o viu, todas o amaram assim. Mas o ama como um sonho impossível, sabe que seu coração é de outra, da que se foi, e que ele marcha para a morte, os pulmões comidos, o coração amargurado. E que, se canta para Cândida Campos e se a enlouquece de amor, é um derivativo apenas. E assim será com ela também e por isso ela foge dele. Vão agora na tarde que se esconde, sob a frescura da mata andando passo a passo, lentamente. Sente no braço o peso do corpo dele. E o braço do poeta, que se apoia no seu, roça-lhe de leve, casualmente, o seio túmido. Vem um perfume da mata que embriaga de tão cheiroso de terra. O banco adiante é um convite para o descanso. Estão lado a lado, o poeta ainda se apoia levemente nela, diz-lhe versos:

E tu no entanto no jardim vagavas,
Rosa de amor, celestial Maria...
Ai! como esquiva sobre o chão pisavas,
Ai! como alegre a tua boca ria...
E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrela transformada em virgem!
Eras um anjo, que se fez menina!
Tinhas das aves a celeste origem.
Tinhas da lua a palidez divina,
Eras a estrela transformada em virgem!

Os olhos de Maria Cândida se perdem românticos no crepúsculo. Os versos fazem-na esquecer seus planos de resistência. Morre a tarde, Castro Alves vai

morrer também, tristes são os seus olhos, talvez ela o possa consolar. Que importa que seja por um minuto apenas? Será belo dar-lhe um pouco de alegria principalmente quando é verdade que ela o ama. Que importa que seja um amor sem esperança? Ele precisa dela como de um lenitivo e já é uma alegria infinita poder se dar a ele por um momento breve, fazê-lo por um momento sorrir de contentamento, esquecer por um instante. A voz é um pedido quente, uma súplica na tarde que cai:

Ouvi que a rosa murmurava ardente:
“Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,
Guarda-me, ó bela, no teu seio quente...”
[...]

“Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!”
Também então eu murmurei cismando...
Minh’alma é rosa que a geada esfria...
Dá-lhe em teus seios um asilo brando...
“Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!...”

Os lábios vêm descendo da fronte para a face, da face para o lábio. Maria Cândida Garcez fita Castro Alves nos olhos e neles lê a alegria daquele momento. Entrega-lhe então a boca, feliz.

Cai o crepúsculo sobre o beijo, negra.

Eulália Filgueiras chega à janela. Vem um perfume dos jasmineiros do jardim. Na sala o poeta descansa numa cadeira. As muletas a um lado, a face ainda encovada, a tosse cessou, os médicos têm esperanças. Já começa a andar melhor, já ri às vezes, conversa e faz poemas. E Eulália bem sabe, amiga, que antes da tuberculose e do pé amputado, é de outra moléstia que ele sofre. É do desespero do amor perdido, a saudade de Eugênia. Os médicos dizem que lhe curarão o corpo. Por que não será ela enfermeira do seu coração?

Senta ao seu lado e sorri. É linda, criança pura e boa, os olhos tímidos, as mãos que seguram as de Castro Alves mais tímidas ainda. Sorri, para ele vai todo seu coração nesse sorriso.

Ele o compreendera desde antes, desde aquele dia terrível da operação. Ela o amava, queria ser dele, fazer-se sua esposa e companheira, dar-lhe saúde e alegria, filhos talvez, uma vida doce e tranquila. Queria fazer reviver esse coração que murchou.

É linda, o coração de Castro Alves está morto para o amor, mas seu corpo continua vivo para o desejo, para todas as festas da posse. É linda, deve ser sublime poder tê-la, poder tomar dela, fazer o seu corpo de virgem delirar e se entregar. E ela se oferece, seu amor a cegou, ela tudo que quer é ser dele. Mas, amiga, ele amava a honra, e a gratidão era uma das suas maneiras de ser honrado e digno. Eulália era cunhada, irmã querida, de Luís Cornélio, o mais leal dos amigos. Eis por que naquela noite em que ela oferece-lhe os lábios, ele os recusa. E, quando ela foge para chorar, ele levanta-se dificilmente, apanha das suas muletas, se arrasta para onde ela está. Aquele amor o comove, e mesmo para agradecer-lhe tanta paixão é que ele a repele. Mas não quer que ela se engane. Se tivesse vindo antes, antes da outra, talvez que tudo fosse diferente, mais bela a vida, mais longe a morte. E diz-lhe os versos que escreveu, enxuga suas lágrimas:

Foi minha crença — o vinho dessa orgia,
Foi minha vida — a chama que apagou-se,
Foi minha mocidade — o toro lúbrico,
Minh'alma — o tredo alcouce.

E tu, visão do céu! Vens tateando
O abismo onde uma luz sequer não arde?
Ai! não vás resvalar no chão lodoso...
É tarde! É muito tarde!

Sim, é muito tarde, Eulália, e de ti ele não quereria apenas o corpo, lábios tremendo a um beijo como os de Maria Cândida, lábios suspirando a um beijo como os de Cândida Campos. De ti ele queria alma e coração e a ti ele quereria dar também amor, amor que já não possui. Nem mesmo o teu amor, sublime e santo, pode apagar a recordação da que partiu:

Mas não...! Somente as vagas do sepulcro
Hão de apagar o fogo que em mim arde...
Perdoa-me, Senhora!... Eu sei que morro...
É tarde! É muito tarde!...[145]

Cessa a voz de falar. Castro Alves se aproxima dela, toma-lhe a formosa cabeça entre as mãos, beija-a na testa. E então, entre soluços, ela se apossa das mãos dele e as beija num beijo de triste gratidão, de inconformada gratidão. E ficam os dois lado a lado diante da janela olhando a noite de mil estrelas. Eulália chora e através da bruma dos seus olhos pensa ver uma lágrima também nos olhos de Castro Alves. Só por Eulália, de gratidão pelo seu amor sacrificado, ele chorou, amiga. E essa lágrima que rola sobre ela é mais quente que todos os beijos. Uma doce e infinita paz desce sobre o coração de Eulália.

Assim foram, negra, nesse ano de 69, no Rio, doente e triste, as suas manhãs de delírio, suas tardes de romance, suas noites de gratidão.

V

Não quero mais teu amor! Porém minh'alma
Aqui, além, mais longe, é sempre tua.

sai embuçado numa capa negra que o cobre todo como alguém que fosse cometer um crime. A carruagem o espera à porta e, com as muletas desaparecidas sob a capa, ninguém diria que era um aleijado. Seu rosto muito pálido ressalta do negro dos cabelos e do negro desta capa que o separa do mundo. Detrás de uma janela Eulália espia a partida de Castro Alves. Ele não dissera a ninguém, amiga, para onde se dirigia. Mas o coração amante de Eulália adivinhara a triste verdade: ele vai ao Teatro Fênix Dramática onde estreara a companhia do cômico Vasques, da qual era primeira-dama Eugênia Infante da Câmara. Há dias que Eulália segue o desenrolar daquela luta atroz que se trava no íntimo do poeta. Começou na tarde em que os amigos chegaram de fisionomia fechada a anunciar a próxima estreia da companhia. E vira o relâmpago de alegria que fuzilara dos olhos dele, contrastando com a expressão de raiva que lia no rosto de Luís Cornélio e de Melo Morais. Eles odiavam Eugênia pelo mal que fizera a Castro Alves. Mas ele não a conseguia odiar. E sobre a palidez de mármore do seu rosto doente a notícia pôs um róseo de febre, da febre que não o deixou desde aquele dia até esta noite em que, sumido na negra capa, embarca na carruagem que o levará para vê-la de longe, do escondido de um camarote. Eulália vira-o sofrer em todos esses dias, vontade de correr para o teatro, rever seu rosto amado, ouvir aquela voz que era um pipilar de pássaros, sentir a majestade da sua presença. E ao mesmo tempo a sensação de humilhação que o invadia, a ele que tinha consciência do que era e do que

valia, humilhação de buscar a mulher que traíra seu amor e matara sua alegria de viver. Foram dias de febre, de angústia e de sofrimento. Do palco distante ela o chamava todas as noites pela voz das cançonetas que cantava, dos risos que ria, dos aplausos que colhia. Mulher do seu amor, ela o soubera quase morrendo e, nunca, no entanto, viera até ele, numa simples visita de amiga. Mas o amor, negra, quando é de fato grande, não precisa de ser correspondido. Ele se basta a si mesmo. Tudo isso pensa Castro Alves na grande sala de visitas, acompanhado do doce olhar de Eulália que sofre com ele, a sua angústia.

Até que se resolve naquela noite. Irá, se esconderá num camarote, ouvirá a amada cantar, verá seu rosto, viverá as horas que dure a representação. Ninguém saberá que ele está ali, jamais ela o saberá. Depois voltará para a sua tristeza e solidão, mais triste talvez, mais desgraçado ainda, mas esses momentos de alegria que terá nessa noite ao revê-la bem valem outros dias e outras noites de espantosa angústia. E quando se decide uma alegria o invade. Bem sabe que está aleijado, que sua figura de don juan dos trópicos só se mantém em pé apoiada em duas muletas. Mas ela não o irá ver, não poderá rir dele. E demais, para os outros, a grande capa negra o cobrirá por inteiro, deixará apenas visível o rosto que a palidez ainda mais embeleza. E só o verão por rápidos instantes, nos entreatos. Não poderão rir dele, da enormidade da paixão que o arrasta aleijado e febril ao teatro. Não o apontarão a dedo como amante traído que está se consumindo de amor. Não comentarão a sua palidez, o pé amputado. E que fizessem isso tudo, que importava? Vê-la por um momento que fosse não pagaria tudo isso?

Eulália não se engana: não é mais um brilho de febre que está no seu rosto. É alegria, intensa e louca alegria: vai vê-la! A carruagem corta a noite, amiga, leva-o para Eugênia.

É o primeiro a chegar para que ninguém o veja subir de muletas para o camarote. E, quando o público enche a sala, já ele está sentado, os negros cabelos longos caindo em torno ao rosto, um bigode sobre os lábios semiabertos. E ninguém se recorda do amante traído, do homem doente, da beleza amputada. Se recordam, sim, do poeta de versos candentes, do gênio que levantava a multidão. Faz dois anos quase que ele não surgia num camarote de teatro, numa sacada de um prédio, para incendiar as multidões delirantes. Mas não se esqueceram dele, dizem seus versos em toda parte, são hoje uma bandeira da

abolição e da república. Seu silêncio de doente e de desgraçado não o fizera esquecido. Todos se recordam dele: o grande Castro Alves, o poeta dos negros, o cantor da liberdade, condor do Brasil. E apontam-no a dedo, sorriem para ele, as moças e senhoras o espiam com medo e com desejo, acham-no tentador e belo. E Castro Alves, nessa hora terrível da sua vida, hora tragicamente dolorosa e tragicamente feliz, sente todo o amor que vem do povo para ele, toda a compreensão, todo o carinho. E sorri numa comoção, os olhos novamente brilhando. É o povo que se move ali embaixo, esse mesmo povo que nunca deixou de ser solidário com a sua voz, com as causas nobres que defendera. Depois de quase dois anos, nessa noite de outubro de 1869, ele se encontra novamente com os dois mais poderosos motivos da sua vida: Eugênia Câmara e o povo. E sente, então, mesmo antes de rever a sua amada, que não pode morrer antes de terminar a sua obra libertária. “Depois morrer que a vida está completa” quando possa, cantada a desgraça da escravidão e a festa da liberdade, quando possa, amiga,

[...] *escutar, do fundo lá da cova,*
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós...

E, no camarote do teatro, ele resolve continuar a escrever seus versos feitos de fogo e sangue. O povo bem o merece, o povo que nunca o traiu, que agora sorri para ele, um sorriso de amor, negra.

E sobe o pano e Eugênia canta e Eugênia dança e tudo se transfigura no mundo, igual àquela outra distante noite do Recife em 63, quando a vê pela primeira vez. É um sonho, seu coração arqueja, entreabre os lábios, os olhos estão fixados nela, hipnotizados. Ela já o viu, já soube que ele está ali e é para ele que canta a dolente canção de nostalgia da sua terra natal, o fado do seu destino de mulher:

Os teus braços são cadeias
Mais duras que o próprio aço:
Já me tens presa, cativa,
Só te falta dar o laço.

Os olhos dele estão ora alegres e vivos, felizes de vê-la, ora melancólicos e doridos na tristeza de todas as recordações dolorosas. E do palco Eugênia, que tem igualmente os olhos presos nele, na pálida figura debruçada do camarote, adivinha lágrimas nos olhos de Castro Alves. E canta para ele, sua voz lembra-lhe os passarinhos da casa perdida do caminho do Jaboatão, no Recife.

Não sei qual pena é maior
Qual é mais de lastimar,
Se ver um homem morrer,
Se ver um homem chorar![146]

Espicaça-lhe o orgulho, mais vale morrer que chorar, mas ao mesmo tempo se confessa cativa dele, presa na cadeia do seu amor. Cai o pano sobre ela, apaga-se a visão. E o povo que a aplaude, que aplaude também a comicidade de Vasques, volta a olhar enternecido o seu poeta, o cantor do seu sofrimento e da sua esperança. Não só da plateia o fitam, envolvendo-o no halo de simpatia. Também das torrinhas cheias de estudantes e da gente mais pobre vem o murmúrio de vozes que dizem o seu nome: Castro Alves. Ali estão os que ele mais amou: os mais pobres, os mais necessitados da liberdade,[147] aqueles para quem escreveu seus maiores poemas. E lá atrás daquele palco, chorando talvez no camarim, está a mulher que ele mais amou, para quem escreveu os mais ternos versos da sua lírica. Castro Alves sorri pela boca, pelos olhos, esqueceu o peito doído, o corpo aleijado. Reencontrou seus dois amores, amiga.

Alguém entra no camarote. Castro Alves volta-se, Eugênia atira-se aos seus pés. Abraça-se nos seus joelhos, ele a levanta. E esquecidos da multidão que os pode ver desde baixo, se apertam num abraço, e ele a toma no colo. E olham-se nos olhos, ela sorri através das lágrimas:

— Querido! Querido! Vens comigo?

No quarto a princípio ele está como um estranho. Apenas o seu retrato, aquele retrato dos vinte anos com cartola à banda,[148] lembra o antigo amor. Nenhum outro rastro seu, nem na arrumação do quarto, nem nas cores das

cortinas, nem nos livros que ela lê. Ele sentou numa cadeira, as muletas ao lado, está agora silencioso e distante. Ao entrar naquele quarto, onde ela o deixou sozinho para ir ver a filha que dorme ao lado, ele compreendeu que nada mais é possível existir entre os dois e que esse reacender da chama que era a brasa de uma ferida no seu peito, fora apenas o momento de emoção do encontro no teatro que provocara. Que não é possível continuar, que voltaria a ser a mesma mesquinha vida de São Paulo. Ela a traí-lo, a dar-lhe seu corpo, mas a fugir dele cada vez mais. Deve partir, levará dela a boa lembrança do instante do camarote. Bálsamo para a chaga do seu coração.

Eugênia vem da saleta junto, onde a filha dorme. Já mudou a roupa, está agora em trajes de dormir, o seio salta da camisa, as pernas alvas, as coxas como colunas, o negror do sexo são percebidos sob a cambraia da camisa. Chega até junto dele, passa os braços no seu pescoço. O desejo assalta violentamente o poeta. Sente nas suas costas doloridas da tísica a ponta aguda dos seios de Eugênia. As mãos da amada acariciam seus cabelos. Os lábios se encontram, os pescoços torcidos para possibilitarem o beijo. E apoiado no seu ombro alvo, ele se dirige para o leito, mais uma vez o leito do amor e do delírio.

Selvagem noite sensual de desvario. Quantas vezes esses dois corpos se procuram, se saciam, se voltam a procurar? Quantos beijos se trocam à claridade das estrelas que penetra no quarto? Tudo que há de desejo, paixão, amor, todas as carícias as mais sutis e as mais violentas, são dadas por um ao outro nessa noite que eles sabem a última, noite em que matam a saudade de dois anos de separação, saudade que encherá os anos que virão a contar do amanhecer e que serão dois apenas para ele e dez para ela. Todos os nomes, os mais doces e formosos, se chamam um ao outro. Dão-se de todas as maneiras, são como condenados na última noite de amor.

Pela madrugada ela lhe pede que fique, que volte para ela e lhe perdoe. É sincera quando assim fala, mas ele sabe que ela jamais poderá cumprir as promessas que está fazendo, que nunca mais encontrarão paz e alegria. É preciso partir e não vê-la mais. É preciso morrer, amiga.

E diz-lhe, mas o diz em versos que são o mais enternecido e doloroso adeus que um amante já deu à sua amante:

Adeus! P’ra sempre adeus! A voz dos ventos

Chama por mim batendo contra as fragas.
Eu vou partir... em breve o oceano
Vai lançar entre nós milhões de vagas...

É que ele, negra, nessa mesma noite, resolvera, ao constatar a impossibilidade de recomeçar a vida com ela, embarcar quanto antes para a Bahia, longe da tentação que ela era, tentação de ser desgraçado nos braços dela. Narra-lhe de como e por que fora ao teatro naquela noite:

Ergui-me da cova escura,
Sacudi o meu sudário...
Em meio aos risos e à festa
E às gargalhadas da orquestra,
Que eu tinha esquecido, enfim,
Tomei lugar!... Solitário
Quis rever o meu Calvário
Deserto, tredo, sem fim!...

Sabes o que é sepultar-se
Um ano inteiro na dor...
Esquecido, abandonado,
Sem crença, ambição e amor...
Ver cair dia... após dia,
Sem um riso d'alegria...
Sem nada... nada... Jesus!
Ver cair noite após noite,
Sem ninguém que nos acoite...
Ninguém, que nos tome a Cruz?!...

Ai! não sabes! nunca o saibas!...

Ela chora, pede perdão. Bem sabe quanto o fez sofrer. Mas agora que novamente o achou e novamente o teve, pede que ele fique. Não o fará mais sofrer, será boa e fiel. Não viu como ela ficara alegre no teatro ao sabê-lo no

camarote? E Castro Alves recorda o momento do teatro, ao enxergar no palco:

A mesma fronte que eu amei outrora!
O mesmo riso que me vira um dia!
O mesmo olhar que me perdera a vida!
A mesma, a mesma, por quem eu morria!

Mas, amiga, ele não a atende no seu pedido. Para que ficar se a emoção desse momento passará e ela volverá à mesma vida de antes, amesquinhando esse amor tão grande?

Mas não! entre nós o abismo
Se estende negro e fatal...
— Jamais! — é a palavra escrita
No céu, na terra, no val.

Eu — já não tenho mais vida!
Tu — já não tens mais amor!
Tu — só vives para os risos.
Eu — só vivo para a dor.

Tu vais em busca da aurora!
Eu vou em busca do poente!
Queres o leito brilhante!
Eu peço a cova silente!

E se ela lhe diz que ele se engana, que é cruel e vingativo, que ela o ama, que sempre o amou e o amará para sempre, que mal o viu seu amor voltou a dominar-lhe o seio, a queimar-lhe a carne, ele, sereno e justo, consciente apesar de sentir o calor do seu corpo e a dor imensa do seu imenso coração, lhe responde:

Não te iludas! O passado
P’ra sempre quebrado está!

[...]

Viste-me... E creste um momento
Qu’inda me tinhas amor!...
Pobre amiga! Era lembrança,
Era saudade... era dor!

Obrigado! Mas na terra
Tudo entre nós se acabou!
Adeus!... É o adeus extremo...
A hora extrema soou.

E então, amiga, ela no desespero de vê-lo se preparar para partir o enlaça mais uma vez nos seus braços, abre-lhe o seu seio, toma do seu sexo. E mais uma vez naquela noite que já é madrugada os corpos tombam no leito. Mas nem assim ele fica. E, antes de partir para nunca mais voltar, quer que ela saiba:

Quis te odiar, não pude. — Quis na terra
Encontrar outro amor. — Foi-me impossível.
Então bendisse a Deus que no meu peito
Pôs o germe cruel de um mal terrível.

Sinto que vou morrer! Posso, portanto
A verdade dizer-te santa e nua:
Não quero mais teu amor! Porém minh’alma
Aqui, além, mais longe, é sempre tua.

Ela não chora mais, não mais suplica, não o tenta sequer com o seu corpo. Também ela, amiga, compreende que é impossível. E antes que ele parta, as muletas escondidas sob a negra capa, dá-lhe também seu adeus:

Adeus! se um dia o Destino
Nos fizer ainda encontrar
Como irmã ou como amante

Sempre! Sempre! me hás de achar.[149]

O vulto dele se perde no escuro do corredor. Vai para a morte, ela o sente. Vai para não mais voltar. E aquela certeza dói tanto, tanto, amiga, que seu corpo estremece de frio e Eugênia se encolhe toda como se alguém a ameaçasse de morte. E só minutos depois os soluços irrompem altos, as lágrimas molhando os lençóis ainda mornos da quentura dos corpos que se abraçavam. Alguma coisa morreu também, nessa noite, no coração de Eugênia Câmara.

W

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,

o navio corta os mares, amiga, as ondas se partem em espuma ao chocar contra o casco. As mãos que acenam adeus desde o cais se confundem na distância, qual será a de Eulália, qual a de Luís Cornélio dos Santos, qual a de Melo Morais, as dos demais amigos que vieram trazê-lo a bordo? Porém, afastada daquelas, uma mão se agita num adeus desesperado e é para essa que ele olha, para ela é o adeus que lança Castro Alves. Pois é Eugênia quem está na fímbria do cais, separada de todos, a desejar ao poeta boa viagem. Quando a viu o navio já partia. Ela sacudiu o lenço, deslizavam lágrimas no seu rosto.

A espuma alva se levanta ao bater no casco, as mãos desaparecem ao longe. O navio ganha velocidade. Medita o poeta. Desce o crepúsculo sobre o mar, passa Inês no tombadilho. E para ao ver aquele moço alto e de rosto tão bonito que ainda dá adeuses, respondendo a mãos que já não se veem. Inês sorri e segue seu caminho.

Desce a noite, o poeta namora o céu desde uma cadeira no tombadilho. Poucos passageiros resistiam ao jogo do navio, estavam quase todos recolhidos aos camarotes. Castro Alves conta as estrelas no céu, são inúmeras, brilham sobre sua cabeça, se refletem no mar azul. O silêncio atravessa o navio. Inês senta-se ao seu lado. É negro o seu cabelo, há nela uma formosura que recorda a Castro Alves as figuras familiares da mãe e das tias. Porque Inês, amiga, é uma espanhola que volta de Buenos Aires para a pátria, os olhos cheios de sensuais requebros, a boca rasgada, o magro corpo esbelto.

Conversam, ela já soube o seu nome, ouviu passageiros contarem desse jovem poeta que aos vinte anos já era o maior do seu país. Sabe também dos seus amores, da operação. Agora compreende a dificuldade que ele tem para andar apoiado numa bengala, já que não quer caminhar de muletas. Acha-o belo e lho diz. Lembra-lhe os homens da sua terra, românticos espanhóis trigueiros. Pede ao poeta que lhe declame versos seus. Gosta da poesia, diz estrofes em espanhol:

Y de pronto viniste a perturbar mi vida,
a sacudir mis nervios con nueva crispación,
a dar otra vez brotes a la rama aterida,
ardores a la sangre y aliento a la ilusión.[150]

E ele declama para ela versos, versos que falam do mar e do sofrimento dos negros, versos que falam de amor, de corpos se possuindo. O tombadilho está vazio, raras luzes o iluminam. Ela se sente tentada, essa voz desperta-lhe emoções, espalha arrepios pelo seu corpo. E esse rosto que o luar ilumina, triste e pálido, é de um encanto inexprimível. Ele já tomou de suas mãos, diz seus versos em surdina, ela aproxima a cabeça.

E após o beijo saem andando pelo tombadilho abandonado. Um dia, pouco antes de morrer, ele recordará essa noite, amiga, chamará por essa estrangeira que lhe deu, na hora em que colocava o mar entre ele e seu amor, um momento de repouso no seu peito cálido. Lembrará da “branda noite! A noite imensa” que “era um ninho”. Cantará para ela também em versos saudosos que talvez ela nunca venha a ler mas que lembrarão aos vindouros aquela noite do mar, amiga. Tu bem sabes, negra minha, que nunca é tão bom o amor como quando a água espadana sobre o nosso corpo, quando caem pingos do teu cabelo e os teus lábios têm um gosto salgado. Também Castro Alves o soube naquela noite de bordo, quando o mar atirava sobre Inês respingos de água e o luar a vestia como véu de noiva.

E como um véu transparente,
Um véu de noiva... talvez,
Da lua o raio tremente

Te enchia de casto brilho...

Ela estremecia ao contato longo dos seus dedos, a sua sensibilidade de espanhola se agitava ao tocar das suas mãos:

Às vezes estremecias...
Era de febre? Talvez...
Eu pegava-te as mãos frias
P'ra aquentá-las em meus beijos...
Oh! palidez! Oh! desejos!
Oh! longos cílios de Inês.

Carícias que subiam das mãos para os seios túmidos de desejo, que demoravam no rosto e subitamente desciam numa ânsia de desvendar o mistério desse corpo moreno. Ela se entregava, quem podia resistir a ele, que mulher teria força para fugir aos seus beijos:

Nossos beijos estalavam
Como estala a castanhola...
Lembras-te acaso, espanhola?
Acaso lembras-te, Inês?

[...]

E a brisa amorosa, insana
Misturava os meus cabelos
Aos cachos escuros, belos,
Aos negros cachos de Inês!

O mar e o céu, o luar e as estrelas, a canção que os marinheiros cantavam, eram seus cúmplices nessa noite de amor. Os beijos fogem pelo mar afora, chegarão até as estrelas talvez. Ele dizia palavras ardentes, versos de amor. Ela ouvia tentada e vencida, o corpo coberto pelo luar, as peças de roupa caindo sobre o tombadilho. Assim ele a desejou possuir nua, vestida apenas com o véu

nupcial da luz amarela da lua, nua diante do mar e do céu. E assim a possuiu, restos de vagas respingando sobre ela branca espuma, mistura de mulher e mar:

Meus olhos nos teus morriam...

Uma onda mais forte os banha, aumenta ainda mais a intensidade do momento máximo do amor. Inês desmaia nos seus braços, rolam no tombadilho, o luar os cobre como um lençol. Eis como se deu, amiga, a aventura marítima de Castro Alves e de Inês, a espanhola.

A família esconde as lágrimas à sua volta. Enxergam a macilenta face, o peito cavado, a voz mais branda. Os amigos antigos, Augusto Guimarães à frente, estão todos junto dele, fazem-no reunir versos para um volume, o único que viu publicado em vida. Ele fala com entusiasmo do plano de *A cachoeira de Paulo Afonso*. Revê as judias, Ester e Simy, que vão casar. Namora ainda com elas, manda-lhes beijos pela janela. Envia para Luís Cornélio dos Santos, o grande amigo do Rio, os originais das *Espumas flutuantes.* Os médicos têm novamente esperanças de curá-lo. E aconselham que ele parta para o sertão, para os ares sadios de Curralinho, para as matas que o viram nascer e que talvez lhe deem a vida de novo.

E em Curralinho ele reencontra, negra, duas musas que já cantara e amara e que mais uma vez se unem para o auxiliarem nessa tentativa de cura: a natureza bravia e áspera do sertão e Leonídia Fraga.

A doce menina da sua infância, a adolescente franzina das suas férias distantes, é hoje a mais bela moça da serra, a sertaneja mais linda. E, puro de qualquer sombra de amor, conservou seu coração para Castro Alves. Já te falei dela, amiga, foi a mais fiel das suas amadas, a que mais o amou, a que enlouqueceu de dor quando ele morreu. Ele descansa nos seus seios, sobe à noite românticos balcões para roubar-lhe um beijo ao luar. Agora que a doença e a desgraça pesavam-lhe mais que a glória ela mais o ama, mais enternecidamente se entrega às carícias do seu poeta. E por isso, negra, mereceu dele versos imortais.

Também a natureza o recebe com o mesmo amor, o acolhe nos seus braços de

árvores, refresca sua face febril na água murmurante dos seus rios, o embala no cantar dos passarinhos, dá-lhe saúde no ar puro da floresta. Cavalgando, caçando, ele atravessa a mata, o olhar úmido de satisfação de poder ainda sentir o contato da terra, de poder soltar sua voz para cantar a natureza, mãe da sua poesia:[151]

Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
Regaços da floresta americana,
Acalenta-me a mádida tristeza
Que da vaga das turbas espadana.
Troca dest'alma a fria morbideza
Numa ubérrima seiva soberana!...
O Pródigo... do lar procura o trilho...
Natureza... Eu voltei... e eu sou teu filho!

Novo alento selvagem, grandioso
Trema nas cordas desta frouxa lira.
Dá-me um plectro bizarro e majestoso,
Alto como os ramais da sicupira.
Cante meu gênio o dédalo assombroso
Da floresta que ruge e que suspira.

Das matas do Brasil, da natureza dos trópicos, está cheia a sua poesia. Cantor dos escravos, da liberdade e do amor, ele foi também o grande cantor das árvores brasileiras, dos regatos e dos grandes rios, das cachoeiras e das canoras aves.[152]

E, atendendo ao chamado da floresta, parte para mais longe ainda, amiga. Vai para uma fazenda, novamente o destino dos escravos o preocupa. E a visão da natureza poderosa atiça-o ao trabalho. Na fazenda, quando não cavalga ou caça, escreve os versos de *A cachoeira de Paulo Afonso.* Misturam-se nesse poema libertário a natureza que o cerca, as recordações que o sertão lhe traz, lembranças de Pórcia e Leolino. A história de Maria e de Lucas, história do amor impossível dos escravos, marca a sua volta aos grandes problemas humanos. Mal se sente com alguma força empunha a sua lira que é a sua arma de combate e se lança à luta pelas causas que o atraem. E mais uma vez repete nesse poema, de certa

maneira o mais complexo da sua obra, aquela constante da sua poesia negreira! A revolta do escravo, a sua inconformidade:

Aqui sombrio, fero, delirante
Lucas ergueu-se como o tigre bravo...
Era a estátua terrível da vingança...
O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo.

Nesse poema, amiga, tão cheio da beleza da selva e dos rios do Brasil, tão cheio da angústia de um amor que luta contra a ordem social estabelecida, ele nos conta a romântica e trágica história de Maria e Lucas que um dia se amaram à sombra das senzalas. Maria, "mimosa flor das escravas", Lucas, "o filho das florestas, o escravo lenhador". Se amaram um dia, ele cantava para ela tiranas de amor nas tardes da floresta:

Minha Maria é morena,
Como as tardes de verão;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

Vivia do sorriso dela, um dia casariam, teriam filhos, negros fortes que derrubariam madeira na mata como Lucas e teriam os olhos doces de Maria. Mas, amiga, a bela escrava é quinhão do senhor, ele é seu dono, toma a flor do seu corpo, a virgindade que ela guardara para Lucas. O destino da escrava, amiga, está traçado na mão do senhor, é um destino feio. No leito rico de jacarandá Maria se encolhe, treme, desmaia ao contato do senhor que a rompe. Suas lágrimas não comovem o homem que pagou dinheiro por ela e que é seu dono. Seu dono, amiga.

Na senzala deserta, nessa noite, Lucas adivinha a verdade. Jura vingança pela voz vingadora de Castro Alves:

[...] *Vingança! guerra!*
[...]
Eu juro guerra de morte

A quem feriu desta sorte
O anjo puro da terra...
[...]
Onde há sangue, sangue escorre!...
Vilão! Deste ferro e braço,
Nem a terra, nem o espaço,
Nem mesmo Deus te socorre!!...

No rio ela vai numa canoa, ele se lança n'água e a alcança. É qualquer coisa de terrivelmente triste o diálogo dos dois escravos, Maria desonrada pelo senhor, Lucas clamando vingança:

Por que não me deixaste assim pendida
Morrer co'a fronte oculta no teu peito?
[...]

Toda esperança para mim 'stá morta...
Sou flor manchada por cruel serpente...
Só de encontro nas rochas pode a enchente
Lavar-me as nódoas, m'esfolhando a vida.

E suplica que ele parta, que volva ao seu lar. Mas ele lhe responde num apelo comovente. E choram depois unidos, mergulhados no "labirinto escuro que desgraça". Lucas quer tudo saber porque tudo quer vingar. Maria silencia na sua miséria de escrava. Lucas tenta jogar-se ao rio e ante essa ameaça ela narra: o rio a tentara para um banho. Nua se entregara à água mansa. Mas um homem a faz fugir. Corre pelos campos desvairada, ele a persegue. É o senhor da fazenda, é o seu dono. E a alcança. Maria cobre a face com as mãos, conclui a narrativa:

E agora está concluída
Minha história desgraçada.
Quando caí — era virgem!
Quando ergui-me — desonrada!

Lucas ergueu-se, “era a estátua terrível da vingança”, disse o poeta, amiga. E fala para Maria, promete-lhe em troca de toda aquela dor, o mais belo dos presentes, a vingança:

Basta! Esta faca já contou mil gotas
De lágrimas de dor nos teus olhares.
Sorri, Maria! Ela jurou pagar-tas
No sangue dele em gotas aos milhares.

[...]

Se a justiça da terra te abandona,
Se a justiça do céu de ti se esquece,
A justiça do escravo está na força...
E quem tem um punhal nada carece!...

Castro Alves amava, amiga, armar os negros para a vingança e a revolta. Que importa que a pobre escrava trema e não queira o nome dizer do sedutor? Esse diálogo entre os dois, ela tentando fazer com que ele desista da vingança, ele a lhe perguntar se foram os senhores que lhe ensinaram tantas ideias falsas, vale tanto pela beleza dos versos como pela consciência que o poeta empresta ao escravo:

Crime! Quem te falou, pobre Maria,
Desta palavra estúpida?... Descansa!
Foram eles talvez?!... É zombaria...
Escarnecem de ti, pobre criança!
Pois não vês que morremos todo dia,
Debaixo do chicote, que não cansa?
Enquanto do assassino a fronte calma
Não revela um remorso da sua alma?

Não! Tudo isto é mentira! O que é verdade
É que os infames tudo me roubaram...

Esperança, trabalho, liberdade
Entreguei-lhes em vão... não se fartaram.
Quiseram mais... Fatal voracidade!
Nos dentes meu amor espedaçaram...

[...]

— E tu, irmã! e mãe! e amante minha!
Queres que eu guarde a faca na bainha!

E ela se resolve. Mas antes lembra a Lucas a sua própria história. Lembra que a mãe dele antes de morrer revelou-lhe que ele era filho do senhor, irmão do jovem branco da sua idade quase, que era herdeiro da fazenda. E que, no leito de morte da mãe, prometera não se vingar. E o irmão branco de Lucas é que tomou da virgindade de Maria. Morria a tarde junto ao rio. E a canoa desce. É o São Francisco, “longe dos cantões bravios, abrindo em alas os barrancos fundos”, que o poeta canta em largos versos. E a canoa onde vai a escrava torturada e o escravo vingador se aproxima cada vez mais da cachoeira:

A cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!
A briga colossal dos elementos!

Maria dorme, Lucas a acorda. E juntos, unidos, enxergam no abismo da cachoeira a liberdade. O poeta descreve-os como noivos que vão para o himeneu. A bravia natureza em torno, o rio, a água em turbilhão de Paulo Afonso. E, amiga,

A celeste Africana, a Virgem-Noite
Cobria as faces... Gota a gota os astros
Caíam-lhe das mãos no peito seu...
...Um beijo infindo suspirou nos ares...

.....

A canoa rolava!... Abriu-se a um tempo
O precipício!... e o céu!...

E já que a vingança era impossível Lucas prefere morrer e matar o seu amor. As águas de Paulo Afonso tragam os amantes negros que nem para o amor são livres.

Do longínquo da mata, Castro Alves, amiga, junta as últimas forças para mandar ao mundo esse lancinante grito de protesto. Nem para o amor são livres! E foi ele mesmo, negra, quem chamou a esse poema de “um canto de esperança, um canto de futuro”. Para que fossem os negros livres um dia, amiga, para a festa do amor e para a festa da vida!

X

Os ventos da madrugada
Vêm da pátria, vêm do Norte...
Não ouves, falando em morte?
...Eu amo teus ombros nus!...

o ar puro do sertão lhe dera alívio ao peito doente. Na fazenda do Orobó escreveu *A cachoeira de Paulo Afonso* e foi novamente a volta aos seus temas da abolição. O abandono de Eugênia, que trouxera a moléstia e a amputação, afastara-o durante quase dois anos da vida pública. Sua lira libertária quase silenciara, desde que adoecera em São Paulo. A abolição e a república viviam dos poemas que já escrevera. Mas ele achava que era pouco, que muito tinha que dizer ainda e, ao embarcar de volta da solidão da fazenda para a cidade da Bahia, se decide a mais uma vez soltar o seu grito de combate. E as cartas dos amigos, negra, diziam que a edição das *Espumas flutuantes* estava a sair.

Numa das primeiras noites que se seguem ao seu desembarque lê para os poetas que se reuniam na sua casa, já que agora a Bahia o reconhece e ele é um líder dos intelectuais mais jovens da cidade, o poema que trouxera do sertão.[153] E alegra-se com a emoção que vê estampada no rosto dos ouvintes. E lhes explica longamente que a poesia deve ser realizada em função do povo, das causas do povo, que ninguém tem o direito de trancá-la numa torre como se ela fosse uma frágil donzela. E que nem mesmo o maior e mais desgraçado amor do mundo deve ter o poder de silenciar a voz do poeta, intérprete dos anseios populares. Faz escola, como no Recife e em São Paulo. Ao chamado da sua voz, vozes respondem do Norte, do Sul e do Centro. A poesia desce da torre de

marfim para o meio da multidão, amiga.

Na festa do Grêmio Literário, em 14 de outubro, pouco depois de haver chegado do sertão, é lida a sua ode à imprensa. Escrevera na véspera para ler nesta festa. Mas a voz rouca com a mudança de ares o assusta e ele pede a José Joaquim da Palma que declame em seu lugar, que diga ele esses versos largos e majestosos que Castro Alves compusera para saudar a arma da imprensa, irmã da arma da poesia. Tinha certo pudor de declamar para o povo com a sua voz rouca e meio afônica de tísico. O mesmo pudor que o impedia de sair a pé, apoiado nas muletas. Esse mesmo povo sempre o vira belo, altivo e são, sempre ouvira a sua voz clara soando alto, ecoando nos mais distantes pontos dos teatros e das praças. Que guarde essa imagem dele, que não o vejam de muletas, não o ouçam doente.

Fica atrás do amigo, no camarote. É no Teatro São João, no mesmo teatro onde criança assistira seu tio, o alferes, rasgar o pano de boca do palco e onde pela primeira vez contemplara o espetáculo do povo enraivecido, agitado e revolto, gloriosamente forte. José Joaquim da Palma começa a declamar a "Deusa incruenta". Castro Alves, negra, cantara todos os nobres motivos do seu tempo. Não podia esquecer a imprensa, força do século, ligação do povo com os intelectuais, aríete que se lançava contra as muralhas da escravidão e da tirania:

Quando a Bastilha vil tremia desraigada
E da mole ao sopé soava a martelada,
A catapulta humana, a voz de Mirabeau!...
Quando aquele ideal Quasímodo do abismo
Se agitava ao ulular dos Reis no cataclismo,
— Sineiro que rebate aos séculos tocou!...
Eriçado, feroz, suado, monstruoso,
Magnífico de horror, divino, proceloso...
A Deusa se atirou nos braços do Titão!!

A deusa incruenta que é a imprensa. Voz dos povos, cultura dos mais pobres, que se alteia sobre a noite do mundo iluminando-a.

Quando Ela se alteou das brumas da Alemanha,

Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na destra suspendendo a estrela da manhã...

Um novo dia começou para a humanidade. E Castro Alves vem lembrar ao povo da Bahia a arma que é o jornal.

O poema incendeia de entusiasmo a multidão. Não se satisfazem com aplaudir o intérprete, exigem que o poeta venha à boca do camarote. E não se cansam de bater palmas, de gritar o seu nome como o de um amigo a quem não viam há muito tempo e que voltou de súbito. A sua presença é fecunda, cria entusiasmo e emoção. E Castro Alves, amiga, vem mais feliz nessa noite para casa, o amor do povo é o bem que resta a este poeta sem saúde e sem amor.

A moléstia o incomoda com maior insistência. Os ares da cidade são daninhos a seu peito fraco. Sua voz se torna cada vez mais afônica, sua face mais pálida e magra ainda, seu andar difícil. Só sai a cavalo, monta bem, perfeito cavaleiro, e assim atravessa as ruas da Bahia. Tem uma alegria, amiga, ao ver impressas as *Espumas flutuantes*, cujo exemplar número um vai para José de Alencar, o outro revolucionador das letras brasileiras. Já não declama nas festas, é raro aparecer nos teatros e quando vai a um deles chega antes de todos os espectadores para que já o encontrem sentado, não notem a deformação que seu físico sofreu. Tem ainda vaidade da sua beleza. Cada dia que passa alarga a lesão dos seus pulmões.

No dia 9 de fevereiro de 1871, no último meio ano de vida do poeta, a colônia francesa faz realizar na Associação Comercial um *meeting* para recolher donativos para as famílias dos soldados mortos na guerra franco-prussiana. E quando a reunião vai no meio, discursos e versos, Castro Alves chega montado no seu cavalo tordilho, um dos dois que possuía,[154] vestido de preto, a cabeleira em ondas, o olhar brilhante da febre. Entra, todos os olhos nele. Pede a palavra e desta vez é a sua própria voz que ressoa, porque ele sabe que é a última vez que falará para o seu povo:

Já que a Rousseau sucede Machiavelo,
Já que a Europa de altar fez-se escabelo,
Da guerra meretriz,
Já que o sonho de Canning era falso,

Já que após abolir-se o cadafalso,
Crucificam Paris,

então é preciso, amiga, que da América livre, campeã da liberdade e do futuro, parta um grito de protesto:

Filhos do Novo Mundo! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horríssono rugir,
Em frente do oceano! em frente do infinito
Em nome do progresso! em nome do porvir.

Não deixemos, Hebreus, que a destra dos tiranos
Manche a arca ideal das nossas ilusões.
A herança do suor, vertido em dois mil anos,
Há de intacta chegar às novas gerações!

[...]

Não; clamemos bem alto à Europa, ao globo inteiro!
Gritemos liberdade em frente da opressão!
Ao tirano dizei: Tu és um carniceiro!
És um crime de bronze! — escreva-se ao canhão![155]

A multidão, já que ele não pode andar com seus próprios pés, o conduz nos braços para casa. Esse último triunfo é o seu maior triunfo, amiga. Sobre a cidade da Bahia, mais alta que o baticum dos atabaques, fica vibrando a voz de Castro Alves, voz de protesto, de luta e de revolta. Da liberdade em frente à opressão.

Mas se a voz é emudecida pela doença, resta-lhe a pena. E, como funda com outros poetas e agitadores uma Sociedade Abolicionista, escreve às mulheres baianas, às mulheres que sempre o apoiaram e o quiseram, uma carta suplicando fundos para que a sociedade pudesse manter-se e trabalhar. Pede em nome dos escravos. Mas não pede a "banqueiros ou milionários, ricos ou poderosos. Não! Há um instinto e um pudor neste pedido". Repara, amiga, é a mesma voz que

declamava no teatro. A mesma impávida coragem, a verdade na sua pena, o homem que luta.[156] Essa carta, revolucionária e lírica, dirigida às mulheres da sua terra, é a sua mais bela página em prosa. Seu último clamor pelos escravos, último elo que ele parte da cadeia que prende pés, mãos e corações dos negros. Depois é o sonho irrealizado do poema de Palmares. Vai morrer com esse sonho, amiga.

No tumulto dessas declamações condoreiras, dessas cartas abolicionistas, desse piorar e melhorar do peito, certa ocasião declamou versos de amor numa festa.

Vou te falar, amiga, da última mulher da sua vida. Viera da Itália, de Florença, soprano ligeiro de uma companhia lírica.[157] Mas quedara na Bahia, transformada em professora de canto de moças da sociedade. Ensina às irmãs de Castro Alves. Seu marido a abandonara e ela compreendera que para ganhar o pão de cada dia tinha que, na sociedade preconceituosa de então, manter seu corpo numa absoluta viuvez. O seu coração era de bronze, foi Castro Alves quem o disse, amiga. Feito do bronze de todos os preconceitos. Loira e desdenhosa, culta e educada, impassível e fria. Mármore de Florença perdido nos trópicos. Seu nome era um verso, negra: Agnese Trinci Murri.

E porque ela sempre se recusou, apesar de tê-lo amado,[158] temerosa da cidade, temerosa de perder sua tranquilidade se se entregasse ao amor, ele delirou de paixão por ela, morreu no desejo de tê-la. Foi seu sonho de moribundo, esse corpo fresco de mulher do Adriático, loira de trigais, branca de espuma.

Naquela festa que lhe foi oferecida e na qual ela ia cantar,[159] ele se levantou para dizer de público, pela derradeira vez, versos de amor. Para pedir a Agnese que o leve consigo para outros climas, que o leve no barco do seu corpo. Foi sua atitude diante dela em todos esses meses que se sucederam ao seu conhecimento e que precederam a morte do poeta. E ela tem a mais triste e feia das atitudes, a mais covarde e estéril: recusa-se sempre e sempre, o desejo de se dar no coração, mas maior que ele o medo de se dar. Não quis sacrificar ao amor os bens da terra e disso irá se arrepender a vida toda, amiga. Será mais desgraçada que ele que morreu a desejá-la. Sofrerá por não ter sido dele e por tê-lo feito morrer com um

desejo por satisfazer. Também ela morrerá no dia da sua morte. E compreenderá que seu sacrifício foi inútil: que os bens da vida, por maiores que sejam, não valem nunca a imortalidade do amor. Ele a convida na festa para que partam:

Vem! Dá-me tua mão... voemos a Sorrento!
Por barco — a fantasia! Por flâmula — teu véu!
Seja o cabelo negro — a vela solta ao vento...
Vem comigo sonhar a Itália... a noite... o céu...

Os poemas que escreve para ela, musa dos seus últimos meses, são um único pedido: seu corpo. São a súplica de um beijo, porque bastaria um beijo para que dele partissem todos os delírios, para tornar a morte mais suave:

[...] *um beijo...*
Um beijo... antes do arrebol!...
Inda brilha... inda um desejo...

último desejo da sua vida, o corpo perfeito de Agnese Trinci Murri. Chama-a de ingrata, tenta-a de todas as maneiras: “Minha alma é lousa florida aos teus afagos, mulher”, diz-lhe, tentando despertar sua compaixão. Mas ela continua “gélida e quieta”

Pois naquela alma só se encontra neve?
Nada palpita nessa forma branca?
Pois não freme este mármore de leve?
Pois nem o canto esta friez lhe arranca?

Nem o seu canto, o mais tentador do seu tempo, versos que derrubaram no seu leito os corpos de tantas e tão diversas mulheres, nada comove esse mármore sem alma. Tudo que ele quer é “beber o mel na rosa desta boca”, mas até o beijo ela recusa, medrosa de se entregar completamente se lhe entregar a boca rubra.

Certa noite, amiga, em companhia de Augusto Guimarães, foram os dois, a cavalo, ao Farol da Barra. Saltaram dos cavalos, andam os dois agora sozinhos para diante do mar. E ele, a dois meses da morte, suplica-lhe que ela se entregue,

que não prenda no coração esse desejo. A noite de maio é noite cúmplice, ele o disse. E como ela nota que Augusto Guimarães já se aproxima, dá-lhe os lábios num beijo fugidio, que conduz os desejos dele à alucinação.

Mas no dia seguinte se nega novamente. Nem mais um beijo sequer. E ele que sente a aproximação da morte se despede dela num último lamento.

...Só tu não pensas em mim!...

Adeus,

Adeus! noiva do guerreiro!

Agnese Trinci Murri não teve, amiga, coragem de sacrificar a vida ao amor. E foi como se tivesse se matado, porque não tendo sido de Castro Alves o seu coração murchou para a alegria, e a saudade daquilo que não quis possuir encheu seu peito para sempre. Nos seus olhos, onde as lágrimas secaram, ficou para toda a vida a visão do poeta bem-amado morrendo no desejo de tê-la, na espera do calor do seu corpo, da alegria do seu amor. Também ela morreu naquele dia. Como uma flor que murcha na tempestade sem ter sentido o poderoso calor do sol.

Sentia a morte se aproximando dia a dia. Já não pode andar, pede que conduzam sua cama para a larga sala da frente onde pode fitar o sol iluminando a multidão nas ruas. É mês de junho e os balões de São João sobem para o céu, pequenas estrelas que o povo cria. No céu, dizem os negros, amiga, estão as estrelas que foram os homens valentes do mundo. Lá está Zumbi, o negro dos Palmares, Castro Alves o fita desde a cama. Para não mais se levantar, deitou-se nesse leito no dia 29. E pediu que não deixassem Agnese entrar para não o ver moribundo. Sonha o seu corpo, desejo impossível, sonha Palmares, poema que não escreveu. Seu sonho dos últimos dias: cantar a república negra dos Palmares.[160]

Ninho, onde em sono atrevido,

Dorme o condor... e o bandido!...
A liberdade... e o jaguar!

Do poeta ficaram apenas, amiga, uns quantos versos, saudação do poeta à república dos negros fugidos. Era “ninho de águias atrevido, região dos valentes, das liberdades paládio”. Outros poetas que cantem as festas dos reis:

Cantem eunucos devassos
Dos reis os marmóreos paços;
E beijem os férreos laços,
Que não ousam sacudir...

que ele cantará Palmares, será o momento culminante do seu gênio:

Palmares a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
[...]

De bravos soberbo estádio,
Das liberdades paládio,
Pegaste o punho do gládio
E olhaste rindo p’ra o val:
“Descei de cada horizonte...
Senhores! Eis-me de fronte!”
E riste... O riso de um monte!
E a ironia... de um chacal!...

Na noite que a febre faz cheia de visões, ele imagina seu poema dos Palmares. Os dias de junho que morre e julho que nasce são claros de sol, as noites enfeitadas de balões. E quando a visão de Agnese nua, loira e azul, o frio de mármore desaparecendo ao doido afago das carícias suas, quando no brilho dos balões foge essa visão, são os heróis de Palmares, os negros gigantescos, revoltados e dispostos a morrer pela sua liberdade que ele vê no seu delírio. Não faz outra ode nesse Dois de Julho, sua mão já não se move. Agnese vai ao teatro,

mas qual desses homens que ouviu Castro Alves noutro Dois de Julho pensa sequer nos atores nessa noite? Recordam em silêncio aquele que, na data maior da Bahia, levantava sua voz para saudar a liberdade, que a trazia pelo braço como a uma noiva para o meio deles e que, agora, agoniza tísico no casarão de Sodré. Traz Agnese a notícia de que o povo clamou por ele, chorou no teatro com a sua ausência, a ausência do seu líder. Ele sorri, o povo é constante com os seus amigos, é um doce amigo, negra.

A febre engole os últimos dias dos seus 24 anos geniais. Na madrugada de 5 para 6, quando todos descansam, ele, sozinho no seu leito, possui Agnese no seu sonho, ela vibra ao contato dos seus lábios. Mas logo não é mais o delírio de tomar do corpo de uma mulher. É o soar dos atabaques. Não, amiga, não vêm eles da noite de mistério da Bahia. Castro Alves o sabe, vêm de longe, de muito longe, da serra distante. Tocam nos Palmares, os negros se reúnem, é um exército. Zumbi para ao lado da sua cama. Foi-se Agnese, desapareceu seu corpo loiro. Agora é o negro libertador que ali está. Zumbi e Castro Alves, na madrugada que desponta sobre a Bahia, conversam de Palmares, amiga.

Y

O povo o acompanhava e o campo estava inculto.
Era ousado demais... Chegava o seu insulto
Até ferir o rico...
E revoltava o pobre...

a tarde, negra, é linda sobre a cidade misteriosa da Bahia. Das casas, das ruas calçadas de pedras colossais, do céu azul, dos montes, escorre a poesia da cidade. O sol entra pela janela da sala. “Quero morrer olhando o infinito azul”, dissera ele, amada minha, ao pedir que transportassem do quarto para a sala o seu leito. Agora, diante da beleza da tarde, está sozinho. Saíram todos, pensavam-no melhor. Foi bom, assim as vozes em surdina, as lágrimas mal contidas não o perturbarão, não o farão triste. Poderá contemplar serenamente a tarde de julho. Suas irmãs, os amigos, Agnese Trinci Murri, os médicos, foram-se todos.

Há alguém, no entanto, é uma mulher, de passo leve e estranho sorriso. Ele sempre foi gentil para com as mulheres, elas sempre foram boas e compreensivas para com ele. Saúda esta mulher que entra, conversa com ela, faz-lhe um galanteio, diz-lhe um verso de amor, já sabe o seu nome: chama-se Morte, o último dos “anjos da meia-noite”. Levanta a cabeça o poeta, toma da mão da Morte, declama para ela num fio de voz:

Baixas do céu num voo harmonioso!...
Quem és tu, bela e branca desposada?
Da laranjeira em flor a flor nevada

Cerca-te a fronte, ó ser misterioso!...

Mais uma amada, linda como todas as outras. “Fui don juan”, lhe diz, “mas tu serás meu último amor. Partirei contigo, irei feliz, és divina, minha amada.” Ela sorri também, que mulher pode resistir à sedução da sua voz, ao contemplar do seu rosto tão belo e tão nobre? Ele continua a falar: “Mas antes de partir contigo para a nossa primeira noite de amor, que será plena de carícias sutis, deixa que eu me despeça das amadas e dos amigos”. Ela consente, que podia lhe negar?

E, cerrando os olhos negros, ele beija a fronte pura de Eulália Filgueiras que se aproxima lhe oferecendo os lábios. Vem Dendém de riso travesso, um beijo na boca de Maria Cândida, chegam as judias, são três: Mary, Simy e Ester, a todas três ele amou. Inês chega de terras distantes, seus negros cabelos de espanhola. Vem a paulista Maria Carolina. Idalina, saudosa Idalina dos primeiros tempos do Recife! Leonídia, a virgem sertaneja, em cujos seios descansou a cabeça febril. Nas mãos traz flores da campina, um sorriso nos lábios. Sinhá Lopes dos Anjos, do país de São Paulo, envolta em neblina. Agnese, fria Agnese, que não quiseste delirar de amor... E Eugênia, os olhos vermelhos de chorar, as mãos estendidas para ele, o corpo tão belo e tão amado! Demora-se com Eugênia, falam dos tempos que passaram. E diz coisas tão lindas o poeta que consegue que ela enxugue as lágrimas.

Tobias declama um verso, solta uma frase, é um gigante mulato. Curvado, Machado de Assis, com seu sorriso de escárnio. Outro gigante: é Alencar. Vem José Bonifácio, discursa pros liberais. Vêm Rui, Nabuco, Brasílio Machado, vêm na frente dos estudantes, os do Recife, os de São Paulo. Vem Maciel Pinheiro, voluntário da pátria, na frente do seu batalhão. Vêm os atores, Joaquim Augusto, Vasques, Furtado Coelho e Adelaide. Fagundes Varela, um pouco bebido, um verso na boca, tristeza no olhar. Luís Cornélio se curva sobre o poeta, na despedida: “Até logo, amigo”. O irmão, as irmãs e os cunhados, Augusto, dr. Alves, Clélia Brasília, a mucama Leopoldina, tão boa!

Mas agora, amiga, não vêm mais um a um. Vêm em massa, são muitos, na frente deles, de punhal na mão e fogo no olhar, vem o alferes João José, que riso feroz! Passam Leolino e Pórcia, vão num galope, ele a conduz na garupa, o major Silva Castro mais os Mouras e os Medrados os perseguem. Exupério vai ao lado do irmão, certeiro na pontaria.

Vêm mais, vêm mais, amiga, agora é a multidão que chega das praças do Recife de libertar tribunos e prender tiranos, chega da Bahia se levantando, do Rio de comemorar a vitória de Humaitá, multidão de São Paulo clamando pela república.

E vêm outros, amiga, toda uma raça, são os negros, e trazem as cadeias que o poeta rompeu com a arma da poesia. Na frente de todos vem Zumbi, os negros revoltados de Palmares, Lucas e Maria que se podem finalmente amar. Correntes rompidas, marcham brancos e pretos, mulatos também, homens e mulheres, para os caminhos que ele indicou, pelas estradas que ele rompeu.

Do fundo da vida vêm os heróis que ele cantou: Tiradentes com sua corda de mártir, Andrada com um mundo na mão, Pedro Ivo no seu cavalo negro. E sobre eles, esplendorosamente bela, a mais amada de todas as amadas, a liberdade. Passam num galopar de sonho, cantam os cânticos que ele escreveu, hinos de amor e de revolta. Vão para o futuro, há outras cadeias que romper. É uma multidão gigantesca que se move ao sonoro rumor de versos seus. Agora na frente de todos vai a liberdade. Outras cadeias que romper.

Castro Alves, negra minha, toma da mão da Morte, convida-a num galanteio, parte com eles.

Z

Amemos, vida minha!

e agora, amiga, que te embalei com a história do poeta, que te disse que o veremos por uma madrugada novamente, sua voz sobre o mar, os montes e as cidades, agora que o trazes no coração, cerra os olhos para a noite, deixa que eu repouse no teu corpo. A noite é feita para o amor e já cantei para ti com minha pobre voz. Dá-me então teus lábios, teu corpo molhado de mar. Deitemos sobre a areia alva de luar, cobre a lua e as estrelas com teus cabelos desnastros. Descansarei em ti e amanhã, amiga, te contarei uma história de negros e marinheiros. Vem, que a noite é para o amor.

Urca, Rio de Janeiro, 21 de março de 1941

>

NOTAS

1. É curioso notar que em muitos dos poemas de *A cachoeira de Paulo Afonso*, onde os amores impossíveis de Maria e Lucas são descritos em maravilhosos versos, os cenários devem ter sido lembrados pelos cenários em que decorreu o idílio de Pórcia. Mesmo para a descrição dos amores da mucama e do preto, amores em luta com o ambiente e os homens, quem sabe se não concorreram as histórias que sobre a tia e Leolino ouviu Castro Alves na sua infância? Há episódios que evidentemente lembram outros episódios do amor infeliz de Pórcia. Um ensaísta, de posse da história de Pórcia e dos versos de Castro Alves, talvez pudesse provar isso de sobra. Eu já afirmei e repito: não estou fazendo um estudo crítico. Por isso, para marcar essa aproximação, essa transposição dos amores da tia para os amores também difíceis e perseguidos dos negros, apenas cito uns quantos versos de *A cachoeira de Paulo Afonso* que me parecem lembrar muito de perto os acontecimentos que se passaram no ano em que Castro Alves nasceu.

Por exemplo:

E chegou-se p'ra a vivenda,
Risonho, calmo, feliz...
Escutou... mas só ao longe
Cantavam as juritis...
Murmurou: "Vou surpreendê-la!"
E a porta ao toque cedeu.
"Talvez agora sonhando
Diz meu nome o lábio seu,
Que a dormir nada prevê..."

E o eco responde: – Vê!...

"Como a casa está tão triste!
Que aperto no coração!...
Maria!... Ninguém responde!
Maria, não ouves, não?...
Aqui vejo uma saudade

Nos braços de sua cruz ...
Que querem dizer tais prantos,
Que rolam tantos, tantos,
Sobre as faces da saudade
Sobre os braços de Jesus?...
Oh! quem me empresta uma luz?...
Quem me arranca a ansiedade,
Que no meu peito nasceu?
Quem deste negro mistério
Me rasga o sombrio véu?...”

[...]

E chegou-se para o leito
Da casta flor do sertão...
Apertou co’a mão convulsa
O punhal e o coração!...
’Stava inda tépido o ninho
Cheio de aromas suaves...

[...]

“Partiste! Nem te lembraste
Deste martírio sem fim!...
Não! perdoa... tu choraste
E os prantos que derramaste
Foram vertidos por mim...
Houve pois um braço estranho
Robusto, feroz, tamanho,
Que pôde esmagar-te assim?...”

[...]

E rugiu: “Vingança! guerra!
Pela flor, que me deixaste,
Pela cruz em que rezaste,
E que teus prantos encerra!
Eu juro guerra de morte
A quem feriu desta sorte
O anjo puro da terra...

Vê como este braço é forte!
Vê como é rijo este ferro!
Meu golpe é certo... não erro.
Onde há sangue, sangue escorre!...
Vilão! Deste ferro e braço,
Nem a terra, nem o espaço,
Nem mesmo Deus te socorre!!...”

Esta cena não deve ter sido feita sobre alguma reminiscência da história de Pórcia e de Leolino, no momento em que este, chegando ao ninho em que escondia seus amores, o encontra abandonado? Não teria Castro Alves transposto para o amor de Maria e Lucas a história dos amores de Pórcia e Leolino?

E é preciso não esquecer que nesse mesmo poema Castro Alves se refere exatamente a estas vinganças nos chamados casos de honra. E fala para ser contra elas, pela voz de Maria:

Ai! Que vale a vingança, pobre amigo,
Se na vingança a honra não se lava?...
O sangue é rubro, a virgindade é branca –
O sangue aumenta da vergonha a bava.

2. Sobre a atuação do avô de Castro Alves na campanha da Independência escreve Xavier Marques (*Vida de Castro Alves.* 2ª ed., Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1924):

Em junho de 1822 achou-se entre os brasileiros que, na vila de Cachoeira depois de três dias de nutrido fogo, de parte a parte, obrigaram a render-se o comandante e a tripulação da escuna portuguesa que começava a arrasar a vila. Marchou em seguida com um troço armado para Nazaré, a proteger os seus habitantes e acelerar ali a aclamação do regente d. Pedro. De volta, em agosto, tocava em Santo Amaro do Catu, na ilha de Itaparica, e conseguia que a população do lugar se pronunciasse pelo movimento. Quando os negociantes da praça da Bahia, em sua maioria portugueses, resolveram representar à junta provincial do governo contra os cabeças da revolução emancipadora, por eles acusados de hediondos crimes, um dos indigitados foi José Antônio da Silva Castro, que juntamente com um seu irmão, era estigmatizado pelos denunciantes com o qualificativo de celerados. Em outubro, já então major, comandava ele o batalhão de caçadores Voluntários do Príncipe, que havia organizado, e representava ao conselheiro interino do governo, com sede em Cachoeira, sobre a necessidade do juramento da bandeira do seu batalhão. Foi ele quem, de acordo com o coronel Francisco Maria Sodré Pereira e o sargento-mor Antônio Maria da Silva Torres, planejou e induziu o governo interino a aprovar a criação de uma legião patriótica de tropas composta das três armas.

Com a vinda de Labatut para o comando das forças independentes, veio o major Castro com o seu batalhão incorporar-se a Pirajá, no Exército Pacificador. Aí a sua energia belicosa desdobrou-se em campo mais vasto. O sucessor de Labatut, coronel José Joaquim de Lima e Silva, reorganizando o Exército, confirmou-o no comando do batalhão dos Periquitos, designação pitoresca oriunda do distintivo que usavam na farda. À frente dos seus soldados, que orçavam por setecentos, tomou parte no combate

oferecido às forças do general Madeira a 3 de junho de 1832, nos arredores da capital. A ordem do dia de Lima e Silva, após esse ataque, consigna que toda a guarda avançada do inimigo, na Cruz do Cosme, foi apreendida pelo batalhão nº 3 comandado pelo sargento-mor José Antônio da Silva Castro, só escapando com vida dois soldados, que ficaram prisioneiros, enquanto as perdas dos Periquitos não passaram de um soldado morto e quatro levemente feridos.

3. A respeito do processo a que responderam os soldados, informa Xavier Marques (obra citada): "A comissão militar nomeada para julgar os culpados condenou quatro, que foram fuzilados no campo da Pólvora. Alguns oficiais e praças dispersaram-se, e o resto do pessoal seguiu para Mato Grosso".

4. Dona Ana Viegas... Isso me faz recordar que certa vez Pinheiro Viegas me disse ser descendente da família Castro Alves. Era ele também de procedência espanhola. O grande poeta e satírico baiano que tinha tantos pontos de contato com Castro Alves seria mesmo seu parente? De qualquer maneira foi o último descendente espiritual do poeta que pisou as ruas da Bahia. Hoje os nossos poetas podem descender espiritualmente de todos os outros grandes poetas do Brasil. Nenhum descende do maior de todos: Castro Alves. Descendente dele talvez só esse grande poeta que escreve música popular: Dorival Caymmi. Poeta de negros pescadores, de Iemanjá e dos mistérios pobres da Bahia, Caymmi tem a mesma força popular que o autor de "Barcarola do amor". Esse compositor de sambas e canções, esse sim, é descendente de Castro Alves.

5. Note-se na poesia de Castro Alves certo amor aos nomes espanhóis, certas repetições de motivos espanhóis. Ele não esqueceu essa sua ascendência que me parece muito marcante na sua poesia.

6. Curralinho, hoje cidade de Castro Alves. Gilberto Amado (artigo *in Boletim de Ariel*, ano 2, nº 2) acha que "se o Amazonas cantasse deveria chamar-se Castro Alves".

7. A história dos amores de Pórcia foi romanceada por Afrânio Peixoto no seu livro *Sinhazinha*. O ilustre escritor a quem não é desconhecido nenhum fato da vida do poeta faz um interessante romance com essa história. De certa maneira um livro que se incorpora também à bibliografia de Castro Alves.

8. Segundo me informa o dr. Arlindo Silveira, advogado sergipano que leu este capítulo na revista *Diretrizes*, os Medrados, desde esta luta, nunca mais voltaram a ser fazendeiros de pouso certo. Pelo menos uma grande parte da família. Se transformaram em ciganos e, em cavalos ricamente ajaezados, estribos e selas de prata, correm as povoações do sertão da Bahia negociando com muita esperteza. Perderam já, segundo meu informante, todas as características de fazendeiros, de família tradicional, e hoje é difícil distingui-los dos ciganos ladrões que, em grupos, percorrem os sertões do Nordeste.

9. Descendente dos Canguçus é o ator brasileiro Sadi Cabral, uma das grandes figuras do nosso teatro.

10. Num estudo sobre Castro Alves (*in Revista do Brasil*, 3ª fase, ano 2, nº 9) que é perfeito como

incompreensão, Mário de Andrade faz de quando em vez umas descobertas acertadas. Uma delas é a seguinte: “Castro Alves foi entre nós o primeiro propagandista do divórcio”. Isso nos leva novamente a ligar o poeta a Pórcia e Leolino, obrigados a um amor ilegal e trágico, devido ao “vínculo eterno”, Leolino casado e impossibilitado assim de possuir a mulher amada dentro dos requisitos legais. A afirmação do ilustre crítico e poeta modernista, observação das mais inteligentes num estudo que evidentemente prima pela má vontade para com o poeta (eu diria mesmo que o poeta modernista Mário de Andrade chega nessas páginas a odiar o poeta social Castro Alves), leva-nos a crer que, possivelmente, a tragédia familiar que encheu os primeiros anos da vida do poeta havia de influir bastante na sua maneira de encarar a existência, na sua maneira de pensar. Em qualquer sentido o idílio de Pórcia e Leolino deve ter valido a Castro Alves como um exemplo vivo dos preconceitos asfixiando a liberdade do ser humano no seu direito mais essencial: o direito ao amor.

11. Na sua biografia de Castro Alves, Xavier Marques escreveu o seguinte, ao tratar da ascendência materna do poeta: “A ascendência materna do poeta andou longo tempo envolta de uma lenda, consoante a qual teria ele nas veias sangue peregrino e aventuroso. Apurada está hoje, a tal respeito, a verdade”. E mais nenhuma palavra sobre o assunto. Que lenda seria essa, que “aventuroso e peregrino” sangue seria esse? O acadêmico baiano deixou seus leitores em jejum. Esqueceu ele que essa lenda, por mais irreal que fosse, poderia ter tido a sua influência na obra e na vida do poeta. E esqueceu que os leitores teriam interesse em conhecê-la. Demais essa lenda que, dados os adjetivos com que a cerca Xavier Marques, parece densa de poesia, talvez ela diluísse certa aridez que é um dos traços predominantes da biografia de Castro Alves escrita pelo acadêmico Xavier. O que me parece é que essa lenda deve envolver qualquer história de clandestinos amores de alguma avó do poeta e então o biógrafo protocolaríssimo a despreza com horror para não ofender os descendentes da família. Uma pena...

12. Sobre essa herança de beleza da família materna do poeta escreve Pedro Calmon (*Vida e amores de Castro Alves*, Rio de Janeiro, A Noite, 1935): “no poeta, o mistério que a sua arte irradia, na beleza do rosto, no negrume dos cabelos, nos olhos que eram brasas, na atitude faceira de Apolo romântico, há de lembrar a linhagem, a formosura morena, o feminino, a ascendência de Clélia, esta ainda mais acentuada, valorizada na sua poesia, inconscientemente talvez por um atavismo invencível”.

13. Em relação à possível influência das pretas contadoras de história sobre a poesia de Castro Alves escreve a sra. Amanda Nascimento (“Influência da mulher negra na educação do brasileiro”, *in O negro no Brasil*, *Rio de Janeiro*, Civilização Brasileira, 1940): “Joaquim Nabuco e Castro Alves, os dois grandes abolicionistas, tiveram a origem do seu gênio e a flama da sua predestinação no calor do seio da negra. Coube a ela a tarefa oracular de predições ocultas, que estudariam na palavra inflamada dos poetas, filhos de criação na época solarenga da casa brasileira”.

14. Sobre a mucama Leopoldina escreve Afrânio Peixoto (*in Castro Alves, o poeta e o poema*, Lisboa, Livraria Aillaud & Bertrand, 1922) o seguinte:

> aí passariam os mais ternos anos da infância do poeta, acalentado pelos cuidados de sua ama, a mucama

Leopoldina, que lhe contaria as histórias rudes e fantasiosas do sertão, primeiro encanto para a imaginação ardente do seu filho de criação: dessa Leopoldina, um filho, Gregório, serviria de pajem mais tarde a Castro Alves.

E Xavier Marques (obra citada) diz:

passou o poeta quase toda a sua infância entregue aos desvelos maternos, aos carinhos do pai e aos cuidados de uma cria do major Silva Castro, a mulata Leopoldina, que fora sua ama de leite. Essa mestiça, dizem os parentes, fez muito bem à criação do menino, que lhe tinha grande apego e enternecida amizade. Foi quem lhe excitou a imaginação de criança com histórias fantásticas, lendas e descrições de cenas da escravidão.

15. Por falar em assombração... Fui aluno interno do Ginásio Ypiranga, colégio baiano que funciona (ou funcionava, não sei se continua lá) na casa em que morreu Castro Alves. A sala em que morrera o poeta era então sala de aulas e entre os alunos internos corria a lenda de que Castro Alves costumava aparecer à noite e andar pelo prédio, revendo a casa. Os meninos mais novos não desciam à noite com medo de deparar com o poeta. Recordo-me que certa vez eu e mais dois colegas resolvemos passar a noite acordados esperando que Castro Alves aparecesse. Fugimos do dormitório na noite combinada, descemos para a sala onde morrera o poeta e ficamos tremendo de frio e medo. Não posso afirmar se o poeta apareceu ou não, porque o sono me venceu e só acordei quando o bedel, que despertava antes dos alunos para abrir os banheiros, me descobriu dormindo encostado numa carteira e resolveu cortar minha saída no domingo.

16. É curioso como os biógrafos de Castro Alves abandonam fatos e figuras marcantes da sua vida, muito especialmente da sua infância. Sobre o alferes João José Alves só consegui encontrar informações em Pedro Calmon (obra citada). Os demais não tomam conhecimento dessa figura interessantíssima e que não pode ter deixado de influenciar o poeta.

17. Sobre o Teatro São João escreve Edison Carneiro (*Castro Alves: ensaio de compreensão*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937): “Esse velho teatro, dos mais antigos do Brasil, foi inaugurado a 13 de maio de 1812 e um incêndio o destruiu na noite de 6 de junho de 1923, menos de um mês antes da comemoração do centenário da Independência da Bahia (2 de julho de 1923)”. E eu faço notar que esse teatro presenciou alguns fatos dos mais importantes na vida política, cultural e artística do Brasil.

18. O pai de Castro Alves foi uma figura bastante importante na Bahia do seu tempo. Médico ilustre, mereceu biografia que foi escrita pelo dr. Antônio Pacífico Pereira e publicada na *Gazeta Médica da Bahia* (1897).

19. Sobre esses versos de Castro Alves escreveu Euclides da Cunha (*Castro Alves e seu tempo*, conferência, Grêmio Euclides da Cunha) :

Observe-se, contudo, esta circunstância: recolhiam-se e rememoravam-se os mais vivos [versos],

digamos melhor, os mais gongóricos, ou condoreiros, vibrados com ímpeto tal que os estampasse para sempre na própria rudeza do espírito popular. Assim, no final de uma conferência republicana, que houve, por volta de 1867, na capital de Pernambuco, quando o povo se espalhava, desparzido a patas de cavalo, o poeta procurou sobrestar as cargas policiais, vibrando rimas violentas que principiavam:

A praça! A praça é do povo
como o céu é do condor

Vede como aí o revolucionário sacrificou o lírico. Tais versos fá-los-ia um qualquer improvisador sertanejo, qualquer dos nossos caipiras, ou piraquara do litoral, ou capixaba espírito-santense, ou tabaréu baiano, ou guasca largado do Rio Grande, com o só excluir-se daquele condor, que nenhum deles viu nem verá.

Entretanto, embora não se encontrem nos livros do poeta, ficaram.

20. Sobre as diferenças de temperamento entre os dois irmãos escreve Xavier Marques (obra citada): “Por este tempo, 1855, acentua-se a diferença de caráter entre os dois irmãos (o terceiro, Guilherme, contava apenas três anos) contrastando o espírito saltitante do nosso poeta com o de José Antônio, profundamente melancólico”.

21. Sobre a poesia e a sua influência e importância, escreve Edison Carneiro (obra citada):

Penso que a Poesia (assim com P maiúsculo) está necessariamente em todos os atos humanos não calculados, por mais banais que possam parecer. Ela é como a própria essência da vida. Ela é o grande traço de união entre os homens que se encontram nela, que por meio dela se sentem iguais aos outros homens. Mas, indissoluvelmente ligada às suas origens econômicas, sofrendo a sua influência, ela reflete, no estado atual da sociedade, o antagonismo entre a burguesia e o proletariado, os últimos estertores da classe que só continua a dominar em virtude da lei de energia e os primeiros sinais de vida extrauterina, forte, insubmissa, livre, da classe em ascensão. A Poesia, na sociedade de classe, não pode deixar de ser poesia de classe — isto é, uma arma de guerra, um elemento de propaganda — ocupando assim, nos momentos críticos, como este, em que os campos se extremam, o seu lugar como elemento ativo da sociedade. Falta saber (e será a História que dirá a última palavra) qual a poesia que prevalecerá — se a Poesia da Vida, se a Poesia da Morte...

22. Edison Carneiro, num dos seus livros de africanologia (*Religiões negras*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936) nos diz que o candomblé do Engenho Velho (o mais antigo e mais ilustre dos templos negros do Brasil) funcionou sob o solo, sendo a entrada pelo oco de uma árvore, durante algum tempo, na época da escravidão, quando mais violenta era a perseguição religiosa aos negros baianos.

23. É curioso notar que nos versos que Castro Alves fez para Leonídia Fraga os seios são um motivo constante. “Há no teu seio a maciez dos lírios”, diz em “Fé, esperança e caridade”. Em “O hóspede”, quando ela pede que ele não parta, o que lhe oferece é... “o fogo ardente de ideal desejo nos seios virgens da

infeliz serrana!...". E em "Marieta", o primeiro soneto dos "Anjos da meia-noite" nos quais o poeta recorda as suas amadas, ele escreve sobre Leonídia:

O seio virginal, que a mão recata,
Embalde o prende a mão... cresce, flutua...

Como parece certo que Leonídia Fraga não chegou a ser possuída por Castro Alves, mas como parece também certo que os seus encontros noturnos foram vários, esta insistência de Castro Alves (tão homem nos seus casos de amor) em relação aos seios da moça sertaneja nos leva a crer que se bem não tivesse havido posse, o namoro não se processou num plano exclusivamente romântico e platônico. Demais Castro Alves fala em escada que rola discreta do balcão e em "noites de Romeu e Julieta".

24. Sobre Leonídia Fraga escreve Edison Carneiro (*Castro Alves: ensaio de compreensão*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937):

Marieta, a primeira sombra, nome romântico de Leonídia Fraga, que o poeta conhecera desde menina no Curralinho, teria sido a musa mais adorável de Castro Alves, se não houvesse a saudade de Eugênia Câmara, se não houvesse a tuberculose, se não houvesse o desconsolo da vida vivida e a vida por viver. Mesmo assim, em épocas diferentes, ela foi o anjo da fé, da esperança e da caridade, além de inspiradora dos perfumes.

Apenas, o Poeta voltara à natureza com a morte na alma e no corpo:

Calcinado aos relâmpagos da glória,
Descri do amor, zombei da eternidade!...

E onde melhor se sente a influência benéfica que essa pobre moça poderia ter exercido sobre o Poeta é no "Hóspede", obra-prima da poesia lírica do Brasil. Ela ali lhe perguntava naturalmente com lágrimas nos olhos bonitos:

Por que transpor o píncaro dos montes,
Quando podes achar o amor tão perto?...

Ele ali chegara com a alma e o coração em frangalhos:

Eras tão triste ao lume da fogueira...
Que eu derramei a lágrima primeira
Quando enxuguei teu manto gotejante!

Ora, a Marieta o que lhe oferecia era simplesmente o paraíso:

Que família melhor que meus desvelos?...
Que tenda mais sutil que meus cabelos
Estrelados no pranto dos teus olhos?...

Foi uma pena que essa pobre menina não tivesse conseguido nada de mais concreto com Castro Alves. O lugar vago, no coração do Poeta, pela ausência de Eugênia Câmara, seria preenchido pela Trinci Murri, que só lhe inspirou versos do que se pode chamar, com mais ou menos propriedade, de poesia familiar, não dedicado à eternidade na memória dos homens.

25. De referência aos poemas que para Leonídia Fraga escreveu Castro Alves, fala Afrânio Peixoto (obra citada):

Entre os mais lindos versos de Castro Alves estão certamente "O hóspede" e "Os perfumes". Ambas estas poesias são datadas de Curralinho, do ano de 70. Dizia-me o pressentimento que eram inspiradas pela mesma criatura. "Os perfumes" trazem a enigmática dedicatória, a L. Na correspondência do poeta há uma carta à irmã preferida, na qual ele lhe pede mandar a L., "Vida parisiense". Quem seria? Devia eu tentar sabê-lo. Consegui confidência, que não me autorizou entretanto a dizer tudo. Não sei por quê. Estou que sirvo à história enternecedora desses dois corações, em não ser reservado. L. foi Leonídia Fraga, bonita moça, inteligente e meiga, que o poeta conhecera ainda criança, revira em 65 num namoro inocente e, tornado em 70, a que renuncia, com a morte n'alma.

E em notas nas *Obras completas* de Castro Alves (São Paulo, Editora Nacional, 1938) escreve o mesmo Afrânio Peixoto que sabe tudo que se relaciona com a vida do Poeta: "À sua influência [de Leonídia Fraga] devem-se 'Os perfumes', 'O hóspede' e o soneto 'Marieta', dos 'Anjos da meia-noite'.

26. A respeito da natureza na poesia de Castro Alves escreve Agrippino Grieco (*in Vivos e mortos*, Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1931):

Sem excessos regionais ou dialetais, quase sempre ridículos e à margem da arte, é ele o nosso poeta que possui mais cor local, é o mais brasileiro de todos. Descrevendo, mesmo quando ia às audácias cromáticas, não era um simples pincel sem inteligência. Fez, por assim dizer, uma interpretação amorosa da nossa natureza. Nas estradas do nosso poeta, as árvores são classificadas a rigor, são mangueiras, ipês, jequitibás, facilmente reconhecíveis. Há, nos seus cantos rústicos, a transparência do ar e as vibrações da luz. Lendo-o, verifica-se que a *anima rerum* o enchia às vezes de uma exaltação quase pânica. Os astros deliciavam-no como um vinho de uva dourada e as selvas druídicas davam-lhe uma espécie de bebedeira verde, sendo que o rumor dessas selvas deve ter sido a verdadeira canção maternal sobre o seu berço. Para as suas narinas ávidas de egipano a sombra era um perfume, e aos seus ouvidos — ouvidos tão apurados quanto os do lavrador que sentia crescer a hera dos campos — o próprio silêncio era musical. Achava no orvalho matutino um sangue vivificador e, aos seus olhos, os bois como que ainda ruminavam as geórgicas de Virgílio. Via, na alcova suspensa das ramagens, cada casal de pássaros confundir-se num só pássaro palpitante. As flores sangrentas pareciam-lhe o parto da terra, da terra fecunda, concubina do sol. Correndo o campo, tudo se lhe afigurava motivo de arte, matéria plástica para os seus dedos ágeis. Pode-se concluir,

quanto ao Castro Alves panteísta, que sem ele não teríamos sentido tão intensamente as belezas do Brasil, ou melhor, é por seus olhos que todos nós ainda hoje estamos vendo tais belezas.

Já Mário de Andrade (estudo citado) não vai com a *paisagem* de Castro Alves. Escreve:

Este [Varela], sim, possuía realmente o sentimento da natureza, de maneira que o assunto lhe ocorre com frequência: a natureza, a paisagem. Se ele fala numa baraúna, esta podia muito bem ser carvalho, ao passo que em Castro Alves a gente percebe que a baraúna é baraúna mesmo. Exigências lógicas da nomenclatura, palavras sem fluidez. Castro Alves varia a sua temática paisagística de maneira tão realista, o pormenor difere tanto de uma para outra paisagem, que a melhor conclusão a se tirar é ele estar descrevendo mesmo paisagens que viu e que viveu. Varela se repete, repete os pormenores, rara é a sua paisagem que não tenha cascata, de forma que só podemos concluir sofrer ele uma atração imensa pela natureza e ser particularmente sensível a cascatas. Assim a cascata de Varela é um mistério psicológico que interessa desvendar, ao passo que a baraúna de Castro Alves é uma pobre realidade.

O ódio de Mário de Andrade por Castro Alves creio que não vem só de ter sido o poeta um homem próximo à realidade. Creio que provém realmente do baiano ter sido um poeta social, coisa que arrepia o estetismo atual de Mário. É uma coisa perigosa, um mau exemplo. Os artistas puros bem que hão de preferir sempre os mistérios psicológicos às realidades da vida e da natureza. A eles falta exatamente a coragem que Castro Alves tinha de se colocar cara a cara com a vida, vivê-la e transformá-la em obra de arte. Castro Alves é da rosa viva e bela abrindo ao sol na roseira. Os outros, da rosa artificial, de papel, feita pelas mãos de *artista* de uma senhora qualquer, sua amiga. “Tão artística, meu Deus, que parece verdadeira.” Esses estetas...

27. “Como o gênio da noite”, escreveu sobre ela Castro Alves no soneto “Marieta”.

28. “O hóspede”.

29. Os versos eram de Teófilo Braga e em verdade são uma bela e verdadeira epígrafe não só para o poema como para todo o amor de Castro Alves e Leonídia. Dizem:

Choro por ver que os dias passam breves
E te esqueces de mim quando te fores;
Como as brisas que passam doudas, leves,
E não tornam atrás a ver as flores.

30. Sobre a loucura de Leonídia Fraga escreve Afrânio Peixoto (obra citada): “Só depois que ele morreu, ela casou, sem achar entretanto a felicidade, porque veio a enlouquecer. No seu delírio não lhe esquecia o amor passado, conservando todas as relíquias dele — flores, fitas, desenhos e poesias — que lhe segredavam ainda as lembranças do seu poeta”.

31. Xavier Marques (obra citada) escreve sobre os métodos do dr. Abílio César Borges: “Censurado por uns, reprovado em absoluto por outros, o dr. Abílio Borges, precursor do atual ensino secundário, respondia triunfalmente aos seus censores” [...]. E mais adiante: “O dr. Abílio Borges, quando dirigia a instrução pública da Província, havia expedido uma circular ao professorado primário, proibindo terminantemente o emprego de castigos físicos nas escolas”.

E Elói Pontes, na sua excelente biografia de Raul Pompeia (*A vida inquieta de Raul Pompeia*, Livraria José Olympio Editora) assim nos fala do dr. Abílio:

O dr. Abílio César Borges era um educador arguto, apaixonado da profissão, sabendo recolher entre os discípulos todos os elementos de realce para o seu colégio. A exemplo dos homens da época pleiteava títulos de benemerência. A lista dos Grandes do Império não possuía muitos nomes de maior relevo do que o seu. Assim se explica que para o Colégio Abílio [Elói Pontes fala já sobre o colégio que o dr. Abílio fundara no Rio, ao deixar a Bahia] afluíssem os filhos das principais famílias e que d. Pedro ii acabasse realçando a personalidade do professor com o título de barão de Macaúbas. Ele tinha realmente o instinto dum mestre, dum guia, dum modelador de caracteres. Em linhas gerais transformou os métodos de ensino entre nós.

32. Creio que, apesar do que possa haver de exagero, o melhor documento que possuímos sobre o dr. Abílio é o retrato que Pompeia traça dele (*O Ateneu*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves:

O dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do visconde de Ramos, do Norte, enchia o Império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à sustância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito. E engordavam as letras, à força, daquele pão. Um benemérito. Não admira que em dias de gala, íntima ou nacional, festas do colégio ou recepções da Coroa, o largo peito do grande educador desaparecesse sob constelações de pedraria, opulentando a nobreza de todos os honoríficos berloques.

Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar o pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de grilos: Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio.

33. “É um menino de grandes esperanças”, escreveu Abílio César Borges de referência a Raul Pompeia, num boletim escolar.

34. Xavier Marques (obra citada) fala que devem existir outros versos anteriores a esses mas não diz quais. Esses são os mais antigos entre quantos foram reunidos por Afrânio Peixoto nas *Obras completas de Castro Alves* (na última parte — “Juvenília”).

35. Eis esses versos ingênuos e inseguros:

Pois em ti, sublime dia,
Do alto dos céus baixou o anjo, que à mocidade
dos rigores libertou.

O poema é todo ele assim, um louvor simples do mestre que sabia se fazer amigo.

36. Bem mais interessante é essa "Poesia" (com esse título está nas *Obras completas*), de 1861, isto é, quando o poeta tem treze para quatorze anos. Nessa poesia começa ele a falar em Andes, vento e tufão, e também a cantar a liberdade em frente à servidão. Já seu pensamento começa a ser um pensamento libertário. Dessa "Poesia" são as seguintes estrofes:

Se o índio, o negro africano.
E mesmo o perito Hispano
Têm sofrido servidão
Ah! Não pode ser escravo
Quem nasceu no solo bravo
Da brasileira região!

E ei-lo já arrojante
Do sangue inimigo espumante
a destruir, a matar;
Busca de todos os lados
os mandões que, amedrontados,
Caem na terra e no mar.

[...]

Então conhecem, medrosos,
Que para peitos briosos
É quimera o cativeiro.

E o último verso é:

– Lísia, sim, já livre sou –.

37. É preciso notar que entre essa poesia de julho de 1861 e "O século", o primeiro dos seus grandes poemas, que é de agosto de 65, vão apenas quatro anos.

38. Eunápio Deiró (citado por Xavier Marques) faz notar que Castro Alves na época ignorava muita coisa da língua portuguesa. Hoje pode-se dizer que na época e que pelo resto da sua vida. O vernáculo não foi o seu forte, nem mesmo o estudo das demais disciplinas do curso, apesar de toda a força que Xavier Marques faz para nos apresentar o menino Secéu como bom estudante, como se fosse uma desonra para a família o poeta não ligar muito aos estudos de português e matemática...

39. Xavier Marques, numa observação das mais inteligentes, faz notar que a influência de Victor Hugo afastou Castro Alves das "sugestões dissolventes de Musset". Eu acho que foi útil também em relação a uma possível grande influência de Byron sobre o poeta. Hugo foi como um anteparo.

40. Procópio, do candomblé do Matatu, talvez o pai de santo que maiores perseguições religiosas já tenha sofrido na Bahia.

41. Omer Mont'Alegre na sua biografia de Tobias Barreto (*Tobias Barreto*, Rio de Janeiro, Vecchi Editor, 1939) faz notar, ao falar de Tobias Barreto chegando a Recife, a atração da cidade sobre o futuro poeta e filósofo:

A luta pela liberdade [em Recife] não tem fim; o irredentismo há de perdurar toda vida; hoje adormentado, subterrâneo; amanhã ebulindo, tremendo; o ferro quer movimento; o gládio, quieto, sente-se acuado. Por fim ele [Tobias] também quer experimentar a força daquele ímpeto e pede:

Dá-me a sugar estes peitos,
Que amamentaram leões...

E esse desejo de Tobias de sugar os seios do Recife para se fortalecer no amor à liberdade, tem sido repetido inúmeras vezes pelos homens de letras que naquele tempo e também depois têm procurado Recife como um ponto de partida.

42. Gilberto Freyre, que é hoje em relação ao Recife o que foi na sua época Joaquim Nabuco, escreve (*Nordeste*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937) ao falar dos críticos e analistas do sistema escravocrata e latifundiário do Nordeste: "Tavares Bastos e Joaquim Nabuco, por exemplo. Brancos finos de casa-grande desertando para o lado dos negros".

43. Falando sobre a revolução do mestiço Pedroso escreve Gilberto Freyre (obra citada):

Vê-se, pela popularidade que Pedroso alcançou entre a gente de cor dos mocambos de Estância, que no Recife dos princípios do século xix vivia aos pés dos sobrados uma massa de gente preta, politicamente vaga, mas já com a sua significação social e até revolucionária — seu potencial revolucionário, como diria o jovem escritor Aderbal Jurema.

44. Ainda hoje entre os nomes mais importantes dos intelectuais pernambucanos ou com sua obra ligada a Pernambuco, essa marca de uma literatura com função social perdura. Basta citar os nomes de um Gilberto Freyre, de um José Lins do Rego, de um Cícero Dias com sua pintura tão próxima ao povo.

45. Escreve Hermes Lima (*Tobias Barreto*, São Paulo, Editora Nacional, 1939) sobre as faculdades de São Paulo e Recife:

Assim, enquanto soprava nas Arcadas o tufão romântico em cuja grande voz se misturavam as vozes do sofrimento e do desespero, da morte e da esperança, na Academia de Olinda os moços discutiam política e divertiam-se em patuscadas mais coimbrãs que byronianas.

O demônio político, numa terra sulcada de revolução, convivia mais com os rapazes que o demônio literário. O curso jurídico instalara-se em Olinda, pouco depois de Recife ser teatro de duas revoluções no espaço de dez anos. Não possuía muitos anos de existência, quando a Praia, com a força de um turbilhão popular, na frase de Nabuco, ali desencadeia um dos mais significativos movimentos sociais da nossa história. As condições econômicas e sociais de Pernambuco, o maior foco da civilização do açúcar, que, ao lado de uma aristocracia rural poderosa, oferecia sentimentos populares e democráticos muito vivos, levavam a mocidade que ali estudava a ser antes federalista, radical, liberal ou reacionária do que byroniana ou desvairada. Sobre ela pesava uma realidade social mais complexa, que se agitava à procura de pontos de equilíbrio político; realidade que dividia mais os homens e os classificava mais rigidamente que em São Paulo. Porque dos dois meios, o pernambucano era o mais rico e o mais culto.

Elói Pontes (obra citada) cita o que um estudante da Faculdade do Recife disse a Pardal Mallet: “Vocês, lá no Sul, são poetas. Nós aqui, somos filósofos!”.

46. É curioso notar como um dos mais representativos entre os poetas produzidos por São Paulo, Fagundes Varela (sobre a sua figura e sua vida ver a biografia que sobre ele escreveu Edgard Cavalheiro, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1940) não se adaptou ao ambiente de Recife. E tampouco a sua presença e a sua poesia (Castro Alves o considerava o maior poeta do Brasil) chamaram grandemente a atenção da cidade. Castro Alves e poucos mais atentaram nele. Era uma voz diferente da voz do Recife. Diz Edgard Cavalheiro, na sua excelente biografia: “Mas sua permanência em Recife, ao contrário do que seria de esperar, não despertou grande interesse nos meios literários. Passou quase despercebida”.

47. Anos depois um outro poeta do povo, que também vai procurar no Recife a tribuna de onde poderá falar para o Brasil, encontra a cidade novamente adormecida e novamente a acorda com a sua voz. Escreve Rubem Braga (*O conde e o passarinho*, *Rio de Janeiro*, Livraria José Olympio Editora, 1936), em junho de 1935:

Os mocambos adormecem no escuro, na lama. Há fome, frio, lama, doença, miséria, dentro de cada mocambo. Recife, linda Recife, tome cuidado. Duzentas e cinquenta mil pessoas vivem morrendo em seus mocambos. O homem do mocambo não pode dormir porque a mulher está doente, o menino está com febre, a chuva está caindo dentro da lama do mocambo. Recife, linda Recife da linda praia, das lindas pontes, dos coqueiros lindos, Recife, linda Recife, tome cuidado, que você se estrepa.

48. Pode-se facilmente calcular a importância do teatro naquele tempo para toda a gente, mas principalmente para os estudantes, quando não havia nem cinema, nem futebol e outros esportes. O teatro era arte, diversão, possibilidade de idílios...

49. Só quase dois anos após se tornam amantes.

50. “O verbo de Castro Alves diz, pela primeira vez, debaixo dos trópicos, uma nação. Marca o momento de um mundo”, escreve Gilberto Amado (artigo citado). E mais adiante, no mesmo artigo: “Castro Alves — O mais belo instante do Brasil”.

51. Parece-me que, apesar da marca que da Bahia já trazia Castro Alves, se em vez do Recife fosse para a Faculdade de São Paulo, talvez sua poesia não chegasse a adquirir o caráter social que a marcou e que a imortalizou e se restringisse aos cantos de amor, tivéssemos nele, apenas, um rival de Álvares de Azevedo. São Paulo iria ser uma contrafação para o seu temperamento enquanto em Recife ele se encontrou totalmente e totalmente se realizou. Xavier Marques, numa observação que já citei, nota a ação de Hugo sobre Castro Alves afastando-o do romantismo excessivo e deformante. Ao lado do poeta francês eu coloco a cidade do Recife, com o clima da sua Faculdade, como responsável pela direção que havia de tomar a poesia de Castro Alves. Havia um clima político antes que literário.
52. O convite a que não ouçamos os lamentos que vêm das senzalas modernas se prolonga até hoje na voz de muitos literatos do nosso tempo. Apesar de que a situação da gente negra está a pedir um novo Castro Alves. Assim fala dela o romancista Clóvis Amorim, camponês do Recôncavo baiano (“O moleque do canavial”, *in O negro no Brasil*, *Rio de Janeiro*, Civilização Brasileira, 1940):

O trabalhador é o pé-duro, o agregado que sacode a fouce, que tange a enxada, que masca fumo, que rabeia o arado, que se empalama, que bebe cachaça e que até sabe cantar. E o canto é triste:

Sai sumana, entra sumana
nego não larga trabaio,
passa má, morre de fome...
E cadê Treze de Maio?

E é triste mesmo o canto:

Cala a boca, nego besta,
é mió ficá calado,
Treze de maio pra nóis
é desejo de capado...

E o romancista de *O alambique* continua mais adiante:
A escola do moleque é o eito. Ele sabe, ele compreende.

O! puxa, moleque, puxa,
oia o berro do feitô.
Já deu de-noite, moleque,
tu inda não tarefou.
Já deu cinco, já deu seis,
e o moleque não puxou.
Eta! moleque safado!
Veio pro eito e brincou.

No eito, aprende-se a tanger os bois nas carreagens, derribar o mato nos roçados, rasgar o massapê nas enregas, semear as canas nas plantações, fazer os cortes nos palheiros. E o moleque encontra a sua escola, e, nela, o senhor, a usina, a escravidão.

53. Tinha Castro Alves dezesseis anos — preparatoriano ainda — quando declama, em 16 de abril de 1863, os versos a Furtado Coelho. Esses versos ainda são bastante fracos e fez bem Afrânio Peixoto em colocá-los nas *Obras completas* na "Juvenília". Uma coisa eles fazem notar: a aproximação que já começava a existir entre Castro Alves e o teatro, aproximação que se faria cada vez maior. Existe também um soneto do poeta para Adelaide do Amaral (a que será a amada de Tobias, a sua dama nas rixas com Castro Alves) e que deve ser (nas *Obras completas* vêm sem data e nem o incansável pesquisador que é Afrânio Peixoto conseguiu descobrir exatamente de quando data) de antes do rompimento com Tobias. Isto é, deve ser de entre 63 e 65. Os versos são bem melhores que os dedicados a Furtado Coelho.

54. Sobre este aspecto de Tobias creio que são bastante marcantes as palavras seguintes de Hermes Lima (obra citada):

Algum tempo antes de bacharelar-se, Tobias casara com uma filha do coronel João Félix, liberal festejado de 1848, proprietário de vários engenhos no município de Escada. Tudo indica que ele pusera a esperança de grandes vantagens sociais nesse casamento. O sogro prometera-lhe muitas coisas, inclusive um dote. Viver em Escada passou a significar viver em domínios da família, onde com o prestígio social e as relações políticas desta, ele poderia incorporar-se suavemente à elite dominante. Entraria na combinação com a parte bela: o talento, a cultura, a capacidade.

E, noutro capítulo:

O escravo foi a nossa realidade social que Tobias mais deliberadamente ignorou. No mergulho que deu nas profundezas do município de Escada e de onde emergiu com as observações tão realistas do admirável *Discurso em mangas de camisa*, só não viu o negro, só do escravo não falou. Por que este silêncio? Este silêncio foi o preço que pagou ao desejo de incorporar-se às esferas dominantes.

55. Escreve Gilberto Amado transpondo, numa curiosíssima visão, Tobias e Castro Alves para os anos atuais (*Tobias Barreto, Rio de Janeiro,* Ariel Editora, 1934):

Tobias, sendo um homem que vive para fora, um civilizado, atento às formas externas da vida, à negação

do *instintivo*, não obstante a sua impulsividade, Tobias se fosse hoje o que foi no seu tempo, não seria um homem culto. A parte do consciente nele seria demasiado preponderante para que ele pudesse deixar viver em si essa parte íntima do ser obscuro no ambiente genético e matinal da cultura. Feito para civilizar-se e para a civilização, tipo do homem mecânico destacado das fontes nativas ou germinais da paisagem, seu lugar seria hoje entre os cientistas contra os acientistas, entre os europeus do tipo ocidental puro, galileano e cartesiano contra os intuitivistas, os substancialistas, os valoristas.

Isso quanto a Tobias. Quanto a Castro Rio de Janeiro, Alves escreve:

Castro Alves, e aqui vemos a singularidade do artista entre todos os seres humanos, alheio ou indiferente aos rumos externos da civilização, *culto* espontâneo no sentido spengleriano, estaria nos dando ainda na música do mar e da noite, com o *Navio negreiro* e a *Cachoeira de Paulo Afonso* transpostos em assuntos modernos poemas de amor em que um ressaibo de leitura freudiana acentuaria ainda mais o frescor da vida abrindo de manhã sobre o mistério: teria marchado cantando no sentido do século, tomaria banho quase nu, em Copacabana; não teria morrido aos vinte e quatro anos...

56. Afrânio Peixoto (obra citada) fala-nos sobre este exame:

Por isso mesmo nele seria aprovado simplesmente, em Direito Romano e Direito Natural, embora se diga que foi brilhante o ato e minguada a graduação: — também é de regra, nunca ser estudante aprovado devidamente [...]. O caso, porém, é que ficara ressentimento religioso e político, da poesia "O século" recitada pelo estudante na festa da Faculdade, que tinha sonoridade de revolta contra as ideias aceitas, conservadoras e ultramontanas, e pelas incitações liberais e emancipadoras, confiadas à mocidade.

57. Os biógrafos de Castro Alves são absolutamente unânimes em nada dizer sobre o passado dessa sua amante, de quem nem o sobrenome se sabe. Deixam apenas entrever que era uma moça fácil.

58. Grande parte de *Os escravos* é desse ano. E Pedro Calmon (obra citada) escreve: "Idalina lhe é de resto providencial. Trabalha, no aconchego daquele arremedo de lar e ninho. Produz torrencialmente. Num só mês, junho de 65, fizera abolicionismo e revolução, com seis poesias que impressionam a cidade".

59. Foi Castro Alves quem escreveu:

— São noivos —: as mulheres murmuravam!
E os pássaros diziam: — São amantes — !

60. "O soberbo perfil apolíneo", escreveu, sobre o poeta, Pinheiro Viegas ("Castro Alves", *in Brasil prosa e verso*, Bahia, 1931).

61. Falando dos versos que sobre a Bahia, nesta viagem escreveu Fagundes Varela, diz Edgard Cavalheiro (obra citada): "Exalta todas as suas belezas [da Bahia], mas reclama contra uma moda que a enfeia, e que são os "vestígios de pés escravos a conspurcarem" tão nobre chão. Impressionara-se fortemente com o mercado de escravos, "vastos edifícios, que não são por certo, os indícios de um povo calmo e feliz".

62. Além dos versos de Varela, o poema, que é “Aves de arribação”, tem uma outra epígrafe, esta de Tomás Ribeiro: “Aves, é primavera! à rosa! à rosa!”.

63. Dizem que Eça de Queirós ao ler nesse poema os dois seguintes versos:

As vezes, quando o sol nas matas virgens
As fogueiras das tardes acendia,

se encheu de entusiasmo e declarou: “Aí está, nestes dois versos, toda a poesia dos trópicos”. E outro grande da literatura portuguesa, Antônio Nobre, trata Castro Alves de “primeiro poeta brasileiro”.

64. Ainda agora estamos a assistir a um bravo movimento de grande parte dos nossos intelectuais pela “neutralidade na arte”. Críticos existiram que tiveram como única missão da sua crítica pregar um esteticismo vazio, a superioridade da forma sobre o conteúdo, a fuga a todos os problemas humanos imediatos. Homens antes que tudo oportunistas e comodistas. Donos de importantes posições intelectuais e com um passado com certa tradição, cantaram de todas as maneiras as novas gerações para uma cômoda posição de espectadores. E temos que confessar que obtiveram algum sucesso. Se não perante as gerações que estão surgindo, pelo menos diante de muitos daqueles que tinham vindo de uma arte social e que, naturalmente, acharam a caminhada demasiadamente pesada para suas forças. Também a mesa farta tem as suas seduções.

65. Diante das previsões geniais do poeta, Edison Carneiro (obra citada) é levado a perguntar: “O poeta teria conhecido Karl Marx?”. E diz que esta suspeita ocorreu também a Sílvio Romero que classificou a poesia de Castro Alves de “socialista”.

66. Escreve Euclides da Cunha (obra citada):

uma voz mais alta, mais alta e mais dominadora, se alevantou ao Norte. E tinha um ritmo como o têm todas as forças criadoras da natureza. As energias sociais emergentes, nos vários aspectos que iam da ideia republicana ao sentimento abolicionista, desvendam-se, afinal, como soem sempre aparecer as grandes aspirações sociais: imaginosas e vastas, a nascerem do vago e do império das utopias — que recordam na ordem espiritual o vago e o amorfo das nebulosas de onde nascem os mundos — vibrando nas rimas soberanas de um poeta. A revivescência do espírito nacional completava-se, consoante a norma lobrigada pela intuição do filósofo: depois de um longo, de um profundo sono. Aparecia o homem, que mais que todos lhe imprimiria o impulso inicial das emoções estéticas, sempre indispensáveis aos grandes acontecimentos.

67. Escreve Evaristo de Morais sobre a época em que Castro Alves começou a sua campanha abolicionista (“Uma profecia de Castro Alves”, *in Boletim de Ariel*, ano 3, nº 1):

Foi em 1865, ou, segundo outra versão, em 1863, quando nem terminara realmente o tráfico (embora

duas leis o tivessem proibido, com severas penas); quando ainda se efetuavam publicamente, no Valongo, os leilões em os quais a coisa a vender eram criaturas humanas de todas as idades, expostas seminuas à licitação dos compradores; quando a lei — notai bem — a lei permitia a separação da cria e da mãe cativa, para que esta, vendida ou alugada, fosse dar ao filho estranho o que ficava faltando ao seu próprio filho — o leite dos seus seios; quando a Justiça — notai, de novo — sancionava o aluguel de jovens escravas para o exercício notório da prostituição, declarando os tribunais que isso era consequência lógica do direito de propriedade sobre as mesmas escravas; quando a consciência coletiva não se revoltava com a condição jurídica dos escravos, considerados semoventes, animais, e inventariados no mesmo rol em que figuravam os bois, os cavalos e os porcos; quando a lei repressiva instituía os açoites, sem limitação, como pena somente aplicável aos crimes cometidos por escravos; quando vigorava a prática de marcar a ferro quente a alimária humana que povoava as fazendas e os engenhos; quando o prestígio político e a influência social derivavam, quase sempre, do eito e da senzala, correspondendo, na sua grandeza, à maior ou menor quantidade de escravos possuídos; quando, finalmente, todos os detentores do poder temporal e todos os detentores do poder espiritual, desde o imperador até os juízes e as autoridades policiais, desde os bispos e as congregações religiosas até os párocos das aldeias, eram senhores de escravos [...].

68. Fala Afrânio Peixoto (obra citada):

quando os motivos de arte e de política eram uma idealização do selvagem primitivo, incumbido de representar o brasileiro em uma guerra contra o estrangeiro, que daria foros de nação respeitável ao Brasil, Castro Alves sentiu que mais perto de nós estava uma componente de nossa nacionalidade, vencida e espoliada, que era preciso redimir e reabilitar [...].

69. Escreve Pinheiro Viegas (obra citada): “Penso que somente é feliz quem pode dizer: nasci livre e morrerei livre! Os covardes serão sempre escravos. O rebelde, só por si, é excepcionalmente livre”.

70. Sobre a poesia de Castro Alves, escreve a revista *Diretrizes*, num excelente estudo (número republicado de novembro de 1939, “Castro Alves, poeta da República”)*:*

Ele [Castro Alves] mesmo definia a sua poesia como um “canto do futuro” (carta de Augusto Guimarães). E acrescentava: “O canto da esperança. E nós não devemos esperar? Sim, e muito e sempre...”. Para ele, a “poesia moralizadora e filosófica é o noivado da fantasia com a razão. Poesia sublime, que cantando ensina, maldizendo regenera, chorando purifica. A verdade, lançada a esmo sobre um código, sobre um tratado, poucas vezes penetra o espírito popular, ao passo que a verdade, que se vaza pelo cadinho do coração até o entendimento, aí persiste, como a gota que, se escoando por entre as rochas, se cristaliza na estalactite. A poesia moral, filtrando no coração, aí entorna o perfume da virtude, e mesmo quando a memória tem-na esquecido, o coração guarda uma reminiscência suave, como essas ânforas antigas, quando mesmo esgotadas, recendem os aromas, que se lhe conglutinaram. Já Lamartine havia dito: ‘Há mais política num canto de Homero, do que nas utopias de Platão’”. E por último: “Moralizar com a lira é o fim mais sublime e augusto da poesia”.

Isso basta para que se possa medir com acerto a enorme, a quase infinita distância que separa Castro Alves dos versejadores medíocres da arte pela arte e da realidade interior dos nossos tempos. O argumento,

muito usado pela nossa crítica bem-pensante, de que a ação social do artista não contribui senão para deformá-lo, exaurindo-lhe as fontes do lirismo puro, esse lirismo abstrato e transcendental, que é a muleta dos maus poetas, e o outro — muito do gosto de alguns — de que a poesia é apenas imaginação — encontraram na obra de Castro Alves a sua mais esmagadora contradita. Nenhum dos que afirmam essas tolices com a coragem que faltou ao Raposão jamais foi ou será capaz de escrever as páginas de suave e doce lirismo com que o cantor dos *Escravos* enriqueceu a poesia brasileira — página que ainda hoje o povo repete com emoção. Não se dirá, portanto, que a ação social do poeta prejudicou a sua poesia. Pelo contrário. O seu grande, profundo e inexcedível lirismo vem da sua humanidade, do seu contato íntimo e estreito com a vida dos homens e as ideias da sua época: o pensamento, longe de esterilizá-lo, fecundou-o e daí a sua ressonância, a sua atitude, o entusiasmo com que ainda hoje nos arrebata e comove. Se ao invés de aproximar-se do povo, como fez, Castro se tivesse fechado na sua torre de marfim, a sua herança teria sido, talvez, a de lindos versos, não a de uma grande poesia. O poeta, para ele, tinha de ser o homem de ação.

Ação e ideia — são gêmeos,
Quem as poderá apartar?...
O fato — é a vaga agitada
Do pensamento — que é o mar...
(“Aos estudantes voluntários”)

71. Castro Alves, cujo primeiro livro de versos (e único publicado durante sua vida) só apareceu quando o poeta já quase agonizava, foi talvez o poeta mais declamado do seu tempo. Declamado nos teatros, nos salões, nas praças públicas.

72. Escreve Euclides da Cunha (obra citada):

As décimas fulminantes nem sempre as concebia no cauteloso encerro de certos demiurgos, que abalam tronos, desconjuntam sólios, aluem instituições, viram sociedades pelo avesso, alarmam a polícia e põem o universo em polvorosa, manipulando os raios de seus pontos de admiração e o sombrio cariz de suas tempestades de sílabas, muito pacificamente engrimponados num tamborete alto, de bruços na secretária bem-arrumada. Saltaram-lhe muita vez, de improviso, num ângulo de esquina, num centro de praça, num camarote de teatro, ou no balcão de uma janela repentinamente aberta, enquadrando-lhe de improviso a formosa figura de girondino, diante da multidão revolta e fascinada.

73. Os biógrafos de Castro Alves fazem, em geral, certa confusão, em torno desses versos e desse comício. Pedro Calmon e Xavier Marques confundem-no e o misturam com o caso Ambrósio Portugal. Euclides da Cunha data o incidente e os versos de 1867. Creio que a razão está com Afrânio Peixoto, investigador cuidadoso, que o situa em 1864 e separa inteiramente da questão Ambrósio Portugal.

74. Essas palavras sobre Castro Alves são de Pinheiro Viegas (obra citada). “Ei-lo, em revanche aos escravagistas de sempre, aqui, entre nós, os homens livres, grande, moço, belo, irreal...”

75. Escreve sobre a morte do pai de Castro Alves, Pedro Calmon (obra citada): “Vitimou-o o beribéri, doença que aparecera há pouco, e para a qual, como pressentindo que o mataria, chamara nervosamente a atenção dos colegas, o estudo da Faculdade”.

76. Sobre as três judias, filhas de Isaac Amzalack, escreve Afrânio Peixoto (obra citada):

Três eram as irmãs (Simy, Ester e Mary) e tão lindas que a comparação das três graças, embora pagã, surgia logo a quem as visse, admirado. Seria beleza herdada porque fora tão formosa a mãe delas (dona Grázia, italiana de Trieste, hebreia de raça), diz-me um contemporâneo, que parava a gente nas ruas da Bahia, ao vê-la passar... Uma outra Ester Amzalack, prima destas meninas da Bahia, foi em Lisboa, a inspiradora da Judia de Tomás Ribeiro (1867).

77. Agrippino Grieco, dos escritores contemporâneos um dos que mais se têm preocupado com Castro Alves e que muito tem feito pela divulgação do poeta, escreve sobre “A hebreia” (obra citada):

Ninguém como ele soube aqui falar da Judeia e toda a Bíblia sentimental e mesmo romântica está concentrada em algumas poesias suas. “Hebreia”, o seu “Cântico dos cânticos”, encerra tudo que se possa dizer poeticamente da Palestina provando que o livro dos judeus é a maior de todas as fontes da poesia e, não envelheceu ainda, ao contrário da hoje tão fastidiosa mitologia grega: há na “Hebreia” lírios do vale, ramos de murta, oliveiras inclinadas sobre o Jordão, fontes e rebanhos, salgueiros entre os quais se banham as Suzanas, a torrente do Cédron e a harpa de Davi: tudo aí está, numa divina música.

78. Sobre o assunto escreve Edison Carneiro (obra citada):

Os seus amores nada têm da denguice e do platonismo comuns à maioria dos poetas da época, sabendo-se que raras vezes o poeta rendeu culto à moda romântica do amor e medo, tão corriqueira em Álvares de Azevedo ou em Casimiro de Abreu. Foi como um homem que ele amou as mais diversas mulheres, desde a atriz Eugênia Câmara até a doce apaixonada de Curralinho e à Trinci Murri, o seu último amor.

79. Simy casará duas vezes. Primeiro com o sr. Alberto Henschel e, após a morte do marido, com o sr. almirante José Carlos Carvalho. Ester casou-se com o sr. José Henschel, irmão do primeiro marido de Simy. Esta ainda assistiu à conferência que sobre o poeta realizou Afrânio Peixoto em 1917, na Biblioteca Nacional.

80. Ainda um detalhe curioso sobre “A hebreia”. Tobias Barreto conta que foi no interior do país encontrar esse poema de Castro Alves, sendo cantado nas igrejas, ao som dos órgãos, como hino religioso dedicado à Virgem Maria.

81. Revia já eu os originais deste livro quando vi no *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, o seguinte telegrama que vinha precedido dos títulos:

apuros de uma baiana para casar na alemanha — um pingo de sangue judeu que atrapalha tudo.

cidade do salvador, 17 (Agência Meridional) — Causou sensação a reportagem publicada aqui sobre o caso de uma jovem que, pretendendo casar-se na Alemanha, enviou para a Bahia uma carta, pedindo ao

cartório da Sé a árvore genealógica de sua família, a fim de provar a sua origem ariana.

Margot Meinchel — este o seu nome — diz na carta possuir dados relativos ao lado materno, faltando o paterno.

Foram realizadas várias investigações e um vespertino conclui que a avó de Margot chamava-se Ester Amzalack, foi uma das paixões de Castro Alves e era de origem judia. Ester é citada no livro *ABC de Castro Alves*, do escritor Jorge Amado.

O jornal reporta-se aos comentários de Afrânio Peixoto às obras completas do poeta baiano documentando sua assertiva.

Ester foi citada como: “A branca flor da Lira de Davi”.

Conclui o vespertino dizendo que Margot talvez se decepcione ao saber de sua origem hebraica o que provavelmente impedirá o seu casamento com um ariano.

Realmente, como fiz notar antes, Ester Amzalack casou com um alemão e agora a sua neta se verá impossibilitada de casar devido a sua avó ser judia. E eis a neta de uma das musas de Castro Alves perseguida pelo nazismo, o que ainda mais liga o poeta aos acontecimentos atuais. E nos leva a pensar que a voz de Castro Alves, se vivo ele fosse hoje, haveria de se levantar para clamar com a sua imensa força contra a perseguição do fascismo mundial à raça judia. Ele, que amava se chamar de hebreu: “Sou hebreu”, disse mais de uma vez. Depois da raça negra foi da judaica que mais aproximou a sua poesia. Profeta.

82. Castro Alves amava desenhar e nos deixou vários desenhos, inclusive um autorretrato bem interessante. Foi um amador com bastante jeito...

83. Os versos citados neste capítulo são de “Dama negra”, um dos muitos poemas que nesse ano de 1866, ano em que se tornou amante de Eugênia Câmara, Castro Alves escreveu para ela.

84. Sobre a “escola de Recife”, a de Castro Alves e Tobias, escreveu Sílvio Romero (*Machado de Assis: estudo crítico*, Rio de Janeiro, 1897):

A escola do Recife, que tem poetas como os dois pródromos Tobias e Castro e mais Vitoriano Palhares, Luís Guimarães, Genebrino dos Santos, Souza Pinto, José Jorge, Castro Rebelo, Martim Júnior para só falar nos mais eminentes; que tem tido romancistas como Celso de Magalhães, Franklin Távora, Carneiro Vilela, Luís Dolzani, Faria Neves Sobrinho: juristas, críticos, ensaístas como Clóvis Bevilacqua, Artur Orlando, João Vieira, José Higino, Rocha Lima, Antonio e João Bandeira, França Pereira, Alcedo Marrocos, Viveiros de Castro, Luna Freire, e outros e outros, não esquecendo o grande talento de Gumercindo Bessa, a escola intelectual do Recife tem sido uma oficina poderosa de ideias.

85. Sobre o assunto escreve o poeta Aydano do Couto Ferraz (“Castro Alves e a poesia negra da América”, *in O negro no Brasil*, *Rio de Janeiro*, Civilização Brasileira, 1940): “Por isso é que Castro Alves, poeta não de uma revolução, mas de várias revoluções sociais do Brasil, não foi o cantor da poesia negreira da escravidão, porque foi a própria poesia negreira mais alguma coisa”.

86. O mesmo poeta Couto Ferraz escreve (ensaio citado) sobre:

E fiquei pensando em que Castro Alves teria compreendido que a simples extinção do trabalho servil, condicionando os antigos escravos ao regime capitalista, constituía uma conveniência da classe dominante. E compreenderia, igualmente, que estando, desde esta altura do século, o grande contingente negro da nossa população ligado por interesses econômicos ao proletariado nascente, mais cedo ou mais tarde adquiriria a consciência ideológica da sua classe.

87. São muito marcantes neste sentido as seguintes poesias de Castro Alves: “Palavras de um conservador”, onde ele chega a falar “que o fruto é comum” a todos, “O vidente”, “Confidência”, “Adeus”, “Meu canto”, entre outras.

88. Escreve Agrippino Grieco (*Evolução da poesia brasileira*, Rio de Janeiro, Ariel Editora, 1932): “Gênio espontâneo e não talento premeditado, para Castro Alves fazer versos era mais que uma simples indústria. Além disso há uma perfeição sem mácula em sua vida; ele ignorou a fealdade moral e, não contente com ser genial, foi ainda boníssimo, foi um instigador de sentimentos magnânimos, um criador de vida e de entusiasmo, um facho vivo, um facho humano”. E mais adiante: “Sentia a voluptuosidade da honra”.

89. Palavras de Nabuco sobre esse ano de 1866 (citadas por Pedro Calmon): “O ano de 1866 foi para mim o ano da Revolução Francesa: Lamartine, Thiers, Mignet, Louis Blanc, Quinet, Mirabeau, Vergniaud e os Girondinos, tudo passa sucessivamente pelo meu espírito; a Convenção está nele em sessão permanente”.

90. Alguns contemporâneos de Castro Alves assim se referiram à sedução da sua palavra: “Quando se mostrava à multidão, já entusiasmada só de vê-lo, quando a inspiração lhe acendia nos olhos os fulgores deslumbrados do gênio, era grande e belo como um deus de Homero” (Lúcio de Mendonça, “Castro Alves”, *in A República*, Rio de Janeiro, 1872). Outro: “O encanto daquele órgão irresistível, um desses que transfiguram o orador ou o poeta e fazem pensar no glorioso arauto de Agamenon imortalizado por Homero, Taltíbios, semelhante aos deuses pela voz” (Rui Barbosa, *Elogio de Castro Alves*, Bahia, 1881). Mais outro: “Toda a gente que o ouvia tinha arrepios de assombro e enxergava na esbelta e simpática pessoa do jovem acadêmico mais um semideus do que um poeta, menos um poeta que um vidente; o auditório sorria ou chorava, permanecia mudo pela comoção fortíssima, ou prorrompia em bravos entusiásticos (Carlos Ferreira, *Feituras e feições*, Campinas, 1905).

91. Eis aí alguém que está reclamando um biógrafo com a máxima urgência. Idolatrado por muitos que apenas conhecem a sua vida e sua obra por ouvir dizer, ridicularizado e desprezado por muitos que também só sabem dele por informações, um estudo bem-feito da sua vida e da sua obra jurídica e política seria um livro cheio de interesse para todo o público brasileiro. E creio que valeria, em muitos pontos, por uma reabilitação de Rui, por um delimitar de medidas que ainda assim seriam vastas. Onde estão um João Mangabeira ou um Hermes Lima que não fazem esse livro?

92. Palmares foi uma preocupação constante de Castro Alves que pretendia escrever uma epopeia sobre a "Troia Negra". Não chegou a fazê-lo, infelizmente, e até hoje Zumbi espera o seu poeta.

93. O livro de Eugênia foi publicado primeiro em Portugal, sob o título de *Esboços poéticos*. Na reedição cearense adotou o de *Segredos d'alma* e, além dos versos da sua autoria, existiam, em apêndice, poesias de Fagundes Varela, Zaluar, Vitoriano Palhares, Francisco Inácio Ferreira etc. Uma espécie de antologia sobre ela, que era também um bom reclame artístico.

94. Fagundes Varela entre outras coisas disse dela: "Tens no rosto a beleza, o gênio n'alma".

95. Sobre os amores de Castro Alves e a sua importância, escreve Gilberto Amado ("Castro Alves", *in Boletim de Ariel*, ano 2, nº 2): "Castro Alves nos encheu o coração de ressonância. Seus amores são o fato mais importante da história sentimental do Brasil".

96. Eis um trecho do artigo de Tobias: "Apareceu finalmente *A Luz*. A pretensão, a vaidade fofa estampada na face deste jornal não foram desmentidas, nem ao menos modificadas pelas importantes peças do seu conteúdo".

97. É a seguinte a carta escrita por Castro Alves:

Ilmo. Sr. Tobias Barreto de Menezes. — Peço a V. S. tenha a bondade de declarar-me ao pé desta se é o autor do artigo da *Revista Ilustrada*, incluso no Suplemento, como fez-me o obséquio de mandar-me dizer vocalmente. — Se tiver essa bondade ficar-lhe-á mais obrigado este que é de V. S. atento criado — Castro Alves.

Respondeu Tobias ao pé da carta:

Justamente, sr. Castro Alves. Sou eu mesmo. Quer responder? É um favor. Peço-lhe que me encare sob todos os pontos de vista, a fim de que depois não me chamem de generoso. Sim, senhor. Considere-me como homem, como escritor na prosa e no verso, como cidadão e até como filho... Dê-me por todas as faces... Assim espero. E para facilitar e abreviar mais a sua resposta mandar-lhe-ei levar alguns versos meus, que um amigo tem reunido; pedindo-lhe o favor que me mande alguns dos seus ao menos os que tem aqui publicado. — De V. S. atento e criado — Tobias Barreto de Menezes.

98. Trecho de artigo de Castro Alves em resposta a Tobias:

O público que nos lê vê que cada frase deste monumento [artigo de Tobias] é uma mole de asneiras. De queda em queda trombando rola o sr. Tobias desde a primeira linha do Suplemento. Cada degrau que o vimos descer pensamos que fosse o último: mas S. Sª tem recursos; parece que um gênio errante lhe brada: "Caminha novo judeu errante da crítica... literária". Literária, sim, porque os vimos rolar nesta queda. Entretanto, S. Sª continuou a descer, mas foi nesse terreno tão baixo, que desapareceu totalmente aos nossos olhos, como aos de todo homem de bem. S. Sª conclui dizendo que havemos de correr "por becos e vielas

até nos encararmos acuado e indecente lá... lá... lá... no fojo da devassidão". Entregamos estas palavras ao público; são um espécime da educação e da delicadeza de um homem que se preza; de um crítico, que se diz literário. Vão talvez aí expressões mais fortes, palavras mais sujas; mas somos homens, e não nos podemos furtar à indignação de ver um colega tornar-se um pasquineiro, um amigo tornar-se um Judas.

99. Os outros dois examinadores eram Jerônimo Vilela e José Antônio de Figueiredo.

100. Nesse poema que leva o título de "Fatalidade" ele pôs como epígrafe aquele grande verso de Álvares de Azevedo que é como um grito desesperado da crença diante de uma imensa desgraça: "Que fatalidade, meu Pai!".

101. Evidentemente *Gonzaga* não está em absoluto na mesma altura literária dos poemas de Castro Alves. Ele não era um dramaturgo, nasceu mesmo foi poeta, e, fazendo exceção da intenção libertária que ditou o drama, o que *Gonzaga* possui de melhor é a força poética que o atravessa, por vezes sendo ele um verdadeiro poema. Fora disso é oratório e sem real interesse teatral hoje. Na época, no entanto, não era ele tão despido assim de interesse. Bastam para o comprovar algumas opiniões de gente ilustre do tempo sobre o *Ganzaga.* Por exemplo, Machado de Assis escreveu o seguinte: "O poeta explica o dramaturgo, reaparecem no drama as qualidades do verso; as metáforas enchem as asas a Píndaro. Parece ao poeta que o tablado é pequeno; rompe o céu de lona e arroja-se ao espaço livre e azul". Parece-me que estas palavras de Machado de Assis dão perfeita ideia do que foi o encontro do poeta Castro Alves com o teatro. O voo livre do poeta preso à carpintaria teatral, sobrando dela. Aliás também José de Alencar notava que havia no drama de Castro Alves "exuberância de poesia. Rui Barbosa disse: drama, que há de perdurar" e Nabuco chamou Castro Alves de "poeta republicano do *Gonzaga*". — E mais curioso que tudo isso, Rui Barbosa viu no drama todo o sonho de futuro do poeta: "Não mais escravos! não mais senhores... é o brado que reboa da alma flamejante de *Gonzaga*; é a nota perene em toda a obra poética e dramática de Castro Alves".

102. Desdobrando desse interesse de Castro Alves por Tiradentes, ainda é um poema moderno de Sosígenes Costa, o maior poeta vivo da Bahia que no seu retiro de Ilhéus faz poesia da mais importante que se escreve hoje no país. O poema tem o título de "A hora das epopeias" e diz:

Há de chegar esse dia
das epopeias divinas
e divinas odisseias.

Castro Alves há de ver
na tumba dos seus avós
a hora das epopeias.

Tiradentes, que estás pálido,
com tua fronte de Cristo,

não tenhas medo da forca,
desperta essa multidão.

Não tenhas medo da forca,
enfrenta Maria Pia,
que essa rainha é uma louca
e está com epilepsia,
embora viva no trono
coberta de pedraria.

Com tua fronte de Cristo
e esse teu manto da morte
que a glória está constelando,
Tiradentes, que estás pálido,
desperta essa multidão.

Lá vem Felipe dos Santos
descendo do Itatiaia.
Não foi amarrado vivo
à cauda de um poldro bravo
e Vila Rica não viu
seu corpo despedaçado,
seu sangue pelas ladeiras?

A liberdade não morre.
Durante as trevas da noite,
se a sufoca a tirania,
muito mais bela renasce
quando surge a luz do dia.

Quem disse foi Castro Alves,
sob este céu da Bahia,
que a liberdade não morre.

Lá vem Felipe dos Santos
Ó noivo da liberdade,
não tenhas medo da morte,
enfrenta Maria Pia.

103. Datadas deste ano de 1866 encontro as seguintes poesias de Castro Alves, quase todas elas dirigidas a

Eugênia Câmara (não incluo nesta relação os improvisos nem os versos da Bahia para as judias): “Fatalidade”, “Os três amores”, “O voo do gênio”, “A uma atriz”, “A Eugênia Câmara”, “Sonho de Boêmia”, “Horas de martírio”, “Amemos!”, “Tríplice diadema” e só. Xavier Marques (obra citada) diz que Castro Alves iniciou nesse ano *A cachoeira de Paulo Afonso*. Não encontro documento que apoie o romancista baiano.

104. Até bem pouco tempo ainda eram assim os professores da Faculdade de Medicina da Bahia, retorcidos e mais literatos, gramaticais e com certo ranço de coisa velha. Fizeram um enorme mal a várias gerações de moços. Hoje, felizmente, há uma renovação no professorado desta escola, mais condizente com o século. Estão acabando os médicos discursadores e péssimos poetas que infestaram a Bahia durante tanto tempo. Felizmente.

105. Muniz Barreto, o próprio improvisador, é que traça um soneto:

À religião, às leis nenhum respeito;
Ufano o vício, o mérito escondido;
Pavoneando o crime e não punindo;
Muitas sociedades sem proveito...

Para cabalas cada vez mais jeito;
Em juiz qualquer zote convertido;
Austero e violento, o corrompido
Nos mais notando o mínimo respeito...

Por aqui, por ali, casas roubadas;
Carne muito barata em teoria;
Rodas as coisas úteis malparadas...

Ruim prosa nos jornais, ruim poesia,
Francesas contradanças já cansadas;
Eis aqui a cidade da Bahia.

Como se vê é uma tentativa de retrato ao jeito daquele que séculos antes fizera Gregório de Matos, de quem aliás Muniz Barreto aproveita o último verso. Resta dizer que nesse soneto há, ao se referir Muniz à poesia, bastante autocrítica...

106. Escreve sobre os poetas e literatos baianos deste tempo Homero Pires (*Junqueira Freire, sua vida, sua época, sua obra*, Rio de Janeiro, A Ordem, 1929):

Foram numerosos então na Bahia esses homens de letras, e tiveram em vários sentidos uma grande atividade mental. Mas do seio deles não sai uma doutrina literária ou uma renovação qualquer. Não foram

poucos, e trabalharam. Mas não criaram. Importaram as ideias, a língua, a própria orientação literária, e esta tarda e morosa. Por que, pois, este pomposo nome da Escola Literária? É manifesta a sua impropriedade, que não logra elevar um grupo a este estalão. Em 1855, a figura que todos ali aclamavam como dominante publicou dois volumes de versos, dando-lhes o significativo título de *Clássicos e românticos*, e aí mesmo negava no prefácio que houvesse diferenciação entre eles, e cantava arcadicamente a metamorfose dos rios patrícios. Só mesmo Junqueira Freire era quem fazia questão de ser romântico, exclusivamente romântico, e procurava com alguma nitidez extremar as duas correntes.

Nessa biografia de Junqueira Freire, Homero Pires traça um ótimo panorama da Bahia de então.

107. Sílvio Romero (*História da literatura brasileira*) cita esses nomes e mais os de Arsênio da Natividade, Raimundo Nonato, Eduardo França, Jonatas Abot, Atalíba, Malaquias dos Santos, Wanderley, Fernandes da Cunha, Barbosa de Almeida, Vítor de Oliveira, João Barbosa, Agrário de Menezes, Manuel Pessoa da Silva, Rodrigues da Costa e Junqueira Freire, como componentes da "Segunda Escola Baiana".

108. Escreve Enrique de Rezende (*Retrato de Alfonsus de Guimaraens*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1938): "Castro Alves, poeta do Brasil, foi antes de tudo poeta do Norte!".

109. Homero Pires (obra citada) responsabiliza o ambiente revolucionário da Bahia, a Sabinada e os Malês, pela "poesia nacionalista e social" de Junqueira Freire, o que parece muito acertado.

110. Escreve Xavier Marques (obra citada):

E a verdade é que, sendo a Bahia a mãe carinhosa e ufana de Castro Alves, foi talvez a terra brasileira onde menos adesões teve seu estilo dito hugoano. As produções da época ou são absolutamente indenes de condoreirismo ou lhe refletem, muito atenuada, num ou noutro lampejo, a influência. O público, este sim, aqui como em toda parte do país onde ele esteve ou lhe chegaram os ecos, não ouvia sem eletrizar-se o canto retumbante do jovem aedo.

111. Os julgadores foram Jaime Pombo Brício, Belarmino Barreto, Frederico Marinho de Araújo. E o voto com restrições foi de Belarmino Barreto.

112. É o próprio Castro Alves quem nos dá conta desse triunfo numa carta a Augusto Álvares Guimarães: "Como sabes, foi o meu drama à cena. Fui muito feliz. No dia 7 de setembro tive um triunfo como não consta que alguém obtivesse na Bahia. Em suma, vitoriado quanto era possível e coroado, fui além disso levado à nossa casa em triunfo...".

113. O que é, evidentemente, uma injustiça para com José de Alencar e Eça de Queirós, seus contemporâneos.

114. Escreve Sílvio Romero (obra citada) sobre a falta de popularidade real de Machado de Assis: "E a prova é que, apesar da justa admiração e legítima estima que lhe têm geralmente os poetas, artistas da

escrita e homens de letras, a sua influência é nula em nossa literatura; nunca fez escola, nunca foi popular, mesmo no bom sentido da palavra e do fato".

115. Contou-me Afrânio Peixoto que muitos anos depois, quando escrevia ele o seu livro sobre Castro Alves, conversou com a viúva de José de Alencar e esta lhe falou do poeta comovidamente. Lembrava-se da visita dele como de um fato da véspera. E lembrava-se nos mínimos detalhes, da cadeira onde se sentara, das palavras que dissera, do modo como falara. E acrescentava que fora a visita do poeta a maior impressão que lhe restara da vida literária do marido. Compreendeu logo que estava diante de alguém muito poderoso. E ficou feliz quando viu que Alencar tivera a mesma impressão. Aquele casal tão ilustre abriu sua casa como um lar paterno para o jovem poeta.

116. Trecho da carta de Alencar (*in Correspondência*, volume 31 das *Obras completas de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Jackson, 1938): "Depois da leitura do seu drama, o sr. Castro Alves recitou-me algumas poesias. 'A cascata de Paulo Afonso', 'As ilhas' e 'A visão dos mortos' não cedem às excelências da língua portuguesa neste gênero. Ouça-as o senhor que sabe o segredo desse metro natural, dessa rima suave, e opulenta". Outro trecho: "Não se admire de assimilar eu o cidadão e o poeta, duas entidades que no espírito de muitos andam inteiramente desencontradas. O cidadão é o poeta do direito e da justiça; o poeta é o cidadão do belo e da arte".

117. Nessa mesma carta diz Alencar: "Já um poeta o saudou pela imprensa; porém não basta a saudação; é preciso abrir-lhe o teatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flor desse talento cheio de seiva se expanda nas auras da publicidade".

118. Trecho da carta de Machado de Assis (*in* obra citada): "Não podiam ser melhores as impressões. Achei uma vocação literária, cheia de vida e robustez, deixando antever nas magnificências do presente as promessas do futuro. Achei um poeta original. O mal da nossa poesia contemporânea é ser copista — no dizer, nas ideias e nas imagens. Copiá-las é anular-se. A musa do sr. Castro Alves tem feição própria". E mais adiante: "Como o poeta que tomou por mestre, o sr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grande e o que é delicado, mas com igual inspiração e método idêntico: a pompa das figuras, a sonoridade do vocábulo, uma forma esculpida com arte, sentindo-se por baixo desses lavores o estro, a espontaneidade, o ímpeto".

119. Sílvio Romero (citado por Pedro Calmon) diz que toda a gente naquele momento faz no Rio e nas províncias do Sul versos imitando a maneira de Castro Alves.

120. Magnífico panorama de São Paulo da época que precedeu a chegada de Castro Alves traça Edgard Cavalheiro (obra citada). Dele são as seguintes palavras:

Compreende-se, depois desses detalhes, a observação de Emílio Zaluar, quando disse que a cidade de São Paulo precisava ser encarada por dois prismas: a capital da província e a Faculdade de Direito. Nada mais diferente, nada mais oposto. A primeira, era a rotina personificada na sua população permanente; e a

segunda as ousadas tentativas de progresso, encarnadas na população transitória e flutuante. O burguês e o estudante, a sombra e a luz, o estacionarismo e a ação, a desconfiança de uns e a expansão de outros, eis os contrastes que a Pauliceia apresentava, ao observador mais apressado, no ano em que a ela chegou Luís Nicolau Fagundes Varela.

121. Cassiano Ricardo, dos mais eminentes poetas modernos do Brasil, ao realizar uma interessantíssima conferência sobre Pedro Luís deu-lhe o seguinte título, honroso sobretudo para Castro Alves: “Pedro Luís, precursor de Castro Alves”. Dessa conferência (*in Dom Casmurro*, ano 3, números 137, 138) são os seguintes trechos:

Como negar porém uma influência [de Pedro Luís sobre Castro Alves] que entremostra em algumas reminiscências de leitura ou mesmo em certas passagens tão parecidas que qualquer *carão* da crítica acharia comprometedoras? Longe de mim tal hipótese. Aceito, até, a curiosa justificativa com que Anatole France achou muito legítimo que um poeta de maior envergadura se sirva dos processos e imagens que os de menor envergadura botaram a perder. E chego à conclusão de que, quando não fosse um poeta de grande envergadura, ainda seria Pedro Luís um grande poeta só porque influenciou Castro Alves. Grande ainda, não apenas pelo que produziu como obra de arte senão pela marca histórica que imprimiu a certo momento da poesia brasileira.

E mais adiante tem Cassiano os seguintes conceitos justíssimos sobre a importância da poesia e a sua posição no mundo:

O nosso povo é poeta e, por assim dizer, um poeta que escreve as suas aspirações com a tinta de todas as raças. No Brasil, povo e poesia se encontram em nossos momentos sociais de maior colorido humano. Foram os cancioneiros anônimos que exprimiram, na alma das ruas, o primeiro despertar do nosso nativismo autonomista. Nas cantigas populares (como as que o autor de *Inocência* ouviu em Mato Grosso) e nos apelidos da sátira (emboaba, pé de chumbo) havia o trabalho obscuro, mas tenaz, do sentimento em favor da pátria. Na revolta do Maranhão, todos os dias amanheciam trovas pelas esquinas, injuriando os assentistas. A Inconfidência foi o grande e admirável sonho de um grupo de poetas. O chão que pisamos não é só de determinismos geográficos e coisas que tais. Nele brotam os lírios com que enramamos o sentimento da unidade brasileira, milagre espantoso de poeta nacional. Nele brotaram as rosas rubras com que Castro Alves salpicou a carapinha dos negros, clamando pela abolição — outra flor de poesia nascida do nosso subconsciente histórico — em versos condoreiros e líricos nas imagens que ficavam vivendo no povo-poeta, e nos instantes de ressentimento nacional que subiram das camadas populares ao solar dos chefes e dos poderosos. Desiludido, dizia Casimiro de Abreu que o poeta era um animal inútil. Não estava dizendo uma verdade; estava refletindo um conceito sociológico errado a respeito do poeta até então tido e havido como um visionário passando a mel e gafanhotos, caçando rimas com espingardas carregadas a chumbo de ouro, e colhendo flores inúteis nos jardins da ilusão. Pois o próprio romantismo, em sua fase mais típica, não desmentia esse erro no que despertou de nativismo, de entusiasmo criador, de nacionalismo e autonomia política?

122. Muitos poemas escreveu Castro Alves para que fossem musicados. E em muitas das serenatas da época os versos cantados eram poemas seus. Aliás ainda há pouco tempo o conhecido escritor Almir de Andrade

me dizia que várias músicas tem feito para poemas de Castro Alves e essas músicas têm lhe valido repetidos sucessos quando transmitidas pelas estações de rádio. Aliás é curioso notar que Castro Alves, e os demais poetas românticos, deviam representar para as moças do seu tempo, como concretização de todos os desejos amorosos, o que para as de hoje representam as grandes figuras do rádio, os cantores de valsas e sambas, Sílvio Caldas, Dorival Caymmi, Orlando Silva, Francisco Alves. Como nos cantores de hoje, elas viam nos poetas de então o símbolo do amor romântico e impossível.

123. É curioso notar como para seus contemporâneos a imagem de um "jovem deus", de um "semideus", se repete quase sempre quando falam do poeta.

124. Castro Alves escreveu sobre esta festa a Augusto de Guimarães: "se algum dia obtive um triunfo não foi noutro lugar".

125. Escreve Carlos Ferreira (obra citada): "O grande Castro Alves! como diziam todos, na Academia e fora dela".

126. Foram as seguintes as palavras que pronunciou antes de declamar a "Ode ao Dous de Julho": "O Ipiranga conhece o Paraguaçu. O Sete de Setembro é irmão do Dous de Julho. Não há glória de uma província, há glória de um povo. É sempre o Brasil o herdeiro augusto dos heróis, esses pródigos sublimes".

127. Xavier Marques (obra citada) faz notar que a poesia "Dois de Julho" que Rui Barbosa declamou nessa ocasião tem marcante influência da poética de Castro Alves: "espelha flagrantemente a maneira do condor", escreve o acadêmico baiano.

128. Colaborava nos periódicos e jornais *Ipiranga*, *Imprensa Acadêmica* e *Correio Paulistano*, informa Xavier Marques (obra citada).

129. Carlos Ferreira (obra citada).

130. A Luís Cornélio dos Santos, seu grande amigo do Rio, escreveu Castro Alves sobre a representação do *Gonzaga* em São Paulo: "um sucesso imenso, um verdadeiro triunfo...".

131. O jornal chamava-se *Independência* e sua redação contava com os nomes de Joaquim Nabuco, Martim Cabral, Campos de Carvalho e Rui Barbosa.

132. Escreve Afrânio Peixoto (obra citada):

Ele mesmo o dissera, numa epígrafe a outros cantos — pouco lhe importava que louvassem ou apodassem versos seus; a poesia, embora o seu amor a ela, lhe fora sempre um meio consagrado e uma santa causa: ele era apenas um bravo soldado da redenção da humanidade!

Com efeito [continua Afrânio Peixoto] Castro Alves não foi somente dos mais ardentes abolicionistas e

daqueles cuja propaganda mais frutos produziu, foi dos primeiros que o Brasil ouviu: antes de Tavares Bastos e de Perdigão Malheiros, de Silveira da Mota e de Montezuma, de S. Vicente, de Pedro ii, de Paranhos... ele foi desde 63 quando começava seus poemas abolicionistas e, no Recife, fundava uma associação libertadora. A gente que então governava o Brasil seria impermeável a essas ideias e às humanitárias, mas a mocidade das escolas ouvia-o e se comovia com ele, donzelas e rapazes das gerações subsequentes, que leram e se arroubaram com os seus versos, constituíram as gerações que, vinte anos mais tarde, viriam fazer a Abolição. Joaquim Serra, Ferreira de Menezes, Patrocínio, na imprensa, Antônio Bento, João Clapp, José Mariano, nas ruas, Dantas, Nabuco, Rui Barbosa, no Parlamento, a princesa Redentora e o Ministério Libertador, no governo, foram apenas colaboradores da obra de Castro Alves, a quem a posteridade chamou com justiça o Poeta dos Escravos.

E é ainda Afrânio Peixoto quem lembra que José Veríssimo chamou Castro Alves de "poeta nacional, se não mais, poeta social, humano, humanitário".

133. Sobre "O navio negreiro" e "Vozes d'África" escreve Pinheiro Viegas (obra citada):

Os escravistas de toda a parte, sempre tiveram nele o epigramista mais terrível e o panfletário mais formidável em "Navio negreiro" e em "Vozes d'África". Estão aí, e em "Coup d'étrier" e "No 'Meeting du comité du pain'", vermelhos cânticos revolucionários, os libelos mais fortes e mais vibrantes de todos os que os visionários e os românticos de cá, mais ou menos destemerosos e convictos, ousavam publicar contra os déspotas que estão por aí tornando impossível a realização do sonho igualitário em nosso astro.

134. Vaidade pura e simplesmente vaidade me leva a citar a seguinte frase de Oswald de Andrade num estudo sobre romance brasileiro (*in Revista do Brasil,* nº 35): "A descoberta lírica ia prosseguir dando Jorge Amado. *Jubiabá* é um comício. O mais belo comício que o Brasil ouviu depois do 'Navio negreiro'. Essa ligação entre Jorge Amado e Castro Alves tem que ficar de pé".

135. Escreve Jayme de Barros (*Espelho dos livros*, *Rio de Janeiro*, Livraria José Olympio Editora, 1936): "'Vozes d'África' é o maior grito de desespero que a escravidão arrancou de um peito humano".

E Almir de Andrade (*Aspectos da cultura brasileira*, Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1939) escreve estas coisas justíssimas sobre Castro Alves e a poesia atual:

Esse grande sentido humano da obra de Castro Alves deve ser apontado e proclamado com a maior energia — sobretudo por estarmos nós atravessando uma época em que se generaliza em todo o mundo uma literatura de afirmações negativistas, onde se decanta o mundo como um doente sem remédio e os poetas se fazem intérpretes de um sofrimento que se afoga em sua própria miséria e se perde em lamentações e em gemidos que parecem não poder nunca encontrar quem os aplaque.

136. Sobre "Lúcia" escreve Aydano do Couto Ferraz (ensaio citado):

Poema que, como disse eu em alguma parte, reflete, de uma só vez, a formação da família brasileira sob o regime patriarcal e a decadência mesma do patriarcalismo escravagista, "Lúcia", pelo seu nome e pelo candente dos seus versos, eu o considero como o melhor poema negreiro de Castro Alves. Se não, é recordar, uma a uma, as passagens deste poema de 68, que, sem ser declamatório, é um dos marcos da

poesia modernista de massas que eu prevejo no Brasil, saindo da confusão dessa hora de decadência.

Apenas em vez de “modernista” o poeta Aydano do Couto Ferraz devia escrever “moderna”.

137. Um paulista ilustre, Bueno de Andrade, escreveria muitos anos depois num exemplar da primeira edição das *Espumas flutuantes* a impressão que para toda a vida lhe deixara Castro Alves. Por gentileza do dr. Cid de Castro Prado, tive esse exemplar em mão e pude copiar essas impressões que são as seguintes:

Contava eu onze anos de idade, quando assisti em São Paulo, no velho Teatro São José, o Castro Alves recitar a poesia: “Ao ator Joaquim Augusto”. Representava-se, em magnífica estreia, *Gonzaga* — obra-prima do poeta. Joaquim Augusto, ator de imenso talento e raros dotes cênicos, encarnava a figura gloriosa da principal personagem da peça. Ouvi mais tarde, repetidas vezes, em espetáculos memoráveis, Salvini, Rossi, Emanuel e outros dominadores do proscênio. No entanto os fulgores dessas celebridades, ao contrário de empalidecer, mais avivavam minhas saudades do grande ator paulista que tanto me comovera, na minha juventude. Após o lance final, no momento doloroso de Gonzaga seguir para o exílio, Castro Alves apareceu na frente de um camarote da segunda ordem, próximo ao palco e falou, falou recitando a ode. Um deslumbramento! Sua voz grave, forte, volumosa, nítida, penetrante, caiu em ondas sonoras sobre o auditório, transformando-o pela magia do gênio, em massa silenciosa e extática! Noite de enlevo e encanto que jamais esqueci, em toda minha longa vida. Rio, 5 de 11 de 1935. Antônio Manoel Bueno de Andrade.

138. Os versos são da “Canção do boêmio”, escritos nesse ano e musicados por Emílio do Lago.

139. Um dos colegas do poeta, Lobo da Costa, é dos que acusam Eugênia como responsável pela morte de Castro Alves. Sobre o assunto escreveu um soneto, “A última confissão de Eugênia Câmara”, que cito como o depoimento de um contemporâneo:

O padre era um tipo venerando,
— Meu padre, perdoai-me... Eu tenho quatro...
Ela a seus pés — de uma beleza rara,
Tinha os olhos no chão — o seio arfando.

Deserto estava o templo — porém, quando
A voz do sacerdote se escutara,
Abriu-se a porta da secreta ara
E um arcanjo de luz passou chorando.

— Crê em Deus, minha filha? — Eu o idolatro.
— De que se acusa? Que pecado há feito?
— Meu padre, perdoai-me... Eu tenho quatro...

— Credo em cruz, brada o velho, a mão no peito.

— *Amo a glória, o prazer... amo o teatro,*
— *E Castro Alves morreu por meu respeito!*

Eugênia morreu oito anos após a morte de Castro Alves.

140. Rodrigues Alves, colega de Castro Alves na ocasião, forneceu a Afrânio Peixoto (obra citada) um detalhe curioso sobre esse último exame de Castro Alves. O poeta pedira-lhe na véspera que lhe ensinasse o ponto do qual nada sabia. Rodrigues Alves, ótimo aluno desde o Pedro ii, dá-lhe as explicações pedidas. E o resultado é que o poeta brilha no exame, enquanto Rodrigues que fica nervoso tem apenas uma nota regular.

141. "Quando eu morrer" é o título desse poema tão doloroso e sobre ele escreveu o próprio Castro Alves: "Esses versos foram escritos quando julgava o autor repousar em terra. A febre e o sofrimento fizeram com que eles ficassem truncados. Completá-los mais tarde seria de alguma sorte tirar-lhes o único mérito que por acaso têm".

142. Mateus de Andrade e Andrade Pertence foram seus médicos no Rio de Janeiro. Sobre o primeiro escreve Pedro Calmon (obra citada): "Mateus de Andrade vinha dos hospitais de sangue do Paraguai. Belo e estranho homem! Ainda em 1861, *roi des chicards* do Carnaval, o príncipe dos boêmios cariocas, quase sem transição passara da estroinice escandalosa para o apostolado da ciência. Nenhum cirurgião do país vibrava como ele o bisturi".

143. Narra Xavier Marques (obra citada):

Castro Alves portou-se com estoicismo, sem soltar um gemido. Ao operador que o olhava penalizado, disse com ar de riso:

— Corte-o, corte-o, doutor. Ficarei com menos matéria que o resto da humanidade.

144. Uma notícia do *Correio Paulistano* de 29 de junho desse ano informa aos admiradores paulistas sobre o estado de saúde do poeta:

os padecimentos do peito não aumentaram, antes diminuem, e os médicos dão ao enfermo completas promessas de cura. Regozijamo-nos cordialmente com estas notícias, que tão explicitamente auguram o restabelecimento do poeta. Elas anunciam que o altivo condor da poesia brasileira de novo prepara-se para bater as asas e levantar voo às arrojadas alturas que lhe destinam as letras.

145. Esses versos são do poema "É tarde", de novembro de 69, poema escrito para Eulália Filgueiras. Os versos citados na cena com Maria Cândida Garcez foram para ela escritos em outubro desse mesmo ano e publicados com a dedicatória: "A Maria Candinha". São os "Murmúrios da tarde". Maria Cândida, que era, juntamente com Cândida Campos, pupila do comendador João Antônio Leite Júnior, casou-se posteriormente com o sr. Benjamim Filgueiras. Os versos citados na cena de Cândida Campos, a outra pupila de Leite Júnior, são a "Volta da primavera" e foram os primeiros que Castro Alves escreveu após a operação. Foram inspirados por Cândida Campos. Essa amada do poeta, segundo se depreende de Afrânio

Peixoto (obra citada), não só não casou, como deve ter tido uma vida posterior com algum caso de amor algo antipreconceituoso. É o que deixam entrever as palavras um pouco misteriosas do mestre Afrânio: “não foi feliz. Aliás, esse critério de felicidade pode falhar”.

146. Esse fado que eu cito é mais ou menos desta época. O escritor português Luís Mota (*O fado*, Lisboa, 1936) dá-lhe a data de 1870 e nós nesse capítulo estamos em 1869, nos fins.

147. Escreve Pinheiro Viegas (obra citada): “O Homem-Livre na Terra-Livre é o *Leitmotiv* de todos os seus poemas e de todas as suas trovas, de todos os seus improvisos e de todas as suas canções. Passou toda a vida a entoar esse *miserere* pelos simples, pelos rústicos, pelos humildes, pelos párias...”.

148. Pode-se ver uma reprodução desse retrato no ensaio de biobibliografia que Afrânio Peixoto (*Castro Alves: estudo biobibliográfico*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1921) dedicou ao poeta.

149. Vou transcrever aqui integralmente o poema com que Eugênia Câmara respondeu ao “Adeus” de Castro Alves, dado o seu valor documental. Como poesia pouco ou nada vale. Mas vale por revelar que ela o amou realmente (ainda depois escrevia-lhe para a Bahia a pedir que ele voltasse para o seu lado, carta que se extraviou), e que tinha compreensão do gênio dele. Escreveu: “Eu não me iludo. Eu te amo”. E escreveu, também: “Deus iluminou tua fronte com um raio divinal de Gênio! e Glória!”. E mais: “O Brasil quer teu nome em sua história”. Agora vai o poema para atender ao interesse de algum leitor mais curioso:

Adeus, irmão desta alma, digo-te Adeus!
Mas deixa que eu evite esse jamais! —
Que o céu se compadeça aos rogos meus
E um dia cessarão teus e meus ais!

Sim que Deus iluminou a tua fronte
Com um raio divinal de Gênio! e Glória!...
Vive, sonha, canta, esse horizonte!...
O Brasil quer teu nome em sua história.

E Família, esse Lar augusto e Santo!
Cercará teu sofrer de muito amor.
Em regaços de irmãs irá teu pranto
Salvar-te junto ao trono do Senhor.

Falas-me em risos! a mim?
De afeições descrente e nua!...
Pode-se encontrar outra alma
Depois de reinar na tua?!!!

Da perdida criatura
o corpo da terra é,
Mas a alma voa ao céu.
Levando a crença e a fé,

E eu levo na hora extrema
A tua pálida imagem
Gravada dentro em minh'alma
Como celeste miragem!

O Germe de que me falas
Crença! e Fé! não é mortal,
Deus olha piedoso o Mártir
Triunfarás desse mal.

Eu não me iludo. Eu te amo!
Quer na vida quer na morte;
A um só dos teus olhares
Será tua a minha sorte.

Aquela noute!... oh Silêncio
Noute de fel e de amor
Em que dentro em duas almas
Houve um poema de dor!...

A multidão me sorria
E o meu ser estava contigo,
Nesse olhar belo e sereno
Minh'alma encontrou abrigo.

Eras o anjo d'outra hora
E eu cairia a teus pés
Se inda mesmo moribundo
Tu me dissesses — Talvez!...

Saí daí alquebrada
Sem forças para lutar,
Com desejos de morrer,
Com vida p'ra te adorar,

Foi minha filha entre nós
O anjo da redenção
Falei-lhe de ti! Chorou!...
Foi seu pranto meu — Perdão!...

Adeus!! Se um dia o Destino
Nos fizer ainda encontrar
Como irmã ou como amante
Sempre! Sempre! me hás de achar,

Catete, 17, (Novembro de 1869).
2 horas da noite. Adeus!!!

Há, sem dúvida, alguma coisa de comovente nesse poema, e mais que nele, existe dor nesse último "Adeus", escrito mais uma vez após a data, o local, a hora mesma em que foi escrita a despedida.

150. Estrofe do soneto "Never more", do poeta espanhol Pedro Mata, nascido em 1811 e morto em 1877.

151. Escreveu Castro Alves: "na terra dos Andradas, dos Pedros Ivos e dos Tiradentes, deve [a poesia] ser majestosa como as matas virgens da América, arrojada, como seus rios gigantescos, livre, como os ventos que passam gementes por suas várzeas e que zurzem os costados pedregosos dos seus gigantes de granito. A poesia enfim deve ser o reflexo dessa terra".

152. Escreve Edison Carneiro (obra citada): "Filho, irmão da natureza? Castro Alves foi, mais que isso, o intérprete da natureza do Brasil e da América — a grande voz da filha das matas!".

153. Xavier Marques (obra citada) cita entre os poetas que se reuniam na casa da rua do Sodré os seguintes: Franco Meireles, Luís Álvares dos Santos, João de Brito, Ernesto Carneiro e Castro Rebelo Júnior, este último autor de um improviso sobre Castro Alves.

154. Possuía dois cavalos, um chamado Richelieu, oferta do dr. Salustiano Ferreira Souto. O outro era um tordilho, com fama de ser um dos mais velozes corcéis da cidade.

155. Esse poema se fosse publicado hoje não pareceria especialmente escrito para a guerra atual?

156. Trecho dessa carta: "Ainda mais: porque sois [mulher baiana] filha desta magnífica terra da América — pátria das vitórias, região criada para a realização de todos os sonhos de liberdade — de toda extinção de preconceitos, de toda conquista moral". Outro:

Nas horas sérias da humanidade, no berço ou no túmulo das grandes coisas; quando uma raça expira,

quando um povo se ergue, quando um reino desaba, quando uma revolução se forja, um vulto eleva-se banhado nessa mística da fraqueza feminil, e por cima do turbilhão das almas indecisas passa a inspiração febrenta de Cassandra — a profetisa! de Hipatia — a metafísica! — o punhal de Judite — a regicida! — de Joana d'Arc — a abolicionista!

157. Agnese viera para a Bahia em 1864, fazendo parte da companhia lírica que levava o nome da prima-dona Tabacchi.

158. Há uma célebre carta de Agnese a uma irmã de Castro Alves em que ela confessa que o amava e que só os preconceitos a fizeram fugir dele:

Eu o confesso também muito o amei e de um indefinido amor. (Nenhuma mulher poderia ter resistido a tanto talento, a esse gênio sobrenatural, afora sua beleza física.) Mas castigando o meu pobre coração, disse-lhe: "Cala-te, esconde este teu sentir, aniquila-te, despedaça-te, não vês que o amor para ti é um crime?". E assim foi: mandei, obedeceu. Mas só Deus sabe quanto eu sofri!

Encontro muito curioso aquele parêntese sobre o poder de sedução do poeta, que aliás só faz marcar ainda mais o que há de pouco simpático nessa italiana preconceituosa. Ela é a mais antipática das amadas do poeta, colocou a mesquinhez de um preconceito acima do seu amor. Das figuras que atravessavam a vida de Castro Alves, mais antipática que essa bela Agnese Trinci Murri, só mesmo aquela irmã do poeta que ele tanto amou e que, morto ele, foi a maior inimiga da sua glória, tendo terminado a vida, velhinha, fantasiada de verde, num certo Carnaval que por aí houve. Ela, a irmã de Castro Alves!

159. A festa era oferecida a Castro Alves pelo seu amigo e médico dr. Salustiano Ferreira Souto, o mesmo que lhe dera o cavalo Richelieu.

160. Um autógrafo de Castro Alves confirma essa ideia de escrever o poema dos Palmares. Afrânio Peixoto (*in Obras completas de Castro Alves*, São Paulo, Editora Nacional, 1938, 2º vol.) se refere a ele. O autógrafo assim dizia:

a república dos palmares
Poema
Histórico-Dramático
por
castro alves
1870

Refere-se ainda o incansável pesquisador da vida e obra do poeta que foi Afrânio a outro autógrafo que diz:

a república dos palmares
Personagens:
Ismael
Branca

Jubala
Obi
O último Zumbi
A Virgem
A Africana
Feiticeiro Etíope
Caçadores, Guerreiros negros, Mulheres Colonos etc.

Infelizmente para todos nós a morte veio antes de ele o realizar. Palmares que não teve ainda o seu romancista nem o seu ensaísta, teria tido o seu poeta e o maior dos poetas.

>

posfácio

Uma biografia romanceada

Domício Proença Filho

O abc é uma composição poética. Constitui uma das formas mnemônicas da poesia popular, ao lado das paródias de orações religiosas, marcadamente irônicas, de caráter satírico e político. Não se reveste entretanto de tais características. Traz a marca da singularidade. Faz-se do registro de acontecimentos considerados dignos de serem cantados e consagrados. Registra e celebra feitos e pessoas que mobilizem a admiração e a imaginação do povo. Festeja touros imbatíveis, cavalos que se tornaram célebres. Frequentam também essa forma textos líricos e históricos.

Compõe-se de versos agrupados em estrofes iniciadas pelas letras do alfabeto em sua ordem natural, com o til considerado como se fosse uma delas. A propósito deste último, os próprios versos são esclarecedores:

Ipsilone e Til
Juntei ambas para o fim,
Para terminar a obra,
Só pude compor assim;
Não sei se está direito
Ou se está bom ou ruim.

Os poemas mais antigos são feitos de quadras, a que vieram acrescentar-se sextilhas e eventualmente tercetos.

Um exemplo, citado por Luís da Câmara Cascudo:

ABC cantai agora
A minha biografia,
Apontando aqui no Norte,
Minha fulgente magia,
E me assista em todo tempo,
Nossa Senhora da Guia!

Bom Deus e pai do meu ser,
Em uma hora ditosa,
Em mil oitocentos e tanto
Era um cravo e uma rosa;
Crescendo encontrei mudança,
Estranha e vagarosa.

Com dois meses já falava,
Mostrando a inteligência;
Os meus pais me criavam
com perfeita paciência;
Eu a ambos respeitando
Com a mais pura reverência.

A forma é antiga, cultivada em várias línguas, por autores de distintas épocas e formações.

Há notícia de sua utilização desde a Idade Média, como comprova, entre outros textos, um poema de Santo Agostinho datado do ano de 393, feito de vinte estrofes com os primeiros versos começados pelas letras do alfabeto.

No século xvi, o gênero teve presença forte. Um dos exemplos é um “abc em motes”, de autoria de Luís de Camões, de que dão uma ideia as seguintes estrofes, publicadas no primeiro volume de suas *Obras escolhidas,* lançadas pela Livraria Sá da Costa:

AAAA

Ana quiseste que fosse
O vosso nome de pia,
Pera mor minha agonia.
Apeles, se fora vivo
E a ver-vos alcançara,
Por vós, retratos tirara.
Aquiles morreu no templo,
Contemplando de geolhos;
Eu, quando vejo esses olhos.
Artemisa sepultou
A seu irmão e marido;
Vós, a mim e a meu sentido.

B
Betsabé, com seu prazer,
A El-Rei David cegou;
E o vosso sol me matou;
Bem vejo que sois, senhora,
Extremo de formosura
pera minha sepultura.

CC
Cleópatra se matou
Vendo morto a seu amante;
E eu por vós, em ser constante.
Cassandra disse de Troia
Que havia de ser destruída;
E eu por vós, da alma e da vida.

Frequentador assíduo da literatura oral e popular brasileira, o abc privilegia a louvação. Exalta a valentia cangaceira, a excepcionalidade de animais do campo; registra os feitos e acontecimentos famosos. Insere-os, mitificados e aurificados, no imaginário popular. E valoriza, nesse mister, a superação da dificuldade, do

obstáculo. Sua marca primeira é constituir o registro de um acontecimento real; as formas líricas são possíveis sobrevivências, assinala Luís da Câmara Cascudo nos estudos em que me fundamento para as considerações e exemplos (à exceção do texto camoniano) apresentados até este parágrafo – notadamente o *Dicionário do folclore brasileiro* e a *História da literatura oral brasileira*. Trata-se de uma modalidade de poesia frequente na voz popular declamadora nas paisagens nordestes, nos garimpos e entre os vaqueiros do Sul.

Ao propor-se a biografia do Poeta dos Escravos, Jorge Amado assume, desde a introdução, o caráter laudatório próprio do gênero: *louvação*. Amplia o espaço da modalidade literária, ao trazê-la para a prosa, como já o fizera, no citado século xvi, o escritor português Gonçalo Fernandes Trancoso, contista popular. No texto de Jorge, as letras passam a indicar capítulos, em lugar do início das quadras e das sextilhas da tradição. O autor expressa-se em primeira pessoa, como os poetas-cantadores. Dirige-se, entretanto, não ao público, ouvinte ou leitor, nem ao próprio poema. Começa, desde a introdução, por intimizar liricamente o texto: traz para a interlocução a amiga, a sua "negra", carinhosamente assim chamada, e, a cada passo, também louvada com explícitas declarações de amor:

Senta-te aqui ao meu lado, amiga, e eu te contarei uma história. Faz tempo que não te conto uma história na beira deste cais. A noite está cheia de estrelas, são homens valentes que morreram. Senta-te aqui, dá-me a tua mão, vou te contar a história de um homem valente.

Lembra-lhe algumas, cantadas em abcs, carregadas de heroísmo e destemores, para destacar, por contraste e exageração, como é próprio do gênero, a que lhe está anunciando, a de alguém que

ia de peito aberto e a todos vencia. Vencia os homens, os fortes do mundo que esmagavam negros escravos, vencia as mulheres, as mais belas da terra, as que esmagavam corações. Te direi das suas lutas, das primeiras e das últimas, e saberás então o motivo por que ninguém é indiferente perante ele, odiado dos tiranos, amado do povo.

Despreza, declaradamente, com esse propósito, o rigor exigido pelo discurso biográfico tradicional. Permite-se liberdades, porque privilegia a biografia do poeta e não do homem. Indica os biógrafos que leu, ajuíza-lhes as contribuições, hierarquiza-as. Entre eles, Múcio Teixeira, Xavier Marques, ensaios e artigos de gente como Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Gilberto Amado, Pinheiro Viegas, Agrippino Grieco. Destaca os estudos de Afrânio Peixoto e o de Edison Carneiro. Sobretudo porque lhe trouxeram subsídios para a compreensão "da época em que viveu o poeta e dos problemas que mais o preocuparam". E esclarece: "A verdadeira bibliografia deste livro, porém, são as poesias de Castro Alves, mais uma vez lidas na edição reunida e comentada por Afrânio Peixoto".

Em que pesem as notas contextualizadoras, a marca do texto é a associação da vida e da obra. Os poemas são lidos como documentos, como testemunhos de estados de espírito, de sentimentos, de comportamentos, de emoções. A leitura do autor neles encontra a configuração de dimensões confessionais e intencionais, na direção do propósito orientador da assumida biografia *romanceada*. Tal procedimento relativiza a objetividade de suas afirmações sobre os posicionamentos do poeta. Os poemas acabam por converter-se mais em pretexto para projeções ideológicas.

O livro, com primeira edição em 1941, traz a marca do romancista de *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937). No lirismo peculiar de que reveste a narrativa; na conotação política que a matiza; na exaltação do envolvimento do poeta na defesa da abolição da escravatura e, para além, na causa maior da liberdade; no coloquialismo que caracteriza a sua prosa ficcional.

O biógrafo, quase um trovador, canta, sem esconder seu entusiasmo, os feitos do biografado, como ser individual cultor do sentimento amoroso, como ser social, apaixonadamente engajado, como escritor porta-voz, como ser humano, com suas sofrências e angústias. Usa basicamente os poemas como referências. Associa-os a uns poucos textos documentais fundamentadores de conclusões. Seu texto objetiva ser e é, efetivamente, um canto de exaltação. Mas vai além, ao fazer do cantor dos escravos um personagem aurificado.

Jorge Amado identifica-se com o poeta. Diz de Castro Alves e de seus

amores e diz, paralelamente, do encantamento do seu próprio sentir amoroso, diante da amada, sua silenciosa interlocutora. Destaca, no limite do tom de manifesto, as bandeiras de luta que o poeta empunha e as aproxima das suas. Em comum a causa do povo, para além das circunstâncias. Maximiza, como é próprio do abc. Contribui, com esse procedimento, para a mitificação do poeta.

No processo, romanceia. Acrescenta ao percurso existencial que procura retratar altíssima dose de idealização. Deixa em segundo plano o fundamento teórico, embora não descure do realismo de detalhe. Procura sempre nos poemas as evidências do percurso existencial do conterrâneo. Permite-se, por força da forma que elegeu, atribuir sentimentos não apenas ao biografado, mas às suas muitas amadas. E, mais que tudo, procura atualizar o discurso poético. Traz para a praça do seu tempo social o poeta-tribuno, na defesa dos oprimidos. Destaca, nos textos e na ação de Castro Alves, a atitude de resistência. Põe em relevo, nessa direção, a abertura e a universalidade, marcas das obras de arte literária verdadeiramente representativas. E, não sem razão, parte de uma forma de arte popular para contar sua história. É de tal maneira poderosa e convincente sua prosa, que o livro mobiliza a insegurança do totalitarismo: é apreendido pelo governo ditatorial de Getulio Vargas e tem sua venda proibida nas livrarias. Não era a primeira vez. Em 1937, pouco antes da instauração do Estado Novo, Jorge Amado já tivera seus livros apreendidos e queimados em praça pública, na Bahia, e fora preso em meio à viagem que o levara a Manaus e, mandado para o Rio de Janeiro, fora libertado no ano seguinte. Prisão, já vivenciara também em 1936, por força de seu envolvimento com a sublevação armada da Aliança Nacional Libertadora (anl).

Ao tempo do abc, o autor de *Cacau* (1933) já tem, portanto, suas posições e sua ação política de esquerda publicamente conhecidas. A tal ponto que lança, no ano seguinte, sua segunda assunção do texto autobiográfico: *O cavaleiro da esperança* (1942), a vida de Luís Carlos Prestes. A coincidência ajuda a entender o espírito que preside a elaboração das duas obras.

Em termos de uma perspectiva crítica marcada de objetividade, o que move na musa castroalvina sua indignação é, sobretudo, o sofrimento do negro escravo como ser humano e mais a necessidade de a nação ver-se livre da mancha da escravidão. Não busca, e José Guilherme Merquior já o assinalou, em seu *De*

Anchieta a Euclides, "a especificidade psicológica do negro", mas facilita-lhe "identificação simpática das plateias burguesas com os sofrimentos dos escravos".

É por essa via, curiosamente, que se pode dimensionar a contribuição de Castro Alves à causa da abolição. No momento em que o negro é coisificado, importa, para a campanha, afirmar, com a força da palavra poética, sua condição humana e contribuir assim para instalar na burguesia a culpa moral da escravidão.

No entanto, a afirmação da liberdade era um dos ideais da ideologia dominante. Castro Alves comporta-se efetivamente como um advogado de defesa que busca provar a injustiça da situação que denuncia. É ele quem assume, na literatura de seu tempo, o brado de revolta contra a condição escrava, num momento em que o negro era, como assinala Antonio Candido, "a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda histórica". Um feito notável para a época. E Jorge Amado o superlativa. E impregna de sentimentalismo o relato da vida do poeta, sentimentalismo que associa à idealização política. No limite da estereotipia.

Trata-se de dois escritores de acentuada afinidade: ambos são cultores do lirismo, marcados pelo interesse social, cantores e convivas do amor, carregados de sensualidade, ambos são porta-vozes dos que carecem de voz, entusiastas ferrenhos da causa da liberdade: Jorge Amado, engajado assumidamente no compromisso socialista; Castro Alves, na antecipação da preocupação social.

Aproxima-os ainda a condição baiana.

A medida da natureza e da configuração do texto amadiano pode ser ainda mais bem avaliada se o compararmos a biografias citadas como apoio pelo autor e, em especial, ao perfil do poeta traçado, em 2006, pela mestria de Alberto da Costa e Silva (*Castro Alves, um poeta sempre jovem*), rigorosamente fiel à tradição do gênero biográfico e uma prova da atualidade do autor de *Espumas flutuantes.*

Reitere-se ainda que, em conformidade com seu propósito e com a forma que elegeu, Jorge Amado soube aproveitar a saga amorosa do poeta e seu envolvimento nas causas sociais para elaborar, em paralelo, um canto de amor à sua negra, a amada, não nomeada nem identificada, preservada na audiência

silenciosa, canto cuja medida pode ser ainda avaliada pelas palavras finais do texto, rorejadas de magismo liricizado:

E agora, amiga, que te embalei com a história do poeta, que te disse que o veremos por uma madrugada novamente, sua voz sobre o mar, os montes e as cidades, agora que o trazes no coração, cerra os olhos para a noite, deixa que eu repouse no teu corpo. A noite é feita para o amor e já cantei para ti com minha pobre voz. Dá-me então teus lábios, teu corpo molhado de mar. Deitemos sobre a areia alva de luar, cobre a lua e as estrelas com teus cabelos desnastros. Descansarei em ti e amanhã, amiga, te contarei uma história de negros e marinheiros. Vem, que a noite é para o amor.

Para além do tempo do criador de “Vozes d’África” e de sua circunstância, vale ressaltar, para final, que o texto do entusiasmado e apaixonado cantor do seu abc põe em destaque a relevância do sentimento amoroso e a mensagem nuclear contida nos seus poemas e depreendida do discurso do militante escritor Jorge Amado: a exaltação da Liberdade.

>

Domício Proença Filho é professor emérito da Universidade Federal Fluminense, ficcionista, poeta, crítico literário e filólogo. É autor de cinquenta e cinco livros e integrante da Academia Brasileira de Letras.

cronologia

Diversos personagens e processos históricos que marcaram o século xix se fazem presentes ao longo desta biografia romanceada de Castro Alves (1847-1871). Victor Hugo é apresentado como “amigo inseparável” do poeta brasileiro — que, já aos treze anos, começa a traduzi-lo. O imperador Napoleão iii é criticado em seus versos da adolescência, e Lord Byron é outra alusão constante. Jorge Amado também menciona a Guerra do Paraguai e o alistamento de Castro Alves em um dos batalhões. O leitor descobre ainda que Rui Barbosa foi parceiro do poeta na fundação da Sociedade Abolicionista de Recife, em 1866; que Joaquim Nabuco compartilhou com ele ideais libertários; e que José de Alencar e Machado de Assis foram receptivos a sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1867.

1912-1919

Jorge Amado nasce em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia. Em 1914, seus pais transferem-se para Ilhéus, onde ele estuda as primeiras letras. Entre 1914 e 1918, trava-se na Europa a Primeira Guerra Mundial. Em 1917, eclode na Rússia a revolução que levaria os comunistas, liderados por Lênin, ao poder.

1920-1925

A Semana de Arte Moderna, em 1922, reúne em São Paulo artistas como Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Mário e Oswald de Andrade. No mesmo ano, Benito Mussolini é chamado a formar governo na Itália. Na Bahia, em 1923, Jorge Amado escreve uma redação escolar intitulada “O mar”; impressionado, seu professor, o padre Luiz Gonzaga Cabral, passa a lhe emprestar livros de autores portugueses e também de Jonathan Swift, Charles Dickens e Walter Scott. Em 1925, Jorge Amado foge do colégio interno Antônio Vieira, em Salvador, e percorre o sertão baiano rumo à casa do avô paterno, em Sergipe, onde passa “dois meses de maravilhosa vagabundagem”.

1926-1930

Em 1926, o Congresso Regionalista, encabeçado por Gilberto Freyre, condena o modernismo paulista por “imitar inovações estrangeiras”. Em 1927, ainda aluno do Ginásio Ipiranga, em Salvador, Jorge Amado começa a trabalhar como repórter policial para o *Diário da Bahia* e *O Imparcial* e publica em *A Luva*, revista de Salvador, o texto “Poema ou prosa”. Em 1928, José Américo de Almeida lança *A bagaceira*, marco da ficção regionalista do Nordeste, um livro no qual, segundo Jorge Amado, se “falava da realidade rural como ninguém fizera antes”. Jorge Amado integra a Academia dos Rebeldes, grupo a favor de “uma arte moderna sem ser modernista”. A quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929, catalisa o declínio do ciclo do café no Brasil. Ainda em 1929, Jorge Amado, sob o pseudônimo Y. Karl, publica em *O Jornal* a novela *Lenita*, escrita em parceria com Edson Carneiro e Dias da Costa. O Brasil vê chegar ao fim a política do café com leite, que alternava na presidência da República políticos de São Paulo e Minas Gerais: a Revolução de 1930 destitui Washington Luís e nomeia Getulio Vargas presidente.

1931-1935

Em 1932, desata-se em São Paulo a Revolução Constitucionalista. Em 1933, Adolf Hitler assume o poder na Alemanha, e Franklin Delano Roosevelt torna-se presidente dos Estados Unidos da América, cargo para o qual seria reeleito em 1936, 1940 e 1944. Ainda em 1933, Jorge Amado se casa com Matilde Garcia Rosa. Em 1934, Getulio Vargas é eleito por voto indireto presidente da República. De 1931 a 1935, Jorge Amado frequenta a Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro; formado, nunca exercerá a advocacia. Amado identifica-se com o Movimento de 30, do qual faziam parte José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, entre outros escritores preocupados com questões sociais e com a valorização de particularidades regionais. Em 1933, Gilberto Freyre publica *Casa-grande* & *senzala*, que marca profundamente a visão de mundo de Jorge Amado. O romancista baiano publica seus primeiros livros: *O país do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934). Em 1935 nasce sua filha Eulália Dalila.

1936-1940

Em 1936, militares rebelam-se contra o governo republicano espanhol e dão início, sob o comando de Francisco Franco, a uma guerra civil que se alongará até 1939. Jorge Amado enfrenta problemas por sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro. São dessa época seus livros *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937). É preso em 1936, acusado de ter participado, um ano antes, da Intentona Comunista, e novamente em 1937, após a instalação do Estado Novo. Em Salvador, seus livros são queimados em praça pública. Em setembro de 1939, as tropas alemãs invadem a Polônia e tem início a Segunda Guerra Mundial. Em 1940, Paris é ocupada pelo exército alemão. No mesmo ano, Winston Churchill torna-se primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

1941-1945

Em 1941, em pleno Estado Novo, Jorge Amado viaja à Argentina e ao Uruguai, onde pesquisa a vida de Luís Carlos Prestes, para escrever a biografia publicada em Buenos Aires, em 1942, sob o título *A vida de Luís Carlos Prestes*, rebatizada mais tarde *O cavaleiro da esperança*. De volta ao Brasil, é preso pela terceira vez e enviado a Salvador, sob vigilância. Em junho de 1941, os alemães invadem a União Soviética. Em dezembro, os japoneses bombardeiam a base norte-americana de Pearl Harbor, e os Estados Unidos declaram guerra aos países do Eixo. Em 1942, o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos aliados. Jorge Amado colabora na *Folha da Manhã*, de São Paulo, torna-se chefe de redação do diário *Hoje*, do pcb, e secretário do Instituto Cultural Brasil-União Soviética. No final desse mesmo ano, volta a colaborar em *O Imparcial*, assinando a coluna “Hora da Guerra”, e em 1943 publica, após seis anos de proibição de suas obras, *Terras do sem-fim*. Em 1944, Jorge Amado lança *São Jorge dos Ilhéus*. Separa-se de Matilde Garcia Rosa. Chegam ao fim, em 1945, a Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo, com a deposição de Getulio Vargas. Nesse mesmo ano, Jorge Amado casa-se com a paulistana Zélia Gattai, é eleito deputado federal pelo pcb e publica o guia *Bahia de Todos os Santos*. *Terras do sem-fim* é publicado pela editora de Alfred A. Knopf, em Nova York, selando o início de uma amizade com a família Knopf que projetaria sua obra no mundo todo.

1946-1950

Em 1946, Jorge Amado publica *Seara vermelha*. Como deputado, propõe leis que asseguram a liberdade de culto religioso e fortalecem os direitos autorais. Em 1947, seu mandato de deputado é cassado, pouco depois de o pcb ser posto na ilegalidade. No mesmo ano, nasce no Rio de Janeiro João Jorge, o primeiro filho com Zélia Gattai. Em 1948, devido à perseguição política, Jorge Amado exila-se, sozinho, voluntariamente em Paris. Sua casa no Rio de Janeiro é invadida pela polícia, que apreende livros, fotos e documentos. Zélia e João Jorge partem para a Europa, a fim de se juntar ao escritor. Em 1950, morre no Rio de Janeiro a filha mais velha de Jorge Amado, Eulália Dalila. No mesmo ano, Amado e sua família são expulsos da França por causa de sua militância política e passam a residir no castelo da União dos Escritores, na Tchecoslováquia. Viajam pela União Soviética e pela Europa Central, estreitando laços com os regimes socialistas.

1951-1955

Em 1951, Getulio Vargas volta à presidência, desta vez por eleições diretas. No mesmo ano, Jorge Amado recebe o prêmio Stálin, em Moscou. Nasce sua filha Paloma, em Praga. Em 1952, Jorge Amado volta ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro. O escritor e seus livros são proibidos de entrar nos Estados Unidos durante o período do macarthismo. Em 1954, Getulio Vargas se suicida. No mesmo ano, Jorge Amado é eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores e publica *Os subterrâneos da liberdade*. Afasta-se da militância comunista.

1956-1960

Em 1956, Juscelino Kubitschek assume a presidência da República. Em fevereiro, Nikita Khruchióv denuncia Stálin no 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Jorge Amado se desliga do pcb. Em 1957, a União Soviética lança ao espaço o primeiro satélite artificial, o *Sputnik*. Surge, na música popular, a Bossa Nova, com João Gilberto, Nara Leão, Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes. A publicação de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958, rende vários prêmios ao escritor. O romance inaugura uma nova fase na obra de Jorge Amado, pautada pela discussão da mestiçagem e do sincretismo. Em 1959, começa a Guerra do Vietnã. Jorge Amado recebe o título de obá Arolu no Axé Opô Afonjá. Embora fosse um "materialista convicto", admirava o candomblé, que considerava uma religião "alegre e sem pecado". Em 1960, inaugura-se a nova capital federal, Brasília.

1961-1965

Em 1961, Jânio Quadros assume a presidência do Brasil, mas renuncia em agosto, sendo sucedido por João Goulart. Yuri Gagarin realiza na nave espacial *Vostok* o primeiro voo orbital tripulado em torno da Terra. Jorge Amado vende os direitos de filmagem de *Gabriela, cravo e canela* para a Metro-Goldwyn-Mayer, o que lhe permite construir a casa do Rio Vermelho, em Salvador, onde residirá com a família de 1963 até sua morte. Ainda em 1961, é eleito para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras. No mesmo ano, publica *Os velhos marinheiros*, composto pela novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* e pelo romance *O capitão-de-longo-curso*. Em 1963, o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, é assassinado. O

Cinema Novo retrata a realidade nordestina em filmes como *Vidas secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos, e *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha. Em 1964, João Goulart é destituído por um golpe e Humberto Castelo Branco assume a presidência da República, dando início a uma ditadura militar que irá durar duas décadas. No mesmo ano, Jorge Amado publica *Os pastores da noite*.

1966-1970

Em 1968, o Ato Institucional nº 5 restringe as liberdades civis e a vida política. Em Paris, estudantes e jovens operários levantam-se nas ruas sob o lema "É proibido proibir!". Na Bahia, floresce, na música popular, o tropicalismo, encabeçado por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto e Tom Zé. Em 1966, Jorge Amado publica *Dona Flor e seus dois maridos* e, em 1969, *Tenda dos Milagres*. Nesse último ano, o astronauta norte-americano Neil Armstrong torna-se o primeiro homem a pisar na Lua.

1971-1975

Em 1971, Jorge Amado é convidado a acompanhar um curso sobre sua obra na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Em 1972, publica *Tereza Batista cansada de guerra* e é homenageado pela Escola de Samba Lins Imperial, de São Paulo, que desfila com o tema "Bahia de Jorge Amado". Em 1973, a rápida subida do preço do petróleo abala a economia mundial. Em 1975, *Gabriela, cravo e canela* inspira novela da tv Globo, com Sônia Braga no papel principal, e estreia o filme *Os pastores da noite*, dirigido por Marcel Camus.

1976-1980

Em 1977, Jorge Amado recebe o título de sócio benemérito do Afoxé Filhos de Gandhy, em Salvador. Nesse mesmo ano, estreia o filme de Nelson Pereira dos Santos inspirado em *Tenda dos Milagres*. Em 1978, o presidente Ernesto Geisel anula o ai-5 e reinstaura o *habeas corpus.* Em 1979, o presidente João Baptista Figueiredo anistia os presos e exilados políticos e restabelece o pluripartidarismo. Ainda em 1979, estreia o longa-metragem *Dona Flor e seus dois maridos*, dirigido por Bruno Barreto. São dessa época os livros *Tieta do Agreste* (1977), *Farda, fardão, camisola de dormir* (1979) e *O gato malhado e a andorinha Sinhá* (1976), escrito em 1948, em Paris, como um presente para o filho.

1981-1985

A partir de 1983, Jorge Amado e Zélia Gattai passam a morar uma parte do ano em Paris e outra no Brasil — o outono parisiense é a estação do ano preferida por Jorge Amado, e, na Bahia, ele não consegue mais encontrar a tranquilidade de que necessita para escrever. Cresce no Brasil o movimento das Diretas Já. Em 1984, Jorge Amado publica *Tocaia Grande*. Em 1985, Tancredo Neves é eleito presidente do Brasil, por votação indireta, mas morre antes de tomar posse. Assume a presidência José Sarney.

1986-1990

Em 1987, é inaugurada em Salvador a Fundação Casa de Jorge Amado, marcando o início de uma grande reforma do Pelourinho. Em 1988, a Escola de Samba Vai-Vai é campeã do Carnaval, em São Paulo, com o

enredo “Amado Jorge: A história de uma raça brasileira”. No mesmo ano, é promulgada nova Constituição brasileira. Jorge Amado publica *O sumiço da santa*. Em 1989, cai o Muro de Berlim.

1991-1995

Em 1992, Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito por voto direto depois de 1964, renuncia ao cargo durante um processo de *impeachment.* Itamar Franco assume a presidência. No mesmo ano, dissolve-se a União Soviética. Jorge Amado preside o 14º Festival Cultural de Asylah, no Marrocos, intitulado “Mestiçagem, o exemplo do Brasil”, e participa do Fórum Mundial das Artes, em Veneza. Em 1992, lança dois livros: *Navegação de cabotagem* e *A descoberta da América pelos turcos*. Em 1994, depois de vencer as Copas de 1958, 1962 e 1970, o Brasil é tetracampeão de futebol. Em 1995, Fernando Henrique Cardoso assume a presidência da República, para a qual seria reeleito em 1998. No mesmo ano, Jorge Amado recebe o prêmio Camões.

1996-2000

Em 1996, alguns anos depois de um enfarte e da perda da visão central, Jorge Amado sofre um edema pulmonar em Paris. Em 1998, é o convidado de honra do 18º Salão do Livro de Paris, cujo tema é o Brasil, e recebe o título de doutor *honoris causa* da Sorbonne Nouvelle e da Universidade Moderna de Lisboa. Em Salvador, termina a fase principal de restauração do Pelourinho, cujas praças e largos recebem nomes de personagens de Jorge Amado.

2001

Após sucessivas internações, Jorge Amado morre em 6 de agosto de 2001.

>

Copyright © 2010 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

1a edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1941

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica Bete Capinan

Imagens de capa Acervo Museu da Cidade do Rio de Janeiro (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Assistência editorial Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

Preparação Leny Cordeiro

Revisão Isabel Jorge Cury e Huendel Viana

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor.

ISBN 978-85-8086-132-7

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone (11) 3707 3500
Fax (11) 3707 3501
www.companhiadasletras.com.br

Table of Content

Capa
Rosto
Introdução com um acalanto e duas notas
A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U

V
W
X
Y
Z
Notas
Posfácio
Cronologia
Créditos